

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do
Ensino Básico

Estágio Profissional I, II e III

Relatório de Estágio Profissional

Sara Freitas Logrado de Figueiredo

Lisboa, junho de 2012

Parecer do orientador

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do
Ensino Básico

Estágio Profissional I, II e III

Relatório de Estágio Profissional

Sara Freitas Logrado de Figueiredo

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, sob a orientação do Professor Doutor José Maria de Almeida.

Lisboa, junho de 2012

Agradecimentos

Com a finalização deste Relatório de Estágio Profissional não posso deixar de agradecer a algumas pessoas que, direta ou indiretamente, me ajudaram nesta caminhada tão importante da minha vida pessoal e profissional.

Em primeiro lugar, agradeço a orientação que o Professor Doutor José Maria de Almeida me disponibilizou, sempre, durante a elaboração do presente Relatório. Obrigada pela pessoa e profissional que demonstrou ser. Foi um privilégio ser sua orientanda.

Aqui presto também o meu agradecimento à Professora Cristina Viana, por se mostrar disponível para me ajudar, não apenas, nesta fase final mas também durante a Licenciatura e o Mestrado. Obrigada por todas as ideias e todos os conselhos.

Ao corpo docente e não docente da Escola Superior de Educação João de Deus por terem feito com que me sentisse em “casa” na “vossa casa”. Em particular gostaria de fazer um agradecimento sincero à Filipa Silva e à Sofia Falcão, por me terem ajudado tanto, facilitando muito algumas das minhas pesquisas, sempre com uma grande simpatia e profissionalismo.

Um agradecimento MUITO especial a uma amiga que me ajudou imenso na elaboração deste trabalho, que me orientou e me apoiou.

Obrigada Lili, do fundo do coração.

Obrigada às minhas amigas de sempre. Obrigada aos amigos que fiz nesta Instituição, nesta que muitas vezes foi a nossa segunda casa.

Por fim, mas não menos importante, agradeço à minha família que sem ela dificilmente conseguiria chegar até aqui. Por estarem sempre lá para me amparar, para me criticar, para me congratular fazendo-me sentir uma pessoa melhor. Obrigada Mãe, às minhas paixões; os meus avós, à Ditinha, aos meus irmãos (em especial ao meu irmão) e ao meu Pai.

Ao Bruno, obrigada por me ter feito sempre sentir capaz de superar qualquer adversidade estando a meu lado a 100%. Obrigada por serem o pilar da minha vida!

Índice

Índice de Figuras	xii
Índice de Quadros	xiii
Introdução	1
1. Identificação do local de estágio	1
2. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional	2
3. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional	2
4. Identificação do grupo de Estágio	3
5. Metodologia utilizada	3
6. Pertinência do Estágio Profissional	5
7. Cronograma / Duração	5
CAPÍTULO 1 – Relatos Diários	8
1.1. 1. ^a Secção – Bibe Amarelo	8
1.1.1. Caracterização da turma	8
1.1.2. Caracterização do espaço	8
1.1.3. Rotina	9
1.1.4. Relatos Diários	15
1.2. 2. ^a Secção – Bibe Encarnado	30
1.2.1. Caracterização da turma	30
1.2.2. Caracterização do espaço	30
1.2.3. Rotina	31
1.2.4. Relatos Diários	32
1.3. 3. ^a Secção – Bibe Azul	53
1.3.1. Caracterização da turma	53
1.3.2. Caracterização do espaço	54
1.3.3. Rotina	54
1.3.4. Relatos Diários	55

1.4. 4. ^a Secção – Semana de contato com a realidade educativa	75
1.4.1. Caraterização da turma	75
1.4.2. Caraterização do espaço	75
1.4.3. Rotina	76
1.4.4. Relatos Diários	77
1.5. 5. ^a Secção – Bibe Verde (2. ^o Ano)	82
1.5.1. Caraterização da turma	83
1.5.2. Caraterização do espaço	83
1.5.3. Rotina	83
1.5.4. Relatos Diários	86
1.6. 6. ^a Secção – Bibe Castanho (1. ^o Ano)	105
1.6.1. Caraterização da turma	106
1.6.2. Caraterização do espaço	106
1.6.3. Rotina	106
1.6.4. Relatos Diários	108
1.7. 7. ^a Secção – Bibe Azul Escuro (4. ^o Ano)	119
1.7.1. Caraterização da turma	119
1.7.2. Caraterização do espaço	119
1.7.3. Rotina	120
1.7.4. Relatos Diários	121
1.8. 8. ^a Secção – Bibe Azul Claro (3. ^o Ano)	139
1.8.1. Caraterização da turma	139
1.8.2. Caraterização do espaço	140
1.8.3. Rotina	140
1.8.4. Relatos Diários	141
CAPÍTULO 2 – Planificações	156
2.1. Descrição do capítulo	156
2.2. Fundamentação teórica	156

2.3. Planificações do Pré-Escolar	158
2.4. Planificações do 1.º Ciclo	168
CAPÍTULO 3 – Dispositivos de avaliação	178
3.1. Descrição do capítulo	178
3.2. Fundamentação teórica.....	178
3.3. Primeiro dispositivo de avaliação Área de Expressões e Comunicação no Domínio da Matemática	182
3.4. Segundo dispositivo de avaliação Área de Expressões e Comunicação no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	186
3.5. Terceiro dispositivo de avaliação Área de Língua Portuguesa.....	190
3.6. Quarto dispositivo de avaliação Área de Estudo do Meio	194
Reflexão Final	202
1. Considerações Finais.....	202
2. Limitações.....	204
3. Novas Pesquisas.....	204
Referências Bibliográficas	206
Anexos.....	217

Anexo 1 – Proposta de trabalho Bibe Azul (Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Matemática)

Anexo 2 – Proposta de trabalho Bibe Azul (Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita)

Anexo 3 – Proposta de trabalho do 2.º Ano (Área de Língua Portuguesa)

Anexo 4 – Proposta de trabalho do 4.º Ano (Área do Estudo do Meio)

Índice de Figuras

Figura 1 – Recreio do Jardim-Escola João de Deus – Olivais	1
Figura 2 – Livro “O baú mistério”	20
Figura 3 – Livro “A melhor Camisola do Mundo”	23
Figura 4 – Livro “João Porcalhão”	25
Figura 5 – Livro “O Nabo Gigante”	28
Figura 6 – Poema “A minha casinha”	42
Figura 7 – Construção da casinha de chocolate	42
Figura 8 – Livro “Uma Carta Especial”	46
Figura 9 – Livro “A semente sem sono”	49
Figura 10 – Livro “A quinta do Sr. Zé”	52
Figura 11 – Alguns elementos utilizados na história	52
Figura 12 – Diálogo sobre as profissões	52
Figura 13 – Receita do batido de morango	68
Figura 14 – Crianças do Bibe Azul A mascaradas	81
Figura 15 – Jogo do I.S.N	103
Figura 16 – Jogo da glória	115
Figura 17 – Jogo das plantas	151
Figura 18 – Gráfico com os resultados obtidos na avaliação do dispositivo de avaliação da Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Matemática	185
Figura 19 – Gráfico com os resultados obtidos na avaliação do dispositivo de avaliação da Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	189
Figura 20 – Gráfico com os resultados obtidos na avaliação do dispositivo de avaliação na da Área de Língua Portuguesa	193
Figura 21 – Gráfico com os resultados obtidos na avaliação do dispositivo de avaliação da Área de Estudo do Meio	201

Índice de Quadros

Quadro 1 – Duração do Estágio Profissional no Pré-Escolar	5
Quadro 2 – Duração do Estágio Profissional no 1.º Ciclo.....	6
Quadro 3 – Cronograma do Pré-Escolar (1.º Semestre)	6
Quadro 4 – Cronograma do 1.º Ciclo (2.º Semestre)	7
Quadro 5 – Cronograma do 1.º Ciclo (3.º Semestre)	7
Quadro 6 – Horário do Bibe Amarelo A.....	14
Quadro 7 – Horário do Bibe Encarnado A.....	31
Quadro 8 – Horário do Bibe Azul A.....	55
Quadro 9 – Horário do Bibe Azul A do Jardim-Escola João de Deus da Estrela	77
Quadro 10 – Horário da turma do 2.º Ano.....	86
Quadro 11 – Horário da turma do 1.º Ano.....	107
Quadro 12 – Horário da turma do 4.º Ano.....	120
Quadro 13 – Horário da turma do 3.º Ano.....	140
Quadro 14 – Planificação da Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática	159
Quadro 15 – Planificação da Área do Conhecimento do Mundo	162
Quadro 16 – Planificação da Área de Expressão e Comunicação - Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	165
Quadro 17 – Planificação da Área de Língua Portuguesa.....	168
Quadro 18 – Planificação da Área de Estudo do Meio	172
Quadro 19 – Planificação da Área de Matemática	175
Quadro 20 – Escala de avaliação utilizada nos dispositivos de avaliação.....	181
Quadro 21 – Cotação atribuída ao dispositivo de avaliação da Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Matemática	183
Quadro 22 – Grelha de avaliação do dispositivo de avaliação da Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Matemática	184

Quadro 23 – Cotação atribuída ao dispositivo de avaliação da Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	187
Quadro 24 – Grelha de avaliação do dispositivo de avaliação da Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	188
Quadro 25 – Cotação atribuída ao dispositivo de avaliação da Área de Língua Portuguesa.....	191
Quadro 26 – Grelha de avaliação do dispositivo de avaliação da Área de Língua Portuguesa.....	192
Quadro 27 – Cotação atribuída ao dispositivo de avaliação da Área de Estudo do Meio.....	196
Quadro 28 – Grelha de avaliação do dispositivo de avaliação da Área de Estudo do Meio	197
Quadro 29 – Grelha de avaliação do dispositivo de avaliação da Área de Estudo do Meio	198
Quadro 30 – Grelha de avaliação do dispositivo de avaliação da Área de Estudo do Meio	199
Quadro 31 – Grelha de avaliação final do dispositivo de avaliação da Área de Estudo do Meio	200

Introdução

Este Relatório de Estágio Profissional é realizado no âmbito da Unidade Curricular Estágio Profissional I, II e III, com o intuito de descrever o estágio realizado entre 12 de outubro de 2010 a 27 de janeiro de 2012. Este estágio realizou-se três vezes por semana com a duração de 12h semanais. Baseei-me na observação e descrição do dia a dia dos alunos do Jardim-Escola, passando por todos os grupos etários da Educação Pré-Escolar e todos do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

1. Identificação do local de estágio

O Jardim-Escola João de Deus dos Olivais é um dos centros da Associação de Jardins-Escola João de Deus. Situa-se na Rua Cidade Vila Cabral em Lisboa. Este Jardim-Escola possui as valências de Pré-escolar e 1.º Ciclo. Existem quatro salas de Pré-Escolar, um salão onde ficam os dois bibes encarnados e oito salas de 1.º Ciclo. O Jardim-Escola tem ainda a secretaria, um ginásio, um refeitório, uma cozinha, uma sala de informática, uma sala de expressões plásticas, uma sala para as estagiárias com casa de banho, uma sala para os professores, quatro casas de banho, três das quais destinadas aos alunos. No exterior existem dois recreios, o do Pré-Escolar, que tem um pequeno parque com escorrega, e o do 1.º Ciclo, que também tem um parque e no meio um coreto.



Figura 1 – Recreio do Jardim-Escola João de Deus dos Olivais

2. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional

O presente relatório está organizado por capítulos. Em primeiro lugar apresenta-se a Introdução, na qual são referidos factos importantes para a sua compreensão. É composto por três capítulos. Seguem três capítulos: o capítulo 1 contém os relatos diários da prática pedagógica, inferidos e fundamentados cientificamente, bem como as rotinas da sala de aula, as reflexões das aulas da educadora, das minhas colegas e também das aulas que lecionei; o capítulo 2 destina-se à exposição das planificações. Neste capítulo são apresentadas seis planificações, sendo que três pertencem à Educação Pré-Escolar (Bíbe Azul) e as outras três referem-se ao 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º Ano). Segue-se o capítulo 3 onde são apresentados os dispositivos de avaliação. Estes referem-se, no âmbito do Pré-Escolar, à área de Expressão e Comunicação no Domínio da Matemática e Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, e no 1.º Ciclo do Ensino Básico, às áreas de Língua Portuguesa e Estudo do Meio. Ambos os dispositivos de avaliação fazem-se acompanhar dos respetivos instrumentos de avaliação. Por fim, é apresentada uma reflexão final do relatório, que é composta por: Considerações Finais; Limitações e Novas Pesquisas. Seguidamente, apresentam-se as referências bibliográficas, suporte no qual me apoiei ao longo da redação deste relatório, para efetuar algumas reflexões e, assim, garantir um trabalho fundamentado e guiado pelas considerações de autores que expõem os temas de educação aqui retratados.

3. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional

A elaboração deste relatório revelou-se de grande interesse profissional, uma vez que me permitiu satisfazer um requisito fundamental para a conclusão de um Mestrado que possibilita a minha certificação profissional e auxiliou a investigação e o estudo de conceitos, ideias e processos que estão associados à minha evolução académica e profissional.

Com este relatório, pretendo adquirir conhecimento acerca de propostas e conclusões que me levem a ser melhor profissional e ultrapassar as dificuldades naturais que se encontram numa carreira profissional.

Este trabalho demonstra atualidade e pertinência, pois as ideias propostas ao longo dos relatos são fundamentados cientificamente com base em autores atuais.

4. Identificação do grupo de estágio

O meu grupo de estágio, inicialmente, era composto por mim e pela minha colega Inês Pereira. A partir do 4.º momento de estágio, a minha colega Ana Pessegueiro passou a fazer também parte do mesmo, ficando este com três elementos.

O horário da prática pedagógica decorreu das 9h00 às 13h00, às segundas, terças e sextas-feiras.

5. Metodologia utilizada

A técnica de recolha de dados utilizada para a elaboração deste relatório foi a observação e a análise documental.

A análise documental, segundo Charmier (citado por Bardin 1977, p.45), é então, “um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento sob a forma diferente do original, a fim de facilitar num estudo ulterior, a sua consulta e referência”. De acordo com Quivy e Campenhoudt (2003, p.203), uma das principais vantagens da utilização deste método documental de recolha de dados é a “valorização de um importante e precioso material documental que não pára de se enriquecer”.

Tal como referi anteriormente, utilizei também, como técnica de recolha de dados, a observação, que para Quivy e Campenhoudt (2003):

engloba o conjunto das operações através das quais o modelo de análise (constituído por hipóteses e por conceitos) é submetido ao teste dos factos e confrontado com dados observáveis. Ao longo desta fase são reunidas numerosas informações. A observação é, portanto, uma etapa intermédia entre a construção dos conceitos e das hipóteses, por um lado, e o exame dos dados utilizados para as testar, por outro. (p.155)

Em relação a esta recolha de dados Afonso (2005, p.91) define-a como “uma técnica de recolha de dados particularmente útil e fidedigna, na medida em que a informação obtida não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos sujeitos, como acontece nas entrevistas e questionários.”

Existem, no entanto, diferentes tipos de observações: direta e indireta.

O tipo de observação utilizada neste relatório foi direta e participante. Para Deshaies (1997, p. 296), “observação é direta quando se toma nota dos factos, dos gestos, dos acontecimentos, dos comportamentos, das opiniões, das ações, das realidades físicas, em suma, do que se passa ou existe num dado momento numa dada situação.”

Ainda em relação à observação direta, Quivy e Campenhoudt (2003, p.164) afirmam que “o próprio investigador procede diretamente à recolha das informações, (...) apela diretamente ao seu sentido de observação.”

A observação que realizei foi participante; em relação a este tipo de observação Quivy e Campenhoudt (2003, p.197) refere que “consiste em estudar uma comunidade durante um longo período de tempo, participando na vida coletiva.” Alarcão (1996, p.111) cita ainda que na observação participante “o objectivo último é obter um registo, o mais exaustivo possível, de modo a explicar o porquê e o para quê através do como.” Neste tipo de observação o observador procura registar tudo o que ocorre na sala de aula, dando mais importância a determinados assuntos. Mann (citado por Sousa, 2009, p.113) menciona que “a observação participante é uma tentativa de colocar o observador e o observado do mesmo lado, tornando-se o observador um elemento do grupo de modo a vivenciar o que eles vivenciam e trabalhar dentro do sistema de referência deles.”

A observação em Educação tem alguns critérios característicos para que seja adequada, como refere Sousa (2009, p.111) “o propósito de cada critério é assegurar o rigor de uma dada aproximação particular e providenciar o quadro necessário para a implementação de um dado projecto de observação.” O mesmo autor (2009) refere então os critérios gerais:

- Observar não é julgar: É só “olhar” e não “ajuizar” (...).
- Neutralidade: Observar com isenção (...).
- Objectividade: Sem subjectividade (...).
- Universalidade: Susceptível de que outro observador observe o mesmo nas mesmas condições.
- Registo factual: Vídeo, filme ou áudio-gravação do comportamento observado. (p. 111)

A observação participante apresenta vantagens e limitações, de acordo com Carmo e Ferreira (1998, p. 108) a grande vantagem é a “possibilidade de entender profundamente o estilo de vida de uma população e de adquirir um conhecimento integrado da sua cultura” e as limitações dominantes são “a morosidade que tal técnica exige e as dificuldades que levanta a uma posterior quantificação dos dados.”

Formalmente, este relatório foi realizado de acordo com as normas APA (American Psychological Association) e Azevedo (2000).

6. Pertinência do estágio profissional

O estágio é imprescindível para a construção da identidade profissional do docente, na medida em que permite uma integração de conhecimentos teóricos e procedimentos, bem como uma necessária aproximação às situações em que decorre o exercício profissional. Deste modo, são assim contempladas, por um lado a dimensão pessoal e relacional, por outro, a institucional e organizacional. Korthagen (referido em Flores e Simão, 2009, pp.48-49) diz que os alunos que serão professores “refletem sobre o seu pensamento, sentimento, desejo e ação, e também sobre os mesmos aspetos nos seus alunos.” E portanto a reflexão torna-os “mais conscientes sobre a forma como são orientados” durante o ensino.

Também de acordo com Alegria, Loureiro, Marques e Martinho (2001), “não basta ao professor conhecer teorias, perspetivas e resultados da investigação.” O professor deve ser capaz de construir soluções adequadas, nas diversas dimensões da sua ação profissional. Esta atitude permite ao professor a capacidade de mobilização e articulação de conhecimentos teóricos, mas também a capacidade de lidar com situações com as quais contacta pela primeira vez numa fase de formação.

A componente prática deste Mestrado é uma mais valia, pois lidamos com situações do âmbito do processo ensino-aprendizagem que em muito contribuem para uma atitude consciente relativamente à ação profissional. As experiências que retemos deste período, ajudam-nos a refletir e a escolher o caminho que achamos o mais certo, ou aquele que mais terá a ver com a nossa personalidade, enquanto educador/docente, acreditando sempre na mudança e evolução.

7. Cronograma / Duração

No quadro abaixo indicado, estão discriminadas as turmas com as quais realizei os períodos de estágio deste Mestrado e a sua duração respetivamente.

Quadro 1 – Duração do Estágio Profissional no Pré-Escolar.

1.ª Secção Bibe Amarelo	2.ª Secção Bibe Encarnado	3.ª Secção Bibe Azul	4.ª Secção Semana de contato com a realidade educativa
11/10/2010 12/11/2010	16/11/2010 07/01/2011	10/01/2010 18/02/2011	28/02/2011 04/03/2011

Quadro 2 – Duração do Estágio Profissional no 1.º Ciclo.

5.ª Secção 2.º Ano	6.ª Secção 1.º Ano	7.ª Secção 4.º Ano	8.ª Secção 3.º Ano
14/03/2011 13/05/2011	16/05/2011 05/07/2011	26/09/2011 18/11/2011	21/11/2011 27/01/2011

Os cronogramas a seguir apresentados destacam a cronologia do tempo de estágio.

Em cada um dos cronogramas está representado as diversas atividades que foram realizadas, tais como: as aulas observadas (das educadoras/professoras cooperantes bem como as das minhas colegas de estágio); as aulas programadas que lecionei, previamente estruturadas; as aulas surpresa efetuadas pela Equipa de Supervisão Pedagógica e por último as reuniões realizadas no Museu de Escola Superior João de Deus (para a atribuição das avaliações dos momentos de estágio) e também as reuniões realizadas após as aulas efetuadas, programadas ou surpresas.

Os diferentes momentos de estágio estão apresentados em três cronogramas distintos, pois dividi-os pelos três semestres que abarcam o Mestrado que realizei. Assim, podemos ter uma visão mais clara e objetiva das turmas com as quais contactei durante este ano e meio de Mestrado.

Segue-se o cronograma referente à 1.ª, 2.ª e 3.ª secções, bem como a 4.ª secção, referente ao seminário de contacto com a realidade educativa (estágio intensivo).

Quadro 3 – Cronograma do Pré-Escolar. (1.º Semestre)

	Outubro				Novembro				Dezembro				Janeiro				Fevereiro				Março			
Semanas	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4
Aulas observadas		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x			x	x	x	x	x			x			
Aulas programadas				x	x					x			x			x		x						
Aulas surpresas								x																
Reuniões de prática pedagógica		x						x	x		x				x	x		x						

Legenda:

- Bibe Amarelo A (3 anos)
- Bibe Encarnado A (4anos)
- Bibe Azul A (5anos)

O quadro 4 compreende as 5.^a e 6.^a secções.

Quadro 4 – Cronograma do 1.º Ciclo. (2.º Semestre)

	Março				Abril				Maio				Junho				Julho			
Semanas	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4
Aulas observadas		x	x	x	x	x			x	x	x	x	x	x	x	x	x			
Aulas programadas									x	x					x	x				
Aulas surpresa											x									
Reuniões de prática pedagógica			x		x	x					x	x								

Legenda:

- 2.º Ano (7 anos)
- 1.º Ano (6 anos)

O quadro 5 corresponde às 7.^a e 8.^a secções

Quadro 5 – Cronograma do 1.º Ciclo. (3.º Semestre)

	Setembro				Outubro				Novembro				Dezembro				Janeiro				Fevereiro				
Semanas	1	2	3	4	5	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4
Aulas observadas			x	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x			x	x	X	x	x	x		
Aulas programadas									x											X					
Aulas surpresa								x												X					
Reuniões de prática pedagógica					x			x			x	x								X	x				

Legenda:

- 4.º Ano (9 anos)
- 3.º Ano (8 anos)

Capítulo 1 – Relatos Diários

Descrição do capítulo

Este capítulo diz respeito às observações e experiências que presenciei durante o relatório de estágio profissional. Está dividido em oito secções, sendo que cada uma delas pertence às turmas de alunos com as quais contactei durante o estágio.

Todas as secções abrangem relatos diários inferenciados, com recurso a autores e obras que falam dos temas educativos em questão. Os relatos diários relativos às oito secções são antecidos por uma breve caracterização das rotinas diárias dos alunos, das salas de aulas e das turmas com as quais contactei durante a realização do estágio.

1.1. 1.ª Secção

Período de estágio: 22 de outubro de 2010 a 12 de novembro de 2010

Faixa etária: 3 anos

Bibe: Amarelo A

Educadora: Ana Freire

1.2.4. Caraterização da turma

A turma do Bibe Amarelo A do Jardim-Escola João de Deus dos Olivais é composta por vinte e sete crianças, catorze do sexo masculino e treze do sexo feminino. Todas estas crianças têm idades compreendidas entre os dois e os três anos.

De uma forma geral as crianças demonstram motivação e interesse pelas diversas aprendizagens, mostrando assim que estão bem integradas na dinâmica do Jardim-Escola.

1.1.2. Caraterização do espaço

A sala do Bibe Amarelo está dividida em dois espaços, de maneira a que as duas turmas tenham cada uma o seu espaço.

Esta sala tem duas portas de acesso, uma que permite a entrada pelo salão e outra que permite a entrada pelo exterior, por onde entram as crianças que chegam atrasadas. É uma sala acolhedora, colorida, alegre com um espaço destinado à leitura,

um tapete multiusos, no qual as crianças participam em muitas atividades e uma parte central com quatro mesas coloridas retangulares e vinte sete cadeiras também elas coloridas.

A sala tem, numa das paredes, placards para fixar os trabalhos das crianças. Na mesma parede, por baixo dos placards, ficam os cabides de cada uma das crianças, identificados com a sua fotografia, para a criança ter maior autonomia em relação aos seus pertences.

Também de modo a desenvolver a autonomia das crianças existe um móvel que contém gavetas para arrumação e organização do material escolar e cada criança é responsável pela sua gaveta, que está identificada com uma fotografia do aluno. A sala tem ainda um placard, onde diariamente são marcadas as presenças.

O espaço físico onde as crianças realizam atividades, dormem, brincam, efetuam propostas de trabalho é um fator que marca determinantemente a forma como os alunos se desenvolvem, como interagem uns com os outros e com a educadora pois tal como afirma Zabalza (2001, p. 120), “o espaço na educação constitui-se como uma estrutura de oportunidades. É uma condição externa que favorecerá ou dificultará o processo de crescimento pessoal e o desenvolvimento das atividades instrutivas”, é importante que a sala tenha condições ideais para os momentos de aprendizagem das crianças.

1.1.3. Rotina

As rotinas são importantes em contextos educacionais pois delas dependem a boa organização do plano diário e do funcionamento dos momentos de aprendizagem. As crianças sentem-se seguras e autoconfiantes num clima de harmonia e esse clima consegue criar-se através de regras e planos que estructurem as atividades de âmbitos diversos que preenchem, o dia-a-dia das crianças.

As rotinas vêm descritas nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2002) como benéficas para os alunos na medida em que:

a sucessão de cada dia ou sessão tem um determinado ritmo existindo, deste modo, uma rotina que é educativa porque é intencionalmente planeada pelo educador e porque é conhecida pelas crianças que sabem o que podem fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão.” (p.40)

Falando numa perspectiva que engloba os interesses do educador e da criança, Zabalza (1998, pp.194-195) defende que “os adultos devem ajudar as crianças a internalizarem a rotina diária. Para isso, devem manter sempre a mesma sequência de

tempos, referir-se ao nome de cada um dos tempos sempre que o mesmo tiver início (...), ao longo de cada momento (...) e na transição de uma fase para outra.” O mesmo autor (1998, p.195) aponta, ainda, o caráter educativo subjacente às rotinas diárias “não podemos deixar de apontar agora que a rotina é, principalmente, uma estrutura organizacional pedagógica, que permite que o educador promova atividades educativas diferenciadas e sistemáticas, além daquelas que surgem naturalmente, seja por sugestão de uma criança ou do grupo.”

As rotinas estão ligadas à forma de planejar do educador e à percepção que os alunos ganham em relação a essa ação. Distinguir e definir tarefas permite estruturar e organizar os dias de acordo com as necessidades da turma e do currículo, tal como definem Hohmann, Banet e Weikart (1992, p.81) “(...), uma rotina coerente é uma estrutura. Liberta igualmente crianças e adultos da preocupação de terem de decidir o que vem a seguir e permite-lhes usar as suas energias nas tarefas que têm entre mãos.”

Acolhimento na roda

Todos os dias, às 9h, é realizada uma roda, na qual as crianças cantam com as educadoras e estagiárias presentes. Por vezes, são realizados jogos, sempre com a orientação das educadoras. O tempo de acolhimento permite às crianças dos vários bibes do pré-escolar socializarem entre si, e também proporciona a aprendizagem de várias canções.

É importante referir que as crianças que chegam durante este momento de acolhimento são recebidas pelo pessoal não docente; quando as crianças estão retinidas à entrada na escola é a educadora que as acolhe de forma carinhosa.

A chegada à escola é muitas vezes para certas crianças, um momento de angústia e cabe ao educador ajudar os seus alunos a ultrapassar os sentimentos negativos em relação ao momento do acolhimento. A presença dos pais é uma mais valia, pois, como explica Cordeiro (2008, p.370), o momento do acolhimento constitui “uma oportunidade para estimular a relação família/escola, e transmitir o que se passou e de alguma preocupação dos pais.”

Relativamente à forma de acolhimento em roda é, para Zabalza (2001, p.194), “um excelente momento para proporcionar à criança oportunidades de realizar experiências-chave de desenvolvimento sócio-emocional, representação, música, movimento, etc.”

As crianças que chegam depois da hora da roda são deixadas diretamente nas respetivas salas.

Recreios

Existem dois tempos de recreios, o da manhã e o do almoço. No primeiro, as crianças comem bolachas que são fornecidas pelo Jardim-Escola, no segundo, que é o maior, cada criança pode levar os seus pertences e com eles brincar até acabar o recreio. Estes são realizados, a maior parte das vezes, juntamente com as turmas de 4 anos (Bibe Encarnado) podendo assim haver socialização entre os dois Bibes (Amarelo e Encarnado).

O espaço destinado ao recreio é igualmente um espaço de aprendizagens e de diversificadas oportunidades educativas. Assim, Cordeiro (2008, p.377) refere que “o recreio é um espaço de maior importância.”

Tal como é mencionado nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2002, p.39) “o espaço exterior é um local que pode proporcionar momentos educativos intencionais, planeados pelo educador e pelas crianças”. Por outro lado “é também um local privilegiado de recreio onde as crianças têm a possibilidade de explorar e recriar o espaço e os materiais disponíveis. Nesta situação, o educador pode manter-se como observador ou interagir com as crianças, apoiando e enriquecendo as suas iniciativas.”

A respeito dos recreios ao ar livre, Zabalza (1998, p.192) refere que estes constituem “um momento favorável para a incorporação de experiências-chave na área do movimento, do desenvolvimento dos grandes músculos, etc.” Por outro lado, “o tempo de recreio ao ar livre pode ser usado para muitas outras atividades como o contacto com plantas e animais, experiências com água, terra, areia e atividades planeadas pelos adultos (...)”. Zabalza (1998, p.192) acrescenta, ainda, em relação ao educador, que é função deste “animar, apoiar, sugerir alternativas, participar ativamente nos jogos e atividades lúdicas das crianças.”

O recreio ao ar livre é ainda defendido por Hohmann, Weikart, Marujo e Neto (2004, p. 433) na medida em que “o tempo de recreio ao ar livre é importante porque permite as crianças expressarem-se e exercitarem-se de formas que não acessíveis nas brincadeiras de interior.”

Em dias de chuva não é possível haver recreio no exterior, tendo que ser realizado no salão, juntamente com as restantes turmas do pré-escolar.

Higiene

Durante a manhã, as crianças vão três vezes à casa de banho em grupo: antes de entrarem na sala de aula, antes de irem para o recreio da manhã e antes do almoço.

As idas à casa de banho promovem na criança a autonomia, uma vez que vão sozinhas, tendo apenas alguém a orientá-las. Este é também um momento que lhes transmite a importância de terem cuidados com a higiene, como lavarem as mãos antes das refeições e sempre que terminam uma atividade que requeira esse cuidado. Este é um momento bastante importante, que fomenta o desenvolvimento da autonomia na criança. Para Cordeiro (2008, p.373), “(...) é uma grande vitória conseguir abrir a torneira e usar o sabonete sozinho entre outros (...)”

A criança sente o gosto de ser crescida e a responsabilidade de cuidar do seu próprio corpo. Por outro lado, considera que aprendem que, depois das atividades ou de fazer xixi, as mãos devem ser lavadas.

Refeição

A hora da refeição, nomeadamente o almoço e o lanche, constituem uma das rotinas diárias das crianças. Parece-me importante destacar esta rotina pelo facto de, tal como defende Cordeiro (2008, p.373) a refeição “constitui um excelente momento de desenvolvimento da autonomia, das noções de higiene e de saber estar à mesa, respeito pelo ritmo do grupo, mesmo que com variações pessoais, e noções de alimentação e nutrição”. Como diz o mesmo autor existe também “um controlo das exigências pessoais, aprendendo a aceitar o menu do dia sem reclamar, como é por vezes habito em casa.” (2008, p.373).

Sesta

A sesta é realizada todos os dias após o almoço, sendo que uma das educadoras está presente na sala. Quando a criança sai do refeitório já sabe que vai à casa de banho e, depois, para a sala fazer a sesta, e a educadora dirige-a até à sua cama.

Cordeiro (2008) afirma:

a sesta deve ser um passo de rotina, que a criança já antecipa quando está a fazer outras coisas anteriores, como por exemplo, lavar as mãos para ir comer. A hora da sesta deve ser acima de tudo falada com as crianças e entre as crianças como uma hora boa e desejada. O deitar e o aconchegar a criança na hora da sesta com um beijo e um mimo devem ser obrigatórias para confortar e transmitir segurança à criança. (p.305)

Algumas crianças, adormecem facilmente e outras têm mais dificuldade em adormecer e, nestes casos, a educadora tem um papel fundamental. Segundo Leitão (2009), “uma criança bem dormida é uma criança bem disposta, sociável, mais

tolerante e cooperante, com maior capacidade de atenção, maior predisposição para a aprendizagem e mais orgulhosa das suas aquisições”, a mesma autora refere ainda que “a sesta da tarde promove o restabelecimento físico e psicológico.”

Neste momento do dia, duas das vinte e sete crianças não realizam a sesta, ficando no recreio juntamente com os outros bibes.

Educação física

Na perspetiva de vários autores, a atividade física proporciona às crianças um desenvolvimento não só motor, mas também ao nível da expressão das suas sensações. Através das diferentes atividades, utilizando distintos materiais e jogos com acompanhamento musical, a criança aprende a utilizar melhor o seu corpo, a interiorizar a sua imagem, a ter hábitos de vida mais saudável e aprende as relações no espaço e com os outros.

O desporto promove o desenvolvimento social na medida em que há um maior contacto entre as crianças, melhorando assim a relação com o outro e do viver em grupo.

De acordo com Cordeiro (2008):

(...) a prática de desporto em grupo prepara a criança para uma maior aceitação da diferença e para o ideal altruísta de “construir algo em comum”, para saber “dirigir” as derrotas sem agressividades ou desânimo e, desde que bem orientado, para uma competitividade sadia e estimulante, com o absoluto respeito pelas regras do jogo e pelo adversário. (p.434)

Para Hohmann (referido por Zabalza 1998, p.203), “as atividades de Educação Física permitem que a criança aprenda a movimentar-se de diversas formas, desenvolvendo a coordenação motora e o conhecimento do seu corpo. Estas aprendizagens assentam, igualmente, no desenvolvimento cognitivo e social da criança.”

Estas atividades eram realizadas num local próprio para o efeito, ou seja, no ginásio e estavam a cargo de outra educadora, que não a da sala. No entanto, a respeito do espaço, há quem defenda a utilização de outros espaços para estas atividades, tal como é mencionado nas Orientações Curriculares em Educação Pré-Escolar (2002, p.59) “os diferentes espaços têm potencialidades próprias, cabendo ao educador tirar partido das situações, espaços e materiais que permitam diversificar e enriquecer as oportunidades de expressão motora”. Assim, e para ir ao encontro do que as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar referem, a educadora

responsável por esta área utilizava diversos materiais para diversificar as aulas e não as tornar monótonas.

A turma do Bibe Amarelo A tinha todas as semanas no seu horário 30 minutos de educação do movimento, mais concretamente às segundas e sextas feiras. Antes e depois da aula ajudávamos as crianças na sua troca de roupa, visto que vêm de casa com roupa do dia a dia e a sua roupa de ginástica vem na saca.

De seguida, apresento o quadro com o horário semanal da turma facultado pela educadora cooperante (Quadro 6).

Quadro 6 – Horário da turma do Bibe Amarelo A

Horário Semanal Bibe Amarelo A					
Educadora: Ana Freire					
Ano letivo 2020/2021					
Dias Horas	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
9.00h/9.30h	Partilha de saberes	Acolhimento/Canções de roda		Partilha de saberes	Acolhimento/Canções de roda
9.30h/10.00h	Área de Projeto: estimulação à leitura			Música (9h45 – 10h15)	Área de Projeto: estimulação à leitura
10.00h/10.30h	Ed. do Movimento	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática
10.30h/11.00h	Partilha de saberes	Proposta de trabalho	Proposta de trabalho	Proposta de trabalho	Ed. do Movimento
11.00h/11.30h	Recreio	Recreio		Recreio	Recreio
11.30h/12.00h	Higiene/Preparação para o almoço				
12.00h/12.30h	Almoço				
12.30h/14.30h	Recreio (livre e orientado) / Hora da sesta				
14.30h/15.00h	Higiene/Preparação da sala				
15.00h/16.00h	Atividades de arte plástica; desenvolvimento da motricidade fina; jogos orientados; estimulação à leitura; aulas de descoberta				
16.00h/16.20h	Higiene				
16.20h/17.00h	Lanche/Saída				

Nota: De três em três semanas o Bibe Amarelo A tem cerâmica às quintas-feiras das 10.00 horas às 11.00 horas

1.1.4. Relatos Diários

Segunda feira, 11 de outubro

Hoje realizou-se uma reunião no Museu da Escola Superior de Educação João de Deus para todos os alunos dos Mestrados, com o intuito de dar início ao ano letivo 2010/2011.

Nesta reunião, em que estiveram presentes os professores pertencentes à Equipa de Supervisão Pedagógica e também o Professor Doutor António Ponces de Carvalho foram-nos dadas todas as indicações para a realização do Relatório de Estágio Profissional e para o estágio que irá decorrer; o Jardim-Escola onde ficámos colocadas; a turma com a qual vamos estagiar e os horários.

Foi-nos ainda entregue o Regulamento do Estágio Profissional, onde estão discriminados todos os critérios de avaliação a que vamos ser sujeitos durante o Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Inferências

Segundo Severino (2007), a supervisão da prática pedagógica assume um papel indispensável no desenvolvimento dos alunos, visto esta assumir-se:

como um contributo para o percurso de desenvolvimento pessoal e profissional dos alunos-formandos recorrendo, para o efeito, a estratégias de formação de carácter dinâmico, verdadeiramente construtivo e formativo, no sentido da promoção, entre todos os intervenientes, de uma comunicação efectiva e problematizante, de modo a que os mesmos se tornem não só mais flexíveis, mais seguros e preparados para autodirigirem as suas aprendizagens. (p.44)

A Prática Pedagógica, juntamente com o apoio dos professores, quer da Equipa da Supervisão Pedagógica, quer cooperantes, torna-se um dos aspetos mais marcantes que podemos usufruir nesta caminhada, que é a nossa formação enquanto educador/professor.

Terça-feira, 12 de outubro

Fomos recebidos pela Diretora do Jardim-Escola, Sandra Ramalhinho, que nos deu informações sobre todas as rotinas do Jardim-Escola e dirigiu os grupos de estágio às respetivas salas.

De seguida, a minha colega de estágio e eu dirigimo-nos à sala do Bibe Amarelo A, que é orientada pela educadora Ana Freire.

Neste dia, uma das crianças da sala fazia anos e, por isso, a sua mãe foi à sala contar uma história. O Bibe Amarelo B juntou-se ao Bibe Amarelo A e, com muita atenção, ouviram a história do “Pinóquio”. Depois da leitura, a educadora, num quadro móvel, começou por desenhar a personagem principal da história, para assim trabalhar o corpo humano. Questionou as crianças, com perguntas do género: “Quantos olhos vamos desenhar na cara do boneco?”, “Quantos dedos nos pés vamos desenhar?”. Nesta última pergunta, a educadora pediu a uma criança que fosse para perto dela e descalçou-a, mostrando assim a todas as crianças os cinco dedos dos pés.

Após a atividade, algumas crianças fizeram o desenho da história, enquanto outras estiveram acabar umas colagens com a ajuda da educadora. Uma criança não estava a fazer o desenho, a educadora falou com ela, e a criança continuou sem desenhar; então a educadora disse-lhe, meigamente, que o trabalho dela não iria ser colocado no placard da sala de aula. Depois disto, a criança começou a fazer o desenho.

No final do almoço, todos os colegas presentes no refeitório cantaram os parabéns ao menino que fazia anos.

Inferências

Penso ser importante o facto da mãe da criança ter ido à sala contar uma história, pois revela interesse por parte desta em estar em contacto com a vida escolar do filho e assim participar em projetos que a educadora, ou mesmo a escola, proporcione à família. Mostrando ainda disponibilidade para qualquer ajuda à educadora. Nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2002, p. 45) é referido que “os pais e outros membros da comunidade podem também participar no projeto educativo do educador (...). Os pais poderão, eventualmente, participar em situações educativas planeadas pelo educador para o grupo, vindo contar uma história, falar da sua profissão (...)”. Spodek e Saracho referem (1998, p.248) a importância de convidar uma pessoa para ler às crianças. Essa pessoa deve ser alguém da família de uma das crianças para assim “tornar este momento mais íntimo e útil para o desenvolvimento do aprendizado”.

Na atividade depois da leitura a educadora questionou as crianças para obter respostas e poder trabalhar a seriação tentando que as crianças aprendessem de uma forma significativa. No momento em que descalçou uma criança, para assim todas poderem verificar realmente quantos dedos desenhavam nos pés do boneco, foi ao

encontro do que é referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2002):

a área do Conhecimento do Mundo enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê. Curiosidade que é fomentada e alargada na educação pré-escolar através de oportunidades de contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e de exploração do mundo. (p.79)

Tal como defende Arends (1995, p. 96), “(...) muitos alunos sentem-se bem quando veem os seus trabalhos na parede, e tal exposição pode ser usada como sistema de incentivos”. Foi o que se passou neste dia, quando a criança não estava com vontade de fazer a atividade, a educadora incentivou-a e fez-lhe ver o quanto é bom termos os nossos trabalhos expostos.

Sexta-feira, 15 de outubro

Ao entrar na sala, cada criança dirige-se para a sua mesa e senta-se na sua cadeira. Algumas crianças, ao fazerem-no, perguntam ainda à educadora qual é a sua cadeira, pois ainda não fixaram essa informação.

Entretanto, chegou uma criança, que vinha muito chorona e agarrada à mãe. A educadora foi recebê-la de modo bastante afetuoso, transmitindo-lhe carinho e confiança. Estando todos prontos para a ginástica, a educadora sentou-se também no tapete e iniciou a leitura de um livro, “*Camila vai ao parque*”, que uma das crianças tinha levado para a sala. Depois formou um comboio e levou-os para o ginásio, onde estava outra educadora responsável por esta atividade, deixando-os assim a seu cargo.

Inferências

Para algumas crianças a adaptação à vida escolar é dolorosa e a “separação” da mãe ou do pai é aquilo que a faz sofrer mais. Daí, a atitude positiva da educadora, ao receber a criança que não vinha alegre como todas as outras, mostrando um sentido de afetividade enorme. Tal como Lahora (2008, p.10) afirma, “é fundamental criar um clima de confiança na sala, para que a criança se sinta acolhida envolvida em afetividade, pois apenas ao sentir-se aconchegada se colmatará esta necessidade básica e ela estará em condições de poder aprender.”

No que diz respeito à leitura da história, foi pertinente o facto da educadora ter contado uma história levada para a sala por uma criança. Esta atitude fez com que a

criança se sentisse importante no planeamento da aula e permitiu às outras crianças observarem que também a sua participação seria possível. Embora a educadora não tenha planeado a leitura da história, conseguiu despertar nas crianças o gosto e interesse pela mesma.

No mesmo âmbito, Arends (1995, p.127) relata que “(...) as necessidades de influência dos alunos são satisfeitas quando sentem que têm algum poder ou palavra a dizer sobre o ambiente na sala de aula e as suas tarefas de aprendizagem.”

É essencial fazer com que a criança se sinta importante e, neste caso, o facto da educadora ter lido a sua história fez com que a criança se sentisse especial.

Segunda-feira, 18 de outubro

A educadora dirigiu as crianças para as suas cadeiras, para iniciar a troca de roupa para a ginástica. De seguida, a educadora sentou-se no tapete e contou uma história.

Depois do momento de Estimulação à Leitura, foi altura da educadora fazer avaliação a cada criança no Domínio da Matemática, relativamente às contagens. Estavam todos ao redor do tapete. A educadora ia chamando uma criança de cada vez e pedia para esta iniciar a contagem até onde soubesse. Maioritariamente, as crianças conseguiram contar até 15, mas existem sempre aquelas crianças que conseguem contar mais, como o caso de uma criança que contou até 20 e pouco e outras que não conseguem ir mais além do 3.

Inferências

Quanto à avaliação de matemática realizada pela educadora, Caldeira (2009) refere que:

para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem as atividades numéricas propostas às crianças, devem contemplar aspetos do número (cardinal, ordinal), sendo fundamental que se trabalhe ao desenvolvimento da ação de contar, assim como, analisem os princípios básicos de contar; deve-se também observar e reconhecer em que nível de sequência numérica se encontra a criança e realizar atividades adequadas para ela conseguir o êxito operatório. (p.390)

Também nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2002, p.37) é mencionado que “planear e avaliar com as crianças, individualmente, ou em pequenos grupos ou no grande grupo são oportunidades de participação das crianças e meios de desenvolvimento cognitivo e da linguagem.” Nunca tinha assistido a uma avaliação

do Bibe Amarelo e considero que seja muito importante para a educadora fazer este tipo de avaliação, para saber em que nível se encontra cada criança.

Terça-feira, 19 de outubro

Neste dia, pela 1.^a vez, orientei as atividades durante a manhã. Dirigi as crianças para a casa de banho e de seguida para a sala. Distribuí-as em forma de U pelo tapete, onde ficaram sentadas para ouvirem a história. Dei início à leitura acompanhada da história “*O baú mistério*”, pois, à medida que ia lendo a história, as crianças tinham de estar atentas ao livro e dizer em voz alta o objeto que aparecia, ajudando-me assim a contar a história (Figura 2).



Figura 2 – Livro “*O baú mistério*”

De seguida, no mesmo local, na aula de Matemática, trabalhei com as crianças orientações espaciais, utilizei várias estratégias para não tornar a aula monótona. Colocando sempre perguntas dirigidas, fiz com que tirassem do baú um objeto e o identificassem, explicando depois, caso não soubessem, a sua utilidade, tirei objetos do baú e pedi também para que me tirassem determinados objetos, para assim ficar com a certeza que a criança estava a entender tudo o que se estava a passar. No meio destas estratégias, pedi que a criança colocasse o objeto em causa num determinado local para assim desenvolver as suas orientações espaço temporais.

Para finalizar a manhã de aula, lecionei a aula de Conhecimento do Mundo, que tinha como objetivo trabalhar o corpo humano. No tapete, formei dois grupos, o dos meninos e o das meninas. Cada grupo tinha de construir um puzzle, mais propriamente as partes constituintes do corpo humano, o grupo dos meninos construiu o puzzle do menino e o grupo das meninas construiu o puzzle da menina.

Inferências

Foi a primeira vez que dei aula no Bibe Amarelo e estava um pouco receosa.

Na Estimulação à Leitura, o meu objetivo era que as crianças participassem, ao mesmo tempo que eu estava a contar a história, para tornar mais dinâmica a leitura.

Tederosky e Colomer (2003) afirmam:

que para se obter uma leitura interativa, o professor não precisa transformar a leitura monológica (...) deve tentar fazer com que as crianças "entrem" no mundo do texto, que participem da leitura de muitas maneiras: olhando as imagens enquanto o professor lê o texto, aprendendo a reproduzir as respostas verbais, imitando o escutado anteriormente, (...). (p.127)

Comecei por contar a história, mas sempre que aparecia a imagem de um objeto pedia a uma criança, que identificasse o objeto para eu continuar a contar a história. O livro tinha um tamanho adequado à quantidade de crianças e à distância a que estavam dele.

À medida que ia realizando a leitura, ia também apontando com o dedo, para assim as crianças visualizarem o que estavam a ouvir. Lopes (2006, p.68) refere também, a importância de se acompanhar a leitura apontando com o dedo, citando que permite às crianças "perceberem a direccionalidade da escrita (da esquerda para a direita e de cima para baixo), associarem o que vai sendo dito ao que está impresso no livro."

Considero pertinente o facto de trabalhar as noções espaço temporais com as crianças e Mendes e Delgado (2008, p.11) afirmam que "especificar localizações e descrever relações espaciais é outro aspeto considerado fundamental no ensino da aprendizagem da geometria." Nesta aula desenvolvi as noções de cima, baixo, à frente, atrás e entre.

Durante toda a aula de Iniciação à Matemática senti uma forte interação entre mim e as crianças, senti que estavam a gostar e interessadas. Fiz questão que experimentassem todos os objetos tirados do baú.

No final da manhã, na aula de Conhecimento do Mundo, as crianças começaram a ficar irrequietas e julgo que essa irrequietação teve a ver com o facto de o espaço onde as crianças estavam ser o mesmo durante as três aulas. Foi a minha maior dificuldade, visto que se refere a crianças de três anos e estas não conseguem estar no mesmo local durante muito tempo, tal como é referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2002, p.40) quando se refere que "o tempo, o espaço e a sua articulação deverão adequar-se às características do grupo e necessidades de cada criança." Por esta razão, a minha aula de Conhecimento do Mundo não decorreu

da maneira como tinha planificado, pois também não referi aspetos que tinha colocado no plano.

Tirando o facto de ter escolhido mal o espaço, foi positivo dar a aula e apreciei em particular a comunicação que houve, pois é um indicador bastante importante. Como Sim-Sim, Silva e Nunes (2008, p. 27) referem “é através da interação comunicativa que as crianças adquirem a língua da comunidade a que pertencem (...) as crianças precisam de oportunidades para conversar, o que requer tempo e espaço por parte do adulto para ouvir e falar com ela”. As aulas têm mais sentido e valor se as crianças tiverem oportunidade de falar e de dizerem tudo aquilo que sentem.

Sexta-feira, 22 de outubro

No início da manhã, a turma visualizou os binóculos que eu tinha levado na última aula. Como não tive oportunidade de lhes mostrar, prometi que, na próxima aula, iria fazê-los passar por cada criança, para assim todos experimentaram a sua função.

Depois desta visualização, seguiu-se a aula de ginástica. Um pouco antes da aula terminar, eu e a Inês fomos até ao ginásio para formar comboio e, assim, levá-los de novo para a sala de aula. Ao chegarmos, o professor de cerâmica já estava à espera de metade da turma para com eles trabalhar essa mesma área, enquanto que a outra metade da turma ficou na sala connosco a despir a roupa de ginástica e voltar a vestir a roupa com que vieram de casa. À medida que íamos vestindo as crianças, estas iam-se sentando no tapete multiusos à espera que fosse a sua vez de ir para a aula de cerâmica.

Inferências

Destaco a aula de cerâmica, pois muitos autores privilegiam o contacto com diversas artes como forma de explorar a imaginação e desenvolver a criatividade. Nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2002, p.63) é referido que este género de aulas “constituem momentos privilegiados de acesso à arte e à cultura que se traduzem por um enriquecimento da criança, ampliando o seu Conhecimento do Mundo e desenvolvendo o sentido estético.”

Apesar de nunca ter assistido a uma aula de cerâmica, não deixo de salientar a importância destas atividades para o desenvolvimento da motricidade fina da criança.

Segunda-feira, 25 de outubro

Enquanto preparámos as crianças para a aula de ginástica, foi notória a promoção da autonomia das crianças que se tentam calçar sozinhas.

A educadora lecionou uma aula utilizando o material manipulável 1.º Dom de Fröebel. As crianças sentaram-se no tapete, de modo a todos visualizarem o material. A educadora colocou questões dirigidas, tais como: “De que material é feita esta caixa?”, “De onde vem a madeira?”, “Conheces outros objetos feitos com o mesmo material?”. Muitas crianças responderam corretamente. Trabalhou também a noção de transparente e opaco, mostrando uma caixa de acrílico e perguntando se conseguiam ver o que estava no seu interior, mostrando assim a diferença entre as duas caixas e introduzindo novo vocabulário.

Depois, começou por perguntar quais as cores das bolas e com elas trabalhou a identificação das cores e a orientação espacial. No fim da aula, a educadora pediu que recapitulassem as cores das bolas, à medida que as iam guardando na caixa.

Seguiu-se o recreio, mas antes vestimos as crianças, pois estas ainda estavam com a roupa da ginástica. Após o tempo de brincadeira, formou-se um comboio e todos foram à casa de banho e depois almoçar.

Inferências

O material manipulável 1.º Dom de Fröebel é constituído por sete bolas, cada uma com uma cor do arco-íris, que são guardadas num paralelepípedo em madeira. Este material estruturado é muito utilizado no Jardim-Escola João de Deus com as crianças do Bibe Amarelo, com ele pretende-se que se trabalhe as cores, a estruturação espacial e a lateralização. É também um material ideal para desenvolver atividades de reconhecimento de novos objetos e de diferentes posições que eles ocupam.

Mendes e Delgado (2008) referem que no Jardim-de-Infância é importante:

realizarem-se tarefas que envolvam a identificação do local onde se encontra determinado objecto, a descrição e identificação de caminhos e análise da posição do objecto. Ao fazê-lo as crianças desenvolvem vocabulário específico e adequado a cada uma das situações, como: por cima, por baixo, à frente de, atrás de, entre, para a direita, para a esquerda, (...). (p.11)

Ainda em relação aos conceitos trabalhados na aula dada com o material 1.º Dom de Fröebel, o Ministério da Educação (s.d., p.49) cita que “as noções de direita, esquerda, à frente, atrás, longe, perto, etc, não são noções absolutas, são relativas à própria criança e ela só poderá sentir isso jogando com o espaço e jogando-se nesse

mesmo espaço”. As crianças, ao manusearem o material, também desenvolvem noções de orientação espacial.

Aranão (1996, p.15) menciona que “a linguagem é tida como um elemento relacionado ao conhecimento social arbitrário, que é obtido por meio das acções do indivíduo e das suas interacções com as pessoas.” É importante que as crianças tenham contato com vocabulário novo, como foi o caso quando a educadora referiu a palavras “opaco” e “transparente”.

Terça-feira, 26 de outubro

A manhã de estágio de hoje foi orientada pela minha colega Inês. Iniciou a aula encaminhando as crianças para as suas rotinas diárias, dirigindo-as depois para o “cantinho da leitura”. Começou por fazer a leitura da história “*A Melhor Camisola do Mundo*”, durante a qual pediu a participação das crianças, utilizando o sentido do tato, para sentirem o tecido da camisola que estava representado em relevo (Figura 3).

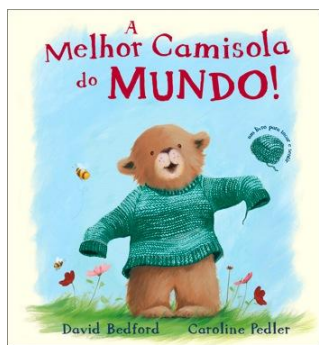


Figura 3 – Livro “*A Melhor Camisola do Mundo*”

Após a leitura, deu início à aula de Matemática, na qual trabalhou a teoria de conjuntos, utilizando imagens grandes de diferentes peças de vestuário. No decorrer da aula realizaram conjuntos de diferentes maneiras; a Inês trabalhou com as crianças as contagens, pedindo, por vezes, que formassem conjuntos com determinadas peças, para assim determinar as possíveis dificuldades das crianças em corresponderem à quantidade de peças e ao número pedido.

Seguiu-se a aula de Conhecimento do Mundo, cujo tema era o vestuário. Tinha como material de apoio, um armário com diferentes tipos de roupa e seis imagens que representavam diferentes climas. A atividade que realizou com a turma, tinha como objetivo relacionar o tipo de roupa que se deve usar de acordo com o clima.

Inferências

Em relação à aula de Estimulação à Leitura, o facto da minha colega ter levado um livro em que cada criança teve a oportunidade de ter contacto tátil, podendo mexer e sentir a camisola da personagem, foi algo positivo pois tal com refere Lowenfeld (citado por Sousa, 2003, p.254), afirma “a criança necessita de efetuar experiências sensoriais, sobretudo visuais e tácteis.” Durante toda a história estiveram a ouvir como era a camisola da personagem, mas só após da Inês passar o livro por cada criança é que puderam sentir o material.

Sobre a aula de Matemática, julgo que se tornou um pouco confusa, pois as imagens que a Inês utilizou como material eram muitas e estavam todas umas em cima das outras, tornando difícil a aquisição dos conteúdos. Zabalza (1998, p.134) refere que “uma distribuição da sala por zonas ou por núcleos de interesses é muito sugestiva para as crianças, permite um espectro de acções muito mais diferenciadas e reflecte um modelo educativo mais centrado na riqueza dos estímulos e na autonomia da criança” mostrando assim a importância da organização do espaço para uma boa aprendizagem.

Sexta-feira, 29 de outubro

Hoje o dia foi muito diferente do habitual. Como no dia 31 de outubro se festeja o *Halloween*, as duas educadoras do Bibe Amarelo decidiram fazer um doce de abóbora com as crianças, utilizando como instrumento de cozinha, a Bimby.

Ao cortar a abóbora, a educadora passou por todos, para que estes pudessem sentir o cheiro do fruto, ao colocar açúcar, deu a cada criança um bocadinho e assim sucessivamente com todos os ingredientes utilizados. À medida que iam fazendo o doce, as educadoras iam também dizendo o que estavam a fazer, os “passos” da receita e iam mostrando como estava a ficar.

Inferências

Durante a manhã de hoje, as crianças tiveram a oportunidade de realizar uma atividade que sai fora das suas rotinas. Spodek e Saracho (1998, p.292) referem que “além de provar e cheirar os ingredientes, as crianças devem ter a oportunidade de observar os vários processos de preparação da comida e seus efeitos sobre os ingredientes.” Por esse mesmo motivo, por estarem na sala objetos que não são

usuais diariamente (uma Bimby, ingredientes culinários) todas elas estavam entusiasmadas e, ao mesmo tempo expetantes.

Terça-feira, 2 de novembro

A manhã de estágio foi lecionada por mim. Comecei por colocar todas as crianças à volta do cantinho da leitura para ler a história que tinha como título “*João Porcalhão*” (Figura 4).

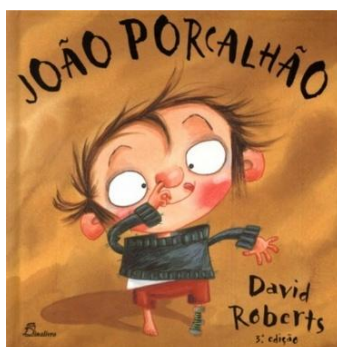


Figura 4 – Livro “*João Porcalhão*”

Antes de iniciar a leitura, pedi que todos participassem durante a mesma, repetindo comigo uma frase do livro sempre que eu desse sinal.

De seguida, no tapete, introduzi o tema da aula de Conhecimento do Mundo ao mostrar à turma muitos dos objetos que utilizamos na nossa higiene diária bem como imagens alusivas a determinadas ações sobre higiene. O objetivo da aula era que as crianças identificassem os objetos relacionados com a higiene e que os fizessem corresponder às imagens corretas.

A última aula que lecionei foi a de Matemática, levei as crianças para o meio da sala e sentei-os em forma de “u”. A estratégia que utilizei foi levar vários objetos relacionados com o tema da aula, de várias cores (copos, escova de dentes, pasta de dentes), depois pedi a alguns alunos para me identificarem o objeto e a sua cor, trabalhando assim a identificação dos objetos, o reconhecimento das cores e por fim, de diversas maneiras, as contagens.

Para finalizar a manhã de aula, iniciei a realização de um pequeno jogo com a turma e apelidei-o de “o jogo das cores”. As crianças foram divididas por equipas, cada uma representava uma cor, tendo cada elemento um colar com essa mesma cor e tinham de se colocar dentro dos arcos quando ouvissem a sua cor ser chamada, por exemplo, as equipas estavam a correr à volta dos arcos, quando eu dissesse em voz

alta “roxo” todos os elementos da equipa roxa tinham de entrar nos arcos. No entanto, como não geri bem o tempo, não tive oportunidade de finalizar o jogo.

Inferências

Durante a manhã que lecionei, houve aspetos em que poderia ter utilizado outra estratégia para a aula funcionar melhor.

Por exemplo, na aula de Estimulação à Leitura podia ter contado a mesma história, utilizando outros suportes que não o livro, pois podemos introduzir nas crianças o gosto pelas histórias, não só com a ajuda dos livros, mas também através da utilização de imagens, fantoches. Estes, como referem as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2002, p.60) “facilitam a expressão e a comunicação.” Pereira e Lopes (2007, p.45) mencionam também que os fantoches “contribuem para desenvolver a fantasia, a imaginação, e a liberdade de expressão.”

Na área que se seguiu, Conhecimento do Mundo, deveria ter alertado as crianças para o facto de todas aquelas ações que estava a mostrar através das imagens, terem de ser realizadas com a ajuda de uma pessoa adulta, mãe, pai. Na aula de Matemática, podia ter utilizado uma estratégia mais dinâmica, como ter distribuído um objeto por cada criança e ter trabalhado também assim as cores, pedindo por exemplo, que colocasse o braço no ar a criança que tinha um copo da cor azul.

Segundo Arends (1995, p.79), o tempo é “o recurso mais importante que o professor tem de controlar.” Nas próximas aulas terei de ter em atenção esse fator pois, nesta manhã, não controlei o tempo da melhor maneira, ficando sem tempo para realizar o jogo na totalidade.

Sexta-feira, 5 de novembro

O dia teve início com as rotinas habituais. A educadora leu uma história para toda a turma, que tinha como título “*O coelhinho branco*”.

Estiveram sentados à volta do tapete, cativados pela leitura que a educadora estava a realizar.

Após a leitura, a educadora iniciou uma atividade na área da Matemática, na qual foi trabalhado o material manipulável, Blocos Lógicos e questionado às crianças os aspetos importantes deste mesmo material, tal como a forma, tamanho, cor e espessura.

A atividade que se seguiu pertencia à área de Expressão Plástica, mas relacionada com o material trabalhado em Matemática. A educadora colocou três folhas de

tamanho A₃ no tapete multiusos para serem pintados pelas crianças com as cores das peças do material manipulável Blocos Lógicos. Portanto, cada folha correspondia a uma cor e a criança escolhia a que mais lhe agradava, pegava num pincel e pintava algo que lhe apetecesse.

Inferências

Em relação à aula de Matemática com o material manipulável Blocos Lógicos, a educadora dirigiu-a de modo a que todas as crianças participassem. O material em questão, para Alsina (2004, p.13), é um “material lógico” estruturado que tem quatro qualidades: a forma, a cor, o tamanho e a espessura. Para Mendes e Delgado (2008, p.10), “observar e manipular formas geométricas contribui para desenvolvimento da capacidade de reconhecimento desses formas.”. Durante a atividade, a educadora colocou questões, entre as quais “As peças têm todas a mesma cor?”, à qual a criança respondeu de seguida que não, indo ao encontro do que afirma Caldeira (2009, p. 365), que depois do atributo forma, o atributo cor “é o mais perceptível” e, por isso, a maioria das crianças não tem muita dificuldade em distinguir a forma e a cor, como foi o caso desta criança.

Na atividade de Expressão Plástica, a educadora teve em atenção a maneira como as crianças seguravam no pincel, pois Sousa (2003, p.229) refere que a criança tem de segurar no pincel “tal como segura uma caneta, pelo meio do cabo e não pela extremidade ou demasiado próximos dos pelos.”

Segunda-feira, 8 de novembro

Como é habitual, o dia teve início com as rotinas das crianças. Já na sala, a educadora leu para a turma a história a “*Camila e os seus amigos*”, livro este, trazido por uma criança da turma, como é habitual todas as semanas. Depois de terminada a leitura do livro, como na última manhã de aula que dei, não consegui efetuar o jogo que propus, juntei toda a turma e, antes de terem ginástica, jogaram todos ao jogo que tinha preparado. Este tinha como objetivo a aquisição das cores e concentração, fi-lo dentro da sala pois o dia estava chuvoso e não dava para realizá-lo no exterior.

O intervalo foi passado no salão, com todas as crianças em roda a cantarem canções.

Inferências

Segundo Sanchis (2007, p.127), “durante todo o percurso pré-escolar, as actividades motoras e físicas contribuem para a construção harmoniosa da criança”, justificando assim a realização do jogo na minha aula. Pois enquanto brinca, a criança desenvolve aspetos importantes para o seu desenvolvimento enquanto criança, pessoa.

De acordo com Lopes (2006, p.64) “desenvolver nas crianças a sensibilidade e o gosto pela leitura” é de extrema importância. O facto das crianças por vezes levarem livros de histórias para a escola, mostra o gosto que têm pelas histórias e o gosto que sentem quando a educadora as lê para a turma. O mesmo autor (2006, p.66) refere ainda que o gosto pela leitura deve ser estimulado desde muito cedo, tal como lidar com os livros “no sentido de despertar a sua curiosidade pelos seus conteúdos.” Por isso achar pertinente referir o facto das crianças levarem livros para o Jardim-Escola.

Terça-feira, 9 de novembro

A manhã esteve a cargo da Inês, que iniciou a aula de Estimulação à Leitura fazendo a leitura da história “*O Nabo Gigante*” e de seguida dramatizou a mesma com as crianças, dando a cada uma delas, uma personagem da história (Figura 5).

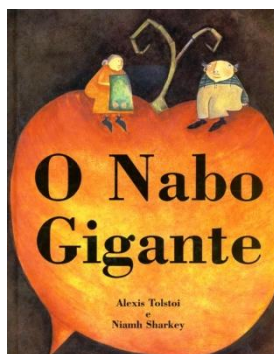


Figura 5 – Livro “*O Nabo Gigante*”

O tema abordado na aula de Matemática foi a contagem, tendo apresentado um carrinho de compras, legumes e frutas de plástico, para assim as crianças simularem uma ida ao supermercado.

De seguida, realizou um jogo, a turma formou uma roda e no centro desta, sem que as crianças vissem, a Inês escolheu uma delas e colocou-a no centro da roda tapada por um pano. O objetivo do jogo era acertar na identidade do colega que se encontrava debaixo do pano.

Na área de Conhecimento do Mundo levou diversos produtos, com diferentes sabores, amargos, doces, ácidos, salgados, deu a provar cada um aos alunos para assim concretizarem aquilo que estavam a ouvir. Por fim, com a ajuda das crianças, a minha colega confeccionou um salame de chocolate e deu a provar para verificarem qual o sabor do mesmo.

Inferências

A dramatização que a Inês efetuou com a turma podia ter sido um pouco mais dinâmica no que toca à prestação das crianças, pois com o passar do tempo estas tornam-se inquietas. As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2002, p.60) referem que as dramatizações “constituem ocasiões de desenvolvimento da imaginação e da linguagem verbal e não verbal.” Não deixando, por isso, de ser positiva a estratégia de dramatizar a história contada.

Na aula de Conhecimento do Mundo, penso que faltou alguma comunicação entre a minha colega e as crianças. Poderia ter utilizado a estratégia que usou, em ter levado ingredientes para experimentarem, mas também ter questionado as crianças sobre os seus conhecimentos em ingredientes, doces, salgados, amargos e ácidos. Na confeção do salame, considero que a Inês teve uma boa prestação, pois foi sempre questionando as crianças acerca dos ingredientes a utilizar.

Sexta-feira, 12 de novembro

Alguns alunos que faltaram no dia em que se realizou a atividade de Expressão Plástica, relacionada com o material manipulável Blocos Lógicos, tiveram hoje oportunidade de a efetuar com a minha ajuda e da Inês. Mais tarde, a educadora sentou-os a todos no tapete e iniciou uma conversa com a turma, sobre a postura da turma no final do dia anterior, pois tiveram a fazer um trabalho e como estavam todos na conversa e sem atenção, fizeram o trabalho todo a correr. Por isso, a educadora, após ter refletido com a turma sobre o mau comportamento de todos, colocou papéis nos lugares respetivos e todos voltaram a repetir o trabalho.

Inferências

Não posso deixar de realçar o discurso que a educadora teve com as crianças devido ao seu mau comportamento no dia anterior. É importante a criança desde cedo perceber os seus atos, mesmo quando estes não são tão positivos e que cada ato tem

as suas consequências. Segundo Loureiro (2000, p.131), “o discurso na aula é o meio que permite criar a compreensão conjunta entre professores e alunos, marcos partilhados de referência, em que o processo básico consiste em introduzir os segundos no mundo conceptual dos primeiros.” O mesmo autor (2000, p.131) refere ainda que os discursos dos professores “desenvolvem estratégias variadas e são determinantes para o modo de pensar dos alunos, já que estimulam neles processos de reorganização.” Neste caso a turma toda teve um comportamento menos próprio e, por isso, a educadora refletiu com eles para, numa próxima vez, pensarem antes de agir. Estavam todos compenetrados durante o diálogo assim como também na realização da tarefa.

1.2. 2.ª Secção

Período de estágio: 16 de novembro de 2010 a 7 de janeiro de 2011

Faixa etária: 4 anos

Bibe: Encarnado A

Educadora: Maria Louzeiro

1.2.1. Caraterização da turma

A turma do Bibe Encarnado A é composta por vinte e nove crianças, catorze do sexo feminino e quinze do sexo masculino. Todas as crianças têm quatro anos de idade, até 31 de dezembro de 2010.

As crianças da turma têm famílias estruturadas e preocupadas com a sua formação, a maioria têm irmãos. Há sete casos de famílias monoparentais, onde existe uma visível vontade de articular e partilhar o contributo na educação dos educandos, repartindo o tempo de forma a não existirem lacunas no seu crescimento.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica do Jardim-Escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

1.2.4. Caraterização do espaço

A sala do Bibe Encarnado está, como em quase todos os outros Jardins-Escolas, inserida no salão. Ou seja, a sala tem uma característica que mais nenhuma outra tem, está visível a todos os que passam por ela. O espaço destinado ao Bibe Encarnado A é o mais próximo da porta do salão. Ao entrar neste, do lado esquerdo encontram-se quatro mesas octogonais numeradas de um a quatro, de maneira a que as crianças

saibam em que mesa se sentar, visto que cada uma tem o seu lugar marcado. Do lado esquerdo encontra-se um móvel com gavetas coloridas, no qual cada criança guarda o seu próprio material e atrás destas o cantinho das presenças, junto ao cantinho da leitura. Existe um espaço com várias flores, em que cada uma representa um mês do ano e onde estão identificados os aniversários de todas as crianças da turma. Para incentivar as crianças a preservarem o ambiente, existe também neste espaço, um cantinho da reciclagem. Ao entrar no salão, do lado direito existe uma área onde são realizadas várias aulas, atividades, visto que tem muito espaço. Junto a este espaço existem também os cabides de todas as crianças, quer do Bibe Encarnado A, quer do Bibe Encarnado B.

1.2.4. Rotina

Em relação às rotinas das crianças do Bibe Encarnado, diferem um pouco das do Bibe Amarelo, pois estas, como referi acima, depois do almoço têm a hora da sesta e as do Bibe Encarnado já não têm essa rotina presente no seu dia a dia, ficando assim no recreio a brincar com o Bibe Azul. Em relação à roda, o Bibe Encarnado é o último a deixá-la, ficando a cantar ou até mesmo a fazer jogos com as próprias educadora.

De seguida, apresento o quadro com o horário semanal do Bibe Encarnado A, facultado pela educadora cooperante (Quadro 7).

Quadro 7 – Horário da turma do Bibe Encarnado A.

Horário Semanal					
Bibe Encarnado A					
Educatriz: Paula Leal					
Atividade	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
08h30 - 09h00	Introdução à Matemática (Jogos de Fichas)	Introdução à Matemática (Jogos de Fichas)	Introdução à Matemática (Jogos de Fichas)	Introdução à Matemática (Jogos de Fichas)	Introdução à Matemática (Jogos de Fichas)
09h00 - 09h30	Descoberta do que se sabe	Formação Cívica	Geometria	Formação Cívica	Trabalhos de Grupo
09h30 - 10h00	Recreio	Ginástica	Recreio	Partilha de Saberes	Recreio
10h00 - 10h30	Conhecimento do Mundo	Recreio	Conhecimento do Mundo	Ginástica	Conhecimento do Mundo
10h30 - 11h00	Jogos de Roda/Preparação para o Almoço				
11h00 - 11h30	Almoço				
11h30 - 12h00	Recreio Orientado e Recreio Livre				
12h00 - 12h30	Expressão Dramática	Estimulação à Leitura	Expressão Plástica (pinturas/desenhos/cartões)	Atividades Gráficas (desenhos de série)	Descobertas dos pequenos cientistas
12h30 - 13h00	Arte Projeto	Expressão Plástica (desenho livre/colagem)	Jogos de mesa e Plásticos/modelagem		Estimulação à Leitura
13h00 - 13h30	Debates/interligamentos/afirmações/sermões	Atividades nos Cantinhos/Jogos de regras	Parque/Jogos de regras/interligamentos	Jogos tradicionais	Expressão Corporal
13h30 - 14h00	Língua-língua destreza/Jogos e atividades	Expressão Dramática/Biblioteca	Música	Ritmos Percussão	Reflexão Semanal
14h00 - 14h30	Lanche				
14h30 - 15h00	Disponibilizar				

Este horário poderá sofrer alterações sem o desmarcar das atividades diárias.

Ana Sofia 20/05/2011

1.2.4. Relatos Diários

Segunda feira, 15 de novembro

Hoje decorreu, no Museu da Escola Superior de Educação João de Deus, a reunião para a entrega da avaliação do primeiro momento do estágio. Nesta reunião, as professoras da Equipa de Supervisão Pedagógica questionaram-nos se estávamos a gostar do estágio e se havia algo a dizer, algum problema ou dúvida.

Depois das questões, passaram a ler as avaliações dos professores cooperantes de todos os alunos, individualmente, e no final deram a classificação qualitativa.

Inferências

Depois das aulas que lecionamos, recebemos o *feedback* por parte do professor cooperante, só assim podemos perceber os nossos erros e as nossas aprendizagens em termos pedagógicos. Alarcão (citado por Severino, 2007) refere que:

é necessário ajudar o aluno/supervisando a tomar as suas próprias decisões a respeito da sua actuação, o que exige um esforço conjunto do supervisor e do supervisando. Para haver progressão do formando, este necessita de ter consciência dos pontos menos bons da sua acção, carecendo, para tal, de observar, de diagnosticar e de tomar posições, num movimento dialéctico de acção-reflexão. (p.42)

Ao recebermos a avaliação dos professores cooperantes (com os aspectos positivos e com os a melhorar) podemos aferir quais as atitudes que devemos continuar a ter ou aquelas que temos de modificar ou melhorar.

Terça feira, 16 de novembro

Foi o primeiro dia de estágio no Bibe Encarnado A, conduzido pela Educadora Maria Louzeiro.

Tal como acontecia com o Bibe Amarelo, o Bibe Encarnado iniciou o dia na roda, juntamente com os Bibes Amarelo e Azul. Depois da ida à casa de banho, toda a turma se juntou no cantinho das presenças, local onde cada criança marca a sua presença diária.

Para agrado das crianças, neste dia estava agendada uma visita de estudo ao Museu Gulbenkian. Chegada a hora de partida, a educadora pediu às crianças que organizassem o comboio para assim puderem sair da escola e entrarem no autocarro.

Já no museu, a educadora dividiu a turma em dois grupos, tendo eu e a minha colega ficado com um e a educadora com outro. Uma guia recebeu-nos e com ela fomos visitar a exposição que estava acontecer naquela altura, com o nome de “Histórias Alinhavadas”.

Inferências

De acordo com Lopes (2006, p.71), “as crianças habituam-se a lidar com os materiais escritos mesmo que os não saibam descodificar mas estarão por isso mesmo cada vez mais próximas e com mais vontade de aprender a decifrá-los.” O facto de serem as próprias crianças a marcarem a sua presença no quadro das presenças, faz com que estas, sem se aperceberem, estejam a desenvolver a sua linguagem escrita.

Uma visita de estudo pode trazer um valor acrescentado às vivências das crianças, principalmente se estas se sentirem motivadas. Uma forma de garantir essa motivação é a preparação para a visita de estudo que cabe ao educador organizar. Tal como refere Krepel (referido por Almeida 1998, p.51), uma visita de estudo “é uma viagem organizada pela escola e levada a cabo com objectivos educacionais na qual os alunos podem observar e estudar os objectos de estudo nos seus locais funcionais.” O mesmo autor (1998, p.19) refere ainda que uma visita de estudo é “uma actividade fundamental no processo ensino aprendizagem e também promotora do desenvolvimento integral do aluno.”

Durante esta visita de estudo apercebi-me que as crianças estavam entusiasmadas e tentavam captar as informações que recebiam visuais e auditivas.

Sexta feira, 19 de novembro

Hoje em Lisboa, muito perto do Jardim-Escola, aconteceu a Cimeira da Nato. Devido a este acontecimento, muitas ruas estiveram fechadas, o trânsito tornou-se complicado e, por isso, muitas crianças faltaram à escola. Dado o número reduzido de crianças, as duas educadoras do Bibe Encarnado decidiram juntar as turmas para realizarem as atividades propostas.

Enquanto uma metade das crianças foi para a aula de barro, a outra ficou com uma das educadoras no salão, a ouvir a história “*Os três porquinhos*”. Quando a metade das crianças chegou do barro, trocaram; as que estiveram a ouvir a história foram para a aula de barro e as que estiveram na aula de barro foram para o salão ouvir a mesma história. Antes de saírem para o recreio, duas crianças estavam a ter um

comportamento menos próprio e, por essa razão a educadora pediu-lhes que refletissem sobre as suas atitudes. Na hora do recreio, a educadora foi chamar as duas crianças, avisou-as que iriam para o recreio, mas que alterassem a sua postura.

Inferências

Realço a atitude da educadora ao repreender as duas crianças que estavam a ter um comportamento menos correto e fazê-los refletir sobre o mesmo. De acordo com Gomez, Mir e Serrats (1993, p.57), “não é conveniente para a criança viver sempre rodeada de gente que a proteja: é preciso que conviva com iguais junto da figura do professor, que a oriente, eduque, forme e a ajude a desenvolver todas as suas capacidades.”

Considero uma atitude consciente, visto que a educadora deve repreender, quando assim exige e fazê-la perceber a sua atitude. Ao sentirem a repreensão por parte da educadora, as crianças ficam pensativas e muitas vezes arrependidas pelos seus atos.

Segunda feira, 22 de novembro

Na roda todos cantavam com muita atenção, até chegar um menino que começou a tentar destabilizar algumas crianças. Ao verificar a situação, a educadora chamou-o à atenção, dizendo-lhe para se comportar como deve de ser e cantar as músicas tal como os seus amigos estavam a fazer.

Sentados em roda junto aos cabides, cada um numa almofada, conversaram com a educadora sobre o fim de semana, falaram sobre festas e passeios. Tal como a educadora nos tinha informado, a turma está a construir uma “árvore dos sonhos” onde cada criança irá colocar os seus sonhos. E assim foi, ainda na roda, uma criança foi para perto da educadora e mostrou a todos os colegas o que tinha feito em casa com ajuda do pai, o seu sonho.

Enquanto a educadora esteve a falar com a turma, eu e as minhas colegas estivemos a fazer tarefas que a própria nos pediu.

Depois do recreio, a turma esteve a trabalhar com o material manipulável, Cuisenaire. Para iniciar a atividade, a educadora colocou questões sobre o material, para reverem os valores e cores das peças. Com as orientações da educadora, construíram uma escada com os valores das peças em crescente e outra em decrescente até à peça amarela, correspondente a cinco valores. No fim da atividade, puderam brincar livremente com o material.

Inferências

A atitude da educadora ao chamar atenção da criança que se estava a portar mal na roda, mostra um sentido de responsabilidade e atenção por parte da mesma. Ao ser repreendida, a criança parou de brincar, percebendo que a roda não é o recreio onde podem brincar livremente.

O diálogo entre professor/aluno, como é referido por muitos autores, é essencial para o desenvolvimento da criança e por isso não se deve deixar de mencionar o facto da educadora falar com as crianças sobre o seu fim de semana, importar-se com o que eles fazem e sentem fora da escola.

É importante para a criança que os pais tenham um papel ativo na sua educação escolar, que se preocupem e que acompanhem o seu dia a dia. O facto da turma estar a construir a árvore dos sonhos, faz com que cada criança tenha de levar o seu sonho para casa e trazê-lo feito, com a ajuda dos pais. Wang et al. (citado por Reis, 2008, p.40) defendem que os pais devem apoiar os filhos nos seus trabalhos, tal como aconteceu com a criança que mostrou o seu sonho, feito com a ajuda do pai.

Relativamente ao material utilizado na aula de Matemática, Caldeira (2009, p.126) acentua que, dentro do interesse pedagógico do material manipulável Cuisenaire, se encontram diversos aspetos, tais como “iniciação à matemática, desenvolvimento da criatividade, compreensão da noção do número, sequências”. Nesta atividade que a educadora realizou com as crianças, trabalhou todos estes aspetos.

Terça feira, 23 de novembro

Começámos o dia a recortar círculos para fazer a capa do livro da área projeto – Literatura Infantil. Enquanto isso, a educadora esteve a dar uma aula com o material 3.º Dom de Fröebel. Começou por rever as regras do material, seguindo-se de algumas perguntas pertinentes, sempre que este material é trabalhado, como por exemplo: “Qual o nome deste material?”, “De que é feito este material?” “Onde podemos encontrar madeira?”. Mais uma vez a educadora entrou no mundo mágico que tanto eles apreciam, pedindo que eles imaginassem que eram mágicos. Fizeram três construções e, em todas elas, a educadora introduziu situações problemáticas. Numa das construções (colunas com base), a educadora introduziu uma história e trabalhou o cálculo mental, dizendo às crianças que perto daquelas colunas ela, mais a prima e o primo estiveram a brincar às escondidas. Colocou a questão da seguinte forma: “A minha prima apanhou-me uma vez e o primo quatro vezes, quantas vezes fui apanhada?” Após a criança ter respondido corretamente, a educadora colocou no

quadro o algarismo 1 e um pouco mais afastado o algarismo 4, questionou a criança quanto ao seu raciocínio, “Entre os dois algarismos que sinal vais colocar?”, “E a seguir ao algarismo 4 o que vais colocar?”. Trabalhou com as crianças os sinais das operações e o sinal de igual.

Para finalizar o período da manhã, a educadora introduziu na turma algumas noções sobre o sol, a lua, o sistema solar. Através do diálogo, todos puderam dizer o que sabiam sobre esses temas.

Inferências

O material 3.º Dom de Fröebel é composto por oito cubos , que se encontram dentro de uma caixa de madeira, também esta em forma de cubo. A educadora colocou questões pertinentes para abordar este material, pois, de acordo com Caldeira (2009, p.248) “deve-se criar na criança curiosidade em saber o que está dentro da caixa de madeira.”

Para iniciar a atividade, a educadora contou uma história para envolver a aula e assim captar melhor a atenção das crianças. À medida que ia contando a história a educadora solicitou a realização de construções diferentes. A estratégia da educadora vai de encontro ao que a mesma autora (2009, p. 255) refere quando diz ser “mais apelativo para a criança estar a ouvir uma história, em que as construções vão surgindo como elementos vivos da mesma.” Os cálculos que a educadora realizou com as crianças tiveram sempre base na história apresentada, para assim existir uma ligação e uma vontade de resolver a situação apresentada.

As crianças sentem-se envolvidas na história e com vontade de ajudarem a educadora na resolução dos seus problemas.

Sexta feira, 26 de novembro

Este foi o dia da minha primeira aula surpresa. Estava no salão, quando uma professora Equipa de Supervisão Pedagógica solicitou que orientasse uma aula de dinamização da leitura. Utilizando imagens em tamanho A₃, alusivas à história do “O Gato das Botas”. Depois de pensar numa estratégia e ver as imagens distribui as almofadas pelo chão, em forma de “u” e pedi a todas as crianças que se sentassem junto às mesmas, ficando eu de costas para o salão.

Iniciei a minha leitura, passando imagem a imagem, contando a história pedida. Durante a leitura, todas as crianças estavam atentas e assim que terminei, muito atentos continuaram, para saber o que iriam fazer a seguir. Após a leitura, como ainda

me faltava algum tempo, pensei em dramatizar a história, fazendo com que cada criança interpretasse uma personagem. E assim foi, a turma continuou bastante participativa e consegui que todas as crianças tivessem um papel na dramatização, não deixando nenhuma de parte.

Depois de terminada a minha aula surpresa, fui ver outra aula surpresa, da minha colega Ana que estava a trabalhar a história, “*A galinha ruiva*”.

Posteriormente, dirigimo-nos à sala onde costumam acontecer as reuniões com as professoras da Equipa de Supervisão Pedagógica, para refletirmos sobre as aulas dadas.

Inferências

Na minha aula surpresa falharam alguns aspetos. Um dos aspetos foi o facto de ter colocado a turma virada de frente para o salão e, assim, as crianças perderem mais facilmente a sua concentração, devido à agitação normal que caracteriza o salão. Por acaso, as crianças portaram-se lindamente e estiveram muito atentos e participativos. Outro aspeto, está relacionado com a história, com a maneira como contei, pois com os nervos acabei por me esquecer de modificar a voz de personagem para personagem e de fazer inflexões de voz. Figueiredo (s.d., p.109) menciona alguns aspetos importantes para uma leitura cativante e “dar vida às personagens por meio de diálogos.” é um deles, aspeto esse que deixei passar na minha aula surpresa. Mas apesar de tudo, senti-me muito bem, pois, segundo Figueiredo (s.d, p.109) “motivar a criança, de modo a que ela sinta interesse pela história.” é fundamental para o sucesso de uma leitura e durante toda a história consegui cativar as crianças e fazer com que tivessem interesse até ao fim.

O fator que vou ter de melhorar ao longo da prática pedagógica é certamente a gestão do tempo, contei a história muito rápido, iniciei a dramatização e aí não consegui terminar a tempo.

Na reunião que participámos juntamente com as professoras da Equipa de Supervisão Pedagógica, os estagiários que lecionaram aulas fizeram uma pequena reflexão da sua prestação e de seguida ouvimos os comentários positivos e os aspetos a melhorar da educadora cooperante e também da professora da Equipa de Supervisão Pedagógica que assistiu à nossa aula.

Garmston, Lipton e Kaiser (citados por Severino, 2007, p.45), referem que “o supervisor deverá ser um *mediador* entre o supervisando e o seu ambiente, salientando dados potencialmente relevantes, a partir dos quais o supervisando poderá construir novos significados.” Focando ainda o papel do supervisor, a mesma

autora (2007, p.46) menciona que este “é alguém com mais experiência e com conhecimentos mais claros e reflectidos sobre situações, dificuldades e problemas do processo educativo.”

Ouvir as críticas da educadora cooperante e da professora da Equipa de Supervisão Pedagógica é sempre bom, pois são críticas que nos ajudam a evoluir, a melhorar.

Segunda feira, 29 de novembro

A manhã teve início com uma aula lecionada pelo estagiário do 2.º ano, o João. Foi uma aula de Conhecimento do Mundo com a duração de 20 minutos, na qual abordou o tema da Natureza. Introduziu o tema para as crianças através de uma história contada, com quatro personagens e ainda tinha como material de apoio, um globo, feito de cartão. Descoberto o tema da aula “Cuidar da Natureza”, o João dialogou com as crianças sobre atitudes que devemos e não devemos ter para preservar a Natureza. Para finalizar a sua aula, colocou uma música sobre o tema trabalhado e todas as crianças cantaram com ele.

Terminada a aula do João, a educadora dirigiu as crianças para as suas mesas e estes acabaram uma atividade de Expressão Plástica que tinham iniciado no dia anterior. Numa folha A₄, com um desenho de uma árvore de Natal, esta atividade tinha como objetivo preencher com plasticina umas bolas mas, para isso, a criança tinha de codificar uma legenda que dizia a sequência das cores da plasticina a usar.

Após o intervalo, a turma trabalhou ao nível da Matemática, o reconhecimento dos algarismos, a associação do número à quantidade e a reta numérica.

Inferências

Considero que o João escolheu a estratégia correta ao terminar a aula com uma música relacionada com o tema, não só porque esteve contextualizada, porque era divertida, mas acima de tudo, porque as crianças gostam e como menciona Sousa (2003, p.15) a música “dá prazer.”

Na atividade que a educadora realizou com a turma, utilizou a plasticina como material. Com ela tinham de fazer bolas e depois achatar na folha de papel, modelando-a de forma a criar uma bola para enfeitar a árvore de Natal. Este tipo de atividades requer por parte da criança, paciência, asseio e persistência. Esta atividade foi realizada pelas crianças com demonstração de divertimento, mas também notei que muitas estavam a ser perfeccionistas na realização da tarefa proposta, tal como

afirma Sousa (2003, p.255) modelar é “o acto de dar forma a qualquer matéria plástica, isto é, qualquer matéria que mantenha a forma que se lhe dá.”

Uma das estratégias que a educadora empregou na utilização da reta numérica representada no quadro com algarismos móveis, foi retirar um algarismo qualquer e as crianças descobrirem através da observação o algarismo retirado. Nesta atividade a educadora trabalhou a concentração e a memorização das crianças.

Terça feira, 30 de novembro

Após as rotinas diárias a educadora, organizou um jogo para que as crianças se sentassem nos respetivos lugares.

Durante a primeira parte da manhã, estiveram a trabalhar como o material manipulável, Geoplano. A educadora perguntou se alguém se lembrava do material que tinham na mesa e como se chamava, muitos responderam que se lembravam do material, mas do nome não. Trabalharam as retas, horizontal e vertical com diferentes espaços, sempre com a orientação da educadora. Após terminarem a atividade as crianças “brincaram” com o material, fazendo os seus próprios “desenhos”.

Depois do recreio, fomos para o ginásio ensaiar para a festa de Natal.

Inferências

Penso que estratégia que a educadora utiliza para organizar a turma a sentar-se nos seus lugares é diferente e cativante para as crianças. O suspense faz parte do mundo de fantasia, do mundo que elas gostam e, por isso, a educadora ao fazer todo aquele suspense (de qual a mesa que se irá sentar primeiro) consegue que a turma não esteja tão dispersa e, assim, esta rotina torna-se rápida e organizada.

Acerca do material manipulável Geoplano, Damas, Oliveira, Nunes e Silva (2010) descrevem-no como sendo um material:

construído por tabuleiros e pregos, com uma determinada disposição, de modo a que se possam prender elásticos, de cores variadas, o que torna o material não só mais aliciante como também proporciona uma maior objectividade na exploração dos conteúdos programáticos. (p.87)

Os mesmos autores (2010, p.87) citam ainda que nas primeiras abordagens ao material “os alunos deverão manusear os elásticos e criar os seus próprios «desenhos»” Referem ainda que estas atividades “beneficiam o conhecimento do material e o desenvolvimento da coordenação psicomotora.”

Sexta feira, 3 de dezembro

Visto ser a sua manhã de aula, a minha colega sentou as crianças em forma de meia lua. Iniciou a aula com uma Estimulação à Leitura, apresentando as personagens e as casas das mesmas. A partir daí começou por contar a história, que versava sobre a ecologia.

De seguida, levou as crianças até ao meio do salão. Aí pediu que se sentassem e começou com a aula de Conhecimento do Mundo, que também abordava o tema da ecologia. Introduziu algumas ideias e colocou questões às crianças. Levou três ecopontos, embalagens, vidro e lixo para as crianças colocarem no ecoponto correto e assim ficarem com uma visualização mais próxima do real. Entre a aula de Conhecimento do Mundo e a de Matemática, a Inês realizou um jogo com a turma, levou as crianças para o ginásio e formou três equipas, cada uma representava um ecoponto diferente. As equipas tinham de ir buscar um objeto pertencente ao seu ecoponto e colocá-lo no seu interior, a equipa que mais rápido acabasse o jogo, ganhava.

Para finalizar a manhã de aula, depois do intervalo, a Inês dirigiu as crianças para o mesmo local onde lecionou a aula de Estimulação à Leitura, para dar início à aula de Matemática, onde deu teoria de conjuntos. Com imagens alusivas ao tema da aula e arcos para representar as linhas fronteiras, a Inês abordou simplesmente o nome de alguns conjuntos. Dando a aula por terminada, a educadora tomou posse do lugar da Inês e reviu algumas noções sobre teoria de conjuntos que a turma já domina.

Inferências

Na aula de Conhecimento do Mundo, a minha colega Inês conseguiu ter um fio de ligação, colocou questões às crianças e algumas delas puderam participar na aula, quando a minha colega pediu que colocassem determinados objetos nos ecopontos corretos. Apesar de ter voltado a utilizar a mesma estratégia que acabou por usar na Estimulação à Leitura, nesta aula acabou por correr melhor devido ao facto de apresentar o material apelativo e manipulável para as crianças.

No jogo, a Inês adotou uma postura serena, demasiado serena para a atividade em si. Um jogo requer entusiasmo, e este tem de partir do educador. Segundo Wiertsema (1991, p.15), o “animador” não se pode cingir apenas “à explicação do jogo ou servir de árbitro. A forma como ele seleciona os jogos, os apresenta, e os conduz, condiciona o efeito nos participantes.” A mesma autora (1991, p.15) refere ainda que o “animador” deve deter as seguintes qualidades: “entusiasmo, empatia, atitude construtivista e capacidade de iniciativa.” Neste caso, a Inês não transmitiu qualquer

entusiasmo às crianças para que estas estivessem elas próprias entusiasmadas, tornando-se assim num jogo pouco motivador.

Segunda feira, 6 de dezembro

Após ter conduzido as rotinas matinais das crianças, dei início à minha manhã de aula. A primeira aula que lecionei foi de Matemática, com toda a turma sentada nas mesas distribuí por cada criança o material necessário (uma base, Algarismos Móveis, casas de papel plastificadas) e iniciei a aula, contextualizando-a numa história, utilizando um fantoche, a Carlota. Com as casas, trabalhei as orientações espaciais, dirigindo sempre o exercício pedido. Através de pequenas situações problemáticas e utilizando os Algarismos Móveis, representaram a indicação da operação e colocaram o seu resultado, chegando, muitos deles, sozinhos à resposta.

Seguiu-se o jogo, que realizei no meio do salão com as crianças em roda e tinha como objetivo descobrir o colega que estava escondido por baixo do lençol, no meio da roda.

Depois do intervalo, conduzi as crianças para o salão e com as almofadas em meia lua, sentei toda a turma virada para mim, ficando todos de costas para o salão. Para iniciar a aula de Conhecimento do Mundo, continuei a usar a personagem que usei na aula de Matemática. Levei como material de apoio, um placard que tinha representado quatro divisões e com o qual as crianças estavam bastante concentradas. Daí, parti para um diálogo sobre as casas de cada um, a divisão que mais gostavam e posteriormente a correspondência de alguns objetos com a divisão onde mais se utilizam. Levei também uma maquete com as mesmas quatro divisões representadas e ainda imagens de ações que se praticam nessas mesmas divisões. Sempre a tentar perceber o que cada criança sabia sobre o tema, coloquei bastantes questões dirigidas e permite que colocassem dúvidas. Acabei a aula de Conhecimento do Mundo, pedindo à turma que se levantasse e cantasse comigo a canção “A minha casinha”.

A aula que se seguiu foi a de Estimulação à Leitura, formei um comboio e levei-os para a biblioteca e li um poema; depois, num placard, compusemos o poema com palavras e imagens e, por fim, todos juntos, fizemos uma leitura acompanhada de gestos (Figura 6). Terminei a aula a construir uma casinha de chocolate com toda a turma (Figura 7).

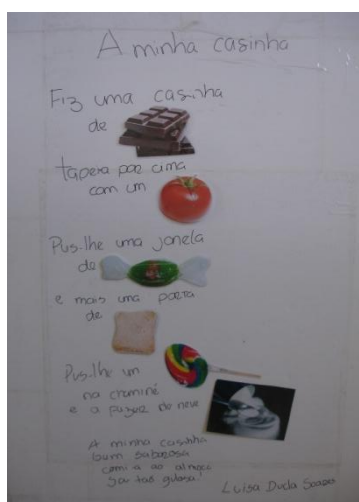


Figura 6 – Poema “A minha casinha”.



Figura 7 – Construção da casinha de chocolate.

Inferências

Gostei muito de lecionar esta manhã de aulas. Senti que consegui atingir todos os objetivos a que me propus e por isso sentir uma realização profissional. Antes de iniciar a aula, pedi para as crianças se sentarem, e para isso segui o ritual da educadora, chamando uma mesa de cada vez. Ao invés de dizer o número da mesa, bati o número de palmas correspondente para conseguir uma maior concentração por parte de todos.

Para começar a aula de Matemática, utilizei um fantoche (a Carlota) que acompanhou toda a manhã de aula. Segundo Pereira e Lopes (2007, p.44), os educadores “podem e devem utilizar os fantoches como proposta educativa interdisciplinar e ainda com tecnologia educativa ao serviço das diferentes áreas do saber.” Os mesmos autores (2007, p.44) referem ainda que “os fantoches aplicados em sala de aula podem servir para envolver alunos em aprendizagens diversas através de um método activo e lúdico que vai levar o aluno a uma melhor e mais eficaz compreensão.”

Trabalhei as orientações espaciais através de situações problemáticas, utilizei material não estruturado feito por mim e algarismos móveis. Questionei uma criança “Quantos pares de janelas têm duas casas juntas?” mas esta não estava a conseguir chegar à resposta e, por isso, ajudei-a direccionando o raciocínio, dizendo “Se agrupares duas a duas, quantos pares de janelas são?” e ela conseguiu de imediato dar a resposta correta. Respeito o tempo necessário para a criança refletir sobre a questão.

Gostei em particular da aula de Estimulação à Leitura, pois aconteceu num espaço diferente, e de uma forma diferente. Estava com receio por trabalhar um poema com crianças tão pequenas, mas foi surpreendente a receptividade das crianças ao mesmo. Agüera (2008, p.5) refere que “contos, pequenos poemas e encenações são recursos de muito alto nível de significado para todos, mas especialmente para os mais pequenos.” A “construção” da casa de chocolate foi um momento muito divertido, todos queriam poder construir um bocadinho, e assim foi, todas as crianças tiveram uma tarefa e, no final, estava a casa referida no poema, construída por todos nós. Todos estavam entusiasmados com a atividade, julgo que o facto de fugir das suas rotinas ajudou a estimular as crianças.

Terça feira, 7 de dezembro

Neste dia, a educadora faltou e, por isso, os dois Bibes Encarnados ficaram a cargo da educadora Fátima. Esta, juntou os dois Bibes e sentou-os no meio do salão e deu uma aula com o 3.º Dom de Fröebel, distribuindo uma caixa por criança. Envolveu a aula numa história e construíram o muro baixo, a ponte e as cadeiras e mesa. Com peixes de esponja, a educadora realizou contagens com as crianças e ainda trabalhou a soma e a subtração.

Seguiu-se o ensaio da festa de Natal, no ginásio.

Inferências

Realço a importância da utilização de materiais manipuláveis para trabalhar juntamente com o 3.º Dom de Fröebel, pois ajuda a criança no seu pensamento concreto. Para Caldeira (2009, p.15), material manipulável é “um instrumento para o desenvolvimento da Matemática, que permite à criança realizar a aprendizagem.”

Em relação ao facto da educadora ter lecionado toda a aula com as crianças sentadas no chão em meia lua, já não considero uma estratégia viável, visto que Caldeira (2009, p.248), refere que um fator importante na utilização deste material é a postura da criança, destaco entre muitos itens as “costas direitas”. Todas as crianças, sentadas no chão, em meia lua, não vão com certeza conseguir obter uma postura correta, mantendo as costas direitas como seria o esperado, caso estivessem a trabalhar nas suas cadeiras.

Sexta feira, 10 de dezembro

Foi a vez da minha colega lecionar uma aula surpresa, avaliada por professora da Equipa de Supervisão Pedagógica. A professora solicitou que a Inês trabalhasse com as crianças a história “A rainha das cores”. A Inês pediu que as crianças se sentassem nas almofadas junto aos cabides e iniciou a leitura da história. Fez uma leitura muito rápida, no entanto durante a mesma, sempre que aparecia a rainha das cores a chamar por alguma cor, a Inês fez com que as crianças a chamassem também. Quando terminou a leitura, fez exercícios de retorno à calma, como levantar os braços, levantar e sacudir, cantou também com a turma a música a “Caixa de lápis”. Quase a terminar o tempo da aula, ainda pediu a diversos alunos que fossem buscar objetos de determinadas cores.

Depois da aula surpresa da Inês, a educadora deu uma aula com o material manipulável Tangram, à qual não pude assistir totalmente pois tivemos de participar na reunião com as professoras da Equipa de Supervisão Pedagógica.

Inferências

Considero positiva a estratégia da Inês ao realizar exercícios de retorno à calma, após ter terminado a leitura, pois, como refere Guillaud (2006, p.6), os momentos de relaxamento permitem “aos educadores e às crianças atenuar a tensão nervosa e muscular, favorecendo uma melhor recuperação e uma atenção mais sustentada.” Assim, como ainda lhe sobrava tempo as crianças relaxaram um pouco, para ainda realizarem alguma atividade.

O facto da Inês ter cantado uma música com as crianças dentro do tema abordado (as cores) foi, a meu ver, pertinente levando-as a desenvolver vocabulário.

Tal como aconteceu no dia em que dei a minha aula surpresa, hoje também houve reunião de supervisão depois de finalizadas as aulas pedidas. Para Severino (2007):

a supervisão da prática pedagógica deverá, assim, constituir-se como um contributo para o percurso de desenvolvimento pessoal e profissional dos alunos-formandos recorrendo, para o efeito, a estratégias de formação de carácter dinâmico, verdadeiramente construtivo e formativo, no sentido da promoção, entre todos os intervenientes, de uma comunicação efectiva e problematizante, de modo a que os mesmos se tornem não só mais flexíveis, mais seguros e preparados para auto-dirigirem as suas aprendizagens, mas também mais imbuídos de uma curiosidade perscrutadora e inquietante, que se traduza numa atitude de questionamento socrático e de reflexão permanente. (p.44)

Estas reuniões auxiliam-nos, a nós formandos, em possíveis estratégias a adotar nas aulas lecionadas, a adotar uma postura mais segura de nós mesmos e também na reflexão que fazemos da nossa própria postura.

Segunda feira, 13 de dezembro

Hoje a Inês orientou a sua segunda manhã de aula, que teve como tema, o Natal. Iniciou o dia com a aula de Matemática, em que tinha de trabalhar a tabela de dupla entrada. Com o material previamente distribuído (cada criança tinha um envelope com botinhas e estrelinhas e uma tabela), envolveu as crianças numa história. Começou por dizer que hoje tinham de ajudar o Pai Natal arrumar o seu sótão dos brinquedos e por isso tinham de organizar as botinhas e as estrelinhas consoante o pedido. Assim trabalharam a tabela dupla entrada, trabalhando a perceção visual. De seguida, a Inês encaminhou a turma para o centro do salão, pô-las em roda para realizarem o jogo que tinha como nome “o carteiro”.

A área que se seguiu foi a de Conhecimento do Mundo, a aula realizou-se na biblioteca. A Inês levou uma caixa que continha diversos objetos relacionados com Natal, com as crianças abordou as tradições desta época natalícia.

A aula de Estimulação à Leitura, ficou adiada para o dia seguinte, visto que a gestão do tempo não foi bem sucedida. A educadora sugeriu à Inês dar outra aula para assim melhorar a sua atitude e também melhorar o seu à vontade em sala de aula.

Inferências

O Natal é uma época normalmente muito apreciada pelas crianças e isso refletiu-se na aula da Inês, pois todas elas tinham coisas para dizer, episódios para contar, perguntas para fazer.

Figueiredo (s.d.) refere que:

“dar à criança o direito e o meio de dizer o que está no fundo de si mesma é conceder-lhe uma alegria muito grande. Este direito é a liberdade de se expressar, de descobrir, de dizer muito simplesmente o que sente, o que deseja, o que vive, o que pensa.” (p.2)

Nesta aula, penso que a Inês conseguiu aproveitar os conhecimentos, as vivências das crianças, dando importância a tudo isso.

De acordo com Traça (1992, pp.115-116), “(...) a fantasia pode dar à pessoa um maior conhecimento dos seus próprios processos psíquicos, aumentando,

consequentemente, os seus poderes da captação do mundo exterior.” Durante toda a aula, a Inês manteve a fantasia que a própria época natalícia proporciona e levou as crianças a trabalharem o seu imaginário.

Terça feira, 14 de dezembro

O dia teve início com a aula de Estimulação à Leitura lecionada pela Inês, sobre o tema do Natal que foi adiada para hoje. Realizou a leitura de uma história “*Uma Carta Especial*” e terminou a aula distribuindo umas bolachas por todas as crianças (Figura 8).



Figura 8 – Livro “*Uma Carta Especial*”

Antes de iniciar a atividade seguinte, a educadora mostrou à turma um castelo que tinha feito para registar os “chefes” da turma, nas diferentes janelas e portas dos castelos ficavam, os chefes das bolachas, os chefes do material, os chefes do comboio, os chefes da casa de banho.

Depois, a educadora iniciou uma proposta de trabalho com a turma, que tinha como objetivo encontrar as diferenças entre dois desenhos sobre o natal. A cada diferença encontrada, a criança tinha de assinalar com um círculo. As crianças foram buscar às suas gavetas os lápis para iniciarem a atividade.

A educadora, atenta, reparou que três crianças estavam a copiar entre si. Pediu a cada um deles que fosse ter com ela e falou individualmente com as crianças, explicando que ao terem aquela atitude não iriam aprender nada e só iriam estar a prejudicar-se a si próprios.

Como a educadora combinou mais uma manhã de aula com a Inês, perguntou-me se eu gostava de dar uma aula de materiais, aceitei e combinei que ficaria para depois da aula da Inês.

Inferências

O facto das crianças irem buscar o seu próprio material é uma promoção à autonomia, visto que todos têm acesso aos seus pertences sem necessitarem da ajuda da educadora, como refere Arribas (2004, p.373), “o material deve ser organizado em estantes à altura das crianças para que possam ter acesso a ele sem necessidade do adulto”. A estante que está no salão tem trinta gavetas, sendo que uma delas é da educadora e as restantes de cada uma das crianças, estão identificadas com a sua fotografia e um desenho feito por si.

Considero pertinente a estratégia que a educadora planificou e explicou às crianças sobre a distribuição de tarefas, sendo que essas tarefas serão distribuídas semanalmente pelas crianças. Em relação às tarefas, os autores Spodek e Saracho (1998, p.155) afirmam que estas podem ser distribuídas de “forma rotativa” e que as crianças devem “assumir responsabilidades”.

Acho fundamental este tipo de estratégias para que todas as crianças possam assumir um papel fundamental na turma e assim desenvolver habilidades que levam à responsabilidade individual.

Quinta feira, 16 de dezembro

Realizou-se hoje a festa de Natal do Jardim-Escola. Neste dia, todos os estagiários ajudaram não só a turma onde estão a estagiar, bem como todas as outras.

A festa teve início às 10h, sendo a primeira apresentação dos mais pequeninos, do Bibe Amarelo. Até à hora do almoço as crianças do Pré-Escolar subiram ao palco, deixando assim a tarde para os alunos do 1.º Ciclo.

Do início ao fim, a festa teve um grande dinamismo, não ficando os espectadores à espera muito tempo para a outra apresentação.

Inferências

Destaco a cooperação entre todos os docentes do Jardim-Escola, durante a festa. Educadoras e professores estiveram disponíveis para qualquer ajuda que fosse necessária, quer na preparação das crianças para entrarem no palco, quer para a montagem dos cenários. Foi bastante positivo ver o trabalho em equipa, pois todos se ajudaram-se uns aos outros e a organização e a boa disposição fizeram parte do ambiente.

Segundo Trindade (2002, p.57), os educadores devem “contribuir para criar um ambiente propício à experiência e à comunicação entre os elementos de um grupo a propósito de uma data temática.”

É um dia completamente diferente para todos, em que as crianças e professores estão empenhados e entusiasmados no mesmo projeto.

Não posso deixar de mencionar a importância do envolvimento da família nesta ocasião, não só pela sua presença ser imprescindível para as crianças bem como a sua colaboração para a realização da festa. Brandão (citado por Reis, 2008, p.71), define envolvimento como “um leque de interações entre a Escola e a Família desde a simples participação dos encarregados de educação em reuniões mais ou menos formais, até à execução de tarefas específicas na escola, em colaboração com os professores.” A pedido dos professores, alguns pais, tiveram de fazer determinadas peças (fatos, máscaras), alguns com ajuda dos seus filhos, para estes utilizarem na festa de Natal, mostrando assim interesse e empenho pela vida escolar dos seus filhos.

As crianças tiveram um papel essencial, pois foram elas as protagonistas, foram elas que cantaram, que comunicaram, que dançaram, que brilharam. Desde das mais pequenas aos mais velhos, estiveram todos muito bem.

Sexta feira, 17 de dezembro

Hoje realizou-se a festa de Natal Do Jardim-Escola João de Deus da Estrela. As minhas colegas e eu, estivemos presentes até às 13h, embora a festa se tenha prolongado até ao final do dia.

Inferências

No dia anterior, foi-nos comunicado que podíamos assistir à festa de Natal do Jardim-Escola da Estrela e nós concordámos.

Não estive nos bastidores com os professores e educadores, como tal não posso referir nada sobre essa questão. Senti que aconteceu uma falha durante a festa: enquanto espetadora houve momentos longos de espera na mudança dos cenários.

Nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2002) é mencionado que:

a expressão dramática é um meio de descoberta de si e do outro, de afirmação de si próprio na relação com o(os) outro(s) que corresponde a uma forma de se apropriar de situações sociais. Na interação com outra e com outras crianças, em actividades de jogo simbólico, os diferentes parceiros tomam consciências das suas reacções, do seu poder sobre a realidade, criando situações de comunicação verbal e não verbal. (p.59)

A festa baseou-se na apresentação de dramatizações dos diferentes Bibes, sendo que as do 1.º Ciclo foram à tarde e a essas não consegui assistir.

Segunda feira, 3 de janeiro

A minha colega Inês hoje lecionou uma manhã inteira de aula, tal como tinha combinado com a educadora.

Iniciou a manhã com Matemática, na qual levou material não estruturado (flores) para trabalhar com as crianças a forma, o tamanho, a cor e contagens. Para iniciar a aula, utilizou dois bonecos e com eles introduziu uma história para a aula.

Na área do Conhecimento do Mundo, a minha colega foi com a turma para o exterior, mais propriamente para o coreto. Dividiu a turma em quatro equipas e cada uma plantou uma planta diferente. À medida que a Inês ia explicando o que era preciso fazer, as crianças pegavam nos materiais e executavam a tarefa pedida. De seguida, foram de novo para o salão, sentaram-se nas mesas e iniciaram uma proposta de trabalho, que tinha como objetivo a picotagem de uma flor grande e uma flor pequena. Após todos terem terminado a proposta, sentaram-se nas almofadas, junto aos cabides, a pedido da Inês, para aí iniciar a aula de Estimulação à Leitura. Foi lida a história “*A semente sem sono*” (Figura 9).



Figura 9 – Livro “*A semente sem sono*”

No final da manhã, e já terminada a aula da Inês, a educadora sentou-se com as crianças e conversou com elas sobre qual o presente que mais tinham gostado de receber no Natal. Depois de todos terem falado e chegada a hora do almoço, a educadora pediu que se levantassem para irem à casa de banho, mas antes queria dar e receber um grande “xi-coração” de cada uma das crianças.

Inferências

O material que a Inês utilizou na aula de Matemática era bastante apelativo e com ele trabalhou diversos conteúdos matemáticos, tais como: contagens, cores e pares. Spodek e Saracho (1998, p.224) referem que “as actividades de matemática (...) devem incluir muitas experiências práticas com materiais de manipulação.” Através da brincadeira manipulativa com materiais não estruturados são ensinados diversos conceitos matemáticos.

Realço a aula que a Inês lecionou no coreto, além de ter sido num espaço diferente, as crianças tiveram a oportunidade de fazer algo que sai fora das suas rotinas, plantar flores. Seguiram as instruções da Inês, realizando eles próprios a tarefa, puderam tocar na terra e nas sementes.

Não posso deixar de salientar a atitude da educadora no final da aula ao dialogar com as crianças sobre os presentes que mais gostaram de receber no Natal e ao pedir o xi-coração. Para Jesus (1996, p.17), é “imprescindível que o professor experiencie satisfação nas actividades que desenvolve na escola, nomeadamente no relacionamento com os alunos.” Foi uma demonstração de afeto e proximidade muito grande, denunciador de uma grande cumplicidade existente entre a educadora e as crianças.

Terça feira, 4 de janeiro

Iniciei a manhã com uma aula de Matemática utilizando o material manipulativo 3.º Dom de Fröebel, como tinha combinado com a educadora. Conteí uma história de modo a envolver a turma num clima de aprendizagem lúdico e para isso levei, para cada criança, a imagem de um menino e uma menina em papel. À medida que ia contando a história, ia surgindo uma construção. Durante a aula realizei com a turma, duas construções, a do comboio e a da mesa e cadeiras.

Após a minha aula, a educadora deu uma aula de Estimulação à Leitura um bocadinho diferente, para eu e a minha colega termos ideias possíveis para outras aulas. No local habitual de contar histórias, a educadora pediu que se sentassem confortáveis e apelando ao imaginário disse para “entrarem” nas bolas de sabão que estava atirar. Mostrou a capa do livro, disse o seu título e começou a ler. Como o livro abordava os sentimentos, a educadora aproveitou e falou um pouco com a turma sobre esse tema. Depois, cantou uma música, (Dona Lua) sobre a personagem do livro, acompanhada da viola e as crianças faziam gestos que a educadora indicava.

Como já tinha pouco tempo, a educadora explicou que depois do almoço iam escrever numa cartolina a música que estiveram a ouvir e a cantar, com a sua ajuda, para esta ficar pendurada na sala, juntamente com os outros trabalhos.

Inferências

No final da aula de Matemática, a educadora deu-me o seu *feedback*, dizendo que quando se utilizam os Dons de Fröebel, na passagem de uma construção para outra não se destrói a construção. Devemos utilizar a construção que temos à nossa frente para passarmos para a construção seguinte. Segundo Caldeira (2009, p. 248), “não destruir” consta nos itens abordados na postura que a criança deve ter ao manipular este material.

A aula de Estimulação à Leitura que a educadora preparou foi muito interessante. Trabalhou a letra de uma música e ainda introduziu na área de Conhecimento do Mundo, os sentimentos. Nesta atividade a educadora introduziu vocabulário novo, fazendo com que as crianças o adquirissem de uma forma significativa. Lopes, Velasquez, Fernandes e Bartolo (2004, p.68) afirmam que “a aquisição de vocabulário revela-se crucial para o sucesso académico. A exposição a novos conteúdos transporta a criança a um conjunto de novos conceitos, realidades, e representações que naturalmente soa carregados por vocabulário novo.”

Utilizou diversas estratégias que muitas vezes pensamos não serem possíveis nas nossas aulas.

Sexta feira, 7 de janeiro

Sendo a minha manhã de aula, comecei por dirigir as crianças para as mesas através de um pequeno jogo.

Comecei com a aula da Matemática, na qual utilizei o material manipulável Cuisenaire. Realizei operações de soma e subtração com a turma, através de situações problemáticas. Entre a aula de Matemática e a aula de Estimulação à Leitura, decidi fazer o jogo. Jogo este que tinha como objetivo trabalhar a coordenação auditiva e motora e circulação espacial. Ao sinal de stop, os pares de crianças tinham de ir para dentro de um arco que estaria espalhado no salão, estando sempre um arco a menos que o número de pares em jogo.

Seguiu-se a aula de Estimulação à Leitura. Expliquei que seria diferente, pois hoje seriam eles a contar a história. Com a minha orientação, conseguiram colocar as imagens apresentadas e contar a história. (Figura 10 e 11).

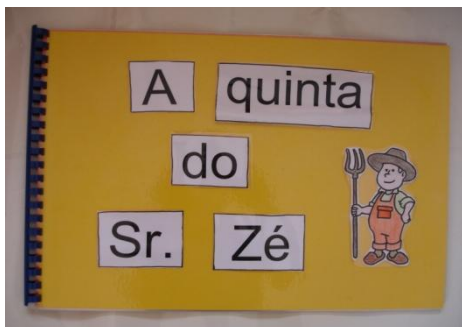


Figura 10 – Livro “A quinta do Sr. Zé”



Figura 11 – Alguns elementos utilizados na história.

Para a aula de Conhecimento do Mundo, explorei três profissões, o agricultor, o veterinário e o cozinheiro. No centro do salão, coloquei a turma em roda, levei o vestuário e alguns acessórios correspondentes a cada profissão e pedi a participação de algumas crianças para se vestirem e representarem a profissão que o seu vestuário e acessórios representavam (Figura 12).



Figura 12 – Diálogo sobre as profissões

Através do diálogo, conversei com a turma sobre as três profissões, coloquei questões sobre o que fazem, que acessórios utilizam, onde trabalham. Algumas crianças curiosas, ou porque queriam dizer a profissão dos pais, abordaram profissões que não estávamos a trabalhar, mas ainda falámos sobre elas.

Inferências

Desta manhã de aula retiro como aspetos positivos o bom relacionamento que tenho com a turma, a forma como dou tempo a todas as crianças para participarem na aula, colocando questões dirigidas, dando pequenos reforços positivos que ajudam a criança a obter mais confiança, pois a criança ao recebê-lo, refere Papalia, Olds e Feldman (2001, p.369) sente “uma sensação de prazer ou de dever realizado.” É para mim realmente importante que as crianças falem, digam o que pensam, tirem as suas

dúvidas, pois é para elas que preparamos as aulas. Por isso, faço tanta questão que eles participem e tento ajudá-los a superar as suas dificuldades, e elogiar sempre que possível.

Ao ver este momento de estágio terminar, sinto que devo dizer o quão importante foi para mim estar na presença de uma educadora, que me fez ver realmente, com o seu modelo, o que eu quero ser enquanto educadora.

Um dos aspetos, de muito importância para mim e que guardo deste momento, é a relação entre a educadora e as crianças. Segundo Gomez et al. (1993, p.57), na escola “a criança tem que encontrar relações afectivas e segurança que lhe permitam atingir uma autonomia, a fim de ir fazendo aquisições de forma natural e de acordo de com o seu ritmo de aprendizagem.” A educadora, para além dos mimos que muitas vezes distribuía pelas crianças, transmitia-lhes muita segurança e desenvolvia em todas elas a sua autonomia em diversas situações, desde a marcação das presenças, aos chefes do castelo, bem como na hora da refeição.

Durante a aula, as crianças que estavam “mascaradas” fizeram as delícias dos colegas, pois estes estavam radiantes a olhar para os colegas, vestidos de uma maneira tão diferente.

1.3. 3ª Secção

Período de estágio: 10 de janeiro de 2011 a 18 de fevereiro de 2011

Faixa etária: 5 anos

Bibe: Azul A

Educadora: Isabel Matos

1.3.1. Caracterização da turma.

A turma do Bibe Azul A do Jardim-Escola João de Deus dos Olivais é composta por vinte e oito crianças, dezasseis do sexo feminino e onze do sexo masculino.

Quase todas as crianças têm 5 anos de idade.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica do Jardim-Escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

1.3.2. Caracterização do espaço

A sala do Bibe Azul A está situada ao lado do refeitório. Tem duas portas, uma que dá acesso ao salão e outra ao exterior, pela qual as crianças que chegam atrasadas entram.

É um espaço bastante luminoso, devido às várias janelas que tem. Na sala existe a zona das carteiras, que se encontram organizadas em filas, a zona da secretária da educadora, local onde acontecem as lições da Cartilha Maternal com o auxílio do grande livro de maneira a que todos as crianças consigam visualizá-la.

A sala possui dois quadros magnéticos, uma zona de arrumações para as capas de cada criança e seus dossiers, uma zona com diversas gavetas, pertencentes a cada uma das crianças, para estas puderem arrumar o seu material escolar e por fim, pendurados na parede, placards para a exposição dos trabalhos das diversas áreas de conhecimento.

1.3.3. Rotina

O Bibe Azul não tem como rotina, cantar na roda, com a sua educadora. As crianças que chegam antes das 9h, ficam na roda com as educadoras dos outros bibes, esperando que a sua chegue. À hora de entrada, 9h, a educadora chega ao salão, leva a sua turma à casa de banho e depois para a sala de aula.

O dia tem início logo na sala de aula, sendo que a educadora planifica as aulas de maneira a que todos os dias se inicie o dia com uma área diferente, ou seja, segunda-feira começa com a área do Domínio da Matemática, terça será com a área do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e assim sucessivamente.

Neste bibe vê-se uma diferença bastante grande a nível de conteúdos, em relação aos Bibes Amarelo e Encarnado, visto ser neste bibe que as crianças iniciam a aprendizagem da escrita e da leitura através do Método de leitura João de Deus. O dia a dia destas bibe é mais exigente em termos do currículo.

De seguida, caraterizo um pouco o Método de leitura João de Deus, com o auxílio do grande livro denominado de Cartilha Maternal.

Cartilha Maternal

O Método de leitura João de Deus, segundo Deus, (citado em Ruivo, 2009):

constrói na criança as estruturas mentais e os pré-requisitos essenciais ao desenvolvimento da competência da leitura, fazendo um estímulo diário e uma constante consolidação dos conhecimentos adquiridos anteriormente pela criança, através de lições, concebidas pelo seu autor com uma estrutura muito definida e organizada que permite estas aprendizagens (p.100).

De seguida, apresento o horário semanal da turma do Bibe Azul A, facultado pela educadora cooperante (Quadro 8).

Quadro 8 – Horário da turma do Bibe Azul A.

Horário Bibe Azul - Turma A - Ed. Isabel					
Horas:	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
9h – 10h15m	☒ Iniciação à Matemática Material Escrita	☒ Iniciação à Leitura e Escrita	☒ Iniciação à Matemática Material Escrita	☒ Iniciação à Leitura e Escrita	☒ Iniciação à Matemática Material Escrita
10h15m – 10h45m	RECREIO + W.C.				
10h45m – 11h50m	☒ Iniciação à Leitura e Escrita	☒ Iniciação à Matemática Material Escrita	☒ Ed. Movimento 11h – 11h30m ☒ Iniciação à Leitura e Escrita	☒ Iniciação à Matemática Material Escrita ☒ MÚSICA 11h15m – 12h	☒ Iniciação à Leitura e Escrita
12h – 13h	ALMOÇO				
13h – 14h	Recreio orientado e livre				
14h – 15h	☒ Ditados Gráficos ☒ Desenho Série ☒ Dobragens ☒ Entrelaçamentos	☒ Escrita e letras	☒ Jogos Matemáticos ☒ Cidadania ☒ Área Projeto	☒ Escrita e letras	☒ Ed. Movimento 14h30m – 15h
15h – 16h30m	☒ COMPUTADORES 15h20m – 16h10m	☒ Conhecimento do Mundo ☒ Dinamização do tema	☒ INGLÊS 15h30m – 16h30m	☒ Conhecimento do Mundo ☒ Dinamização do tema	☒ Experiências ☒ Histórias - jogos
16h30m	LANCHE E SAÍDA				

1.3.4. Relatos Diários

Segunda feira, 10 de janeiro

Este foi o primeiro dia de estágio na sala do Bibe Azul A, orientado pela educadora Isabel Matos.

À medida que as crianças iam chegando à sala, a educadora verificava se todas elas entregavam a autorização para a ida ao teatro do dia seguinte. A Inês e eu, distribuímos as capas de Matemática a cada criança e quem tivesse trabalhos em atraso efetuava-os.

Mais tarde, a educadora distribuiu por cada criança um saquinho que continha o material manipulável Tangram, seguiram-se algumas questões sobre o mesmo, como por exemplo: “As peças são todas iguais?”, “Que formas têm?”. Através de uma pequena história, a educadora pediu que construíssem com o material um retângulo. Imaginando que este seria um pomar, trabalhou as quantidades, a dezena e a dúzia. Após concluírem o retângulo e de responderem às situações problemáticas, com uma caneta preta passaram para uma folha A₄, o rebordo das peças do Tangram, a formar a imagem do retângulo.

Acabaram a manhã a realizar trabalhos ao nível do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita que tinham em atraso nas capas e, todas as crianças, divididas em grupos de três ou quatro, foram à Cartilha Maternal aprender uma lição com a educadora.

Inferências

Existe um apeto que não posso deixar de referir como negativo, notei que a educador e os alunos têm uma relação distante.

No último momento de estágio valorizei muito a relação de afeto que a educadora mantinha com as crianças. Senti que nesta sala não existe esse afeto, as crianças chegam com os pais, vão diretamente pendurar as suas mochilas e casacos nos cabides, logo depois vão buscar os seus materiais às gavetas e sentam-se nas cadeiras, sem darem um beijo de bom dia à educadora.

Segundo Gomez et al. (1993, p.57), na escola, “o mais importante para a criança é esta se sentir segura e estimada”. Neste caso, considero, que seja por parte da educadora que deva existir essa iniciativa de carinho e promoção da segurança para com as crianças. É na educadora que as crianças, muitas vezes, vêem um modelo. Se a educadora não promove o afeto na escola, a criança, corre o risco de ser uma criança com um défice de carinho e segurança.

O material utilizado na aula de Matemática, o Tangram, é, como afirma Caldeira (2009, p.391), “um jogo ou quebra-cabeças de origem chinesa.” A mesma autora (2009, p.391) refere ainda, que este é “obtido basicamente a partir da dissecação de uma figura geométrica segundo determinadas condições, permitindo depois a obtenção de novas figuras através da recombinação das peças obtidas.” A atividade

que a educadora realizou, vai de encontro ao que a autora defende. Caldeira (2009, p.398) sustenta que o valor educativo deste material reside “no exercício da concentração”, uma vez que a montagem das construções requer concentração por parte das crianças. Permite também, de acordo com Caldeira (2009, p.398) atividades “que envolvam a manipulação de figuras geométricas, fazendo inúmeras composições, transformações e rotações das peças, permitindo «ver partes» num «todo» complexo.”

Em relação ao facto de a criança ter contornado numa folha as peças do Tangram de maneira a formarem um retângulo, trabalhou a sua concentração e a sua motricidade fina, tendo também desenvolvido uma atividade de Expressão Plástica com um material manipulável.

Terça feira, 11 de janeiro

A educadora iniciou o dia com uma revisão das lições da Cartilha Maternal. Como estava previsto a saída da escola às 9h30 para o teatro, não houve muito tempo para atividades. As crianças sentadas nos seus lugares e a professora de pé no quadro, iniciaram uma “cantiga” para assimilar todas as lições aprendidas. A educadora colocou questões e os alunos responderam em coro.

Ida ao teatro Tivoli, assistir à peça infantil “Bzzz, Bzzz, Bzzz - A União faz a Força”, juntamente com o Bibe Amarelo e Encarnado.

Inferências

Considero a estratégia utilizada pela educadora pouco positiva, devido ao facto de não dirigir a pergunta a uma só criança e todas responderem ao mesmo tempo. Como se trata de uma dinamização da cartilha, posso afirmar que não será a estratégia ideal a ser praticada pela educadora, visto que Deus (1997, p.20) salienta que no ensino da leitura através do Método de leitura João de Deus, as crianças “nunca responderão em coro, o que seria muito errado, cada um falará por sua vez, mas estão todos empenhados numa mesma tarefa.”

Penso que a estratégia é original, mas poderia ter mais aproveitamento se houvesse um determinado rigor em sala de aula.

As crianças foram ao teatro assistir uma história dramatizada. Segundo Cordeiro (2008, p.424), “a frequência do teatro, como espectador, deve começar desde cedo (três anos em média).” O mesmo autor destaca algumas vantagens sobre a ida ao teatro na infância, são elas, “apreciação do teatro como experiência estética;

progressiva consciencialização dos valores culturais e sociais; aumento dos conhecimentos sobre a história e as suas personagens.”

De facto, todas as crianças estavam realmente apreciar o momento, as músicas, as personagens, as cores.

Sexta feira, 14 de janeiro

Hoje uma aluna do 4.º Ano da Licenciatura Pré-Bolonha lecionou uma aula que teve como base o chocolate.

Começou a aula de Matemática, realizando somas com o material manipulável, o Cuisenaire. A área seguinte a ser lecionada foi a de Conhecimento do Mundo, na qual a Ana abordou o fabrico de chocolate. Durante esta aula, falou e mostrou alguns dos tipos de chocolate existentes e quais as suas diferenças, no final da sua aula deu a provar a cada criança um pedaço de chocolate.

Para terminar a aula, a Ana dirigiu-se à Cartilha Maternal com um grupo de três crianças e ensinou-lhes a lição do /q/.

Inferências

A Ana não conseguiu atingir os seus objetivos com esta aula. Na sua aula existiu muita falta de concentração por parte dos alunos, e isso aconteceu por sua culpa, pois não os cativou com as suas estratégias, deixando que o seu comportamento negativo tomasse o controlo da aula.

A iniciação da leitura e da escrita é o que caracteriza o Bibe Azul do Jardim-Escola João de Deus. Tal como refere Mata (2008, p.65), a aprendizagem da leitura “não se desenvolve espontaneamente, necessitando de ensino directo e intencional.” Esta aprendizagem é feita através de um grupo de crianças, que se coloca diante da professora, junto à Cartilha Maternal em ponto grande. Ruivo (2006, p.3) salienta a importância deste mesmo objeto, pois refere ser “uma ideia original de João de Deus e permite que a criança tenha uma maior e mais activa participação no acto de ler em voz alta, desenvolvendo-se o conceito de leitura e habilidades pró-leitoras.”

A mesma autora (2006, p.6) menciona ainda que “essa pequena «equipa» torna as lições mais vivas e equilibra em interação o comportamento individual de cada aluno: os mais ativos e extrovertidos desbloqueiam os mais tímidos e hesitantes.” As lições são dadas diariamente e a educadora regista num gráfico em qual lição vai cada criança, para assim acompanhar o seu desenvolvimento.

Segunda feira, 17 de janeiro

Hoje decorreu no Museu da Escola Superior de Educação João de Deus, uma reunião com as professoras da Equipa de Supervisão Pedagógica. Esta reunião teve como objetivo fulcral a entrega da avaliação do 2.º momento de estágio.

Este momento serviu também para se esclarecer possíveis dúvidas sobre o estágio ou aulas.

Inferências

De facto estas reuniões são positivas do ponto de vista formativo. Com elas conseguimos obter uma maior informação sobre a nossa prestação enquanto formandos e futuros educadores/professores. Mesmo nas alturas de se ouvirem as avaliações, temos de ter em mente que é para nosso usufruto, ou seja, só nós ganhamos em ouvir o que outras colegas fizeram de bem e também de mal, para assim optarmos por aquilo que achamos mais correto aplicar.

Para Altet (citado por Severino, 2007, p.40), refere que os alunos formandos, são “intervenientes activos no seu processo de desenvolvimento e formação e não meros consumidores do saber.” Vieira (citado pela mesma autora 2007, p.40) refere que “o aluno não será um «consumidor passivo», mas antes um «consumidor crítico e produtor criativo do saber».”

Para Tavares e Moreira (citados por Severino, 2007, p.40), a formação “deverá ser um processo de construção de conhecimento e de personalidade proporcionador de atitudes críticas, no contexto da realidade educativa, que não pode ser alheio a uma perspectiva de intervenção social.”

Terça feira, 18 de janeiro

Neste dia todas as turmas dirigiram-se para o ginásio, pois o escritor António Torrado esteve presente no Jardim-Escola para apresentar algumas das suas obras e conversar um pouco com as crianças. Perguntou às crianças que histórias gostariam de ouvir e contou uma, muito rapidamente. Após este momento voltámos para a sala, as crianças continuaram os trabalhos relacionados com o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Após o intervalo, a educadora lecionou uma aula de Matemática com o material manipulável Calculadores Multibásicos, na qual trabalhou a soma com transporte.

Inferências

Tal como já tinha referido, a relação entre a educadora e os alunos de uma forma geral não é muito próxima. Por exemplo o facto da educadora não se lembrar do aniversário de uma criança, é, a meu ver, um sinal de afastamento. Para decoração da sala de aula podia fazer um placard com os aniversários de cada criança, cativando as crianças para certos eventos e com o objetivo de não esquecer as datas importantes para as crianças.

A ida do autor António Torrado ao Jardim-Escola foi demasiado fugaz, contou uma pequena história e respondeu a algumas questões. Apesar de rápida, a sua participação foi muito positiva, pois é importante inculcar nas crianças o gosto pela leitura e pelas histórias e assim desenvolverem a sua linguagem. Lomas (2003, p.91) refere que estas aprendizagens através da oralidade permitem “melhorar a competência comunicativa oral”.

Contar histórias proporciona à criança, não só uma aprendizagem significativa da linguagem, mas também estimula a imaginação, a criatividade e a compreensão de textos.

Sexta feira, 21 de janeiro

A educadora iniciou o dia fazendo uma revisão das lições da Cartilha Maternal passando pelas lições que já aprenderam e dinamizando a leitura da palavra “camisola”. Fez sempre questões dirigidas do género: “Quantas letras tem esta palavra?”, “Das oito letras, quantas são vogais?”, “Como se chamam as vogais que estão na palavra?”

Mais tarde, trabalharam com o material manipulável, Cuisenaire. A educadora, começou por pedir que as meninas construíssem uma escada com as peças correspondentes aos valores pares e aos meninos uma escada com as peças correspondentes aos valores ímpares. Fizeram a leitura da escada por ordem crescente e por ordem decrescente.

Utilizou diversas estratégias tendo em conta o conteúdo trabalhado, a soma e a subtração.

Inferências

Considero a dinamização da Cartilha Maternal feita pela educadora, uma estratégia muito positiva. Para além de fazer com que todos participem, a educadora nesta

atividade desenvolve na criança a observação, o ato da resposta, consegue fazer uma revisão de tudo aquilo que as crianças já sabem sobre a Cartilha Maternal (vogais, consoantes, valores), fazendo questões dirigidas a cada uma das crianças, questões essas que estão de acordo com o grau de aprendizagem que a criança atingiu.

No seguimento desta ideia, Ruivo (2009) refere:

João de Deus toma como elemento estruturante fundamental a palavra. O seu Método de Leitura, estava baseado na análise da língua feita através de um processo sério e graduado a partir do raciocínio lógico e numa atitude construtivista de descoberta de valores e regras que levam à leitura consciente e significativa. (p.80)

Em relação ao material manipulável, com o qual a educadora lecionou a aula, o Cuisenaire, Caldeira (2009, p.126) caracteriza-o por ser composto por peças “feitas de um material de fácil manipulação e diferentes cores, de forma a estimular a criatividade e a experimentação.” A mesma autora (2009, p.126) refere ainda diversos aspetos que este material desenvolve nas crianças, entre os quais a “noção de par e impar” que a educadora desenvolveu, ao pedir a diversas crianças que lessem a sua escada, ou por cores, ou por valores, trabalhando assim a correspondência da cor ao valor.

Segunda feira, 24 de janeiro

Hoje foi o dia em que lecionei a minha primeira manhã de aula no Bibe Azul.

Iniciei a manhã com Matemática, e trabalhei com as crianças a representação de números com as Calculadoras Papy.

Na área de Conhecimento do Mundo, falei do processo da produção de açúcar, apresentei imagens e vários tipos de açúcar, para as crianças visualizarem. Com a aula de Conhecimento do Mundo a terminar, verifiquei que já não tinha tempo suficiente para confeccionar a pasta de açúcar que tinha idealizado elaborar.

Assim, finalizei a manhã com o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem Estimulação à Escrita. Dinamizei a leitura da palavra “guloso”, que correspondia ao título do poema que de seguida li. Após a leitura, fui para a Cartilha Maternal, dar a lição do /g/ a um grupo de três crianças, enquanto o resto da turma, nos seus lugares, realizava uma proposta de trabalho sobre a lição, que lhes tinha sido explicada: as crianças tinham de copiar uma frase e depois ilustrá-la.

Inferências

Foi a primeira vez que lecionei uma aula com o material manipulável, Calculadoras Papy. Este material, segundo Caldeira (2009, p.345), “consiste numa série de placas ou de painéis, divididos em quatro partes; cada uma das partes tem uma cor diferente (...) e representa um valor numérico.” Pedi às crianças que realizassem a representação do número 10 na calculadora, com ajuda das marcas que distribuí (*cupcakes*). Pois, tal como a mesma autora (2009, p.346), diz que “para assinalar a representação dos números, podem-se utilizar: massas, fichas, figuras geométricas em papel (...)”. Na minha aula utilizei as marcas de *cupcakes*, visto a aula estar a ser desenrolada com o tema, açúcar.

Julgo que não foi benéfico ter iniciado a aula com duas questões que exigiam das crianças um nível de abstração tão grande. Deveria ter solicitado exercícios que apresentassem uma dificuldade crescente ao longo da aula.

Considero que a aula de Conhecimento do Mundo foi bastante positiva, devido ao facto de ter levado muitas imagens alusivas a todo o processo de açúcar e acima de tudo, tê-lo explicado bem. Gostaria e ter tido tempo para a elaboração da pasta de açúcar com as crianças, mas nestes casos as planificações podem e devem ser alteradas, tal como afirma Pérez (s.d.) os planos “estão sujeitos a alterações”. Tendo essa possibilidade, achei que não seria positivo, preencher o tempo da aula referente ao Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, com a realização da pasta de açúcar. Morgado (2004, p.94) cita que é “(...) importante que os estagiários aumentem a sua capacidade de gerirem a realização das suas actividades ou tarefas também em função do tempo.”

Apesar de haver sempre pontos a melhorar, gostei muito de dar esta aula e senti que as crianças, através do seu comportamento e das suas atitudes, estavam interessadas e a gostar da aula.

Terça feira, 25 de janeiro

Foi o dia da manhã de aula, da minha colega Inês que teve como tema, a cortiça.

Começou com a Matemática, trabalhando com as crianças a soma com o material manipulável, os Calculadores Multibásicos. Nas duas operações que realizaram, a Inês contou uma pequena história, para contextualizar a aula no tema fulcral de Conhecimento do Mundo, a cortiça. De seguida, estava planificado mostrar e explicar todo o processo de fabrico da cortiça através de um *Powerpoint*, mas devido a

problemas técnicos não o conseguiu fazer, mostrando apenas objetos feitos desse mesmo material.

Acabou a manhã contando a história do “*Rato que roi*” através de imagens em tamanho A₃. Para dinamizar a cartilha, a Inês levou uma caixa, a imitar uma rolha gigante, lá dentro tinha a palavra que iam ler, “garrafa”. Depois de ter dinamizado a leitura da palavra, foi dar na Cartilha Maternal a lição do /r/. Enquanto estava a lecionar a lição a três crianças, as restantes estavam nas suas carteiras a efetuar a proposta de trabalho que tinha distribuído por cada uma, sobre a mesma lição. A atividade tinha como objetivo ligar as imagens às palavras corretas.

Inferências

Ao iniciar a aula de Conhecimento do Mundo, a Inês deparou-se com problemas técnicos que não permitiram a visualização das imagens que tinha para apresentar. A meu ver, a aula não foi conseguida pois a minha colega não expôs o tema de forma elucidativa, não falando de aspetos importantes tais como: mencionar o nome da árvore que dá a cortiça, mostrar o material tirado diretamente da árvore.

As TIC podem auxiliar e enriquecer as aulas, pois tal como afirma Silveira-Botelho (2009, p.104) as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) “quando eficazmente utilizadas, podem auxiliar a aprendizagem positivamente.”, tornando-se tecnologias educativas. No entanto quando algo que não estamos à espera surge, temos de continuar a dar aula, explicando o melhor que conseguimos sem os apoios que julgávamos ter e tentar que as crianças retirem algo informativo dessa aula. Neste caso, a ausência das TIC tornou a aula fraca em termos de conteúdos.

Relativamente à aula referente ao Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, é relevante mencionar a estratégia escolhida pela Inês, na leitura de uma história. Mata (2008, p.80) considera-a relevante pois “não só apoia a construção de sentido em torno da escrita, como também enriquece a interação da criança com a leitura.”

A mesma autora (2008) refere ainda que:

a leitura de histórias pode, assim, ser muito mais do que o cumprir de uma rotina de uma forma estereotipada e pouco rica. Ela pode ser uma actividade muito agradável, fonte de inúmeras reflexões e partilhas e um elemento central na formação de «pequenos leitores envolvidos» que conseguem aproveitá-la para irem muito mais além do que aquilo que está escrito nas páginas que a registam. (p.80)

Deus (1997, p.93), numa das linhas de força que caracterizam o método João de Deus refere a importância de “nunca ler de cor nem memorizando as palavras lidas.” Na Cartilha Maternal, a Inês ao colocar uma questão a uma criança, esta respondeu-lhe “cantarolando” tal como respondem à educadora, quando fazem a revisão no quadro, de toda a Cartilha Maternal dada até à data, mostrando que realmente memorizam.

Sexta feira, 28 de janeiro

Hoje a minha colega Inês, lecionou a sua aula programada que teve como tema, o azeite.

A Inês iniciou a aula de Matemática, trabalhando a soma, com o material manipulável Cuisenaire.

Na área de Conhecimento do Mundo, falou sobre o ciclo do azeite, mostrando imagens e o seu processo de fabrico; levou azeitonas e azeite para todas as crianças verem, cheirarem e provarem.

Após a aula de Conhecimento do Mundo, a Inês dinamizou a leitura da palavra “oliveira” e terminou a aula dando a lição do /z/ a um grupo de três crianças, depois de ter explicado e distribuído pelas restantes crianças, uma proposta de trabalho sobre a mesma lição. As crianças, nesta atividade tinham uma folha A₄; que tinha escrita a palavra “azeite” com letras grossas, as crianças tinham ainda papelinhos pequenos, com as letras /z/ e /t/ que tinham de colar no interior das respetivas letras.

Quando a aula da Inês terminou, fui assistir à reunião de supervisão, na qual se abordaram as aulas lecionadas.

Inferências

Acerca do material utilizado para a aula de Matemática, Cuisenaire, Caldeira (2009, p.126) afirma que o Cuisenaire é um material “adequado para aquisição progressiva das competências numéricas.” e ainda menciona a sua funcionalidade “para introduzir e praticar as operações aritméticas.”

Nesta aula a Inês conseguiu ajudar as crianças a compreenderem o cálculo concreto antes de terem realizado a abstração do mesmo através da representação da indicação no quadro.

O facto de a minha colega ter mostrado imagens, para explicar o processo de fabrico do azeite, foi positivo, fê-lo de um modo bastante perceptível e com uma linguagem adequada.

Na atividade que a Inês realizou no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, desenvolveu a percepção visual das crianças no ato de ler. Pois, a partir de uma palavra, as crianças tiveram de reconhecer as diferentes letras para as colarem nos lugares corretos. Allende e Condemarin (1987, p.17) referem que nas crianças é fundamental a “habilidade para reconhecer e recordar palavras”, tanto na leitura como na ortografia.

Tal como se realizam as reuniões de supervisão nos dias de aulas surpresas, também estas se realizam no dia de aulas programadas. A supervisão, para Alarcão e Roldão (2008, p.54) tem como finalidade “apoiar e regular o processo formativo.” Os mesmos autores (2008, p.54) referem ainda que a supervisão prepara os formandos para: “a actuação em situações complexas, a exigir adaptabilidade; a observação crítica; a problematização e a pesquisa; o diálogo; a experientiação de diferentes papeis; o relacionamento plural e multifacetado e o autoconhecimento relativo a saberes e práticas.” Como tal, o apoio do supervisor é essencial para adquirir conhecimentos úteis para a prática profissional.

Segunda feira, 31 de janeiro

O dia teve início com as lições de Cartilha Maternal, lecionadas pela educadora, para pequenos grupos de alunos.

A educadora lecionou uma aula utilizando o 3.º e 4.º Dom de Fröebel. As crianças fizeram a construção da camioneta e da ponte baixa. Em ambas as construções a educadora envolveu situações problemáticas para trabalhar o cálculo mental.

Inferências

O método de leitura João de Deus é caracterizado por se iniciar a aprendizagem através da palavra. Ruivo (2006, p.4) refere que “João de Deus não usa frases soltas, preferindo dar ao leitor o instrumento linguístico que é a palavra e levá-lo a usá-la dentro do seu mundo e dos seus interesses” Por isso, em todas as lições dadas na Cartilha Maternal a criança, após aprender a leitura de uma palavra, integra-a numa frase, compreendendo assim o valor da linguagem.

Este Método de Leitura é também caracterizado pelo facto de respeitar o ritmo individual de cada criança, como nos cita Ruivo (2006):

é através do uso de um gráfico de leitura que o educador/professor se apercebe do ritmo de cada aluno. No gráfico, o educador/professor regista diariamente a lição que a criança aprende, para que também ao nível dos trabalhos individuais tenha actividades adequadas à sua capacidade de trabalho e desenvolva as competências necessárias ao prosseguimento das aprendizagens na leitura e em outros domínios. (p.4)

Deus (1997, p.9) refere como aspeto positivo deste método de leitura “o desenvolvimento mental que apresentam as crianças que aprendem, ou aprenderam, pelo Método João de Deus” algo que se comprova facilmente e que tem um reflexo muito positivo na evolução dos estudos dos alunos.

Não posso deixar de referir algo a que não fiquei indiferente. Na aula de Matemática, ao trabalharem com o 3.º e 4.º Dom de Fröebel, a educadora, manteve sempre a mesma postura, sentada em cima de uma mesa, com o ponteiro utilizado na Cartilha Maternal, na mão, a bater na mesa sempre que faziam barulho e a ditar as situações problemáticas às crianças. Não circulou pela sala, mostrando indiferença às dificuldades dos alunos. Durante a aula, uma criança, que por sinal estava logo sentada nas mesas da frente, teve um comportamento menos correto e a educadora, sem se levantar, com o ponteiro na mão, bate na mesa da criança e destrói a sua construção.

Esta atitude da educadora, deixou-me incomodou-me. Deus (1997, p.92) menciona que o ponteiro utilizado na Cartilha Maternal tem como função, regular e dar ritmo à leitura da criança, concentrando a sua atenção. Logo é um instrumento que não deve servir para assustar os alunos.

Terça feira, 1 de fevereiro

Neste dia, a turma realizou as leituras antes de saírem para a visita de estudo. Ajudámos as crianças a ler e a educadora ia chamando um grupo de três crianças para aprenderem mais uma vez uma lição da Cartilha Maternal.

Dirigimo-nos ao autocarro, em rumo ao Museu Gulbenkian. No interior do museu, a turma foi dividida em dois grupos, tendo eu e a Inês ficado com um grupo à nossa responsabilidade, durante a visita guiada à exposição de pintura e o outro grupo com a educadora. Finda a visita, eu e a Inês, tomámos a iniciativa de realizar um jogo de mímica, a fim de brincarmos um pouco com o grupo e esperarmos pelas restantes crianças e pela educadora. Chegado o outro grupo, voltámos para o Jardim-Escola.

Inferências

Os dias em que se realizam visitas de estudo são vividos de forma diferente pelas crianças e que chegam à escola com a excitação natural de quem vai “passear”. Almeida (1998, p.51) menciona que uma visita de estudo é “qualquer deslocação efectuada por alunos ao exterior do recinto escolar, independentemente da distância considerada, com objectivos educativos mais amplos ao do mero convívio entre professores e alunos.”

Em relação à brincadeira realizada com as crianças, durante alguns minutos, estivemos a utilizar bastante os gestos, sendo que as crianças apenas falavam para dar resposta ao que o colega estava a realizar ao utilizar a mímica.

Sousa (2003, p.63) menciona que a mímica “é a representação de alguma história ou acontecimento por gestos, sem se recorrer ao uso da palavra.”

Sexta feira, 4 de fevereiro

A educadora iniciou o dia de aulas com a revisão das lições da Cartilha Maternal.

Para lecionar a aula de Matemática, a educadora introduziu pela primeira vez a divisão, com a ajuda do material manipulável, Calculadores Multibásicos e contextualizando o exercício numa situação problemática.

Inferências

O material manipulável que a educadora utilizou para a aula de Matemática, os Calculadores Multibásicos, segundo Caldeira (2009, p.188) abrange um leque diversificado no que toca ao seu interesse pedagógico, entre os quais estão os conteúdos trabalhados pela educadora na aula de hoje, “operações aritméticas e situações problemáticas.”

Desde que estou neste bibe a estagiar sinto falta de momentos reservados à leitura de histórias, visto que desde que me encontro nesta sala ainda não os ter podido observar. O ato de ler possibilita a promoção da leitura e a emergência do código escrito, como refere Gomes (2000) quando cita que:

(...) a «hora do conto» ocupa um lugar importante, pelo que julgamos fundamental elegê-la como uma das actividades capazes de, pela sua prática continuada, proporcionar o desenvolvimento do prazer de ler, resultante, numa primeira etapa, da simples satisfação do gosto pelas histórias.” (p. 35)

Por esta razão e outras, a leitura de histórias deveria ser uma prática corrente no Jardim-de-Infância. Não esquecendo, que por maior que seja o nível de desenvolvimento destas crianças, estas não deixam de ser crianças de apenas 5 anos.

Segunda feira, 7 de fevereiro

Hoje foi dia da minha aula programada, à qual assistiu uma professora da Equipa de Supervisão Pedagógica. Iniciei a aula referindo uma estratégia de comportamento, para a qual levei um desenho de um rei, que de um lado estava contente e do outro estava triste. Sempre que o comportamento das crianças era menos positivo, o rei, que eu tinha colocado no quadro mudava para a cara triste e assim sucessivamente.

Lecionei em primeiro lugar a aula de Matemática. Utilizei o material manipulável 3.º e 4.º Dons de Fröebel e também material não estruturado (morangos pequenos, feitos em papel e plastificados). A partir da construção, trabalhei situações problemáticas e cálculo mental.

O tema da aula foi “o morango” e na área de Conhecimento do Mundo explorei através de imagens e da planta verdadeira, como nasce, como se torna flor e depois o pseudo fruto.

Para lecionar a aula relativa ao Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, elaborei num cartaz, uma receita de batido de morango e pedi a alguns alunos que a lessem para depois a executarmos. Mas, como o tempo estava a escassar, tive de passar diretamente para a dinamização da Cartilha Maternal sem fazer o batido (Figura 13).

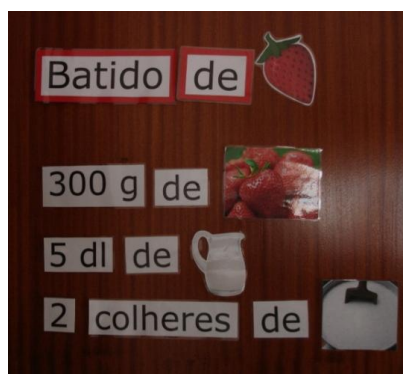


Figura 13 – *Receita do batido de morango*

Dinamizei a leitura da palavra “morango” e posteriormente expliquei e distribui uma proposta de trabalho por todas as crianças. Esta proposta tinha como objetivo circundar a letra /m/ no interior de um morango representado numa folha A₅, e depois

pintar os círculos de preto (que representavam as sementes) e de vermelho a parte carnuda. Enquanto estavam a realizar a atividade, pedi a três crianças para se dirigirem à Cartilha Maternal, para eu lecionar a lição do /m/.

Terminei a aula fazendo, com ajuda das crianças, o batido de morango e dando-o a provar a cada uma das crianças. A professora da equipa de Supervisão Pedagógica já não assistiu a esta parte da aula, tendo abandonado a sala após a lição da Cartilha Maternal.

Antes do dia de estágio terminar, participámos na reunião para se falar das aulas que foram lecionadas hoje.

Inferências

Durante a aula de Matemática com o material manipulável 3.º e 4.º Dom de Fröebel tentei trabalhar conceitos como: sequencias e cálculo mental de modo a desenvolver capacidades e destrezas que são mencionadas por Caldeira (2009, p.244), tais como “distinguir cores, diferenciar formas, desenvolver os sentidos do tacto, visão, audição, lateralidade, equilíbrio, sequenciar, relacionar, desenvolver a memória, orientação espacial e desenvolver a criatividade.” Mendes e Delgado (2008, p.12) refere que atividades que envolvam “observação e manipulação de objectos permite desenvolver capacidades de visualização espacial.”

No domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, utilizei a receita para incentivar a leitura, pois tal como Spodek e Saracho (1998, p.254) afirmam “os professores podem encontrar muitas oportunidades para estimular o aprendizado da linguagem durante o dia na escola.” Os mesmos autores referem o exemplo das receitas poderem apresentar-se em cartolina e conterem imagens no lugar de determinadas palavras para ajudarem as crianças a perceberem melhor a receita. E de facto as imagens ajudaram não só às crianças perceberem melhor, como em termos visuais ficou bastante apelativo.

Ter feito uma má gestão do tempo foi a grande razão para não ter conseguido que a aula tivesse o seguimento que eu tinha planeado. Quando ia iniciar o batido, reparei que não tinha tempo para tudo e por isso tive de iniciar a aula de Conhecimento do Mundo, (acabei por fazê-lo mais tarde, já sem a presença da professora Orientadora da Prática Pedagógica).

Para elucidar as crianças do pseudo fruto que é o morango, levei imagens e uma planta verdadeira que passei por todos para todos verem e falarem sobre a mesma.

Em relação à auto-reflexão que realizámos na reunião julgo que o facto de repensar estratégias, atitudes e formas de lidar com as dificuldades dos alunos é uma maneira

de fazer uma auto-reflexão consciente e tal como afirma Zeichner (1993, p.21) “expondo e examinando as suas teorias práticas, para si próprio e para os seus colegas, o professor tem mais hipóteses de se aperceber das suas falhas.” É através das críticas dadas pelas professoras experientes, que nos confrontamos com os nossos erros e assim progredirmos enquanto docentes, de forma a tornarmo-nos mais ativos e dinâmicos.

As reuniões após as aulas lecionadas, ajudam-nos a perceber em que situações e como podemos melhorar a nossa prestação enquanto futuros profissionais.

Terça feira, 8 de fevereiro

O dia de estágio teve início com as lições de cartilha, dadas pela educadora a pequenos grupos, enquanto eu e a Inês auxiliávamos os restantes alunos que terminavam trabalhos referentes à área do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Após o intervalo, a educadora lecionou uma aula sobre frações.

Numa primeira fase a educadora utilizou o material manipulável Geoplano para iniciar as frações, pedindo às crianças que dividissem o material (com o auxílio de elásticos) em duas partes iguais, em quatro partes iguais e ainda em oito partes iguais. Mais tarde utilizou como material de apoio círculos magnéticos partidos em meios, quartos, oitavos. Colocou-os no quadro à medida que ia explicando e fazendo questões.

Solicitou a participação das crianças, ao pedir que estas fossem ao quadro representar frações, sempre que ela pedia.

Inferências

Os trabalhos escritos, desenvolvidos no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita são importantes para a prática da escrita, pois como Azevedo (2000, p.43) refere, a escrita “é uma técnica que é preciso aprender, pois não é o tipo de conhecimento que se adquire, se guarda e a que se recorra sempre que necessário.” Neste seguimento, Niza (1998, p.86) relata que “a interação entre as crianças, e entre estas e o professor, a propósito da escrita (...), possibilita o diálogo, a troca de impressões clarificadora das ideias, e conduz ao progressivo domínio da estruturação da linguagem escrita.”

Sexta feira, 11 de fevereiro

Neste dia dirigi a segunda manhã de aula que teve início com uma aula de Matemática. Com o material manipulável, Calculadores Multibásicos, trabalhei com a turma, a divisão. Distribui por cada criança alguns bonecos que as ajudaram no raciocínio e contei uma história para cativara atenção da turma.

De seguida, introduzi o tema “água” através de uma adivinha sobre a mesma.

Após a dinamização da leitura da palavra “água”, lecionei a lição do /s/ a três alunos e depois distribui a proposta de trabalho sobre a mesma lição para as restantes crianças. Esta tinha como objetivo, a criança, através de letras móveis formar a palavra “água” e colá-la numa folha A₄, na posição horizontal.

Terminei a manhã de aula com uma experiência sobre as propriedades da água: todas as crianças tinham três copos, dois com água e um com groselha. Solicitei a que as crianças provassem, cheirassem e olhassem para a água, e de seguida colocassem umas gotas de groselha num dos copos com água e voltassem a fazer o mesmo processo, agora com a comparação do copo com água relativamente ao copo com água e groselha.

Cada criança tinha o seu protocolo com as devidas hipóteses. Concluída a experiência preencheram-no de acordo com o que observaram.

Inferências

Nesta aula optei por realizar uma experiência com as crianças, pois, Martins, Veiga, Teixeira, Tenreiro-Vieira, Vieira, Rodrigues, Couceiro e Pereira (2009, p.8) defendem que “em idade pré-escolar as crianças” devem conseguir “construir saberes na área das ciências, que as habilitem a progredir em futuras aprendizagens.”

Os mesmos autores referem ainda a importância das ciências nos primeiros anos e o papel fundamental do Jardim-de-Infância nestas atividades. No Jardim-de-Infância, como referem Eshach (citado por Martins et al. 2009, p.12), as crianças “devem vivenciar situações diversificadas que permitam alimentar a sua curiosidade e o seu interesse pela exploração do mundo que as rodeia”, o Jardim-de-Infância deve também “proporcionar aprendizagens conceptuais, fomentando, simultaneamente, um sentimento de admiração, entusiasmo e interesse pela ciência e pela actividade dos cientistas.” Os mesmos autores (2009, p.13) referem que “o educador deve promover um ambiente em que as crianças possam apreciar a ciência e construir experiências positivas em relação a ela.”

Relativamente à adivinha que contei, fi-lo de modo a desvendar o tema da aula de Conhecimento do Mundo. Segundo Calp et al. (2002, p.71), “nesta fase do seu desenvolvimento, as crianças interessam-se sobretudo por jogos, adivinhas e histórias (...) que apresentam questões interessantes para resolver e que constituem verdadeiros problemas à medida da sua idade.” Também Heindel (citado por Cruz, s.d.), refere potencialidades acerca da utilização das adivinhas:

ajuda a criança a esquecer momentaneamente a sua relação com o mundo que a rodeia, para se imaginar no centro da realidade sugerida pelo texto da adivinha. Desenvolve nestas a disciplina, o raciocínio e aumenta a agilidade mental; desenvolvendo a observação imaginativa, leva ao descobrimento de alternativas e toma o espírito mais sadio e apto para entrar na «antecâmara do conhecimento».

As adivinhas devem ser encaradas como uma brincadeira orientada para o desenvolvimento das capacidades mentais das crianças.

Segunda feira, 14 de fevereiro

Hoje foi dia da segunda manhã de aula lecionada pela minha colega Inês. Na aula abordou o tema dos meios de comunicação. Iniciou a aula, mostrando através de imagens os diversos meios de comunicação que existem e trouxe ainda um telefone antigo para todos terem a oportunidade de o ver. Informou as crianças da existência de meios de comunicação social e meios de comunicação pessoal.

Em Matemática, deu um itinerário com o material manipulável Geoplano e orientou as crianças da partida até à chegada.

Na aula relativa ao Domínio da Linguagem e Abordagem à Escrita a Inês levou uma frase e dinamizou a leitura da mesma. Após a leitura, distribuiu por cada criança um envelope que continha uma folha com o desenho da personagem do carteiro. Nessa mesma folha as crianças copiaram a frase que a Inês tinha escrito no quadro e pintaram o desenho. Quando terminaram a atividade, tiveram de colocar a sua carta num marco de correio que a Inês fez em cartolina.

Enquanto a turma realizava a atividade, a Inês dirigiu-se à Cartilha Maternal, onde lecionou a lição do /c/ a três crianças.

Inferências

Ao iniciar a aula de Matemática, a Inês orientou sempre as crianças de modo a que estas seguissem as suas indicações. Colocando os elásticos coloridos no Geoplano e

sob a orientação da Inês as crianças, finalizaram o itinerário. E de seguida, tal como Matos e Serrazina (1988, p.13) defendem, reproduziram o itinerário “registrando o seu trabalho no papel ponteadado” que reproduz exatamente o espaçamento dos pregos do Geoplano. Também Caldeira (2009, p.410) afirma que este material deve ter como acessórios indispensáveis, “os elásticos coloridos, de tamanhos diferentes, assim como o papel ponteadado.”

Em relação à aula pertencente ao Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita considero positiva a postura da Inês ao movimentar-se pela sala de aula de modo a ajudar as crianças a realizar a atividade proposta.

Terça feira, 15 de fevereiro

O dia teve início com a revisão das lições da Cartilha Maternal, depois seguiu-se a lição na Cartilha Maternal, com pequenos grupos de crianças, enquanto as restantes iam acabando trabalhos que tinham na capa.

A educadora lecionou uma aula com o material manipulável Tangram, sendo que desta vez construíram um quadrado, um retângulo e um paralelogramo. Ao retirarem o material do saco, a educadora colocou algumas questões sobre o mesmo, como por exemplo: “As peças têm todas os mesmos lados?”, “Quantos triângulos existem?”.

Após a construção do paralelogramo, todas as crianças tiveram de passar para uma folha branca, com uma caneta preta, os contornos das peças que o formavam.

Inferências

Em relação ao material manipulável utilizado pela educadora na aula de Matemática, o Tangram, Alsina (2004, p.82) refere ser “um recurso lúdico-manipulável muito útil” e que “a sua utilização no ensino da Matemática é de grande interesse para aprofundar a análise das diferentes formas geométricas, tanto no que se refere às suas propriedades (lados formados por linhas rectas ou curvas, número de lados de cada figura, etc.), como nas relações que se podem estabelecer entre as diferentes figuras (composição e decomposição de figuras, etc.).”

A mesma autora (2004, p.82-83) realça a importância de “ter em conta que, para além das actividades manipulativas, terá todo o interesse fazer a representação das actividades realizadas através de actividades de expressão plástica «...».” Apesar de a educadora ter realizado uma atividade de acordo com a opinião da autora acima referida, a mesma já tinha realizado esta atividade da última vez que utilizou o material Tangram na sala de aula e relativamente a esta situação julgo que a educadora podia

realizar atividades diferenciadas, de modo a pensar no desenvolvimento das capacidades das crianças e na necessidade das estagiárias conhecerem aulas e metodologias diversas.

Sexta feira, 18 de fevereiro

Hoje foi o último dia em que estivemos a estagiar no Bibe Azul A.

A manhã teve início com a educadora a lecionar lições de Cartilha Maternal com grupos de crianças, enquanto as restantes acabavam trabalhos em atraso.

Ao nível da Matemática, a educadora deu uma aula diferente das que já tinha observado. O material utilizado foi a plasticina. Cada aluno tinha uma bola de plasticina, entregue pela a educadora. Com o material, trabalharam diversos conteúdos matemáticos, tais como: formas geométricas, situações problemáticas, frações e números pares e ímpares. Através de questões dirigidas a educadora apelou à participação de muitas crianças e utilizou diversas estratégias para conseguir abordar todos estes conceitos matemáticos, numa só aula.

Inferências

Foi uma aula diferente e dinâmica. Os alunos estavam entusiasmados e interessados, participando sempre que a educadora assim o pedia.

Sendo o último dia em que estive nesta sala não posso deixar de referir que, decididamente, a postura que a educadora manteve com a turma, não faz parte realmente daquilo que quero seguir enquanto profissional docente. Esta utiliza uma postura extremamente fria e distante das crianças

Em relação à postura dos docentes, Jesus (1996, p.13) refere que muitos utilizam o “autoritarismo e a distância como estratégias de modo a criarem e manterem um clima de respeito na sala de aula”. Neste seguimento, Ribeiro e Ribeiro (1990, p.151) mencionam que a “«neutralidade afectiva na relação pedagógica» não é a estratégia mais adequada para evitar o conflito com os alunos.”

Reis (2008, p.61) apoia que “toda a aprendizagem é emocional e que a relação pedagógica, mais do que relação técnica, tem de ser uma relação também ela emocional”. Considero que nesta turma a relação pedagógica existente é muito fraca, a nível emocional.

Considero relevante mencionar a ausência da leitura de histórias que senti durante este momento de estágio. Fazendo uma reflexão das estratégias aplicadas por mim

nas minhas aulas, mudaria o facto de nunca ter realizado uma leitura de histórias para estas crianças.

1.4. 4.ª Secção

Período de estágio: 28 de fevereiro de 2011 a 4 de março de 2011

Faixa etária: 5 anos

Bibe: Azul A

Educadora: Rita Durão

1.4.1. Caracterização da turma.

A turma do Bibe Azul é composta por vinte e oito crianças, quinze do sexo feminino das quais quatro têm 4 anos e onze têm cinco anos e treze do sexo masculino das quais seis têm quatro anos e sete têm 5 anos (em Setembro de 2010). Três destas crianças frequentam pela primeira vez o Jardim-Escola.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica do Jardim-Escola, que fomenta a organização do ambiente educativo de modo a que a criança se relacione consigo própria, com os outros e com o mundo. Pressupõe, igualmente o desenvolvimento de valores e atitudes, favorecendo a formação e a inserção da criança na sociedade como ser autónomo, livre e solidário. O educador estabelece uma relação individualizada com cada criança facilitadora da sua inserção no grupo e da sua relação com as outras crianças. Essa relação implica a criação de um ambiente securizante que cada criança conhece e onde se sente valorizada.

A nível afetivo-emocional a grande maioria das crianças demonstra um temperamento equilibrado, expansivo, extrovertido, comunicativo e alegre. Gostam de receber e de corresponder a trocas afetivas.

De uma forma geral as crianças desta turma demonstram motivação e interesse pelas diversas aprendizagens. São muito participativas, interessadas e colaborativas e alguns alunos possuem grande capacidade imaginativa e criativa.

1.4.2. Caracterização do espaço.

A sala do Bibe Azul A do Jardim-Escola João de Deus da Estrela é um espaço muito movimentado, pois tem passagem para a sala do Bibe Azul B e uma varanda que serve de despensa para arrumação da organização do Jardim-Escola. Devido a

esta última razão, o pessoal não docente entra e sai da sala, para irem à despensa, muitas vezes por dia.

Tirando esta exposição permanente às pessoas que passam, a sala é muito colorida, alegre, com bastante arrumação e decoração animada. A sala contém três estantes para arrumações, um armário e um cavalete que contém a Cartilha Maternal grande. A sala tem ainda uma porta que dá acesso ao recreio e por onde muitas vezes as crianças saem para o mesmo.

1.4.3. Rotina

Como se trata de um Jardim-Escola diferente do qual estagiei durante o ano, faço aqui uma breve descrição do dia a dia do Bibe Azul A do Jardim-Escola João de Deus da Estrela.

As crianças, ao chegarem pela manhã, dirigem-se ao salão onde se realiza o acolhimento matinal, feito por algumas educadoras e professoras. Às 9h, todos os bibes do Jardim-Escola, ou seja, todas as crianças do Pré-Escolar e do 1.º Ciclo formam uma roda, em que o Bibe Amarelo se encontra no centro e o 4.º Ano na extremidade, juntamente com as suas educadoras e professoras. Na roda cantam o Hino da João de Deus e, caso alguém faça anos, vai para o centro da roda e é-lhe cantado os “parabéns a você”.

De seguida, o 1.º Ciclo e o Bibe Azul abandonam a roda para se encaminharem às suas salas de aula, ficando o Bibe Amarelo e Encarnado até às 9h30.

Ao chegar à sala de aula, o Bibe Azul inicia as atividades até às 11h, desenvolvendo uma ou duas áreas do conhecimento, ficando para depois do intervalo, ou seja, às 11h30 a continuação dessas mesmas áreas até às 13h, hora em que se dirigem para o refeitório para almoçar.

De seguida, apresento o quadro com o horário semanal da turma, facultado pela educadora cooperante (Quadro 9).

Quadro 9 – Horário da turma do Bibe Azul A do Jardim-Escola João de Deus da Estrela.

Horário					
Pré-Primária A / Rita Durão	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
09h00 / 09h30	Acolhimento no Salão				
09h30 / 10h00	Cartilha / Escrita	Cartilha / Escrita /	Cartilha / Escrita	Cartilha / Escrita	Cartilha / Escrita
10h00 / 10h30	Cartilha / Escrita	Cartilha / Escrita	Cartilha / Escrita	Cartilha / Escrita	Cartilha / Escrita
10h30 / 11h00	Recreio	Aula de Ginástica	Recreio	Recreio	Recreio
11h00 / 11h30	Conhecimento do Mundo	Recreio	Informática / Biblioteca	Aula de Ginástica	Conhecimento do Mundo
11h30 / 12h00	Dobragens / Fitas	Matemática (material)	Informática / Biblioteca	Conhecimento do Mundo	Aula de Música
12h00 / 13h00	Almoço				
13h00 / 14h30	Recreio				
14h30 / 15h00	Matemática (material)	Matemática (escrita)	Matemática (material)	Desenho / Pintura	Matemática (material)
15h00 / 15h30	Aula de Inglês (horário de 15h20min)	Pintura / Modelagem	Histórias / Línguas- Línguas / Destrua- Línguas	Matemática (escrita)	Dobragens / Fitas
15h30 / 16h00	Aula de Inglês (horário de 16h10min) (escrita)	Desenho de Série	Matemática (escrita)	Desenho de Série	Matemática
16h00 / 16h30	Histórias / Línguas- Línguas / Destrua- Línguas	Dramatização	Matemática (escrita)	Pintura / Modelagem	Assamblea de Grupo
16h30 / 17h00	Lanche / Saída				

1.4.4. Relatos Diários

Segunda feira, 28 de fevereiro

Durante esta semana estiveram também a estagiar nesta sala duas colegas do Mestrado de Educação Pré-Escolar, a Mafalda e a Sofia.

Hoje, durante a manhã, dois pais foram à sala dar uma aula com o respetivo filho/a.

A primeira aula foi dada por um pai e um filho, sobre as aves migratórias, visto o tema principal destas aulas ser “os animais”. Levaram uma cartolina para expor na sala de aula, com diversas características destas aves. A aula seguinte, foi lecionada por outro pai e o seu filho, que falaram sobre o touro e as suas características. Fizeram-se acompanhar também de uma cartolina com a informação registada.

Após estas aulas, a educadora iniciou a leitura com diferentes grupos na Cartilha Maternal, enquanto os alunos que ficavam nas mesas, liam um texto com a nossa ajuda.

Da parte da tarde, realizaram uma ficha sobre o material manipulável Blocos Lógicos, em que cada criança tinha de preencher a tabela dupla entrada de acordo com as cores do material. De seguida e para terminar o dia, a turma teve aula de Inglês com uma professora qualificada para tal.

Inferências

Como terminei há pouco tempo um momento de estágio em que tive também num Bibe Azul, é inevitável não fazer comparações quanto à postura das educadoras. Não é preciso estar muito tempo nesta sala para se verificar que a educadora é uma pessoa prestável, sensível e preocupada.

Acerca da sua relação com as crianças, é de referir a sua dedicação e disponibilidade. Nas lições que ensina na Cartilha Maternal, a educadora por saber que “aprender a ler requer disponibilidade afetiva, atenção e também esforço,” não deixa de dar reforços às crianças sempre que estas obtêm “pequena conquistas.” Ruivo (2009, p.133)

Os Blocos Lógicos utilizados pelas crianças na aula de Matemática têm como função principal, como cita Caldeira (2009, pp.368-369), “dar às crianças a oportunidade de realizarem as primeiras operações lógicas, como sejam a correspondência e a classificação.” A mesma autora (2009, p.368) aponta capacidades e destrezas que este material desenvolve nas crianças, entre elas, na atividade que a educadora desenvolveu, trabalhou o “raciocínio lógico; percepção visual; coordenação motora; atenção e a concentração.”

Em relação à aula de Inglês, esta proporciona às crianças a oportunidade de conhecer outra língua, nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2002) afirmam que:

a multiplicidade de códigos pode ainda referir-se à existência de diferentes línguas, não se excluindo a sensibilização a uma língua estrangeira no pré-escolar, sobretudo se esta tem um sentido para as crianças, contactos com as crianças de outros países por conhecimento directo ou correspondência, e se assume um carácter lúdico e informal. (p.73)

A professora tem uma postura pouco positiva para com as crianças. Passou a aula toda sentada, a falar mal e não lhes dando qualquer tipo de reforço, muito pelo contrário.

Terça feira, 1 de março

A manhã teve início com uma aula dada por uma criança e pelo seu pai. Abordaram as características do porco da Índia. Este era o animal de estimação da criança que o estava a apresentar.

Após a aula, a educadora falou sobre a formiga, tema que seria abordado por uma criança e pelo seu pai ou mãe, mas estes não estavam disponíveis. Assim a

educadora transmitiu toda a informação necessária sobre este animal juntamente com a criança, para que todas as outras o ficassem a conhecer melhor. Depois de acabada a aula sobre a formiga, a educadora lecionou uma aula com o material manipulável Calculadores Multibásicos, na qual trabalhou a operação aritmética - a adição.

Da parte da tarde, as crianças estiveram a terminar trabalhos e a realizar uma proposta de Expressão Plástica, usando a técnica da esponja.

Inferências

Estes dias em que os pais participam nas rotinas escolares dos filhos são dias para os três intervenientes ligados à educação: família, alunos e escola. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2002, p.45), “os pais e outros membros da comunidade podem também participar no projecto educativo do educador. Os pais poderão, eventualmente, participar em situações educativas planeadas pelo educador para o grupo”.

Segundo Bronfenbrenner (citado em Reis, 2008, p.47), refere que “uma criança para se desenvolver necessita de um envolvimento estável de um ou mais adultos, implicando atenção e atividades conjuntas com as crianças”. Considero que este envolvimento entre a escola e família, é bastante importante, uma vez que esta criança (como no informou a educadora) normalmente é bastante tímida e hoje estava mais participativa e à vontade, tendo o pai a seu lado, apresentado o trabalho.

Quarta feira, 2 de março

Hoje foi a Mafalda que esteve “em frente” da turma o dia inteiro. Lecionou aulas para todas as áreas.

Iniciou o dia com a aula de Matemática, utilizando o material manipulável 3.º e 4.º Dons de Fröebel e material não estruturado elaborado por ela. Realizou com as crianças a construção do poço e com ela trabalhou o cálculo mental. De seguida realizaram um jogo que tinha como objetivo a construção de um puzzle.

Para terminar a manhã de aula, a Mafalda contou uma história “*O ciclo do mel*”. Na continuação da sua aula de Estimulação à Leitura, a minha colega projetou no quadro uma lengalenga, onde algumas crianças tiveram oportunidade de ler.

No início da tarde e para fazer a passagem da aula referente ao Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a Mafalda leu com as crianças uma lengalenga, da qual falava sobre o tema da aula de Conhecimento do Mundo – a abelha. Nesta aula, abordou o ciclo de vida da abelha e as suas características.

Durante esta aula, mostrou às crianças um favo de mel e deu a provar um pouco a quem quisesse experimentar.

Depois de acabada a aula de Conhecimento do Mundo, a Mafalda distribuiu por todas as crianças um papel com a forma de um octógono, na qual tinham de fazer um desenho relacionado com o tema das abelhas.

Inferências

Julgo ter sido pertinente a minha colega apresentar juntamente com o 5.º Dom de Fröebel, material não estruturado, para ajudar as crianças a experimentar e a responder corretamente. Castro e Rodrigues (2008, p.29) mencionam que “as competências de cálculo das crianças em idade pré-escolar desenvolvem-se em simultâneo com as suas competências de contagem.” As crianças modelam os problemas recorrendo a materiais concretos.” À medida que a Mafalda ia pedindo uma determinada quantidade, as crianças pegavam no material não estruturado e, um a um, juntavam ou tiravam de maneira a que a representação estivesse correta.

Para lecionar a aula referente ao Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, decidi utilizar a estratégia de uma lengalenga. Com esta estratégia, trabalhou a leitura, pois pediu a alguns deles que lessem partes da lengalenga que estava projetada no quadro, para mais facilmente realizarem a leitura. Em relação à lengalenga, Agüera (2008, p.29) refere que “pelas suas características, pela sua simplicidade, pelo seu ritmo e musicalidade, são uma boa estratégia para as crianças.”

Após a aprendizagem do ciclo de vida da abelha, tiveram a oportunidade de explorar um favo de mel através do tato, do olfato e da visão. À medida que ia passando o favo de mel, a Mafalda esteve sempre atenta às curiosidades questionadas pelas crianças.

Quinta feira, 3 de março

Durante todo o dia de hoje foi a minha colega Sofia que esteve a dar aula à turma do Bibe Azul. Lecionou na área de Conhecimento do Mundo, o tema, a borboleta. Focou os aspetos essenciais, falando da sua metamorfose com a ajuda de um *Powerpoint* e de imagens. De seguida, em Matemática utilizou o material manipulável Geoplano, no qual trabalhou com as crianças a simetria e os itinerários.

Da parte da tarde, no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a Sofia contou a história “O pintor de borboletas” dinamizando-a com sombras chinesas e pediu a participação de toda a turma.

Terminou o dia com a área de Expressão Plástica, em que as crianças usaram as próprias mãos e guaches para desenhar borboletas.

Inferências

A história contada com a técnica das sombras chinesas, correu muito bem. O material teve um efeito muito apelativo, com as luzes da sala apagadas, a turma estava atenta à história que estava a ouvir.

Pereira e Lopes (2007, p.60) afirmam que “as sombras estimulam a fantasia, desenvolvem o conhecimento de um mundo irreal e são a representação desse mundo. São um veículo comunicativo, um meio de animação com potencialidades educativas e uma eficiente forma de contar histórias”.

Na área de Matemática, a Sofia utilizou o material manipulável Geoplano, com ele trabalhou os itinerários e as simetrias, ambos conteúdos referidos em Caldeira (2009, p.412) como sendo do interesse pedagógico do material estruturado. Para uma melhor visualização por parte da turma, a minha colega projetou o Geoplano no quadro e à medida que ia pedindo às crianças para realizarem a atividade, pedia também a uma criança para ir fazer no Geoplano projetado a mesma tarefa, assim todos visualizaram a correção.

Sexta feira, 4 de março

Hoje foi um dia diferente do habitual. Durante todo o dia as crianças festejaram o carnaval, todas elas apareceram na escola mascaradas (Figura 4).



Figura 14 – Crianças do Bibe Azul mascaradas

Logo de manhã tiveram um desfile e antes do almoço assistiram a um pequeno concerto de desenhos animados.

À tarde houve um espetáculo para todas as crianças, terminando assim este dia de carnaval.

Inferências

Uma vez que esta é a última inferência relativa à observação realizada nesta turma quero focar o facto de sentir que esta semana foi muito positiva, pois para além de ter feito muitas aprendizagens fi-lo num ambiente de harmonia.

A postura da educadora deste bibe, faz-me imaginar no que eu quero ser quando tiver a minha própria turma. A sua preocupação com a turma, a sua preocupação com a própria sala, a arrumação, a decoração. A educadora tem o cuidado de etiquetar diversos objetos diários na sala de aula (por exemplo: quadro, porta, canetas, borrachas, etc..) de modo a que a criança esteja em constante contacto com a escrita. Zabalza (1998, p.158) frisa a importância da atitude da educadora ao referir que as etiquetas “funcionam como recurso didático para atividades de pré-escrita, exercícios cognitivos de discriminação (...) e atitude de responsabilidade.”

O gosto da educadora pela decoração da sala, a exposição dos trabalhos das crianças, vai ao encontro do que Debes (citado por Jesen, 2002, p.65) refere, quando menciona que a decoração da sala de aula pode “ajudar os alunos a sentirem-se mais seguros, confortáveis e a acompanharem a aprendizagem.” No seguimento desta ideia, Jesen (2002, p.65) menciona que “para além de afectar o bem-estar” um ambiente rico em estimulação “também alimenta o cérebro.”

O espaço desta sala proporciona às crianças um ambiente atrativo, rico em conteúdos e estética, o que auxilia na execução de atividades educativas.

A educadora mostrou-se bastante simpática e prestável ao dar-nos acesso às diferentes atividades que a turma realizou esta semana e disponibilizando-se para qualquer ajuda que possamos precisar.

1.5. 5.ª Secção

Período de estágio: 14 de março de 2011 a 17 de maio de 2011

Faixa etária: 7 anos

Bibe: Verde (2.º Ano B)

Professora: Alice Neto

1.6.1. Caracterização da turma

A turma do 2.º Ano B do Jardim-Escola João de Deus dos Olivais é composta por vinte e oito crianças, dezassete do sexo feminino e onze do sexo masculino. Todas as crianças têm 7 anos.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica Jardim-Escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

Na turma, existem dois casos de maior dificuldade de aprendizagem, dispondo assim de apoio regular de uma professora de apoio.

1.6.2. Caracterização do espaço

A sala da turma do 2.º Ano B tem duas portas. Uma com acesso ao interior do edifício do Jardim-Escola e outra com acesso ao exterior, onde se desenrolam os recreios. A organização da sala é feita da seguinte forma: as carteiras encontram-se dispostas por filas (viradas para o quadro preto), existem dois placards onde são afixados os trabalhos de algumas crianças. Contém também, a secretária da professora e uma estante onde são guardados os dossiers dos alunos.

1.6.3. Rotina

As rotinas dos alunos do 2.º Ano diferem muito das rotinas das secções anteriormente referidas, visto estes pertencerem ao 1.º Ciclo do Ensino Básico.

No início da manhã e antes de começarem as aulas, os alunos do 1.º Ciclo dirigem-se ao ginásio, onde estão dois professores a vigiar. Dependendo das horas em que chegam ao Jardim-Escola, as crianças fazem jogos e podem brincar enquanto esperam pelo seu/sua professor/a, que chega às 9h para os levar para a sua sala, onde irão trabalhar todo o dia. Ferreira e Santos (1994, p.42) mencionam que estes jogos que promovem a “convivialidade e a coesão do grupo” são “formas agradáveis de receber os alunos.” Os mesmos autores (1994, p.43) referem ainda que “constituem momentos estruturantes das actividades e dos comportamentos dos alunos.”

De seguida, apresentarei uma breve caracterização das atividades curriculares obrigatórias lecionadas no 1.º Ciclo do Ensino Básico (Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio).

Segundo o Programa de Português do Ensino Básico (2009, p.21), “o 1.º ciclo proporciona a muitos alunos o primeiro contacto com um modelo de educação formal, constituindo uma etapa determinante de todo o seu percurso escolar.”

Língua Portuguesa

A língua materna é uma disciplina essencial na organização de um currículo pois a necessidade dos alunos lerem, compreenderem, interpretar e exporem todos os conteúdos lecionados na sua língua faz da Língua Portuguesa uma área base na formação de alunos do 1.º Ciclo. Para além desse aspeto, como refere o Currículo Nacional do Ensino Básico (2001, p.31), “a língua materna é um importante factor de identidade nacional e cultural.”

É também do bom entendimento da Língua Portuguesa que depende o desempenho dos alunos nas restantes áreas do conhecimento e tal como vem referido no Currículo Nacional do Ensino Básico (2001, p.31) “o domínio da Língua Portuguesa é decisivo no desenvolvimento individual, no acesso ao conhecimento, no relacionamento social, no sucesso escolar e profissional e no exercício pleno da cidadania.”

Na área de Língua Portuguesa é fundamental garantir a cada aluno, de cada nível de escolaridade que possam evoluir e exercitar as suas capacidades nas dimensões oral e escrita pois tal como vem mencionado no Currículo Nacional do Ensino Básico (2001, p.32), nesta área curricular é fundamental garantir a cada aluno, de cada nível de escolaridade “o desenvolvimento de competências específicas no domínio do modo oral (compreensão e expressão oral), de modo escrito (leitura e expressão escrita) e do conhecimento explícito da língua.”

Matemática

Como menciona o Currículo Nacional do Ensino Básico (2001, 58) a Matemática deve ser vista como “um contributo, a par e em articulação com os outros, para a promoção das competências gerais do ensino básico.”

De acordo com o Programa de Matemática do Ensino Básico (s.d.):

a disciplina de Matemática no ensino básico deve contribuir para o desenvolvimento pessoal do aluno, deve proporcionar a formação Matemática necessária a outras disciplinas e ao prosseguimento dos estudos — em outras áreas e na própria Matemática — e deve contribuir, também, para sua plena realização na participação e desempenho sociais e na aprendizagem ao longo da vida. (p.3)

Se os alunos se habituarem a vivenciar e resolver situações problemáticas, mesmo que estas sejam apresentadas de forma pouco convencional, mais facilmente lidam com a Matemática e com os conteúdos matemáticos propostos no plano curricular.

Segundo o Currículo Nacional do Ensino Básico (2001, p.58), “a educação Matemática tem o objectivo de ajudar a *desocultar* a Matemática presente nas mais variadas situações, promovendo a formação de cidadãos participativos, críticos e confiantes nos modos como lidam com a Matemática.”

Estudo do Meio

O Estudo do Meio como o próprio nome da área disciplinar indica está ligado ao entendimento e contato com o mundo que nos rodeia e neste sentido estudar o meio implica vivenciar e experienciar situações que permitem aos alunos desenvolver aprendizagens no âmbito das Ciências Naturais que abarcam temas relacionados com o estudo dos seres e sua evolução, assim sendo, de acordo com o Currículo Nacional do Ensino Básico (2001, p.75), “estudar o meio pressupõe, então, a emergência de componentes emocionais, afectivas e práticas de relação com ele, proporcionadas pela vivência de **experiências de aprendizagem** que promovam o desenvolvimento de **competências específicas** no âmbito da área disciplinar de Estudo do Meio que a escola, enquanto espaço para a formalização do conhecimento, deve promover.”

O Estudo do Meio pressupõe o desenvolvimento de capacidades sensoriais, uma vez que a observação e a experimentação são estratégias imprescindíveis à ação de compreender o meio, mas também requer a aplicação de conhecimentos teóricos, neste sentido o Currículo Nacional do Ensino Básico (2001, p.75) explica que esta disciplina “abarca todos os níveis do conhecimento humano: desde a experiência sensorial directa até aos conceitos mais abstractos; desde a comprovação pessoal até ao conhecido através do testemunho, da informação e do ensino de outros.”

De seguida, apresento o quadro com o horário semanal da turma, facultado pela professora da sala (Quadro 10).

Quadro 10 – Horário da turma do 2.º Ano B. (Bibe verde)

2º ANO – Turma B – Prof. Alice					
HORAS	2º	3ª	4ª	5ª	6ª
9h – 10h	LÍNGUA PORTUGUESA	MATEMÁTICA	LÍNGUA PORTUGUESA	MATEMÁTICA	LÍNGUA PORTUGUESA
10h – 11h	LÍNGUA PORTUGUESA	MATEMÁTICA (materiais)	LÍNGUA PORTUGUESA	MATEMÁTICA	LÍNGUA PORTUGUESA
RECREIO					
11h30 – 12h	MATEMÁTICA	LÍNGUA PORTUGUESA	MATEMÁTICA	LÍNGUA PORTUGUESA	MATEMÁTICA
12h – 12h50	ED. FÍSICA	LÍNGUA PORTUGUESA	MATEMÁTICA	ESTUDO DO MEIO	MATEMÁTICA (materiais)
13h – 14h30	ALMOÇO E RECREIO				
14h30 – 15h20	MATEMÁTICA	ESTUDO DO MEIO	ESTUDO ACOMPANHADO	MÚSICA	ESTUDO DO MEIO
15h20 – 16h10	COMPUTAD.	ÁREA DE PROJECTO	ESTUDO DO MEIO	INGLÊS	FORMAÇÃO CÍVICA (15h30-16h10)
16h10 – 17h	ARRUMAÇÃO DE TRABALHOS	BIBLIOTECA	EXP. PLÁST. 15h45 – 17h	ESTUDO DO MEIO	ASSEMBLEIA DE TURMA
SAÍDA					

1.6.4. Relatos Diários

Segunda feira, 14 de março

Hoje foi o primeiro dia de estágio na turma do 2.º Ano B, cuja professora se chama Alice Neto. A partir deste momento, faz também parte do meu grupo de estágio, a minha colega Ana Pessegueiro. Nesta turma, estão também a estagiar nos mesmos dias as nossas colegas do Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico, a Ana Robalo e a Cláudia Cardoso.

Para iniciar o dia, a professora realizou uma avaliação de leitura de números. Enquanto os alunos realizavam a avaliação, a professora passou no quadro exercícios que depois de terminada a avaliação, os alunos teriam de realizar. Estes exercícios estavam relacionados com a exploração de um pictograma sobre a quantidade de iogurtes que tinham sido consumidos numa escola durante uma semana.

Após o intervalo a professora deu início a um ditado. No decorrer deste exercício a professora estava junto a uma criança com dificuldades de aprendizagem para a poder ajudar.

De seguida, na aula de Educação Física, a professora fez avaliação de velocidade e patinagem.

Inferências

O momento de avaliação formativa realizado no âmbito da área da Matemática foi essencial, pois são estas ocasiões que ajudam o professor, através da aplicação de instrumentos de avaliação, ter uma percepção da evolução de cada aluno.

A atividade realizada hoje a que dou mais destaque é o exercício caligráfico, ou seja, o ditado. Pois este momento de escrita envolve diversas competências até então adquiridas pelas crianças, nomeadamente, a pontuação, o reconhecimento de palavras, a aplicação de vocábulos.

Para Brown (citado por Condemarín & Chadwick, 1987) este tipo de exercício:

dá prática aos alunos no manejo da oração; dirige sua atenção para as construções gramaticais; ajuda-os a aprender ortografia, a colocar a pontuação e as maiúsculas adequadamente, e a aumentar seu vocabulário; exercita-os no uso de palavras conhecidas e enriquece-lhes a mente com bons padrões de linguagem. (p.184)

Para os mesmos autores (1987):

o ditado baseia-se na certeza de que uma criança pode adquirir destrezas antes de desenvolver a capacidade de aprofundar ou manter um pensamento sustentado. Adquire a prática de escrever o pensamento de outros quando ainda é demasiado jovem para escrever os próprios...(p.184)

Tenho ainda a referir que a atitude da professora no decorrer deste exercício foi positiva, pois ao ficar perto da criança com dificuldades, esta sentiu-se apoiada e com muito mais confiança realizando-o com maior eficácia.

Terça feira, 15 de março

Durante toda a manhã até à hora do intervalo a professora trabalhou com a turma situações problemáticas com o material manipulável Calculadores Multibásicos. Ditou dois exercícios, um para realizar uma adição e o outro para realizar uma subtração. Em ambos os resultados, a professora explorou o número, fazendo questões do género: “Qual o algarismo de maior valor absoluto?”, “Qual o algarismo de menor valor relativo?”, “Quantas dezenas tem o número?”.

Terminada a aula de Matemática, antes do intervalo, os alunos estiveram a elaborar uma ficha na área de Língua Portuguesa, sobre o poema “Abecedário sem juízo” de Luísa Ducla Soares, na qual tinham de arranjar palavras que rimassem com a palavra inicial de cada frase.

Após o recreio, todos os alunos do 1.º Ciclo foram para o ginásio, pois a escritora Maria Carolina Pereira Rosa esteve presente para falar um pouco com as crianças. Contou-lhes uma história e ainda os ensinou a fazer desenhos a partir de círculos.

Inferências

A atividade que a turma realizou na área de Língua Portuguesa foi muito interessante. Os alunos estavam aplicados e envolvidos na atividade de modo a completarem o seu próprio poema. Este tipo de exercícios desenvolvem na criança a sua criatividade e imaginação, tal como defendem Condemarín e Chadwick (1987, p.159), “a escrita criativa é um dos melhores meios para estimular os processos de pensamento, imaginação e divergência.”

A oportunidade de receber uma escritora na escola, com vista a dialogar com as crianças, é um momento de promoção da leitura. Nesta linha de pensamento, Amor (2006, p.106) refere que “todos os espaços e momentos que possam proporcionar o encontro fácil e estimulante do aluno com o livro são oportunidades de promoção da leitura,” dando como exemplo “encontros e entrevistas com escritores.” Durante o tempo que estiveram na sua presença, as crianças mantiveram-se sempre atentas ao que a escritora dizia e contava.

Sexta feira, 18 de março

O dia de hoje foi de revisões para a prova final de Língua Portuguesa. Os alunos leram um texto, que tinha como tema “O jardim da Tina” e responderam a diversas questões de interpretação que a professora, de forma direta, perguntou. Através do texto, a professora abordou um tema relacionado com a área de Estudo do Meio, as plantas e a sua constituição, fazendo assim interdisciplinaridade com a aula de Língua Portuguesa. No seguimento desta área, foram trabalhados conteúdos relativos ao Complemento Explícito da Língua.

Terminadas as revisões para a prova de Língua Portuguesa, a turma dirigiu-se ao ginásio para assistir a uma peça de teatro. Esta tinha como objetivo sensibilizar os alunos para a importância de uma alimentação saudável.

Inferências

O facto da professora ter mencionado características das plantas enquanto interpretavam o texto de Língua Portuguesa, vai ao encontro da autora Pombo (1994,

p.10) que refere a interdisciplinaridade como sendo “objecto de significativas flutuações: da simples cooperação de disciplinas ao seu intercambio mutuo e integração reciproca ou, ainda, a uma integração capaz de romper a estrutura de cada disciplina e alcançar uma axiomática comum.” A mesma autora (1994, p.19) menciona ainda que este tema é um “fenómeno largamente generalizado cujo sentido deverá ser entendido como uma tentativa de resposta à necessidade actual de reestruturação da instituição escolar face às determinações históricas, civilizacionais e epistemológicas que caracterizam o estado actual dos saberes.”

No momento em que se dirigiram para o ginásio, a fim de assistirem a uma peça de teatro, os alunos iam entusiasmados e muito curiosos.

Sousa (2003) faz referência ao teatro na escola, quando menciona que:

são espectáculos realizados por adultos (...), que no mesmo espaço de uma sala de teatro, com a sua plateia, palco e todo o seu equipamento - ou num espaço semelhante cedido pela escola -, põem em cena, com todo o seu veemente poder cénico, peças de teatro destinadas a proporcionar situações educacionais específicas aos diferentes escalões etários de um publico infantil.(p.82)

A peça tinha como objetivo sensibilizar a uma prática saudável na alimentação de cada um. A música foi uma expressão utilizada por parte dos atores para transmitirem essa mensagem e assim as crianças desenvolveram a sua capacidade fonológica, pois através da audição puderam ouvir não só formas saudáveis na alimentação, mas também adquiriram novos vocábulos.

Segunda feira, 21 de março

Hoje decorreu no museu da Escola Superior de Educação João de Deus, a reunião relativa ao 3.º momento de estágio. Estiveram presentes algumas professoras da Equipa de Supervisão Pedagógica e como já é hábito, foram lidas e entregues as avaliações de todos os alunos dos Mestrados existentes.

Inferências

A Prática Pedagógica é um dos momentos mais marcantes nesta minha formação enquanto futura educadora e professora, por isso, não posso deixar de a referir.

Peterson (2003, p.67) caracteriza-a por ser “uma actividade planificada, sistematizada, faseada e consciente que o aluno realiza sob a orientação do professor formador com vista à «aquisição de hábitos, habilidades e competências» conducentes ao exercício docente.” Refere ainda que a Prática Pedagógica é “um

meio eficaz que conduz o aluno ao saber, ao saber fazer e ao saber ser do futuro profissional.”

Assim, estes momentos são bastante importantes, pois possibilitam-nos a absorção de inúmeras estratégias, bem como novas formas de aplicar/estar num dia a dia em contacto com as crianças.

Terça feira, 22 de março

A manhã de aula referente ao dia de hoje foi lecionada pela minha colega Cláudia.

Até à hora do intervalo lecionou a área de Língua Portuguesa e Estudo do Meio. Na primeira área lecionada, fez a leitura modelo do texto “O planeta branco” e fez a interpretação do mesmo, colocando questões dirigidas. Quanto ao Conhecimento Explícito da Língua introduziu o conteúdo da área vocabular das palavras com exemplos e proposta de trabalho para elaborarem.

Na área seguinte, Estudo do Meio, a minha colega abordou, através de um *Powerpoint* o tema do Sistema Solar, e referiu algumas informações pertinentes, entre elas a definição de Via láctea, Satélites, Planetas e Sol.

Terminou a manhã de aulas com a área de Matemática, na qual trabalhou os gráficos, explicando o modo como estes podem ser interpretados.

A professora no final das aulas distribuiu pelos alunos uma avaliação da tabuada aproveitando o momento para apresentar o *feedback* à minha colega.

Inferências

Após terminar a aula da minha colega, a professora titular de turma deu o *feedback* da manhã de aulas, de maneira a que a Cláudia pudesse perceber o que correu bem e o que poderia ter corrido melhor.

Para Fernandes (2005, p.83), é de extrema importância que os estagiários, ao longo da sua formação consigam “aprender, interpretar e relacionar com as qualidades que desenvolvam” e utilizá-las para melhorar as suas aprendizagens.

Muitas vezes terminamos as aulas e não sabemos bem se foram conseguidas e porquê. Nestes momentos é importante e muito positivo ouvir o que a professora cooperante tem a dizer. As críticas que nos são apontadas servem para melhorarmos o que foi negativo e mantermos o que foi positivo.

Sexta feira, 25 de março

No dia de estágio de hoje, foi realizada a prova final de Estudo do Meio. À medida que os alunos iam terminando, a professora recebia as provas e estes terminavam os trabalhos que tinham em atraso, dentro da sua capa.

Após o intervalo, a turma realizou uma composição que tinha como tema – Uma aventura mágica.

Inferências

As provas de finais estão contidas na avaliação sumativa. Esta, como refere Hadji (citado por Ferreira, 2007, p.30), “realiza-se no final do processo de ensino-aprendizagem” e “consiste no balanço das aprendizagens dos alunos depois de uma ou várias sequências de ensino-aprendizagem.”

Para Cortesão, Leite e Fernandes (citados por Ferreira, 2007), este tipo de avaliação:

mede resultados de aprendizagem que se revelam publicamente pela atribuição de notas, mas também por certas expressões qualitativas utilizadas pelo professor, no final de um trabalho ou de um período de ensino-aprendizagem, visando comunicar aos alunos e aos pais os resultados conseguidos. (p.31)

Este momento de avaliação é deveras importante para ambos, ou seja, professor e aluno, pois esta prova ajuda-os a ter uma maior perceção dos conhecimentos adquiridos até ao momento de forma a perceber qual o nível de aprendizagem em que cada aluno se encontra.

Segunda feira, 28 de março

No início da manhã de hoje, a área lecionada foi a Matemática. A professora distribuiu por cada aluno, uma caixa com o material manipulável 5.º Dom de Fröebel. Depois de ter questionado alguns alunos acerca do material estruturado, pediu que estes abrissem a caixa e construíssem o poço, estando sempre a movimentar-se na sala, caso algum aluno tivesse dificuldade na construção. Para trabalhar o poço, a professora incluiu-a numa situação problemática à qual os alunos tiveram de descobrir a sua resposta.

Depois do recreio, tiveram mais uma vez, avaliação de leitura de números e à medida que iam acabando iam também terminando os trabalhos que tinham em atraso na capa.

Inferências

A aplicação de exercícios de cálculo mental faz com que o aluno desenvolva a memória e a concentração sem restrições e de uma forma individual com o objetivo de alcançar uma resposta correta. Taton (citado por Carvalho, 2011, p.2) realça que o cálculo mental “desenvolve nas crianças qualidades de ordem, de lógica, de reflexão e de memória contribuindo para a sua formação intelectual e fornecendo-lhes ferramentas para efectuarem cálculos simples sem recurso a ajuda escrita e, deste modo, preparando-as para o dia-a-dia.”

O mesmo autor (citado por Carvalho, 2011, p.2) refere que “a criança trabalha simultaneamente a memória e a concentração, desenvolvendo a memória dos números.”

Durante a realização da atividade a professora deslocou-se pela sala, com o objetivo de verificar se algum aluno necessitava de algum apoio, guiando-o no seu pensamento se necessário. Rebelo e Atalaia (2000, p.21) fazem referência a esse tipo de atitudes por parte dos professores referindo ser “indispensável que o mestre se dirija pessoalmente, individualmente, a cada criança. Sem esta atitude não haverá troca de diálogo, pedidos de explicação” que permitirá a criança progredir na sua evolução.

À medida que os alunos iam tendo dificuldades, a professora estava ao seu lado para ajudar a superar as suas dúvidas e anseios.

Terça feira, 29 de março

A manhã inteira de aula, foi lecionada pela minha colega Ana Robalo.

Iniciou a manhã com a área de Língua Portuguesa, realizou a leitura modelo do texto “A tia astrónoma”. Após a leitura e a interpretação do texto, introduziu um novo conceito referente ao Complemento Explícito da Língua: os pronomes pessoais. Depois de explicados, as crianças aplicaram-nos numa ficha formativa. Na área de Estudo do Meio abordou o Movimento de Rotação da Terra.

Para terminar a manhã de aula, na área da Matemática, introduziu a noção de perímetro, para tal, utilizou o material manipulável Geoplano.

Inferências

A ficha formativa que a minha colega entregou a cada aluno foi com o intuito de constatar de que modo foram adquiridos os conceitos lecionados na sua aula. Para Cortesão (1993, p.12) a avaliação formativa é “um conjunto de práticas variadas que se integram no processo de ensino/aprendizagem e que procuram contribuir para que os alunos se apropriem melhor das aprendizagens curricularmente estabelecidas, como importantes.” Para Ferreira e Santos (1994, p.63) este tipo de avaliação “constitui um instrumento de autoconhecimento para o aluno: o estudante pode compreender melhor o seu estilo cognitivo, os conteúdos que adquiriu e os que precisa de adquirir, a sua maneira típica de reagir às situações de facilidade/dificuldade, sucesso/fracasso, o seu relacionamento interpessoal, reação à aprovação/desaprovação do professor ou colegas.” Os mesmos autores (1994, p.63) referem ainda que a avaliação formativa “permite ao aluno ir tomando conta das suas aprendizagens.”

A aplicação de uma ficha formativa serve para a regulação do processo de ensino-aprendizagem, mas serviu principalmente para a minha colega, sendo esta a sua primeira aula neste bibe, poder ter uma maior perceção das capacidades e dificuldades de cada aluno, como por exemplo a escrita.

Sexta feira, 1 de abril

A manhã de aulas de hoje esteve a cargo da minha colega Cláudia. Antes mesmo de iniciar a aula, as minhas outras colegas e eu fomos para uma sala do 4.º Ano, onde ia começar uma aula programa de um colega nosso. A sua aula tinha como tema, o petróleo. A primeira área a ser dada foi o Estudo do Meio, na qual abordou as características e a composição química e física do petróleo. À medida que o meu colega ia informando os alunos, estes preenchiam um folheto lacunar.

Antes de vermos o nosso colega a lecionar outra área, uma professora da Equipa de Supervisão Pedagógica entrou na sala e, silenciosamente, pediu que nos dirigíssemos para a nossa sala, pois a Ana iria dar uma aula surpresa. A professora solicitou à minha colega que lecionasse uma aula sobre a amplitude dos ângulos utilizando o transferidor.

Para iniciar aula, a Ana distribuiu pelos alunos folhas quadriculadas e pediu que cada uma tirasse do estojo o seu transferidor. No quadro, utilizando um transferidor próprio, desenhou um ângulo reto, ou seja, um ângulo com 90º, para começar a falar sobre a existência de diferentes ângulos, passando depois a desenhar um menor que

90° e depois um maior do que 90°. Inicialmente utilizou de forma errada o transferidor, medindo por isso incorretamente a amplitude dos ângulos abordados. Quando se apercebeu, colocou-o da forma correta.

Estando a aula quase a terminar, a Ana pediu a dois alunos que se dirigissem ao quadro e que desenhassem um ângulo agudo e um ângulo obtuso, respetivamente.

De seguida, realizou-se uma reunião para se debater as aulas dadas.

Inferências

A aula surpresa da minha colega foi a primeira a ser pedida desde que iniciámos o estágio no 1.º Ciclo.

Como diz a expressão “aula surpresa” é mesmo uma surpresa, e Moreira (2003, p.52) define-a, como sendo um “alertar os outros para a forma como o indivíduo está a lidar com o que aconteceu.” O mesmo autor escreve ainda que a principal função da “surpresa” é “centrar o indivíduo num determinado estímulo. No fundo, é colocar o indivíduo em contacto com determinado estímulo/situação/pessoa/acontecimento.”

Durante estes momentos, das aulas surpresa, por vezes existe algum nervosismo, neste sentido, Moreira (2003) refere que:

na experiência da surpresa regista-se uma descontinuidade entre a experiência emocional que se estava a ter, no estado de activação dos vários sistemas (fisiológico, motor, cognitivo, emocional, volitivo), antes de acontecer a situação ou a exposição ao estímulo, e a activação dos vários sistemas (fisiológico, motor, cognitivo, emocional, volitivo) que essa situação ou estímulo provoca.(p.52)

As aulas surpresa têm como objetivo preparar-nos para eventuais situações inesperadas. Estes momentos ajudam-nos através da vivência/experiência desenvolver várias capacidades, nomeadamente a criação de um raciocínio mais rápido, o controlo dos nossos receios, bem como, a existência de estratégias lúdicas.

Segunda feira, 4 de abril

Devido ao facto da minha colega Ana ter dado aula surpresa na sexta feira, e ter ocupado algum tempo da aula da Cláudia, fez com que esta, hoje, tivesse de ter continuado a lecionar a aula. Mas, mais uma vez, não vi a sua aula, pois uma colega minha do mesmo Mestrado (que está a estagiar noutra sala) ia dar uma aula programada e decidi ir assistir.

Nesta aula foram abordados a nível do Conhecimento Explícito da Língua, o grupo nominal e verbal, na qual a minha colega à medida que ia explicando ia montando um

esquema no quadro. Para a área de Estudo do Meio, apresentou um placard com os continentes representados. O material manipulável 5.º Dom de Fröebel, foi o material utilizado na área de Matemática, e o conteúdo trabalhado foi frações.

Inferências

A minha colega, na aula da área de Estudo do Meio, ao utilizar o placard, ajudou na visualização e compreensão dos alunos. Afirmando isso mesmo, Proença (1990, p.109) menciona que “o cartaz é um dos meios mais utilizados nos nossos dias, pela facilidade com que atrai e prende o olhar do espectador.”

A minha colega ao abordar os continentes e os oceanos fez também a sua respetiva legenda com palavras móveis, de fácil leitura para todos.

Terça feira, 5 de abril

Hoje a manhã de aula esteve a cargo da minha colega Ana Robalo, mas nem passado 10 minutos de ter iniciado foi interrompida por uma professora do Jardim-Escola que pedia a presença de todos os alunos no ginásio, para um workshop de leitura. Este workshop consistiu na observação de uma dramatização de um texto de Luísa Ducla Soares. Posteriormente as crianças foram divididas em grupos onde após escolherem o momento da história que mais gostaram, tiveram como atividade a realização da ilustração desse momento.

Depois deste terminar e depois do intervalo, a Ana Robalo deu continuação à sua aula de Língua Portuguesa e Estudo do Meio. Apenas lecionou estas duas áreas, devido à falta de tempo para a área da Matemática. Esta ficou planeada para outro dia.

A Ana Robalo interligou as duas áreas lecionadas, começando por fazer a leitura modelo de um texto e de seguida, solicitando as crianças para lerem. Depois da leitura realizou perguntas de interpretação do texto. Sendo o texto, um email, a minha colega aproveitou e introduziu para as crianças, o tema da sua aula de Estudo do Meio - os meios de comunicação. Com o auxílio de um *Powerpoint*, a turma visualizou imagens de meios de comunicação e abordou a existência de meios de comunicação pessoal e social, explicando as suas diferenças.

Após esta introdução, a Ana Robalo voltou ao texto, onde colocou questões referentes ao Conhecimento Explícito da Língua e introduziu um conceito novo para a turma, o grupo nominal e o grupo verbal. Para consolidar a matéria dada, realizou um ditado de frases, com o objetivo de que os alunos identificassem o grupo nominal e o grupo verbal de cada uma.

Inferências

Enquanto a minha colega lecionava a aula, surpreendentemente, a turma foi chamada para assistir a um workshop. A professora pediu-nos desculpa e referiu que há dias atrás, foi mandado para casa um aviso para os pais da existência do workshop. Como foi enviado num dia em que não estávamos presentes, não sabíamos.

Foi uma situação desagradável que facilmente podia ter sido prevenida, uma vez que somos estagiárias e que frequentamos a escola três vezes por semana podia-nos ter sido comunicado o acontecimento do workshop, tal como defende Reis (2008, p.112), cabe às escolas “promover uma comunicação eficaz com os seus encarregados de educação, alunos, docentes e não docentes e todos os outros agentes educativos.” A mesma autora (2008, p.112) menciona ainda que as escolas “devem informar os pais e alunos acerca dos seus projectos, actividades e ofertas, despertando o seu interesse e participação activa.”

Assim, com a autorização dos encarregados de educação, todos os alunos da turma, foram para o ginásio, onde decorreu o workshop de leitura.

Os grupos foram constituídos por alunos de diferentes faixas etárias (2.º/ 3.º/ 4.º Ano). Na elaboração desta atividade foi possível observar a cooperação entre estas de forma a demonstrar que apesar da diferença etária, a realização do solicitado foi realizado com sucesso.

Sexta feira, 8 de abril

Hoje a minha colega Ana Robalo iniciou a manhã com a aula de Matemática, que teve de adiar por causa do workshop de leitura que a turma assistiu no passado dia 5 de abril. Mas, após iniciar a aula foi mais uma vez interrompida. Desta vez foi por uma professora da Equipa de Supervisão Pedagógica, que ao entrar solicitou que a Ana Robalo continuasse em “frente da turma” e desse uma aula referente à área de Língua Portuguesa. Foi-lhe dado um texto e a partir desse texto, a Ana Robalo teve de introduzir os graus dos adjetivos. À medida que ia transmitindo os conteúdos pedidos ia registando no quadro as ideias fulcrais da temática.

Após a aula surpresa da Ana Robalo, foi pedida outra aula surpresa, mas agora, na área da Matemática lecionada pela minha colega Cláudia. O conteúdo a abordar foi a subtração com empréstimo e o jogo dos fora através do material manipulável Calculadores Multibásicos.

Terminadas as aulas pedidas, seguiu-se a reunião, para refletir sobre as mesmas.

Inferências

A Ana Robalo, na sua aula, ao registar no quadro as ideias essenciais, deveria de o ter organizado de maneira mais sintetizada visto os conteúdos abordados serem matéria nova de forma a que os mesmos pudessem ficar mais facilmente interiorizados no pensamento dos alunos.

Em relação à operação realizada pela minha colega, a subtração com empréstimo, Palhares (citado por Caldeira 2009, p.216), relata que esta é a “operação inversa da adição, já que na adição são dadas as parcelas e pretende-se conhecer a soma, enquanto que na subtração é conhecida a soma e uma das parcelas e pretendemos conhecer a outra parcela.” Foi realizada ainda a prova dos “nove” fora da subtração. Prova dos “nove” fora, pois no início frisou às crianças que iriam jogar na base dez. Caldeira (2009, p.220) refere o processo deste jogo: “ tirar um grupo de 9 elementos da 1.^a placa e fazer o mesmo, juntando a 2.^a placa com a placa do resultado.”

Semana de 11 de abril a 15 de abril

Esta semana coincidiu com a semana de férias letivas das crianças. Os dias de estágio foram dedicados a jogos e atividades para as crianças, realizados e orientados por todos nós, estagiários.

Segunda feira, 2 de maio

Como os momentos de avaliação das minhas colegas do Mestrado de Ensino do 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico não coincidem com os nossos, a partir de hoje já não estão as mesmas colegas a estagiar nesta sala, mas sim a Cláudia Canastra e a Joana Martins.

Durante a manhã, a professora lecionou uma aula na área da Matemática com o uso do material manipulável Calculadores Multibásicos. Através de situações problemáticas, a turma trabalhou operações de adição e subtração, bem como, a prova dos nove da adição.

Após o intervalo realizaram um ditado.

Inferências

Foi com agrado que assisti à aula lecionada pela professora na qual utilizou o material manipulável Calculadores Multibásicos, através da observação apercebi-me

que a turma está habituada a trabalhar com o material e que a professora demonstra estar à vontade para o trabalhar. Segundo Vale (citado por Almiro, 2004):

o uso de materiais manipuláveis é um desafio para o professor, pois acrescenta muito mais actividade e barulho às aulas e requer mais espaço e organização. É essencial que os professores aprofundem o seu contacto com os vários materiais, pois só adquirindo um grande à vontade no seu manuseamento é que poderão escolhê-los e utilizá-los adequadamente com os seus alunos na sala de aula. (p.7)

Nunca tinha observado uma aula, com o material Calculadores Multibásicos, onde tivessem trabalhado o jogo dos “nove fora” da adição. Neste seguimento, Caldeira (2009, p.212) afirma, que o jogo dos fora estará correto quando “a quantidade de peças que ficar na 1ª e 2ª placas, for a mesma da placa do resultado.”

Ao trabalhar as diferentes operações aritméticas e as suas respetivas provas dos nove fora, a professora vai ao encontro do que a mesma autora (2009, p.188) acima referida, indica no interesse pedagógico deste material.

Terça feira, 3 de maio

A manhã de aula esteve a cargo da minha colega Ana. Na aula relativa à área de Língua Portuguesa, fez a leitura modelo do texto “Na terra dos pinguins” e realizou a análise textual do mesmo. Introduziu para a turma, no âmbito do Conhecimento Explícito da Língua o tempo presente do modo indicativo dos verbos das três conjugações. Após o intervalo, para lecionar a área de Estudo do Meio, a Ana colocou um filme sobre a vida do Pinguim Imperador. Este filme, abordava características deste animal, tais como: o habitat, a reprodução, a alimentação, bem como algumas curiosidades. Depois do visionamento do filme, a informação foi consolidada a partir de um *Powerpoint*.

Para terminar a manhã de aula, na área de Matemática, utilizou o material manipulável Calculadores Multibásicos, de forma a trabalhar o gráfico de barras. Neste exercício a Ana utilizou duas formas diferentes de construir um gráfico com o material, a primeira vez ditou quantidades e os alunos colocaram as peças no devido lugar e a segunda vez já dificultou um pouco o mecanismo, ditando apenas o número de peças para assim os alunos identificarem a relação quantidade – número. Em ambos os exercícios uma peça correspondia a uma determinada quantidade.

Inferências

Relativamente ao filme visualizado em sala de aula, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2002, p.72) relatam que “os registos audiovisuais são meios de expressão individual e colectiva e também meios de transmissão do saber e da cultura que a criança vê como lúdicos e aceita com prazer.” O objetivo da Ana ao utilizar esta estratégia era que os alunos conseguissem observar de uma forma mais autêntica, através de imagens reais e explícitas o Pinguim Imperador. Segundo Cardona e Marques (2008, p.113), “o recurso às TIC deve (...) acontecer quando o professor ou o educador, julga que estas têm vantagem no alcance dos objectivos e das competências a desenvolver sobre os materiais, ou como recurso de complemento e alternativa a outros materiais e não porque empiricamente achamos que motivam mais os alunos ou os deixam mais calmos.” Os mesmos autores (2008, p.114) salientam que as TIC “podem ser um excelente e potente recurso no ensino e na aprendizagem em todos os níveis de ensino.”

De facto, o filme a que a minha colega Ana passou na sala de aula, sobre o Pinguim Imperador, veio aprofundar melhor todos os conhecimentos que foram transmitidos durante a aula de Estudo do Meio.

Sexta feira, 6 de maio

O dia de hoje foi destinado às provas de aferição de Língua Portuguesa do 4.º Ano. Devido a este acontecimento, a professora Alice foi destacada para vigiar uma das provas e por essa razão esteve ausente da sala de aula durante toda a manhã. Antes de se ausentar da sala, a professora pediu que nós, estagiárias, fizéssemos com os alunos, a leitura do texto “As patas do elefante”, fazendo também a sua interpretação e análise relativa ao Conhecimento Explícito da Língua. Depois de terminarem a interpretação e análise do texto, uma das minhas colegas realizou com a turma o ditado do mesmo.

Após o intervalo, continuámos com a turma e uma das minhas colegas efetuou alguns exercícios de leitura de números, utilizando o material manipulável Calculadores Multibásicos.

Inferências

Relativamente às provas de aferição realizadas hoje pelos alunos do 4.º Ano, o Ministério de Educação (2012) refere que estas “visam recolher informação relevante

sobre os desempenhos dos alunos, em particular no que se refere ao grau de desenvolvimento e de consolidação da aprendizagem.”

O Ministério de Educação (2012) refere ainda que estas:

pelo carácter universal da sua aplicação e pela natureza da informação que os seus resultados proporcionam, constituem ainda um instrumento de diagnóstico, disponibilizado às escolas e aos professores, que permite uma reflexão coletiva e individual sobre a adequação das práticas letivas às finalidades e aos objetivos educacionais propostos no currículo.

A realização das provas de aferição são obrigatórias no 4.º Ano do Ensino Básico, e são impostas regras para a sua realização como por exemplo a ausência da professora tutora dessa turma por isso tem de ser substituída por outra da escola.

Segunda feira, 9 de maio

A manhã de aulas do dia de hoje esteve a meu cargo.

A primeira aula foi relativa à área de Língua Portuguesa, na qual fiz a leitura e interpretação texto “O aniversário da abelha rainha”. De seguida, introduzi para a turma, no âmbito do Conhecimento Explícito da Língua as funções sintáticas de sujeito e predicado. Seguido da explicação, a turma realizou uma atividade, com palavras soltas, onde tiveram de formar frases e de seguida identificar os elementos hoje aprendidos. No final da aula distribuí por cada aluno uma ficha informativa com o conteúdo lecionado.

Comecei a aula da área de Estudo do Meio com um pequeno diálogo com as crianças sobre as características dos animais pertencentes à classe dos Insetos. Após referidas todas as características, abordei especificamente características sobre a abelha.

Após o intervalo, continuei na área de Estudo do Meio, na qual apresentei um *Powerpoint* com imagens alusivas ao desenvolvimento e ao ciclo de vida da abelha. Antes de dar por finalizada a aula, efetuei com os alunos um jogo que tinha como objetivo, identificar entre dois animais, qual o que pertencia à classe dos Insetos.

Depois de terminada a minha aula de Estudo do Meio, a turma dirigiu-se para o ginásio a fim de terem ginástica.

Na parte da tarde, dei início à minha aula de Matemática. O objetivo era trabalhar situações problemáticas, utilizando o material não estruturado (por mim realizado): abelhas, bem como, material manipulável 5.º Dom de Fröebel, com o qual realizei com a turma a construção das colmeias.

Inferências

Na aula de Língua Portuguesa, dirigi todas as perguntas de interpretação, salientando que sempre que alguma criança tivesse uma dúvida, colocasse o dedo no ar. Durante a análise textual, uma aluna perguntou o que eram “giestas” e “rosmaninho” (palavras existentes no texto). Para elucidar a aluna, mostrei através de imagens as plantas questionadas, uma vez que não consegui levar as plantas verdadeiras. Tiba (2005, p.129) menciona a importância do professor preparar previamente as suas aulas, relatando que “o cuidado do professor ao preparar as suas aulas deveria ser o equivalente ao de um bom cozinheiro quando se esmera na confecção das suas iguarias.”

Neste episódio, mostrei uma antecipação às dúvidas dos alunos e preparação para as mesmas.

Na aula da área de Estudo do Meio, coloquei algumas questões aos alunos, de modo a desenvolver o seu raciocínio, como por exemplo: “Quantas patas tem um inseto? Se as agruparmos por pares, quantos pares de patas são?”

Tal como combinado com a professora, a minha aula de Matemática realizou-se da parte da tarde, visto que a turma de manhã tem ginástica e somos muitas estagiárias para darem manhãs de aulas.

A utilização de materiais manipuláveis na área da Matemática é bastante benéfica para a aprendizagem de variados conceitos matemáticos, possibilitando à criança através da sua manipulação descobrir qual a resposta correta.

Em relação aos alunos, segundo Cardona e Marques (2008, p.66), “o educador/professor tem de lhes apresentar muitas situações problemáticas, não lhes dar a resposta de imediato e deixá-las encontrar o caminho para a resposta.” Os mesmos autores (2008, p.66) citam ainda que “as crianças têm é de manipular muitos materiais, de verbalizar o que fizeram e o que descobriram.”

Esse foi o meu objetivo nesta aula, perceber o raciocínio de cada um dos alunos e eles próprios perceberem que por vezes existem diferentes maneiras de chegar a um resultado.

Terça feira, 10 maio

A manhã de hoje, foi lecionada pela minha colega Ana, na qual abordou na área de Língua Portuguesa a leitura e interpretação de um poema. Após a leitura lecionou os adjetivos, mais propriamente, os Graus dos Adjetivos, o grau comparativo de inferioridade, igualdade e superioridade. Numa primeira abordagem, a Ana retirou do

texto dois versos com os quais elucidou os alunos para a temática a lecionar. Depois, escolheu o adjetivo e pediu a participação de crianças para exemplificarem e aprendizagem ser mais ativa.

Após o intervalo, a Ana iniciou a área de Estudo do Meio dialogando com as crianças sobre a importância e constituição das plantas, através de imagens projetadas. Na sua aula, abordou o tema das plantas, especificamente, plantas comestíveis e plantas não comestíveis. Para consolidar a matéria, realizou uma atividade com a turma. Esta, tinha como objetivo cada criança, com o material que tinha disponível (um envelope com imagens de plantas comestíveis e não comestíveis e um pequeno livro com folhas brancas) separar as diferentes plantas.

Para finalizar a manhã de aula, na área da Matemática, ensinou a realização da prova dos nove da multiplicação e para consolidar a matéria efetuaram exercícios.

Inferências

Relativamente à estratégia escolhida pela minha colega, Organização Curricular e Programas – 1.º Ciclo (2004, p.23), sistematiza que as aprendizagens ativas “pressupõem que os alunos tenham a oportunidade de viver situações estimulantes de trabalho escolar.” Deste modo, a Ana ao solicitar a participação de alguns alunos para a explicação da temática, dos graus dos adjetivos tornou a aprendizagem ativa e estimulante, pois através do exemplo as crianças puderam adquirir o conhecimento.

Sexta feira, 13 maio

Hoje foi dia da Inês dar a sua manhã de aula. Como tema de Estudo do Meio tinha “as vacinas”. Abordou-o através de um *Powerpoint* de modo a que os alunos entendessem o que é uma vacina, para que serve, os locais onde podem ser vacinados. Entregou um folheto informativo para que não ficassem dúvidas do tema da aula.

Na área de Língua Portuguesa, ao nível do Complemento Explícito da Língua lecionou a temática da frase simples e frase composta.

Para finalizar, na área da Matemática, com ajuda de um placard com a representação da planta da sala de aula, os alunos aprenderam através da visualização real e em papel, a fazer a sua identificação/legenda a interpretá-la, neste caso, a planta da sua própria sala de aula.

Inferências

Consoante o regulamento do Estágio Profissional, a data do o último dia do 4.º momento de estágio seria hoje, mas devido ao facto de termos sido tantas estagiárias nesta sala, acabaram por não haver dias para todas darmos as aulas pretendidas. Por isso, eu e a minha colega Inês tivemos de ficar mais dois dias para lecionarmos as aulas que nos faltavam.

Relativamente ao tema escolhido pela Inês para lecionar Estudo do Meio, este, está inserido, segundo a Organização Curricular e Programas do Ensino Básico – 1.º Ciclo (2004, p.105) no “Bloco 1 – À descoberta de si mesmo”. A mesma fonte (2004, p.105) refere ainda que com este bloco “pretende-se que os alunos estruturem o conhecimento de si próprios, desenvolvendo, ao mesmo tempo, atitudes de auto-estima e auto-confiança e de valorização da sua identidade e das suas raízes.”

Segunda-feira, 16 maio

Hoje foi mais uma vez da minha responsabilidade estar em frente à turma, de igual modo à outra aula já lecionada, ou seja, além de utilizar a manhã para lecionar aula, utilizei também uma parte da tarde.

Iniciei a aula com a área de Língua Portuguesa, na qual realizei a leitura modelo do texto “Segurança na praia”. Questionei os alunos de modo a realizarmos a interpretação do texto lido. Em termos do Conhecimento Explícito da Língua, introduzi a existência do grupo móvel através de frases construídas no quadro por palavras móveis. Após a aquisição de conhecimentos entreguei uma proposta de trabalho que após ter sido finalizada foi feita a correção da mesma em conjunto. Na área de Estudo do Meio, a partir de uma imagem, iniciei um diálogo com os alunos sobre a segurança a ter nas praias, piscinas e rios. Com o visionamento de um *Powerpoint*, abordei e questionei os alunos para factos a terem em atenção nesses mesmos locais. Já depois do intervalo e para consolidar a matéria dada, realizei com a turma (dividida em quatro grupos), um jogo (Figura 15).



Figura 15 – Jogo do I.S.N

Este, tinha como objetivo a associação do par, por exemplo: um cartão com a imagem da bandeira verde tem como par um cartão com o dizer correspondente à informação que transmite a bandeira verde.

Já da parte da tarde, depois do intervalo da hora do almoço, iniciei a aula de Matemática que tinha planificado. Realizei com a turma uma ficha com diversas situações problemáticas que contemplavam as horas.

Inferências

Nesta aula, mais uma vez, privilegiei o diálogo com os alunos, ao falar com eles sobre as suas vivências e as suas curiosidades. Vygotsky (citado por Pereira, 2002, p.73) sustenta que “a aprendizagem ocorre fora da escola, através de todos os contactos da criança com os outros membros da comunidade.” e por essa razão, as crianças têm sempre algo a dizer ou contar sobre qualquer coisa. A partir daí, surgiu um diálogo entre mim e os alunos, abordando o tema da segurança nas praias, piscinas e rios.

Tal como defendem Ponte e Serrazina (2000, p.121) “a discussão é o modo mais importante que pode assumir a interação entre os adultos ou entre os alunos e o professor. O professor deve conduzir a comunicação de modo a que os alunos oiçam, respondam, comentem e façam perguntas.” Deste modo, a aula esteve sempre muito ativa e os próprios alunos estiveram sempre comunicativas, partilhando histórias e respondendo às minhas questões.

Em relação ao jogo que realizei com a turma, este, testava os seus conhecimentos e apelava à memória visual, assim como à lateralização. Tive o cuidado de solicitar todos os alunos, de maneira a que todos participassem no jogo de uma forma significativa.

Duarte (2009, p.1) considera o jogo como um “auxiliar educativo e uma forma de motivar os alunos para a aprendizagem.” O resultado final do jogo foi positivo, pois os grupos estiveram sempre participativos e empenhados.

Terça feira, 17 maio

A Inês esteve hoje a dar a sua última manhã de aula. Iniciou a aula com a área de Língua Portuguesa ao realizar a leitura de um poema com o nome de “Canção dos tamanquinhos”, no qual trabalhou as onomatopeias e as palavras onomatopaicas. As crianças realizaram uma atividade que tinha como objetivo o preenchimento de um texto com lacunas, correspondentes às palavras onomatopaicas. Antes de finalizar a

aula de Língua Portuguesa a Inês colocou diferentes sons, de maneira a que os alunos conseguissem identificá-los.

Para a aula de Estudo do Meio realizou uma experiência que tinha como objetivo as crianças preverem, experimentarem e verificarem que materiais conservam mais tempo um cubo de gelo (plástico, lã, alumínio, folha de papel). Num protocolo distribuído pela Inês os alunos registaram as suas ideias prévias. Após o intervalo retomaram a experiência “O que mantém mais tempo um cubo de gelo?” e verificaram os resultados.

Na área da Matemática exploraram e interpretaram o horário semanal de turma. E, de seguida, responderam a várias perguntas por escrito que posteriormente foram corrigidas oralmente.

Inferências

A atividade realizada na área de Língua Portuguesa, teve como objetivo através da observação auditiva, as crianças passarem para a linguagem escrita. De acordo com Condemarin e Chadwick (1987, p.185) esta atividade “é um bom ponto de partida para a transcrição da linguagem por meio da modalidade auditiva.”

A escola deve criar às crianças momentos onde estas vivenciem novas situações de aprendizagem. De acordo com as Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar (1997, p.79) a curiosidade das crianças é “fomentada e alargada através de oportunidades de contactos com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e de exploração do mundo.”

Terminando este momento de avaliação tenho a referir que senti falta de assistir a mais aulas lecionadas pela professora titular de turma. No entanto, de certa forma as aulas que assisti serviram para conseguir adquirir algumas estratégias que futuramente poderei aplicar.

1.6. 6.ª Secção

Período de estágio: 20 de maio de 2011 a 5 de julho de 2011

Faixa etária: 6 anos

Bibe: Castanho (1.º Ano A)

Professora: Ana Cruz

1.5.1. Caracterização da turma

A turma do 1.º Ano A do Jardim–Escola João de Deus dos Olivais é composta por vinte e nove crianças, doze do sexo feminino e, dezassete do sexo masculino. As crianças têm entre os 6 e os 7 anos de idade.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica Jardim-Escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

1.5.2. Caracterização do espaço

A sala da turma do 1.º Ano A tem acesso por duas portas, uma que dá acesso ao salão e outra que dá acesso ao exterior. A última, é por onde os pais deixam as crianças pela manhã.

Este espaço possui dois quadros de giz e um quadro interativo, sendo que o último não está ativo e por isso não é utilizado. Junto aos quadros de giz existe um género de estrado, para que as crianças consigam escrever no quadro. Tem uma zona de brincadeira, que contém diversos brinquedos, uma zona de leitura, uma estante onde são guardados os dossiers de cada criança. No fundo da sala existe ainda placards para a exposição de trabalhos e os respetivos cabides das crianças.

É uma sala bastante colorida e apelativa, tendo diversos desenhos, trabalhos, datas de aniversários de cada criança, o alfabeto em letra manuscrita e palavras difíceis expostas nas paredes.

1.5.3. Rotina

A rotina desta turma é idêntica à da turma da secção anterior, sendo que esta, por se tratar de um 1.º Ano, a leitura está mais presente. Ao entrar na sala de aula, as crianças sentam-se nos seus lugares e com o nosso apoio iniciam a leitura em voz alta de um texto do manual previamente marcado. Sempre que terminam a leitura do texto, marcam a data do dia seguinte no texto que se segue.

Visto ser no 1.º Ano do Ensino Básico que a criança desenvolve na sua totalidade a aquisição da leitura, não posso deixar de inferir, mais em pormenor esta capacidade.

Leitura

O Currículo Nacional do Ensino Básico (s.d. p.32) é “o processo interactivo entre o leitor e o texto em que o primeiro reconstrói o significado do segundo. Esta

competência implica a capacidade de decodificar cadeias grafemáticas e delas extrair informação e construir conhecimento.

A prática da leitura como refere Antão (1997, p.9) “é indispensável” e “constitui uma atividade nobre que irreversivelmente transmite cultura e saber.”

Já para Santos e Balancho (1987, p.32), a leitura “é uma atividade oral de grande importância e valor.”

A escola tem um papel fundamental no desenvolvimento da leitura, deve promover estratégias de maneira a, segundo Reis e Adragão (1992, p.165) “desenvolver a relação das crianças e jovens com o livro.”

Relativamente à leitura em voz alta Antão (1997, p.46) escreve que “este tipo de leitura pode ser utilizado como um processo de diagnóstico, analisando os erros e utilizando-os como fonte de estudo destinado a aumentar a eficiência da leitura.”

Para Colomer e Camps (2002, p.69) a leitura realizada em voz alta “tem de ser uma actividade presente na educação leitora.”

De seguida, apresento o quadro com o horário semanal da turma, facultado pela professora titular de turma (Quadro 11).

Quadro 11 – Horário da turma do 1.º ano A. (Bibe castanho)

1º ANO – Turma A – Prof. ANITA					
HORAS	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª
9h – 10h	LÍNGUA PORTUGUESA	MATEMÁTICA	LÍNGUA PORTUGUESA	MATEMÁTICA	LÍNGUA PORTUGUESA
10h – 11h	LÍNGUA PORTUGUESA	LÍNGUA PORTUGUESA	LÍNGUA PORTUGUESA	MATEMÁTICA	MATEMÁTICA
RECREIO					
11h30 – 12h	MATEMÁTICA	LÍNGUA PORTUGUESA	MATEMÁTICA	LÍNGUA PORTUGUESA	MATEMÁTICA
12h – 12h50	MATEMÁTICA	ESTUDO DO MEIO	ED. FÍSICA	LÍNGUA PORTUGUESA	MATEMÁTICA
13h – 14h30					
14h30 – 15h20	INGLÊS	MATEMÁTICA	EXP. PLÁST. 14:30 - 15h15	ESTUDO DO MEIO	ESTUDO DO MEIO
15h20 – 16h10	ESTUDO ACOMPANHADO	COMPUTAD.	ÁREA PROJETO	MÚSICA	FORMAÇÃO CÍVICA
16h10 – 17h	ESTUDO DO MEIO	JOGOS DE MATEMÁTICA	ESTUDO DO MEIO	BIBLIOTECA	ASSEMBLEIA TURMA
SAÍDA					

1.5.4. Relatos Diários

Sexta feira, 20 de maio

Hoje foi o primeiro dia de estágio na turma do 1.º Ano A, que tem como professora titular, a professora Ana Cruz. Nesta turma está também a estagiar, uma colega do curso antigo de professores (sendo este o seu último dia de estágio nesta turma) e uma colega do Mestrado de Ensino do 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico.

No início da manhã, ajudámos os alunos a realizarem a sua leitura matinal.

A colega do curso antigo de professores, lecionou a sua manhã de aula, após terminadas as leituras dos alunos.

Para esta manhã de aula a minha colega para a área de Estudo do Meio preparou uma experiência. Esta tinha como objetivo os alunos preverem, experimentarem e observarem o que acontece quando se misturam diferentes substâncias com a água. Para isso, levou o material necessário (copos de plástico, água, e algumas substâncias como o vinagre, azeite, álcool e sal.).

Na área da Matemática fez a introdução da moeda - euro e para a área de Língua Portuguesa, fez leitura e interpretação de um texto.

Inferências

Para a realização da experiência, a minha colega iniciou um diálogo com os alunos com o intuito destes referirem as suas ideias prévias, registando-as no quadro. Na opinião de Martins et al. (2007, p.25) “os professores devem (re) conhecer a importância das conceções alternativas dos alunos sobre conceitos centrais em Ciências.”

Cachapuz (citado pelos mesmos autores 2007, p.28), define conceções alternativas como sendo “ideias que aparecem como alternativas a versões científicas de momento aceites, não podendo ser encaradas como distrações, lapsos de memória ou erros de cálculo, mas sim como potenciais modelos explicativos resultantes de um esforço consciente de teorização.”

Após os registos, a minha colega foi pedindo a participação dos alunos para que fossem eles próprios a misturar as substâncias na água e concluírem o resultado, juntamente com todos os colegas.

Durante a aula observei que a minha colega tem muita tendência em olhar para a professora cooperante enquanto está a lecionar a sua aula, dando a noção de que se sente insegura da informação que está a transmitir.

Segunda feira, 23 de maio

Hoje decorreu mais uma reunião no museu da Escola Superior de Educação João de Deus, relativamente ao 4.º momento de avaliação. Foi também a última reunião deste ano letivo 2010/2011.

Inferência

Como tenho vindo a referir estas reuniões, bem como as que se realizam depois das aulas são momentos importantes na nossa formação enquanto futuros docentes. São com eles que refletimos a nossa evolução e tal como citam Alarcão e Roldão (2008, p.106) “não existe desenvolvimento profissional sem reflexão e sem formação.”

Os mesmos autores (2008, p.29) consideram a prática pedagógica como “promotora do conhecimento profissional porque radica uma atitude de questionamento permanente.” Também Cunha (2008, p.78) escreve sobre a prática definindo-a como “fonte de construção do conhecimento e a reflexão sobre a prática, o instrumento dessa construção.” Para o mesmo autor, reflexão assenta no “processo mediador da teoria e da prática (...).”

Após as reuniões, reflito e tento melhorar a minha prestação enquanto estagiária, tendo em conta os aspetos positivos e os aspetos a melhorar que me foram apontados.

Terça feira, 24 de maio

Depois de mais uma leitura realizada pelas alunos, outra colega do curso antigo de professores (que presentemente não está a estagiar, mas teve de dar esta aula) iniciou a sua manhã de aulas.

A primeira área a ser abordada foi a de Língua Portuguesa, na qual a minha colega tentou fazer uma composição coletiva com a turma. Depois da composição terminada passou para a área de Estudo do Meio na qual realizou com os alunos uma experiência. E por fim, introduziu na área da Matemática, os números ordinais através de uma corrida de carros.

Inferências

Esta aula não correu muito bem. Desde início a minha colega não fez cumprir as regras que estipulou no início da sua aula e, por essa razão, as crianças tomaram conta da aula. Relativamente ao estabelecimento de regras na sala de aula Sanches

(2001, p.67) refere que “não podem ser estabelecidas (...) se não se cuida do seu cumprimento.” Não serve de nada estipular regras se depois ao primeiro minuto as esquece-mos e não as cumprimos como dissemos. As crianças percebem que a professora, neste caso a estagiária, não está firme com as regras que determinou e não consegue fazê-las cumprir.

As estratégias utilizadas durante a manhã de aula não foram motivadoras para a aprendizagem dos alunos, não participaram em momento algum, não se sentiram desafiados e de acordo com Lemos e Carvalho (2002, p.77) “a motivação dos alunos, isto é, a sua motivação actual para a aprendizagem, é um factor decisivo na eficácia de uma aula.”

Nesta aula do início ao fim as crianças dominaram a aula, tendo mesmo durante alguns momentos ignorado o que a minha colega dizia.

Sexta feira, 27 de maio

No dia de hoje, a minha colega do Mestrado de Ensino do 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico esteve à frente da turma durante toda a manhã.

Para iniciar a aula relativa à área de estudo do Meio, a minha colega realizou com a turma uma experiência sobre a água, levando para cada criança um protocolo. Já na área de Língua Portuguesa, abordou os diferentes tipos de texto existentes e na última área, a Matemática, trabalhou através de questões a análise de um calendário.

No final da manhã a professora conversou connosco sobre as crianças, de maneira a incluir-nos na dinâmica da turma.

Inferências

Deste dia destaco o diálogo que tivemos com a professora no final da manhã. Em particular sobre uma criança que demonstra ter falta de afeto. Esta, tal como nos foi informado pela professora, não tem um ambiente familiar muito sólido e por isso, às vezes tem a necessidade de chamar atenção, destabilizando as aulas e os colegas. De acordo com Reis (2008, pp.76-77) “a família deverá fornecer um bom ambiente familiar e assegurar as condições básicas da vida humana (saúde, alimentação, vestuário, habitação, afeto, segurança e conforto), que são também as condições básicas para que a aprendizagem e o desenvolvimento humano se processem.” A ausência de algumas condições básicas da vida humana fazem desta criança, uma criança com pouco afeto familiar, que a acaba por se prejudicar na escola devido aos seus comportamentos de chamadas de atenção.

Esta criança apesar destas situações e comportamentos, todos os dias ao chegar e ao sair da escola abraça e beija a professora por sua vontade.

Segunda feira, 30 de maio

A manhã teve início com as leituras habituais dos alunos, sempre com a ajuda das minhas colegas e a minha. Terminada a leitura, a minha colega do Mestrado de Ensino do 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico deu início à sua manhã de aulas, mas passado pouco tempo uma professora da Equipa de Supervisão Pedagógica entrou na sala de aula e pediu-me uma aula surpresa de Matemática, na qual tive de lecionar a multiplicação através do material manipulável Cuisenaire.

Inicialmente distribuir por todos os alunos uma caixa do material e iniciei a aula. Devido ao pouco tempo que tive a estagiar com a turma, como estratégia de comportamento, dividi a turma por grupos (sendo que uma fila na vertical era um grupo) fazendo referência que sempre que um tivesse um comportamento menos adequado ficaria identificado no quadro.

Comecei por pedir uma representação numérica pequena, utilizando somas sucessivas e depois comecei por pedir multiplicações simples, fazendo sempre a distinção do multiplicando e do multiplicador.

Após a aula, dirigimo-nos para a sala habitual, onde decorrem as reuniões para debater as aulas lecionadas.

Depois de terminada a reunião, voltámos para a sala de aula, onde a minha colega continuava a dar a sua aula, agora na área da Matemática, a trabalhar retas e ângulos com o material manipulável Geoplano.

Inferências

A utilização de materiais manipuláveis é uma mais valia na exploração de conceitos matemáticos. O material manipulável que utilizei na minha aula surpresa, o Cuisenaire, está preparado para desenvolver diferentes capacidades, entre as quais, a do cálculo e das operações. Segundo Damas et al. (2010, p.65) “o manuseamento das barras dá, aos alunos, a possibilidade de descobrirem, eles próprios, os números e as suas relações podendo observar, manipular, calcular e compreender.”

Durante a minha aula tive o cuidado de, apesar de nunca mencionar o nome, transmitir a diferença entre o multiplicador e o multiplicando, visto ser uma competência por vezes difícil de assimilar. Grosso e Ruas (1990, p.83) definem

multiplicador como “número que indica quantas vezes o outro deve ser tomado como parcela” e multiplicando como “número que se repete quantas vezes as indicadas pelo multiplicador.”

Na reunião, após as aulas dadas, com as professoras da Equipa de Supervisão Pedagógica apercebi-me, através do *feedback* dado pela professora que me avaliou, de que acabei por ser demasiado exigente com a estratégia de comportamento que apliquei, e, apesar de achar importante a explicação e o cumprimento de regras, nunca foi minha intenção transmitir frieza ou arrogância.

Alarcão e Roldão (2008, p.33) referem que “a formação inicial e as perspectivas do exercício profissional futuro a nomeadamente as experiências docentes ou da pré-docência, constituem-se como momentos de consolidação ou aprofundamento das motivações para abraçar a profissão e de compreensão do que envolve ser professor.”

Neste sentido, apesar de me ter deparado com uma atitude menos feliz da minha parte, mantenho-me motivada a superar as críticas que me são feitas e convicta de que ser professora é o meu desejo.

Terça feira, 31 de maio

Na manhã de hoje quando estávamos a ajudar os alunos nas suas leituras, sem estarmos à espera, entra na sala uma professora da Equipa de Supervisão Pedagógica que pediu à Inês para lecionar uma aula trabalhando a leitura de números utilizando o material manipulável Calculadores Multibásicos.

Depois de assistir à aula da Inês e à reunião posterior à aula, dirigimo-nos de novo para a sala de aula, na qual o meu grupo de estágio e eu lecionámos para a turma uma aula sobre os sólidos geométricos.

Inferências

Quando combinámos com a professora lecionar uma aula as três era com o intuito de conhecermos melhor a turma e darmos-nos a conhecer. Durante a aula foram diversas as perguntas que colocamos às crianças sobre o tema lecionado, também pedimos que observassem a sala e nos identificassem objetos com formas semelhantes aos sólidos geométricos abordados. A participação dos alunos nas aulas é referido pelos autores Lafortune e Saint-Pierre (1996, p.266) ao escreverem que “a participação activa dos alunos é muito importante para a tomada de consciência dos seus processos metacognitivos e das suas reacções afectivas.” Os mesmos autores

(1996, p.267) referem ainda que para haver assimilação das aprendizagens para os alunos é necessário “a experiência e a participação activa” dos mesmos.

Embora já tenha dado uma aula nesta turma, a aula de hoje serviu para os alunos nos conhecerem um pouco melhor e transmitir-lhes conhecimentos através de diferentes formas de estar (visto sermos três pessoas completamente diferentes), mas tendo sempre em mente a participação dos alunos na sua própria aprendizagem.

Terça feira, 7 de junho

A manhã de hoje foi destinada às aulas da Inês. Iniciou a manhã com a área de Língua Portuguesa ao lecionar os diferentes tipos de frases. Para trabalhar este conteúdo, a minha colega levou como material: frases móveis.

Na área seguinte, Estudo do Meio, realizou com as crianças uma experiência (Folhas aos montes! Como arruma-las?) sobre as características das folhas. Distribuiu por cada aluno algumas folhas com o objetivo destes as agruparem em função de algumas das suas características (cor, forma, tamanho, recorte, nervura, textura).

Para finalizar a manhã, trabalhou o pictograma através do material manipulável 5.º Dom de Fröebel, com o qual realizaram a construção do cruzeiro e a partir daí surgiram questões para desenvolver o raciocínio, interpretação e cálculo mental dos alunos.

Inferências

Relativamente ao pictograma, Ponte e Serrazina (2000, p.215) afirmam que é “uma representação semelhante ao gráfico de barras, onde a barra é substituída por um certo número de figuras que representam o valor existente em cada categoria dos dados.”

Os autores acima referidos (2000), mencionam a importância e a complexidade de trabalhar os gráficos, quando referem que:

a compreensão de gráficos envolve questões de três níveis de complexidade. O nível mais elementar envolve a capacidade de ler directamente dados registados no gráfico para responder a uma questão concreta, sem necessidade fazer qualquer interpretação. O nível seguinte envolve a capacidade de responder a questões que envolvem comparações entre os dados. Finalmente, o nível mais avançado envolve a capacidade de responder a questões que envolvam alguma extrapolação, previsão ou inferência feita a partir dos dados fornecidos. (p.215)

Tal como acima referi, o pictograma foi trabalhado através de uma construção do material manipulável 5.º Dom de Fröebel, por essa razão, para o seu preenchimento a Inês levou para todos os alunos imagens (pequenas) da construção que realizaram. As próprias crianças preencheram o seu pictograma e analisaram-no através de questões que lhes foram colocadas.

Terça feira, 14 de junho

Na manhã de hoje, a Ana esteve à frente da turma a lecionar as três áreas pretendidas.

Iniciou a sua manhã com a área de Língua Portuguesa, na qual introduziu a história da eletricidade através de um pequeno texto. De seguida, distribuiu por cada aluno uma proposta de trabalho acerca do mesmo tema, na qual cada um teve de legendar as imagens presentes. Terminada a aula de Língua Portuguesa, a Ana continuou a falar sobre o tema da eletricidade, introduzindo e explicando na área de Estudo do Meio conhecimentos novos. Nesta aula, dividiu a turma por grupos para todos terem a possibilidade de experienciar a atividade, que tinha como objetivo testarem os bons e os maus condutores de corrente elétrica. Para uma aprendizagem mais significativa, a minha colega levou uma maquete que representava uma central elétrica. A área escolhida para terminar a manhã foi a de Matemática, na qual a Ana, utilizando o material manipulável Cuisenaire, trabalhou a multiplicação com os alunos.

Inferências

Na atividade de Estudo do Meio, a Ana utilizou uma maquete apelativa para que os alunos conseguissem, depois da explicação, ver como surge a eletricidade. Com esta atividade os alunos puderam experimentar e testar os bons e os maus condutores de corrente elétrica. Neste sentido e concordando com a atividade realizada, Pereira (2002, p.45) refere ser “necessário criar situações e colocar as crianças perante actividades que impliquem o seu uso.”

A importância da criança aprender “a ter consciência do que está a observar, fazendo registos e comunicando as observações feitas, de forma a compará-las com os dos outros.” é também mencionado pela mesma autora (2002, p.46).

Na área de Estudo do Meio, a Ana através da atividade desenvolveu nos alunos o seu sentido de observação, (ao terem de estar a experimentar, testar os diversos materiais facultados) e de comunicação (na medida em que tinham de falar uns com os outros quais as possíveis respostas e quais os resultados da observação).

Sexta feira, 17 de junho

Hoje, tal como combinado com a professora, preparei para a minha primeira manhã de aula, uma espécie de “jogo da glória” para realizar com os alunos.

Este jogo abrangia questões tanto da área de Língua Portuguesa, como de Estudo do Meio e também de Matemática, bem como atividades diversas relacionadas com as mesmas áreas.

Construí um tabuleiro gigante no qual as peças que identificavam cada equipa (sendo que uma fila na vertical era uma equipa) se movimentavam e tinha também um dado grande para ser lançado por cada equipa. No tabuleiro, cada cor (cor de laranja, roxo e azul) correspondia a uma área de conhecimento diferente e à casa das atividades (verde). Nesta casa, ao contrário das outras em que era a equipa em jogo a responder, todos os alunos tinham material para realizarem ao mesmo tempo a atividade.



Figura 16 – *Jogo da glória*

Inferências

Foi uma aula que nada teve a ver com todas as outras que dei, mas foi igualmente gratificante poder estar de novo à frente de uma turma.

Inicialmente defini muito bem as regras, visto ser uma aula totalmente diferente da rotina dos alunos. Tal como Sanches (2001, p.68) sistematiza “as regras têm de ser muito claras, enunciando exatamente o comportamento que se quer estabelecer, (...), muito firmes e para cumprir.” De facto, para mim é importante manter as regras presentes durante todo o decorrer da aula.

Relativamente ao “jogo da glória” realizado por mim, julgo ter sido um apoio na aprendizagem das crianças, de modo a torná-la lúdica e divertida. Château (1975, p.6) afirma que o jogo “é um auxiliar educativo, podendo recorrer também como divertimento.” No Currículo Nacional do Ensino Básico (2001, p.68) o jogo aparece descrito como “um tipo de atividade que alia raciocínio, estratégia e reflexão com desafio e competição de uma forma lúdica muito rica.”

Todas as questões/atividades eram adequadas à faixa etária em questão, nunca descurando o processo de aprendizagem dos alunos. Telmo (2000, p.9) refere que

qualquer proposta deve ser adequada ao grau de desenvolvimento das crianças do grupo a que se destina.”

Durante o jogo fiz questão que os alunos estivessem a participar, pois considero que a aprendizagem só é realmente completa se a criança estiver integrada na mesma. A curiosidade, o interesse, a persistência, a atenção, o prazer e a alegria são palavras que caracterizam a participação do aluno no momento da aprendizagem.

Segunda feira, 20 de junho

Hoje no Jardim-Escola João de Deus da Estrela, decorreram as Provas Práticas de Aptidão Profissional das alunas do Mestrado de Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e tendo estado a assistir às Prova Práticas de algumas alunas não pude estar presente na sala do 1.º Ano A do Jardim-Escola João de Deus dos Olivais.

Assisti a uma aula no 2.º Ano, em que a aluna na área de Estudo do Meio abordou a Erosão Marinha, na área de Língua Portuguesa lecionou um dos constituintes da frase, o grupo móvel. De seguida, na área de Matemática, com o material 5.º Dom Fröebel, introduziu para a turma uma nova construção, por ela inventada, e trabalhou com as crianças o cálculo mental através de perguntas não rotineiras. Para finalizar a sua prova, realizou no exterior um jogo com os alunos.

Assisti a outra aula no 1.º Ano. Esta aluna escolheu para o tema da sua prova final, o gel duche e a partir daí definiu estratégias para a sua concretização. Iniciou a aula com a área de Língua Portuguesa, na qual fez a leitura de um texto e a sua interpretação, colocando questões aos alunos. Na área de Matemática, utilizou o pictograma para trabalhar o cálculo mental e a sua interpretação. Na área de Estudo do Meio, para interligar as áreas, realizou com os alunos “gel duche” e abordou algumas curiosidades acerca deste tema. Por fim, realizou um jogo com todas os alunos, no recreio.

Para finalizar o dia de provas práticas, depois de uma pequena reunião entre os professores da Equipa de Supervisão Pedagógica, as alunas puderam saber a classificação relativa a estas provas.

Inferências

Visto ter de realizar a minha Prova Prática de Aptidão Profissional daqui a seis meses, esta manhã foi muito proveitosa. Tive oportunidade de assistir a duas provas, muito diferentes, em termos de estratégias. A partir das observações hoje realizadas, posso refletir sobre as estratégias que poderei utilizar enquanto estagiária e mais tarde

como professora, e tal como Cunha (2008, p.81) defende que o professor “tem de ser um «prático reflexivo» que centra a sua formação numa constante reflexão crítica, que lhe permita produzir conhecimento e partir das suas vivências.”

Terça feira, 21 de junho

Depois da leitura habitual das crianças, a Ana iniciou a sua manhã de aula. Na área de Língua Portuguesa leu um texto e colocou questões de interpretação e questões referentes ao Conhecimento Explícito da Língua. A área seguinte a ser lecionada foi de Matemática, na qual trabalhou com os alunos situações problemáticas não rotineiras, através do material manipulável 5.º Dom de Fröebel, realizando assim a construção do armazém. Para finalizar a sua manhã de aula, a Ana abordou o tema da agricultura e destacou algumas particularidades da profissão do agricultor.

Inferências

Relativamente aos exercícios elaborados pela minha colega, considero serem uma boa estratégia para desenvolver o cálculo mental, através de diversas formas. Matos e Serrazina (1996, p.156) referem que “o uso de diferentes estratégias para chegar ao mesmo resultado ajuda os alunos a compreender o sentido do número e a desenvolver estratégias de cálculo mental.”

Neste momento da aula, a minha colega fez com que os alunos pudessem participar de uma forma regular, dialogando sobre as diferentes respostas dadas. Morgado (1999, p.42) afirma que “a participação dos alunos nas aulas é algo fortemente valorizado e que importa potenciar em termos pedagógicos.”

Sexta feira, 24 de junho

O dia de hoje foi destinado para a minha última manhã de aula. Nesta, trabalhei o ditado na área de Língua Portuguesa. Fi-lo de diferentes maneiras, tendo acabado com um ditado gestual.

A segunda área que lecionei foi Matemática, na qual abordei a leitura de números com o material manipulável Calculadores Multibásicos.

E, por fim, na área de Estudo do Meio, realizei uma experiência sobre a água com as crianças que tinha como objetivo prever, experimentar e observar o que acontece ao volume e à forma da água contida num recipiente quando esta é transferida para outro. Numa fase inicial, dialogamos sobre o que cada aluno pensava, qual o

recipiente que achavam ter mais capacidade, qual o recipiente que levaria menos água e só depois observaram e registaram nos quadros que cada um tinha. Após todos terem concluído, pedi a participação de alguns alunos para registarem na tabela grande o que tinham observado.

Inferências

Na minha aula de Língua Portuguesa estimei a imaginação e a criatividade ao pedir que os alunos escrevessem uma frase, inicialmente, sobre uma imagem que tiraram de um saco, de seguida uma frase sobre duas imagens tiradas do saco e finalmente uma frase sobre as três últimas imagens tiradas do saco (todas as imagens, foram tiradas pelas crianças e à sorte).

Jean (s.d.) refere que “descobrir, explorar, criar ou imaginar” são alguns aspetos importantes no desenvolvimento da criança. O mesmo autor (s.d.) menciona ainda que “as crianças querem-se “imaginativas e criativas, para que possam treinar a sua mente para aprender e conseguir antever consequências de actos que podem acontecer.”

Na aula de Estudo do Meio, o facto de ter dialogado com os alunos sobre as suas ideias e ter pedido para que as registassem no protocolo, fui ao encontro do que Pereira (2002, p.54) relata sobre estas estratégias que “não só ajudam a clarificar ideias, como também são actividades necessárias para auxiliar e registar acontecimentos, observações, dados e conclusões de forma fiável, sem correr o risco de esquecimento.”

Nesta aula tentei que os alunos tivessem uma atitude ativa em vez de passiva e assim aprenderem melhor com a experiência direta.

De 27 de junho a 5 de julho

Durante os dias acima referidos, não realizei relatos diários, pois foram dias destinados à preparação do próximo ano letivo.

No decorrer destes dias enfeitámos o salão para a festa de final de ano, realizámos dobragens para as capas dos alunos do 1.º Ano, do próximo ano letivo, cortámos, plastificámos um dominó de Língua Portuguesa, elaborado pela professora.

Visto as crianças já estarem oficialmente de férias, a professora, durante estes dias, pediu-nos para cortar, colar, montar tudo o que fosse necessário, enquanto que as crianças presentes na escola estavam a brincar, jogar, ler.

Não posso deixar de referir que, mais do que no momento de estágio anterior, durante este momento senti a falta de observar aulas lecionadas pela professora titular

de turma. Tal não foi possível, visto sermos muitas estagiárias e todas termos de dar aulas. Assim, acabei por não conseguir ter a possibilidade de observar a dinâmica da turma no seu dia a dia referente à aprendizagem de conhecimentos e observar, por parte da professora, estratégias possíveis para trabalhar com a turma, pois durante o tempo que estive nesta sala de aula apenas assisti a aulas de colegas.

Neste momento de avaliação a professora, sempre que dei aula, fez questão de transmitir estratégias que eu poderia ter utilizado para melhorar e evoluir enquanto docente e como refere Cunha (2008, p.81) é importante para o aluno estagiário o professor “ajudar o futuro professor a extrair significado da sua experiência prática.” Todos os conselhos, *feedbacks* que a professora me transmitiu servirão certamente para o meu futuro profissional.

1.7. 7.ª Secção

Período de estágio: 26 de setembro de 2011 a 18 de novembro de 2011

Faixa etária: 9 anos

Bibe: Azul Escuro (4.º Ano B)

Professor: Hugo Rodrigues

1.7.1. Caracterização da turma

A turma do 4.º Ano B do Jardim-Escola João de Deus dos Olivais é composta por dezanove crianças, sete do sexo feminino e doze do sexo masculino. Todas as crianças têm 9 anos.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica Jardim-Escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

Durante os estágios que já fiz neste Jardim-Escola tive a oportunidade de estagiar com as crianças desta turma, tendo logo nessa altura mantido uma relação muito boa com todos eles.

1.7.2. Caracterização do espaço

A sala do 4.º Ano situa-se no 1.º andar, é pequena e com poucos motivos decorativos. A única decoração que prevalece são imagens dos Reis da 2.ª Dinastia que estão colocados num placard existente na sala. Esta possui um quadro interativo e um quadro de ardósia, uma estante em que são guardados os dossiers das crianças e a secretária do professor.

As cadeiras dos alunos estão dispostas de frente para o quadro interativo, ficando assim de lado para o quadro de ardósia. Este, presentemente é pouco utilizado, visto existir um quadro interativo na mesma sala.

1.7.3. Rotina

A nível de horários, as rotinas do 4.º Ano são idênticas ao 1.º Ano, diversificando apenas na ausência da leitura diária e numa maior presença de propostas de trabalho quer da área de Matemática quer da área de Língua Portuguesa.

Segundo o Programa de Português do Ensino Básico (2009) os quatro anos do Ensino Básico deverão permitir à criança o contacto com:

o exercício efectivo da escrita, através da redação de textos que possibilitem, ora a realização de actividades reguladoras por modelos, ora a escrita pessoal e criativa. As actividades a desenvolver terão como objectivo proporcionar-lhe a aquisição contextualizada de regras, normas e procedimentos respeitantes à estrutura, à organização e à coerência textuais. (p.23)

De seguida, apresento o quadro com o horário semanal da turma facultado pela professora titular de turma (Quadro 12).

Quadro 12 – Horário da turma do 4.º Ano B. (Bibe Azul escuro)

4º ANO – Turma B – Prof. Hugo					
HORAS	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª
9h – 10h	MATEMÁTICA	LÍNGUA PORTUGUESA	MATEMÁTICA	LÍNGUA PORTUGUESA	MATEMÁTICA
10h – 11h	MATEMÁTICA	LÍNGUA PORTUGUESA	MATEMÁTICA	LÍNGUA PORTUGUESA	MATEMÁTICA
RECREIO					
11h30 – 12h	LÍNGUA PORTUGUESA	MATEMÁTICA	LÍNGUA PORTUGUESA	MATEMÁTICA	LÍNGUA PORTUGUESA
12h – 12h50	LÍNGUA PORTUGUESA	MATEMÁTICA	LÍNGUA PORTUGUESA	MATEMÁTICA	LÍNGUA PORTUGUESA
13h – 14h30	ALMOÇO E RECREIO				
14h30 – 15h20	ESTUDO DO MEIO	ED. FÍSICA	INGLÊS (14h30-15h30)	HISTÓRIA	ÁREA PROJETO
15h20 – 16h10	HISTÓRIA	EXPRESSÃO PLÁSTICA	ESTUDO DO MEIO	MÚSICA	ESTUDO ACOMPANHADO
16h10 – 17h	ESTUDO DO MEIO	15h45 – 17h	FORMAÇÃO CÍVICA	BIBLIOTECA: no âmbito de Língua Portuguesa	EXPERIÊNCIAS
SAÍDA					

1.7.4. Relatos Diários

Segunda feira, 26 de setembro

Hoje decorreu no museu da Escola Superior de Educação João de Deus a reunião de abertura do ano letivo 2011/2012 com todos os alunos de todos os Mestrados presentes. A reunião foi dirigida pelas professoras da Equipa de Supervisão Pedagógica e também pelo Professor Doutor António Ponces de Carvalho.

Nesta reunião foi-nos fornecido o Regulamento do Estágio Profissional, no qual estão discriminados todos os momentos de avaliação que ainda vamos ser sujeitos.

Inferências

Com as reuniões que assistimos no museu podemos, com a ajuda da Equipa de Supervisão Pedagógica, evoluir e melhorar a nossa prestação na prática pedagógica, ouvindo as suas críticas e refletindo sobre elas.

A Prática Pedagógica ao longo do ano “deve consistir em actividades que passam das observações para os ensaios e realizações pessoais”, tal como menciona Peterson (2003, p.67).

A prática pedagógica tem um papel fundamental na formação inicial de professores, neste sentido Alarcão, Cachapuz, Medeiros e Jesus (2005, p.20) escrevem que a prática pedagógica permite “que os formandos equacionem as suas práticas, as experienciem e problematizem.” Vieira (citado por Alarcão, Cachapuz, Medeiros & Jesus, 2005)

constitui uma área de experimentação e de reflexão sobre o processo de ensino-aprendizagem, onde se «produz e difunde um saber eminentemente prático vocacionado para a intervenção»; é o momento em que o futuro professor se vê confrontado, pela primeira vez, com o assumir de um novo, desconhecido e tão desejoso papel – o de ser professor. (p.21)

Para Peterson (2003, p.67), a prática pedagógica “aproxima o aluno da realidade” e “permite-lhe aprender fazendo.” O mesmo autor refere ainda que esta prática “possibilita ao aluno, futuro professor, ou mesmo ao trabalhador-estudante, verificar, descobrir, interrogar e aplicar as teorias adquiridas ao longo da sua formação. “

É sem dúvida, uma mais valia desta nossa formação enquanto docentes, podermos experienciar metodologias, testar estratégias e assim procurarmos o nosso “caminho” enquanto docentes.

Terça feira, 27 de setembro

Neste dia fomos recebidos pela Diretora do Jardim-Escola, que mais uma vez nos recebeu de braços abertos e sempre pronta para nos ajudar.

Eu e as minhas colegas fomos para a sala do 4.º Ano B, orientada pelo professor Hugo Rodrigues.

A turma estava a introduzir as unidades de comprimento, através de um *Powerpoint* com a história do aparecimento do metro. O professor solicitou a participação dos alunos ao pedir que estes lessem alguns dispositivos. Após a visualização do *Powerpoint*, realizaram alguns exercícios de reduções.

No intervalo, dois alunos não tiveram um bom comportamento, tendo mesmo iniciado uma luta entre si. Ao chegarem à sala de aula o professor repreende-os, chamando ainda a diretora para intervir.

No final da manhã, o professor trabalhou na área de Língua Portuguesa, a conjugação de alguns verbos.

Inferências

A utilização do *Powerpoint* para transmitir os conteúdos é uma maneira eficaz de comunicar com as pessoas através de diferentes capacidades. Para Kenski (2003 p.38) “as TIC’S «tecnologia de informação e comunicação» não são apenas novos suporte tecnológicos, elas são uma maneira particular de comunicar com as capacidades perceptíveis, emocionais, cognitivas, intuitivas e comunicativas das pessoas.”

Na leitura de um slide, uma aluna teve dificuldades em ler a palavra “côvados”. O professor, atento, levou-a a autocorrigir-se através de questões pertinentes do Método de Leitura João de Deus, pois tal como Deus (1997, p.93) refere este Método Leitura desenvolve na criança a “autocorreção.” Até ler bem, a aluna ainda demorou um bocado, visto não ser uma palavra usual no seu dia a dia e ter um significado desconhecido para ela.

Achei muito pertinente a intervenção do professor, visto tratar-se de um 4.º ano e ter o cuidado de não deixar passar o erro na leitura e principalmente a ajuda que deu para que a aluna conseguisse ler corretamente.

Sexta feira, 30 de setembro

O dia teve início com uma breve revisão da multiplicação por 10, 100, e 1000. O professor reviu esta matéria, pois os resultados dos exercícios de ontem não foram muito positivos. Chamou ao quadro dois alunos para fazerem um exercício.

Para iniciar a aula de Língua Portuguesa, o professor pediu a cada aluno para ler o texto. Estes para realizarem a sua leitura, dirigiram-se ao quadro (um de cada vez) e iniciaram a leitura em voz alta e de pé. Depois do texto abordaram-se as regras da translineação. Realizaram uma ficha com exercícios sobre o tema dado e à medida que iam terminando, davam ao professor para este os corrigir, caso tivessem trabalhos para terminar, terminavam, caso não tivessem faziam desenhos.

Inferências

Todos os alunos leram um ou dois parágrafos do texto, tendo sido lido, mais do que uma vez. Os alunos, um de cada vez, dirigem-se para o quadro, onde de pé realizam a sua leitura em voz alta. Jean (1999, p.191) relata que este tipo de leitura “implica o envolvimento corporal do leitor” assim como “requer a tripla associação do olhar, da audição e da fonação.” Concordando com a postura dos alunos na leitura, o mesmo autor (1999, p.192) afirma que a “posição vertical” é a ideal para “respirar melhor e para ver o seu público composto por colegas.”

É de referir que no fim de cada leitura, o professor através do *feedback* elogia a criança caso tenha lido bem e corrige caso a criança tenha não tenha lido tão bem. Através do *feedback* o professor incentiva os alunos com o objetivo destes melhorarem a sua leitura.

Os alunos ao terminarem os trabalhos propostos pelo professor, fazem desenhos livres e segundo Sousa (2003, p.28) “não interessa que pinte «bem», mas que expresse os seus sentimentos e satisfaça as suas necessidades criativas através do acto de pintar.”

Segunda feira, 3 de outubro

O professor iniciou o dia a felicitar a turma pelo bom comportamento que esta tem vindo a demonstrar. A professora, que ficou com a turma sexta feira, falou com o professor e disse-lhe que esta se tinha portado muito bem. A Diretora apareceu na aula para entregar uns documentos ao professor, mas acabou por falar com a turma sobre o seu comportamento, na sexta feira.

O professor entregou alguns trabalhos já corrigidos, para os alunos guardarem nos seus dossiers.

A primeira área a ser trabalhada foi a Matemática, realizaram exercícios de multiplicação e divisão por 0,1, 0,01 e 0,001. Após o intervalo, continuaram a fazer os mesmos exercícios. Eu e as minhas colegas ajudámos os alunos que mostraram mais dificuldades. Ao terminarem os exercícios, os alunos levaram as suas folhas até à mesa do professor, para este as corrigir e lhe dar mais trabalho.

Na área de Língua Portuguesa efetuaram um exercício descritivo, depois de distribuído, o professor passou a explicá-lo.

Inferências

Enquanto professores devemos deixar que os alunos sejam ativos na sua aprendizagem, mas nunca esquecendo que somos o seu pilar do conhecimento. E tal como Sanches (2001, p.75) escreve, o professor é para o aluno o seu “orientador de aprendizagens”, sendo que “o aluno tem de ter um papel activo, mas não pode ser abandonado, tem de ser orientado sobre o que deve e como deve fazer.”

Apesar de ser bastante exigente com a disciplina, o professor sabe também o valor do reforço positivo, da importância que tem para o aluno ouvir um elogio. Sanches (2001, p.58) sistematiza que utilizar “oportunamente” o reforço positivo “é meio caminho andado para obter o sucesso dos alunos.” O mesmo autor (2001, p.58) reforça a ideia de que o “elogio tem de ser oportuno, adequado, no momento exacto.”

De acordo com Canavarro, Pereira e Pascoal (2001) os reforços positivos:

são as consequências positivas de um comportamento que o promovem e consolidam, aumentam as probabilidades deste se manifestar novamente. O educador não deve partir do pressuposto que a criança tem o dever de se comportar bem e por isso não deve ser recompensada pelo seu bom desempenho. Os comportamentos adequados devem ser reforçados. O esforço é um instrumento fundamental da educação. (p.44)

Cabe ao professor segundo Sanches (2001, p.59) “valorizar o que de bom o aluno faz para que ele possa criar vontade de agir adequadamente.” O professor valoriza os pequenos feitos do aluno para que possa enaltecê-lo.

Terça feira, 4 de outubro

O dia de hoje teve início com a área de Matemática, na qual o professor trabalhou com a turma situações problemáticas.

Na área de Língua Portuguesa, o tema abordado referente ao Conhecimento Explícito da Língua foi o adjetivo, a sua classe e subclasse.

Utiliza como estratégia de disciplina, estrelas de comportamento. Sempre que um aluno é menos correto dentro da sala de aula é-lhe retirado uma estrela. Esta estratégia é diária, ou seja, todos os dias existe um quadro novo, onde são registados os comportamentos de cada aluno.

Inferências

Ao nível do comportamento, o professor é muito exigente.

Um dos aspetos que caracteriza esta turma é a disciplina. Para o professor, os alunos precisam de disciplina, sem nunca a descurem. Da mesma opinião é Moreira (2008, p.57), ao referir que “a disciplina é muito importante para ajudar a criança a viver com os outros e consigo própria, a autocontrolar-se, a saber o que é permitido e o que não é permitido.”

Para o mesmo autor (2008, p.57) a disciplina tem como objetivos “mostrar que o comportamento que a criança teve não é adequado” e “ensinar um novo comportamento mais ajustado.”

Por vezes parecendo um pouco distante dos alunos, o professor titular desta turma, na sala de aula, é um professor afetuoso com todos os alunos, dirigindo-lhes sempre que necessário palavras de incentivo e compreensão.

Sexta feira, 7 de outubro

Hoje, a aula de Língua Portuguesa foi continuação da aprendizagem dos adjetivos. Foi referida a flexão regular em grau e depois realizaram exercícios para consolidar a matéria.

Depois do intervalo, apareceram na sala duas senhoras para dialogarem com os alunos sobre a importância da higiene oral. Na área da Matemática, o professor introduziu a multiplicação por 0,1, 0,01 e por 0,001, explicando as suas regras e realizando alguns exemplos. De seguida terminaram trabalhos em atraso.

Inferências

Alguns alunos, após terminarem os seus exercícios deslocam-se às mesas dos colegas que estão mais atrasados e ajudam-nos a realizar os seus trabalhos, mostrando assim um grande sentido de interajuda. Freitas e Freitas (2002, p.44)

revelam que na relação de interajuda “cada aluno promove a aprendizagem dos seus companheiros, a analisar conceitos que estão a ser aprendidos, ou ainda ensinar o que sabe aos seus companheiros.” Neste seguimento, Salvador (1997, p.43) refere que se “deve dar ênfase às relações que se estabelecem entre aluno – aluno isto é entre o grupo de pares.”

É importante para a criança ajudada ter o apoio do colega, sem qualquer gozação ou censura por parte dele. Deste modo, as crianças envolvidas, desenvolvem uma relação saudável na aprendizagem.

Segunda feira, 10 de outubro

O dia teve início com a aprendizagem das unidades de medida de área, através de um *Powerpoint* elaborado pelo professor. Na exploração deste suporte de informação surgiu uma dúvida a uma aluna. Após a explicação deste, os alunos realizaram exercícios à base de reduções.

Na área de Língua Portuguesa, os alunos realizaram conjugações de verbos.

Inferências

O professor, aproveitando a existência de um quadro interativo na sala de aula, consumou a dúvida da aluna de um modo muito rápido e perceptível através da internet. Para Ponte (2002, p.26), o professor deve ser capaz de “tirar partido das TIC no planeamento e na realização de situações de ensino-aprendizagem.”

Deste modo, rapidamente, a dúvida da aluna foi dissipada por terem ao seu alcance uma fonte de informação eficaz.

Terça feira, 11 de outubro

O professor iniciou o dia com uma breve repreensão para toda a turma, visto que ontem à tarde o comportamento de todos não foi o mais correto. Após ter feito os alunos refletirem sobre os seus atos, o professor entregou algumas fichas corrigidas para cada aluno arrumar no seu dossier.

Hoje, foi dia de avaliação de composição. Antes de a iniciarem, o professor esteve a relembrar como fazer uma composição.

Enquanto os alunos faziam a avaliação, o professor corrigia trabalhos de cada um.

Inferências

O exercício caligráfico é defendido pelos autores Condemarin e Chadwik (1987, p.209), como sendo um “processo de estruturar as palavras de acordo com um plano organizado, a fim de elaborar uma mensagem efectiva e geralmente gramatical.”

Neste tipo de exercícios, os alunos desenvolvem diferentes capacidades relacionadas com a Língua Portuguesa, bem com a sua criatividade nas histórias inventadas. Os mesmos autores (1987, p.159) mencionam que “nas actividades de escrita criativa colocam-se em evidência as relações entre a escrita e as outras expressões da linguagem.

Ao ler os seus próprios materiais, os alunos tornam a sua experiência mais significativa.

Sexta feira, 14 de outubro

O dia teve início com a distribuição de uma proposta de trabalho, relativamente à acentuação. A proposta continha palavras, nas quais os alunos tiveram de colocar o acento para ficarem corretas e palavras para classificarem quanto à acentuação.

Na área de Matemática, o professor leccionou a classificação dos triângulos e o cálculo da sua área, através de um *Powerpoint* animado. Por fim, realizaram exercícios sobre a mesma matéria.

Inferências

No *Powerpoint* apresentado pelo professor aparecia, muitas vezes, um boneco com falas através de balões de banda desenhada.

Sanches (2001, p.77) menciona que “há que pensar bem nas propostas de actividades que vamos propor de modo a suscitar a curiosidade e a adesão daqueles a quem são propostas, tendo em conta a sua pertinência, oportunidade, necessidade e interesse.”, neste sentido, a estratégia escolhida pelo professor para lecionar este conteúdo foi pertinente, pois motivou os alunos para o conhecimento. Sobre as TIC Ponte e Serrazina (1998, p.7) referem que “são um instrumento chave no processo de ensino-aprendizagem, factor de motivação dos alunos, catalisador positivo na mudança as metodologias de aprendizagem melhorando a exploração dos conteúdos curriculares e introduzindo o factor criatividade neste processo.”

Deste modo, o professor tornou uma apresentação normal numa apresentação diferente e motivadora que permitiu proporcionar uma aula diferente demonstrando empenho e preocupação.

Segunda feira, 17 de outubro

Foi dia de a minha colega Ana lecionar a manhã de aulas.

Iniciou a manhã com a área de Língua Portuguesa, fazendo a leitura modelo de um texto que entregou a cada um dos alunos. Depois da sua leitura, foi a vez das crianças lerem partes do mesmo texto. No final da leitura, a Ana perguntou se alguém não conhecia alguma palavra, o seu significado. Realizou perguntas de interpretação, aceitando unicamente respostas completas. Lecionou na aula de Língua Portuguesa, o Modo Condicional. Para proposta de trabalho, levou um pequeno texto, em que os alunos tinham de substituir os verbos utilizados, para o modo condicional e por fim inventarem um título.

Na aula de Estudo do Meio, falou sobre os bons e os maus condutores de corrente elétrica, realizando uma experiência com a turma em grupos.

Inferências

Relativamente à estratégia aplicada pela minha colega na aula de Estudo do Meio, as organizações das atividades práticas em grupos têm vantagens em relação às atividades práticas organizadas individualmente. Segundo Pereira (2002, p.96), o facto de “exigir menos recursos” e o facto de durante o desenrolar da atividade “facilitar ao professor o acompanhamento dos alunos” são algumas vantagens deste tipo de aprendizagem. Neste seguimento, a mesma autora (2002, p.96) refere ainda outra vantagem das atividades práticas em grupo, sendo ela, “iniciar as crianças na responsabilidade, incluindo a responsabilidade pela sua própria aprendizagem.”

Neste tipo de atividades os alunos aprendem por si próprias, autonomamente, experimentando, observando, mas sempre com o acompanhamento do professor.

Terça feira, 18 de outubro

O professor solicitou que eu desse uma aula sobre sólidos geométricos. Durante a aula mostrei alguns sólidos e falámos sobre as suas características, nomeadamente as faces, as arestas e os vértices.

Por fim, distribuí por cada aluno um apontamento e três planificações (cone, cubo, pirâmide triangular) de alguns dos sólidos abordados.

Inferências

Os autores Ponte e Serrazina (2000) ao abordarem a temática, sólidos geométricos, escrevem que:

as planificações dos sólidos e respectiva construção constituem uma boa oportunidade para a passagem de figura tridimensional a bidimensional e vice-versa. Os alunos ao decidirem quais os padrões bidimensionais que ao dobrarem-se conduzem a uma dada forma tridimensional, estão a desenvolver o seu sentido espacial. (p.172)

Durante a aula, os alunos tiveram oportunidade de manipular nos sólidos mencionados e assim identificar as suas características.

Apesar desta aula ter sido pedida sem eu esperar, penso ter conseguido transmitir os conceitos corretos. Foi importante para mim esta oportunidade extra que o professor me proporcionou, tendo-me preparado para eventuais futuros pedidos.

Sexta feira, 21 de outubro

Como planificado, a Inês iniciou o dia de aulas de hoje, com Matemática e através de um *Powerpoint*, introduziu as medidas de massa. No meio da leitura de um slide, duas professoras da Equipa de Supervisão Pedagógica entraram na sala. Dirigiram-se a mim, pedindo que eu fosse buscar o material manipulável Cuisenaire e trabalhasse com as crianças a temática da área.

Iniciei a aula um pouco nervosa e pedindo aos alunos que abrissem as caixas do material. De seguida, coloquei uma situação problemática aos alunos e pedi que me ajudassem a resolvê-la. O objetivo era ajudarem-me a descobrir a área ocupada por uma piscina. Durante a aula, atrapalhei-me na explicação e com o próprio material, de tal maneira que não consegui atingir o objetivo da aula, tendo mesmo errado e voltado atrás para o emendar.

De seguida, outra professora da Equipa de Supervisão Pedagógica entrou na sala e pediu à minha colega Inês para lecionar uma aula, dentro da área de Língua Portuguesa, sobre os Graus dos Adjetivos.

A Inês, depois de muita hesitação e nervosismo, iniciou a aula. Leu um texto com os alunos e trabalhou o texto, mas apenas na sua interpretação.

Após as duas aulas, assisti à reunião habitual, para debater todas as aulas hoje lecionadas.

Inferências

Na minha aula surpresa, não consegui atingir o objetivo, ficando muito aquém do esperado. Logo no início, quando as professoras me interpelaram para ir buscar o material, deveria ter solicitado a participação dos alunos e ter pedido a algumas que, juntamente com as minhas colegas, fossem buscar o material, e não ter tomado a decisão de ter ido apenas eu.

Penso que inicialmente a estratégia que escolhi para começar a aula foi positiva, pois, segundo Sanches (2001, p.82), apresentar conteúdos como problema a resolver, faz com que os alunos “sintam que estão a fazer algo de útil e sejam participantes activos no processo.” A nível de conteúdos a minha aula foi muito fraca, não tendo introduzido qualquer conceito sobre a temática pedida, a área.

Durante toda a aula, do início ao fim os alunos estiveram sempre comigo, dando-me força, mesmo percebendo que eu estava a errar. Ter voltado atrás e corrigir o meu erro, foi para mim uma atitude positiva, pois não devemos induzir os alunos em erro nem deixar um conteúdo mal explicado. Neste sentido, Aharoni (2008, p.9) refere que “tal como a vida, as primeiras impressões são importantes. O modo como o assunto é apresentado pela primeira vez irá determinar em grande medida a atividade futura do estudante.” Por isto, julgo ter tido uma postura correta, ao verificar que estava a errar e não os ter levado até ao fim com essa ideia.

Apesar desta aula não ter sido positiva a nível de conteúdos, dela retiro muitas aprendizagens e até atitudes positivas que devo continuar a manter. A relação que mantenho com a turma é excecional, são umas crianças muito queridas e amigas. Elas transmitem-me muita segurança e positividade.

Não posso deixar de referir que esta aula me deixou bastante triste, pois esta turma merece tudo e quando a aula acabou e me apercebi dos erros que dei, o sentimento de tristeza foi inevitável.

Tal como referi na reunião após as aulas, o ponto mais positivo desta aula foi sem dúvida a relação que tenho com a turma.

As críticas que me foram apontadas, nunca foram ditas de uma forma destrutiva, mas sim sempre construtiva, no sentido de eu melhorar e evoluir.

Segunda feira, 24 de outubro

Hoje lecionei a minha manhã de aulas, para a qual dividi a turma por grupos (quatro grupos). Iniciei a manhã com a leitura de um pequeno artigo sobre os Primeiros Socorros, passando depois a vez a alguns alunos que também o leram. Antes de colocar questões de interpretação perguntei se algum aluno não conhecia alguma palavra. Questionei os alunos para a interpretação do texto.

O conteúdo que abordei relativo ao Conhecimento Explícito da Língua foi a família de palavras e o campo lexical das palavras e para isso utilizei um jogo como estratégia.

Para dar início à aula de Estudo do Meio que tinha como tema “Primeiros Socorros” pedi a um aluno que fosse para a frente da turma, descrever o que tinha à sua frente (uma mala de primeiros socorros com os utensílios). O objetivo era os colegas acertarem à medida que a criança ia descrevendo os objetos. Durante toda a aula dialogámos sobre as vivências dos alunos e abordámos em específico quatro possíveis acidentes e como proceder nesses casos de emergência.

Para consolidar a matéria hoje adquirida entreguei uma proposta de trabalho e por fim um folheto informativo.

Inferências

Nesta manhã de aula decidi dividir a turma por grupos sabendo que esta estratégia é defendida por muitos autores. Por já conhecer bem a turma, tomei a decisão de escolher os elementos de cada grupo. Neste seguimento, Freitas e Freitas (2002, p.40) referem que esta estratégia do professor escolher os elementos do grupo “é a mais indicada quando este já possui elementos acerca dos seus alunos, em termos de capacidades intelectuais e de estrutura pessoal de cada um deles.” Através desta estratégia, tal como afirmam os autores acima referidos (2002, p.40) “o professor pode equilibrar o grupo criando condições para o seu melhor funcionamento.” evitando possíveis desentendimentos e faltas de concentração.

Na altura da interpretação do texto, um aluno começou a contar uma peripécia que lhe aconteceu, acerca do tema “Primeiros socorros”, iniciando uma pequena conversa. Mas tive de terminá-la, para não deixar que o assunto anterior fosse inexplicado e inacabado, pois estávamos a entrar para um aspeto que iria ser abordado mais tarde na aula. Neste seguimento, Moreira (2008, p.30) afirma que para haver uma comunicação clara e efetiva, por vezes é necessário “terminar uma conversa com suavidade.”

O jogo realizado por mim (em *Powerpoint*), para trabalhar os conteúdos de Língua Portuguesa estava bastante apelativo e os alunos estiveram sempre muito participativos. Este tinha como objetivo, os grupos acertarem em questões do género: “Menciona uma palavra pertencente à família de palavras de “sal”, “Indica o radical das palavras «marinheiro, maresia, marujo»”. Relativamente à função de cada elemento no grupo, Pato (1995, p.53) escreve que é “aconselhável a existência, em cada grupo, de um porta-voz, rotativo.” Neste seguimento, tive em consideração as ideias da autora acima referida e elegi para cada grupo um porta voz, que mudava sempre que o grupo voltava a jogar.

O facto de ter solicitado a uma criança que descrevesse a mala de primeiros socorros e aos restantes colegas o papel de adivinharem, foi de maneira a desenvolver nas crianças o seu vocabulário e a sua imaginação.

Terça feira, 25 de outubro

A manhã teve início com o culminar de uma ficha sobre sismos, que a turma tinha iniciado na tarde do dia anterior.

Após terem terminado a ficha, o professor colocou-se perto do quadro e começou a explicar o que é um gráfico, informou os alunos para a sua utilidade e os diferentes tipos de gráficos que existem.

Ao ver que alguns alunos continuavam com dúvidas no processo da realização da divisão, o professor “perdeu” alguns minutos da aula para esclarecer o processo.

Depois do intervalo, em Língua Portuguesa, realizaram a leitura de um texto (um aluno de cada vez leu junto ao quadro, de pé e em voz alta). Para trabalhar o texto, o professor colocou dirigidamente questões de interpretação aos alunos e abordaram em diálogo o tema “aviões”.

Terminada a exploração do texto, o professor realizou com a turma um ditado de palavras existentes no mesmo texto.

Inferências

Para um melhor entendimento por parte dos alunos o professor explicou como se interpreta um gráfico, desenhando-o no quadro, tendo como legendas algo do dia a dia das crianças, clubes de futebol.

No final da manhã, quando o professor fez a correção da análise sintática no quadro, referiu aos alunos que a análise sintática que estavam a corrigir “não diferia” muito da que iria sair na prova, dando assim aos alunos vocabulário diversificado.

Rebello (1993, p.164) define vocabulário como o “nosso léxico mental, ou seja, o nosso dicionário, contendo todo o arsenal simbólico, através do qual representamos o mundo que nos rodeia.” O mesmo autor cita ainda que o vocabulário “possibilita a comunicação com seres inteligentes e dialogantes como nós.” Jesen (2002, p.58) menciona também sobre a importância do vocabulário, ao escrever que “quanto maior for o vocabulário que a criança recebe da parte dos professores, maior será o seu vocabulário pela vida fora.” Giasson (1993, p.255) relata que “a rapidez de desenvolvimento do vocabulário dos alunos da primária e do secundário é fantástica.”

Tendo isto em conta, o professor titular desta turma, incute muito nos seus alunos um vocabulário diversificado e refere muitas vezes sinónimos de palavras para assim aumentar o vocabulário dos seus alunos, exemplificando o seu uso e tornando-o parte da aprendizagem.

Sexta feira, 28 de outubro

Foi dia da Inês lecionar novamente a manhã de aula com a turma, pois da primeira vez foi interrompida pelas professoras da Equipa de Supervisão Pedagógica, como já referi acima.

Desta vez conseguiu dar a aula do início ao fim e tal como tinha feito da outra vez, começou por lecionar a área de Matemática, abordando a diferença entre massa e peso. Introduziu as medidas de massa, através do apoio de um *Powerpoint*. Após a explicação, seguiram-se exercícios para praticar e apontamentos para colarem no caderno.

De seguida, entregou um texto para iniciar a aula de Estudo do Meio na qual abordou a prevenção de incêndios. No final da sua aula distribuiu pelos alunos folhetos informativos acerca da matéria lecionada.

Inferências

A Inês escolheu para a sua aula de Estudo do Meio dividir a turma por grupos para desse modo desenvolver nas crianças diversas capacidades, tais como “ser capaz de partilhar sentimentos, de ouvir sem interromper, esperando pela sua vez de intervir, de mostrar simpatia pelas ideias dos outros, ainda que não concordando com elas, de encorajar quem se mostre desanimado.” como mencionam Freitas e Freitas (2002, p.31).

No final da sua aula de Estudo do Meio, a Inês, entregou a cada aluno um folheto informativo. Pereira (2002, p.102) defende que os registos constituem uma forma de

memória externa, com importância a curto e longo prazo.” Considero importante que os alunos fiquem com um registo escrito das aprendizagens, para que mais tarde, possa ser consultado.

Sexta feira, 4 de novembro

O professor iniciou a manhã com a correção, da parte de Matemática, do desafio escolar (consiste numa ficha com exercícios de língua portuguesa e Matemática, que os alunos levam para casa à sexta feira) no quadro, mas sempre solicitando a participação dos alunos. A maior parte dos exercícios eram sobre reduções ou operações com medidas de comprimento.

Por termos pedido ao professor para lecionar uma aula com materiais manipuláveis, hoje decidiu trabalhar a leitura de números com o material manipulável, Calculadores Multibásicos. Reviu com os alunos os lugares das peças e introduziu a classe dos biliões, colocando sempre questões do género: “Quantas centenas de milhar tem o número?”, “Qual o algarismo de ordem 2?”. A meio desta aula, um aluno após já ter sido avisado algumas vezes, deixa o material cair no chão, então o professor comunica com ele e pede que guarde o material.

Para finalizar a manhã, continuaram com a correção do desafio escolar, mas agora na área de Língua Portuguesa. Para corrigirem a conjugação de três verbos o professor pediu a três alunos que fossem ao quadro realizar. Ainda no desafio escolar analisaram sintaticamente uma frase e realizaram um exercício caligráfico de dois parágrafos.

Inferências

A correção do desafio escolar foi uma maneira dos alunos puderem rever a matéria que vai sair na prova de Língua Portuguesa, que terão brevemente.

Em relação ao desafio escolar, tratando-se de um trabalho de casa, Rochetta (citado por Simões, 2006, p.85), escreve que, estes servem “para reforçar, pela prática individual, aquilo que é aprendido na escola” bem como para o “reforço da aprendizagem feita na aula sendo essenciais para a aquisição de hábitos de estudo.”

O desafio escolar é visto como uma consolidação de toda a matéria apreendida durante a semana e são os próprios alunos que lembram a professora para a correção do mesmo, demonstrando empenho pela sua realização. Cooper (citado por Simões 2006, p.86) refere “para que os TPC tenham sucesso é necessário que os alunos se

sintam motivados, motivação essa, que depende em muito, do tipo de trabalho, da necessidade, da utilidade e do sucesso da sua realização.”

Os alunos sentem que o desafio escolar é-lhes útil para o estudo.

No momento em que os três alunos foram conjugar os verbos no quadro, um deles enganou-se e escreveu o verbo noutra tempo que não o pedido pelo professor, este quando reparou no erro, chamou o aluno à atenção e disse-lhe para olhar com atenção para a palavra que tinha escrito e em que tempo se encontrava. Deste modo, o professor fez com que o aluno se deparasse com o seu erro e não o corrigiu automaticamente.

Segunda feira, 7 de novembro

Na manhã de hoje realizou-se prova de Língua Portuguesa. O professor fez a sua leitura, para não haver dúvidas nos exercícios e explicou ainda palavras que os alunos não sabiam o seu significado. A prova era à base de perguntas de interpretação e relativamente ao Conhecimento Explícito da Língua sinónimos, antónimos e análise sintática. O professor atento à disciplina, enquanto os alunos realizavam a prova, corrigia trabalhos.

A medida que iam terminando a prova, aos alunos entregavam-na ao professor e terminavam trabalhos que tivessem em atraso na capa.

Por fim, o professor entregou as provas de Matemática e foram corrigidas oralmente.

Inferências

A prova que os alunos hoje realizaram fornece ao professor informações relativas ao que cada aluno sabe, neste caso, da matéria lecionada até agora da disciplina de Língua Portuguesa. Segundo Marujo, Neto e Perloiro (2002):

os testes, exames ou avaliações finais caracterizam-se por servirem para perceber o que o aluno sabe de uma determinada matéria, o que consegue generalizar a partir das aprendizagens feitas e a capacidade de elaborar e refletir sobre temas dados. Teoricamente avaliam os esforços e a capacidade de estudo do aluno estando, com frequência, inerente e implícita, a avaliação das suas capacidades de concentração, de atenção, de memorização e de motivação para a disciplina. (p.119)

Durante a correção da prova de Matemática, o professor perguntou a um aluna quais os primeiros três planetas do sistema solar, esta respondeu “Mercúrio, Vénus e Terra.” Ao questioná-la sobre a sílaba forte da palavra “vénus”, a aluna não soube

responder, tendo o professor feito com que ela se lembrasse que tal como Deus (1997, p.73) afirma o /s/ “é a primeira consoante que (...) não faz forte a última sílaba.” E por essa razão, taparmos o /s/ e vemos “qual é a letra que está antes dele, se for um /u/ ou um /i/ é forte a última, se não for, supõe-se forte a que está ao pé da última.”

Deste modo, o professor através de uma simples questão sobre os planetas foi ao encontro de uma dúvida que podia não ser só daquela criança.

Terça feira, 8 de novembro

O dia de hoje teve início com uma proposta de trabalho que continha exercícios de leitura de números no material manipulável, Calculadores Multibásicos. Antes de iniciarem a proposta de trabalho, o professor reviu mais uma vez as cores das classes e das ordens. Quando terminaram a sua realização, corrigiram-na em conjunto.

Para lecionar na área de Língua Portuguesa o professor abordou dois tipos de texto, a prosa e a poesia.

Inferências

Na aula de Língua Portuguesa, o professor ao introduzir os dois tipos de texto escreveu no quadro um apontamento que os alunos passaram para os cadernos. De acordo com Condemarín e Chadwick (1987, p.186) o “prepósito básico desta actividade de escrita é captar o essencial, verbaliza-lo e reformulá-lo por escrito.”

Deste modo, os alunos ficam com o registo do conteúdo aprendido que servirá de apoio ao estudo.

Sexta feira, 11 de novembro

Hoje, estive na sala de aula a estagiar uma colega do curso antigo de professores. Pouco tempo depois da manhã ter iniciado, uma professora da Equipa de Supervisão Pedagógica, entrou na sala e pediu à Ana uma aula surpresa. Foi-lhe dada uma folha A₄ com uma lenda sobre o São Martinho, na qual tinha de fazer a sua interpretação e análise relativa ao Conhecimento Explícito da Língua.

Após a Ana ter terminado a sua aula e a professora ter saído da sala, entra outra professora da Equipa de Supervisão Pedagógica e pede à colega do curso antigo de professores para lecionar uma aula sobre o volume com o material Cuisenaire.

Finalizadas as aulas surpresa seguiu-se a reunião para debater as mesmas.

Inferências

Alarcão (1996) afirma que:

a observação de aulas, das próprias aulas formando ou das aulas dos colegas e/ou de outros professores (incluindo o supervisor), surge naturalmente, uma vez que a prática de ensino em situação de sala de aula consistiu o ponto de partida para o desenvolvimento profissional do professor, procurando-se que ele tenha mais controlo sobre os seus próprios processos instrucionais, através da compreensão do que faz, do que vê fazer. (pp.109-110)

Esta aulas são importantes para quem as leciona mas também para quem as vê, pois ao assistirmos a diferentes aulas, de diferentes pessoas deparamo-nos com possíveis estratégias a utilizar futuramente, mas também erros que não queremos cometer e é com estes erros e com os nossos erros que aprendemos a evoluir.

Segunda feira, 14 de novembro

Para iniciar o dia, o professor corrigiu juntamente com os alunos o desafio escolar.

De maneira ajudar na caligrafia dos seus alunos, o professor escreveu no quadro palavras que têm dificuldade, como por exemplo: perfeito, pretérito, masculino, feminino

O professor decidiu apostar numa estratégia de comportamento, ao dividir a turma em três grupos e cada uma com um chefe (escolhido pelo bom comportamento), dão as suas regras, com o objetivo em trabalhar em equipa.

Para terminar o dia, abordaram dois tipos de texto, o teatro e a banda desenhada.

Inferências

Apesar da caligrafia, neste ano, não ser um assunto fundamental no processo da aprendizagem, o professor titular da turma estima e trabalha a caligrafia, desenvolvendo nos alunos um cuidado acrescido nos trabalhos apresentados, bem como nos próprios registos para estudo dos mesmos. De acordo com Condemarín e Chadwick (1987, p.20) é essencial o trabalho feito para que os alunos adquiram uma boa caligrafia pois “a escrita como actividade convencional e codificada é uma destreza adquirida que se desenvolve através de exercícios específicos que conduzem ao ideal caligráfico proposto pela escola.”

É de registar o esforço e trabalho realizado pelo professor para que os seus alunos melhorem o seu código escrito.

Terça feira, 15 de novembro

No início da manhã, uma professora da Equipa de Supervisão Pedagógica entrou na sala e chamou-nos para assistirmos à aula surpresa de uma colega nossa. Foi-lhe pedido que trabalhasse com o material manipulável 5.º Dom de Fröebel, abordando frações e situações problemáticas.

Depois da aula seguiu-se a reunião para falar sobre a mesma.

Ao voltarmos para a sala do 4.º Ano, os alunos estavam a realizar uma ficha formativa sobre medidas de massa e derivação de palavras.

Inferências

Alarcão (citado por Severino, 2007, p.42) escreve que para “para haver progressão do formando, este necessita de ter consciência dos pontos menos bons da sua opção, carecendo, para tal, de observar, de diagnosticar e de tomar posições num movimento dialéctico de acção-reflecção.”

As reuniões com a equipa de supervisão pedagógica são sempre momentos de aprendizagem para nós, estagiárias, pois é através dos seus *feedbacks* que podemos ter consciência dos nossos erros e assim melhorá-los para de uma próxima não voltarmos a cometê-lo.

Neste caso, com os *feedbacks* dados às nossas colegas, podemos também de um modo reflexivo tirar aprendizagens.

Sexta feira, 18 de novembro

Para iniciar o dia, o professor solicitou a participação dos alunos para lerem um texto e depois interpretá-lo através de questões colocadas por ele.

Após terem terminado de interpretar o texto, realizaram a correção oral da prova de Língua Portuguesa.

Como na altura da minha aula surpresa uma das professora da Equipa de Supervisão Pedagógica aconselhou-me a voltar a dar a mesma aula, combinei com o professor que seria hoje. Voltei a abordar a temática da área utilizando o mesmo material manipulável, o Cuisenaire.

Inferências

Os materiais manipuláveis são essenciais para a assimilação de muitos conteúdos matemáticos. Segundo Palhares e Gomes (2006, p.171) a utilização do material utilizado por mim na aula surpresa, o Cuisenaire “estende-se a vários conteúdos entre os quais se destacam (...) medir áreas (...)”

Desta vez, iniciei a aula questionando os alunos sobre a definição de área, aspeto que falhou na minha aula surpresa. Durante esta aula tudo fluiu de outra maneira, sendo que consegui atingir o objetivo.

O meu insucesso na última aula surpresa fez com que eu refletisse bastante e adquirisse melhor os conhecimentos para não voltar a errar e como referem Marujo, Neto e Perloiro (2004, p.116), “o erro é qualquer coisa que se faz e que, mais tarde, depois de refletir, gostaríamos de ter feito de forma diferente.”

Mas agradeço à professora pelo conselho que me deu para voltar a repetir a aula porque sem dúvida senti que como referem os mesmos autores (2004, p.117) “de cada vez que se erra aprende-se melhor pelo *feedback* que se retira dos erros dados. Cada erro ensina-nos o que temos de corrigir e leva-nos a aproximar-nos da realização mais perfeita da tarefa.” Foi para mim muito importante dar esta aula hoje, e sentir que superei alguns obstáculos do insucesso da minha aula surpresa.

1.8. 8.ª Secção

Período de estágio: 21 de novembro de 2011 a 27 de janeiro de 2012

Faixa etária: 8 anos

Bíbe: Azul Claro (3.º Ano B)

Professora: Sofia Guedes

1.8.1. Caracterização da turma

A turma do 3.º Ano B do Jardim-Escola João de Deus – Olivais é composta por vinte e oito crianças, dezassete do sexo feminino e onze do sexo masculino. Todas as crianças têm 8 anos.

Estas crianças pertencem ao nível socioeconómico médio/médio alto e os seus pais possuem na sua grande maioria formação superior.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica J.E. e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

Na turma, existem dois casos de maior dificuldade de aprendizagem.

A turma do 3.º Ano B é constituída pelas mesmas crianças que a turma que aparece descrita na 5.º secção, devido a esse facto, já conheço bem todas elas.

1.8.2. Caracterização do espaço

A sala da turma do 3.º Ano B é pequena, mas acolhedora. As mesas estão organizadas por filas, de frente para o quadro interativo. No fundo da sala existe uma estante onde estão guardados os dossiers e pastas das crianças, existe ainda um pequeno móvel com diferentes tipos de livros (banda desenhada, histórias). Também no fundo da sala as crianças podem guardar as suas mochilas e casacos nos respetivos cabides.

A sala está apelativa para os alunos, tendo nas paredes informações importantes, como, palavras que a turma tem mais dificuldade em escrever, a maneira como devem identificar uma palavra, sendo ela nome, adjetivo, determinante, etc, e ainda os aniversários das crianças.

1.8.3. Rotina

As rotinas desta secção são idênticas às rotinas da secção anterior, porém o grau de exigência é um pouco inferior. Mantêm os mesmos horários que o 4.º Ano.

De seguida, apresento o quadro com o horário semanal da turma facultado pela professora titular de turma (Quadro 13).

Quadro 13 – Horário da turma do 3.º Ano B. (Bibe Azul claro)

3º ANO – Turma B – Prof. Sofia					
HORAS	2º	3º	4º	5º	6º
9h – 10h	LÍNGUA PORTUGUESA	MATEMÁTICA	LÍNGUA PORTUGUESA	MATEMÁTICA	LÍNGUA PORTUGUESA
10h – 11h	LÍNGUA PORTUGUESA	MATEMÁTICA	LÍNGUA PORTUGUESA	MATEMÁTICA	LÍNGUA PORTUGUESA
RECREIO					
11h30 – 12h	MATEMÁTICA	LÍNGUA PORTUGUESA	MATEMÁTICA	LÍNGUA PORTUGUESA	MATEMÁTICA
12h – 12h50	MATEMÁTICA	LÍNGUA PORTUGUESA	MATEMÁTICA	LÍNGUA PORTUGUESA	MATEMÁTICA
13h – 14h30	ALMOÇO E RECREIO				
14h30 – 15h20	ESTUDO DO MEIO	ESTUDO DO MEIO	EXP. PLÁST.	INGLÊS (14h20 - 15h20)	ESTUDO DO MEIO
15h20 – 16h10	BIBLIOTECA: no âmbito de Língua Portuguesa	HISTÓRIA		ED. FÍSICA	EXPERIÊNCIAS
16h10 – 17h	HISTÓRIA	ÁREA PROJETO	FORMAÇÃO CÍVICA	MÚSICA	ESTUDO ACOMPANHADO
SAÍDA					

1.8.4. Relatos Diários

Segunda feira, 21 de novembro

Hoje foi a primeira manhã passada na turma do 3.º Ano B, que é orientada pela professora Sofia Guedes.

Uma colega pertencente a outro par de estágio, a Sónia, lecionou a sua última manha de aula, uma vez que não lhe foi possível realizá-la durante o seu período de estágio nesta sala.

A Sónia começou por entregar uma folha A₄ com um poema, a cada aluno. Fez a leitura modelo, pediu para os alunos lerem. Falou sobre o tipo de texto que se tratava, e como este se caracteriza. Realizou questões de interpretação do texto através de um *Powerpoint*.

De seguida, para abordar na área de Estudo do Meio, a Sónia apresentou através do mesmo suporte digital uma árvore genealógica. Trabalhou a família de uma personagem, fazendo questões aos alunos sobre os graus de parentesco.

Para terminar a sua manhã, depois do intervalo a Sónia lecionou uma aula com o material manipulável Cuisenaire, em que trabalhou a leitura de números.

Inferências

Na aula de Língua Portuguesa, a Sónia utilizou um *Powerpoint* muito original e apelativo para trabalhar a interpretação do texto, bem como algumas questões relativas ao Conhecimento Explícito da Língua. Tal como já tenho vindo a referir, a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação, quando bem aplicadas pode ser uma mais valia na aprendizagem das crianças, podendo ter diferentes funções. Para Ponte (2002, p.24) as TIC “devem ser utilizadas na pratica pedagógica do dia a dia da generalidade das disciplinas.” afirmando ainda que “podem servir para a produção de materiais, bem como de suporte à realização de apresentações”.

Após a aula da Sónia, a professora deu o *feedback* de uma forma muito clara, objetiva. A professora transmitiu à Sónia diferentes formas de trabalhar, com o material manipulável, Cuisenaire a mesma temática, de modo a não tornar a aprendizagem monótona e pouco estimuladora.

De acordo com Alarcão e Roldão (2008, p.31) “o *feedback* está presente como elemento orientador, estimulador e regulador, sob a forma de comentários interactivos.” Estes momentos de reflexão, são para nós, estagiárias, momentos de aprendizagem

com os mais experientes de modo a melhorar cada vez mais a nossa formação enquanto docentes.

Terça feira, 22 de novembro

No início da manhã estiveram a terminar trabalhos que tinham em atraso. Após este momento, a turma teve avaliação em leitura de números. Nesta avaliação, dois alunos possuíam uma avaliação diferente, pois têm algumas dificuldades, o que exige algumas ajudas.

Depois de terminado o tempo para a avaliação, a professora introduziu as medidas de comprimento, falando do aparecimento das mesmas (referiu diversos objetos «borracha, caderno, quadro, etc..» e perguntou aos alunos qual a opinião delas em relação à maneira de se medir o objeto em questão) colocando sempre questões dirigidas. Realizaram exercícios para cimentarem o aprendido na sala.

Uma professora de apoio entrou na sala para chamar os dois alunos com mais dificuldades e assim trabalhar com eles conteúdos ainda pouco adquiridos.

Inferências

A avaliação de leitura de números realizada pela turma, está relacionada com avaliação formativa que esta é sujeita durante o ano letivo. Neste sentido, Ribeiro e Ribeiro (1990, p.349) fazem referência a este tipo de avaliação ao mencionarem que esta “incide sobre um núcleo restrito de objetivos de uma unidade de ensino.”, neste caso, o núcleo restrito de objetivos foi a leitura de números até à classe dos milhões. Os mesmos autores (1990, p.348) canalizam a utilização da avaliação formativa “no decorrer das unidades de ensino, devendo ser praticadas sistematicamente, de acordo com o plano de avaliação estabelecido.”

A professora após ter introduzido as medidas de comprimento realizou alguns exercícios de reduções para exemplificar. Ao pedir a um aluno que tentasse realizar a redução, este conseguiu, tendo recebido da professora uma palavra de incentivo pela resposta correta (dado que o aluno interveniente é um dos dois alunos com dificuldades de aprendizagem). Segundo Lafortune e Saint-Pierre (1996, p.39), “é muitas vezes necessário chamar a atenção dos alunos para os seus sucessos, sobretudo naqueles que têm uma percepção negativa de si mesmos.”

De acordo com informações cedidas pela professora, os dois alunos com dificuldades de aprendizagem não têm legalmente uma Necessidade Educativa Especial, porque infelizmente os pais de ambos nunca trataram disso. Estes dois

alunos precisam de alguns cuidados e como referido, diariamente possuem ajuda de uma professora de apoio.

Sexta feira, 25 de novembro

O dia teve início com a distribuição de uma folha, na qual iam trabalhar um pictograma, a partir de diversas questões. A pedido da Diretora, as minhas colegas e eu fomos para o salão ajudar na preparação do material para a festa de Natal do Jardim-Escola.

Depois do intervalo os alunos realizaram uma cópia, enquanto isso, a professora corrigiu trabalhos e sempre que necessário dirigia-se à mesa do aluno em questão e com ele tirava a dúvida do erro. Perto do fim da manhã de aula a professora realizou com a turma um ditado de palavras.

Inferências

O exercício caligráfico que realizaram, a cópia, é sempre um ótimo recurso para que a criança através da escrita, treine e memorize como certas palavras se escrevem. Segundo Condemarín e Chadwick (1987, p.182), a cópia “permite praticar as destrezas caligráficas das formas específicas de cada letra. (...) favorece a familiaridade da criança com diversas modalidades de estruturação das palavras nas frases e orações.” e “favorece os mecanismos de memorização, tão importantes para as destrezas de estudo.”

A respeito da atitude da professora ao ir ter com cada aluno quando se deparava com um erro, considero ser notório pois demonstra interesse na dissipação dos erros dos alunos, ao fazê-los ver onde e em que é que erraram. Ponte e Serrazina (2000, p.103) sistematizam que “os erros do aluno podem e devem ser tidos em conta de um modo positivo no processo de aprendizagem; para que ele progrida, é preciso que perceba que a sua resposta está errada”

Deste modo, o aluno não tem medo de errar, sabendo que de uma forma cuidadosa e não penosa, terá por parte da professora uma explicação para a sua correção.

Segunda feira, 28 de novembro

No início da manhã a professora questionou os alunos para o facto de terem ou não terem tido dúvidas na realização do desafio escolar, ao qual dois alunos responderam que no início não estavam a conseguir fazer, mas que depois os pais explicaram e já

conseguiram. Juntos corrigiram todos os exercícios de modo a tirar quaisquer dúvidas que os alunos pudessem ter.

Após a correção do desafio escolar, a professora distribuiu por cada aluno uma ficha, que simulava uma prova de Língua Portuguesa, visto esta ter lugar amanhã e servir de uma revisão para todos. Depois de terminada a ficha a turma realizou um ditado e de seguida a sua correção.

Na área da Matemática efetuaram trabalhos em atraso.

Inferências

Em relação ao facto dos alunos mencionarem que conseguiram fazer o desafio escolar com ajuda dos pais, vai ao encontro do que diz Simões (2006, p.88) quando cita que “o interesse dos pais pelas actividades escolares dos filhos influencia a aprendizagem dos últimos.” Davies, Epstein, Pires et al., Boudon, Pinto, e Marques (citados por Simões, 2006, p.88) referem “que a presença dos pais determina o sucesso dos filhos e ajuda a minorar as dificuldades.”

No seguimento dos TPC, Epstein (citado por Simões 2006, p.87) diz que “a aprendizagem não pode ser reduzida à simples recepção de informação nas «aulas», pelo que se torna necessário rever em casa a matéria bordada, através de exercícios estimulantes e acessíveis.” Na perspetiva da autora acima referido (2006, p.87), os TPC podem ter como função “preparar ou completar o trabalho” feito em sala de aula.

A realização de TPC é essencial no desenvolvimento do aluno, visto ser através da sua correção que tanto o professor como o aluno podem verificar se os conteúdos ficaram bem consolidados.

Terça feira, 29 de novembro

Esta manhã a turma esteve a realizar a prova de Língua Portuguesa, antes de esta ter início, a professora fez a sua leitura modelo para que não houvesse dúvidas nas questões.

Enquanto os alunos estavam a realizar a prova, as minhas colegas e eu estivemos a ajudar nos preparativos para a festa de natal.

Ao terminarem a prova, os alunos realizaram também uma avaliação de operações.

Inferências

As provas realizadas pelos alunos são abrangidas pela avaliação sumativa. Esta avaliação, de acordo com Ribeiro e Ribeiro (1990, p.359), “procede a um balanço de

resultados no final de um segmento de ensino-aprendizagem, acrescentando novos dados aos recolhidos pela avaliação formativa e contribuindo para uma apreciação mais equilibrada do trabalho realizado.” Para os mesmos autores (1990, p.359), “é uma avaliação de malha larga que pretende uma visão geral e não uma análise em profundidade e que portanto não se justificaria para um conjunto limitado de objectivos.”

Neste caso, a prova realizada hoje, é um teste sumativo que os alunos são sujeitos. Os mesmos autores (1990, p.361) explicam que estes testes “incidem sobre um conjunto vasto de objectivos, avaliando aprendizagens representativas dentro desse conjunto e proporcionando, assim, um quadro final de resultados conseguidos.”

Estes, são avaliados consoante uma classificação.

Segunda feira, 5 de dezembro

Indo ao encontro da rotina habitual da turma, a primeira meia hora em sala de aula, foi destinada aos trabalhos em atraso. As minhas colegas e eu apoiámos os alunos que mais necessitavam.

Passado meia hora, a professora deu início à prova de Estudo do Meio, na qual os alunos estiveram concentrados a realizá-la.

Após terem terminado a prova, todos os alunos realizaram operações de dividir.

Para finalizar a manhã a professora fez com os alunos um ditado.

Inferências

No início da manhã os alunos terminam os trabalhos que têm em atraso, alguns com a nossa ajuda outros sozinhos de maneira a terminarem com sucesso mais um momento de consolidação de aquisições. Pires (citado por Abreu 2005, p.33), escreve que “o trabalho individual, que pode ser mais guiado ou mais livre, é importante para o treino e consolidação das aquisições.”

Mais uma vez a professora realizou com a turma um exercício caligráfico, desta vez o ditado de palavras. Sobre esta prática, Condemarin e Chadwick (1987, p.184) mencionam que “o exercício de registar com precisão as palavras exatas (...) pode ser importante para desenvolver uma melhor percepção do uso dos matizes semânticos e sintáticos da linguagem.” Através deste exercício o aluno desenvolve várias capacidades, nomeadamente a consciência fonológica, aquisição de novo vocabulário (tendo em conta que são abordados significados das palavras utilizadas).

Terça feira, 6 de dezembro

A manhã começou com a realização da prova de História de Portugal.

Depois do intervalo, as minhas colegas e eu fomos ajudar nos preparativos para a festa de Natal.

Inferências

Apesar de não assistir a aulas lecionadas pela professora nesta área curricular, hoje, assisti à prova realizada pelos alunos. Sobre os testes/prova, Gronlund e Linn (referidos em Pais & Monteiro, 1996, pp.63-64) mencionam que esses “e outros procedimentos para medir a aprendizagem dos alunos não se destinam a substituir as observações e juízos informais dos professores” mas sim a “complementar e suplementar os métodos informais de obtenção de informação acerca dos alunos.”

Deste modo, a avaliação do aluno engloba a realização destas provas, bem como a sua postura, participação e outros parâmetros/critérios pelo professor definidos.

De 9 de dezembro a 16 de dezembro

Nos dias acima referidos, não realizei quaisquer relatos, devido ao facto de termos passado a maior parte dos dias a cooperar para a festa de natal do Jardim-Escola. Quer fosse a recortar, embrulhar, colar, enfeitar, fizemos de tudo o pedido para que tudo corresse bem.

Faço apenas uma distinção, pois dia 15 de dezembro realizou-se a festa de Natal, na qual participaram todos os professores e alunos do Jardim-Escola.

Inferências

Não posso deixar de inferir sobre a festa de Natal elaborada por todas as crianças e professores, com o objetivo de proporcionar aos pais e familiares um bom momento.

Marques (2001, p.109) faz referência à importância da presença da família nestas ocasiões, escrevendo que “os alunos beneficiam porque sentem, de perto, o interesse dos pais e ficam mais aptos a corresponder às expectativas de pais e professores” Acerca da família na escola, Marques, Davies e Silva (1993, p.107) mencionam que “um dos objetivos mais importantes das relações escola/famílias/comunidades é

aumentar o número de famílias que se envolvem na educação dos filhos. Este envolvimento pode incluir a comunicação pais/filhos, pais/professores”

Terça feira, 3 de janeiro

Para iniciar o novo ano que acabou de chegar a professora fez a leitura modelo do texto “Ano novo” e os alunos de seguida também leram. Após a leitura, dialogaram sobre o Natal e a passagem de ano.

Inferências

Por ser o primeiro dia de aulas depois das férias de Natal, a professora quis dialogar com os alunos, para estes lhe contarem o seu Natal, a sua passagem de ano, mas também a professora partilhou com os alunos as suas férias. Curto (1998, p.26) escreve que “os professores necessitam de criar espaços de diálogos nas suas aulas, de modo a despertar novos interesses nos alunos e de forma a terem com eles uma relação afetiva.” O mesmo autor (1998, p.21) refere a importância de “estabelecer, cultivar e desenvolver uma boa comunicação conducente a uma desejável relação pedagógica entre professores e alunos.”

Para que a comunicação seja valorizada, implica termos em atenção alguns pontos. De acordo com Vieira (2000, p.16), são eles: “saber deixar falar sem pressa de despachar a pessoa” e “ter a capacidade de ouvir até ao fim, de forma a perceber com clareza o conteúdo da mensagem.”

É importante o professor despender do seu tempo para partilhar e fazer partilhar com os alunos momentos únicos de comunicação.

Sexta feira, 6 de janeiro

Na manhã de hoje a professora leu uma história à turma.

De seguida, realizaram uma atividade de expressão escrita, na qual escreveram a receita para ter boas notas a Matemática.

Para finalizar a manhã estiveram a fazer exercícios de Matemática em atraso e por fim, um ditado de números realizado pela professora.

Inferências

Deste dia destaco a leitura de uma história realizada pela professora, pois pelo que me foi possível observar, desde que estou nesta sala de aula, esta prática não é muito aplicada e de acordo com as Orientações para Actividades de Leitura no 1.º Ciclo (s.d.) a leitura de histórias:

leva à interiorização de um mundo de enredos, personagens, situações, problemas e soluções, que proporcionam às crianças um enorme enriquecimento pessoal e contribui ainda para a formação de estruturas mentais que lhes permitirão compreender melhor e mais rapidamente não só as histórias escritas, mas também os acontecimentos do seu quotidiano.

Os alunos apesar de já estarem num nível de escolaridade mais avançado não deixaram de se sentir entusiasmados durante a leitura expetantes no que se iria desenrolar de seguida.

Segunda feira, 9 de janeiro

Hoje foi uma colega da antiga licenciatura que lecionou a manhã de aula. Esta, terá a sua Prova Prática daqui a uns dias e por isso combinou com a professora lecionar esta aula.

A minha colega, para dar início à sua aula, colocou um filme sobre os Romanos, para assim introduzir esta civilização à turma. Após o visionamento do mesmo, distribuiu por todos uma ficha acerca desta mesma civilização, de modo a consolidar os conhecimentos adquiridos pelo filme.

Na área da Matemática trabalhou com os alunos a leitura de números, utilizando o material manipulável Calculadores Multibásicos.

Para finalizar a manhã, tentou abordar o complemento direto e o complemento indireto.

Inferências

Esta manhã de aulas consistiu uma aprendizagem para mim. Pois, observei metodologias e atitudes que não concordo. Refiro-me ao facto da minha colega não deixar os alunos participarem, raciocinarem, questionarem durante toda a sua aula.

Para iniciar, o filme era muito extenso, com muita informação e acabava por se tornar cansativo e confuso para os alunos. Catita (2007, p.6) afirma que “no fundo, não se pretende a promoção do saber enciclopédico nas crianças, mas sim, desenvolver

nelas a capacidade e o desejo de experimentar, observar, dialogar e descrever sobre o que observou, descobrir e estimular a vontade do saber mais.”

Mas no que refere à utilização das TIC, Mena, Marcos e Mena (citado por Silveira-Botelho, 2009, p.114), referem que a utilização das TIC “vai desenvolver uma nova linguagem (reúne informação gráfica, sonora, textual e visual,...) e um novo ambiente social.”, sendo que convenientemente exploradas, podem ser um “excelente instrumento educativo.”

De seguida, depois de distribuir a ficha, a minha colega não deu tempo para que os alunos puxassem pela cabeça e a elaborassem, começando por dar todas as respostas.

Para finalizar a manhã, a minha colega não conseguiu dar a aula de Língua Portuguesa, não tendo sequer introduzido a matéria para a turma. Mostrou que não se preocupou em saber o que os alunos já tinham aprendido, para assim levar informação correta.

Numa sala de aula o professor deve ter em consideração, segundo Amor (2006, p.68), a participação de todos os alunos, proporcionando assim “um maior número de oportunidades de a palavra ser tomada por todos” e a “criação de contextos sugestivos e formulação de problema que constituam ponto de partida para intervenções com diferentes propósitos comunicativos.”

Terça feira, 10 de janeiro

A manhã de hoje teve um início atribulado, porque estavam no Jardim-Escola as professoras da Equipa de Supervisão Pedagógica e a Inês sem saber se iria ou não ser interrompida pelas professoras só deu início à sua aula por volta das 10h da manhã, até lá estivemos ajudar as crianças a terminarem trabalhos em atraso.

Às 10h, a Inês iniciou a aula com a área de Língua Portuguesa na qual, através de um *Powerpoint* abordou os determinantes e pronomes possessivos. Distribuiu por cada aluno uma proposta de trabalho que juntos a corrigiram.

Após o intervalo a professora interveio na aula e dialogou com os alunos sobre um episódio que aconteceu no recreio, com alguns alunos da turma, pedindo que estes, arranjassem uma solução para o problema.

De seguida, a Inês, introduziu a divisão por 10, 100 e 1000 através também de um *Powerpoint* e exercícios de consolidação. Ao verificar que já não dava tempo para lecionar a aula de história, combinou com a professora lecioná-la amanhã.

Inferências

A atitude da professora ao refletir e resolver os conflitos de alguns alunos com a turma vai ao encontro do que dizem Brikman e Taylor (1991, p.42) quando mencionam que os professores devem “ajudar as crianças a ultrapassar os seus próprios conflitos e frustrações através de uma atitude de resolução de problemas e não através do controlo ou de castigos impostos pelos adultos.” É importante que as crianças tenham “consciência do efeito das suas ações sobre os outros e do modo como as suas escolhas as ajudam a ultrapassar as suas próprias dificuldades e conflitos.”

A professora ao ter escutado os alunos, ter lhes proposto soluções para o problema, conseguiu ter êxito na resolução do problema que se iniciou no recreio.

Sexta feira, 13 de janeiro

Como já é habitual, a primeira parte da manhã foi destinada a acabar trabalhos, tendo eu e as minhas colegas ficado apoiar que mais precisavam.

Terminada a rotina dos trabalhos, a professora deu início à leitura de um texto e à sua interpretação.

Após o intervalo a Inês iniciou a sua aula de História de Portugal. Abordou a civilização Árabe e tudo o que a envolvia. Através de um *Powerpoint* mostrou imagens e situações sobre esta mesma civilização.

Inferências

A aula de História de Portugal da Inês foi um pouco expositiva. Limitou-se a ler o *Powerpoint* esquecendo-se que à sua frente estavam vinte e oito alunos de 8 anos desejosos de falar, ler, enfim...participar na aula. Segundo Proença (1990, p.92), “o professor não deve estar apenas atento aquilo que os alunos aprendem, mas também ao modo como desenvolvem as atividades de aprendizagem,” devendo, por isso, “diversificar as suas estratégias de ensino.” (1990, p.107). Abordando as aulas expositivas, Antunes (2007, p.23) refere que é uma maneira de se lecionar uma aula, mas “não é e não pode ser a única maneira.”

Assim, penso que a Inês poderia ter aplicado outra estratégia para dar mais dinâmica à aprendizagem dos alunos e até à própria aula. Mas, não posso deixar de, mais uma vez, referir que além das aulas lecionadas pelas minhas colegas, nunca assisti a uma aula de História de Portugal dada pela professora e por isso também me sentir limitada nas estratégias a utilizar para as aulas desta área.

Inferências

Na aula de Estudo do Meio primei pela comunicação com os alunos, apelei à sua participação, às suas vivências e de acordo com Coll e Edwards (1998, pp.13-14) “a linguagem é o principal meio de comunicação entre professor e aluno.” Sobre a participação dos alunos nas aulas

O jogo que apliquei para consolidar a matéria lecionada na aula teve como objetivo, com o seu auxílio, tornar a aprendizagem motivadora e neste sentido, Duarte (2009, p.1) considera o jogo “um auxiliar educativo e uma forma de motivar os alunos para a aprendizagem.” Frisando que, neste prisma, não se deve “considerar apenas como um divertimento ou um prazer.”

Na elaboração da composição coletiva depois de dialogarmos sobre as diferentes ideias (que cada aluno ia transmitindo), sobre qual se enquadrava melhor na história, juntámos e “construímos” a nossa composição. Segundo Niza (1998, p.86), “a interação entre as crianças, e entre estas e o professor, a propósito da escrita (...), possibilita o diálogo, a troca de impressões clarificadora das ideias, e conduz ao progressivo domínio da estruturação da linguagem escrita.”

Gostei muito de lecionar esta aula, diverti-me muito. O resultado final foi muito positivo, todos queriam ler a história inicial terminada com a nossa composição.

Terça feira, 17 de janeiro

Na manhã de hoje fui surpreendida por uma professora da Equipa de Supervisão Pedagógica que me entregou um texto e pediu-me que fizesse a sua leitura e interpretação bem como fazer a revisão do conteúdo do Conhecimento Explícito da Língua, o complemento direto e indireto.

De seguida, a professora pediu à Inês, na área da Matemática, que trabalhasse com os alunos situações problemáticas.

No final da manhã estivemos reunidas com a professora e colegas que assistiram às aulas, para as refletir.

Inferências

Relativamente à minha aula surpresa, Teberosky e Colomer (2003, p.126) citam que o professor ao fazer a leitura modelo do texto, em voz alta, “a criança aprender a participar como audiência, porque escutar ler não é algo passivo.” Os mesmos autores

(2003, p.171) referem que esta leitura “faz com que as crianças conheçam como é a sintaxe ou o léxico próprio da língua escrita.” Podia também, visto ser uma aula surpresa e não estar preparada para trabalhar o texto, pedir aos alunos para lerem primeiro e só depois faria eu a leitura. Assim, teria tempo para preparar na minha cabeça as perguntas que queria colocar.

Apliquei a estratégia de ler primeiramente o texto e depois alguns alunos, no final coloquei algumas questões de interpretação. Neste sentido, Teberosky e Colomer (2003, p.119) mencionam que “ao terminar os comentários ou a leitura, o professor deveria iniciar um tempo de discussão e perguntas sobre o texto lido.”

Terminei a aula depois de abordar o conteúdo pedido, o complemento direto e indireto. Depois da reflexão com a professora deparei-me com algumas falhas que poderia ter evitado, trabalhando assim mais em profundidade a moral da história com os alunos.

Sexta feira, 20 de janeiro

Como previsto, hoje, durante todo o dia, fomos a uma visita de estudo à Tapada de Mafra. Na parte da manhã estivemos a passear pela tapada, num comboio turístico, no qual uma guia nos foi explicando e contando histórias daquele lugar.

Na parte da tarde, os alunos presentes, do 3.º e 4.º Ano, foram divididos em grupos. O chefe de cada grupo era um adulto, ficando as minhas colegas e eu distribuídas por diferentes grupos.

O objetivo da existência destes grupos foi a realização de uma caça ao tesouro pela tapada, de maneira a que os conhecimentos hoje adquiridos fossem “postos à prova”.

Inferências

Depois de tantos dias a ouvir os alunos falarem desta visita de estudo, eis que chegou o dia. Segundo Galvão (2006), as visitas de estudo têm entre vários objetivos, os seguintes:

- promover uma aprendizagem contextualizada e integradora de saberes de varias áreas;
 - estimular a curiosidade, a imaginação e a criatividade;– permitir o contacto directo com o meio, proporcionando uma oportunidade para os alunos questionarem o que observam;
 - facilitar o reconhecimento da pertinência e relevância dos conhecimentos adquiridos mediante a sua contextualização;
 - favorecer uma boa relação entre o professor e alunos e entre alunos.
- (p.10)

Os alunos durante todo o tempo que a guia falou, estiveram curiosos e atentos a ouvir e a imaginar, como deveria ter sido na altura do Rei D. Carlos.

Sobre esta prática, as visitas de estudo, o mesmo autor (2006, p.6) refere que são “úteis em qualquer nível de escolaridade” e que “constituem uma excelente oportunidade para a abordagem de vários assuntos.” (2006, p.10). Durante a caça ao tesouro, os grupos trabalharam nas diferentes áreas do conhecimento (desde calcular a área do espaço ocupado pela tapada, ao identificar os diferentes tipos de árvores existentes na tapada).

Para Sanches (2001, p.243) “trabalhar em grupo, cooperativamente, significa interdependência positiva relativamente a objetivos comuns significa sentido de responsabilidade e de posse de conhecimentos que se adquirem através da cooperação”

O facto de se ter dividido os alunos em grupos, com vista à realização de uma atividade faz com que todos tivessem que cooperar para o mesmo.

Terça feira, 24 de janeiro

Hoje a manhã estive a cargo de uma colega que está a terminar o curso antigo de professores. A minha colega também falou com a professora e combinaram esta aula, visto a minha colega ter a sua Prova de Aptidão Profissional daqui a alguns dias.

Iniciou a manhã com a elaboração de uma proposta de trabalho, com a qual realizou revisões das medidas de comprimento e capacidade.

Após o intervalo, deu início à leitura e interpretação de um texto onde realizou uma revisão por todos os conteúdos já aprendidos.

Para finalizar a manhã, abordou com os alunos, através de um *Powerpoint*, a temática dos Rios de Portugal no qual referiu as características e localizações dos diferentes Rios existentes em Portugal.

Inferências

Já tinha assistido a uma aula desta minha colega no Bibe Castanho e na altura inferi para o facto de esta olhar constantemente durante o decorrer da sua aula para a professora titular da turma. Hoje, manteve a mesma postura. Esta atitude da minha colega demonstra da parte dela falta de confiança, mas apesar disso as suas aulas têm sequência lógica e são apelativas.

Toda a sua manhã (relativamente às áreas do conhecimento) teve um elo de ligação, que foi o tema dos Rios de Portugal. Desta maneira os alunos não sentiram

abruptamente que estavam a mudar de área do conhecimento, fazendo assim interdisciplinaridade na manhã de aula. Fourez, Maingain e Durfour (2002, p.25) referem que a interdisciplinaridade “é utilizada para abarcar uma gama de práticas, na realidade, diferenciadas. Têm em comum a colocação em rede de saberes e de competências provenientes de diferentes campos disciplinares.”

De acordo com Brasil (1999), a interdisciplinaridade:

não dilui as disciplinas, ao contrário, mantém sua individualidade. Mas integra as disciplinas a partir da compreensão das múltiplas causas ou fatores que intervêm sobre a realidade e trabalha todas as linguagens necessárias para a constituição de conhecimentos, comunicação e negociação de significados e registro sistemático dos resultados. (p.89)

Sexta feira, 27 de janeiro

No último dia de estágio, a Ana lecionou a sua manhã de aula. Iniciou o dia com a área de Língua Portuguesa, na qual reviu a diferença entre determinante e pronome e de seguida, introduziu os determinantes e pronomes demonstrativos. Ainda na mesma área, os alunos com a orientação da Ana, preencheram um quadro com os devidos determinantes e pronomes de uma forma sistematizada.

A área a ser lecionada depois do intervalo, foi a de Estudo do Meio. Nesta aula a Ana abordou os animais, mais propriamente a diferença entre todas as classes de animais existentes com o auxílio de imagens. Após a exposição realizada por *Powerpoint*, cada criança possuía um cartão de identificação de um animal diferente no qual teriam de preencher a que classe pertencia.

Com o final da manhã a advir, a Ana deu início à sua aula de Matemática, poucos minutos antes de chegar a hora de almoço, tendo tido apenas tempo de, através de um *Powerpoint*, introduzir a diferença entre círculo e circunferência.

Inferências

Na aula de Língua Portuguesa, a Ana, ao falar dos determinantes e pronomes demonstrativos, raramente referiu a sua subclasse, abordando apenas a palavra classe. De acordo com Santiago e Dias (2001, pp.14-15), estes dois conceitos (classe e subclasse) têm de estar presentes num modo agrupado, de forma a que a criança consiga identificar primeiramente a sua classe de forma a conseguir determinar a que subclasse pertence.

Capítulo 2 – Planificações

2.1. Descrição do capítulo

Este capítulo está dividido em duas partes distintas.

A primeira, contém a fundamentação teórica sobre planificações e sobre o que é o modelo T de aprendizagem, baseado em diferentes autores.

A segunda parte deste capítulo abrange os planos de aula. Nesta parte, apresento três planificações relativas ao Pré-Escolar, que executei para a realização de uma das aulas de manhã inteira, pertencentes à área de Expressão e Comunicação - Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, Domínio da Matemática e à área do Conhecimento do Mundo. Por fim, exponho ainda três planificações referentes ao 1.º Ciclo, que efetuei para a concretização de outra manhã de aula, pertencentes à área de Matemática, à área de Língua Portuguesa e à área de Estudo do Meio.

Todas as planificações que serão apresentadas, irão conter o meu comentário crítico, devidamente fundamentado, evidenciando os aspetos que considero relevantes em cada uma das aulas lecionadas.

2.2. Fundamentação teórica

O ato de planificar é uma atividade muito importante para todos os docentes e nela dependem muito do seu tempo. É uma atividade importante para a organização do processo ensino-aprendizagem de uma turma, de maneira a que as crianças adquiram a maioria de conhecimentos possíveis, transmitidos pelo docente de diferentes formas e utilizando diversas estratégias.

A planificação baseia-se na preparação prévia e realização de um plano de ação, que visa atingir determinados fins.

Segundo Zabala (citado por Braga, Vilas-Boas, Alves Freitas & Leite, 2004)

(...) passa pela criação de ambientes estimulantes que propiciem actividades que não são à partida previsíveis e que, para além disso, atendam à diversidade das situações e aos diferentes pontos de partida dos alunos. Isso pressupõe prever actividades que apresentem os conteúdos de forma a tornarem-se significativos e funcionais para os alunos, que sejam desafiantes e lhes provoquem conflitos cognitivos, ajudando-os a desenvolver competências de aprender a aprender (p. 27).

Segundo Ribeiro e Ribeiro (1990, p.433), a planificação “trata-se de seleccionar estratégias de ensino que envolvem os alunos em actividades de aprendizagem apropriadas à consecução dos objectivos e dos conteúdos definidos”

Clark e Peterson (citados por Braga, 2001, p.34) referem que na planificação estão contidos “os processos de pensamento que o professor leva a cabo antes da interacção com a turma”. Bullough (citado por Braga, 2001, p.35), defende que “a planificação deve ser realizada com o objectivo de manter os alunos interessados e intelectualmente despertados”, recorrendo a actividades que “exigem muito esforço e outras que o poupem, actividades de grande e pequeno grupo, actividades que convidam ao barulho, ...”

De acordo com Escudero (citado por Zabalza, 2002, p.47), planificar é também “prever possíveis cursos de acção de um fenómeno e plasmar de algum modo as nossas previsões, desejos, aspirações e metas num projecto que seja capaz de representar, dentro do possível, as nossas ideias acerca das razões pelas quais desejaríamos conseguir, e como poderíamos levar a cabo, um plano para as concretizar.”

Arends (1995, p.44) afirma que “a planificação e a tomada de decisão são vitais para o ensino e interagem em todas as funções executivas do professor.”

De acordo com Clark e Lampert (citados por Arends, 1995, p.44), referem que “o currículo, tal como é publicado, é transformado e adaptado pelo processo de planificação através de acrescentos, supressões e interpretações e pelas decisões do professor sobre o ritmo, sequência e ênfase.”

Como referem Clark e Yinger (citados por Zabalza, 2002), as planificações podem ser agrupadas em três tipos de categorias:

(i) os que planificam para satisfazer as suas próprias necessidades pessoais: reduzir a ansiedade e a incerteza que o seu trabalho lhes criava, definir uma orientação que lhes desse confiança, segurança, etc; (ii) os que chamavam planificação à determinação dos objectivos a alcançar no termo do processo de instrução: que conteúdos deveriam ser aprendidos para se saber que materiais deveriam ser preparados e que actividades teriam que ser organizadas, que distribuição do tempo, etc; (iii) os que chamavam planificação às estratégias de actuação durante o processo de instrução: qual a melhor forma de organizar os alunos, como começar as actividades, que marcos de referência para a avaliação, etc. (pp.48-49)

Peterson, Marx e Clark (citados por Zabalza, 2002) constataram que existem três aspectos que os professores dão importância quando planificam:

(i) os professores dedicam a maior parte do tempo da planificação a decidir que conteúdos vão ensinar; (ii) depois, concentram o seu esforço na preparação dos processos instrutivos, isto é, que estratégias e actividades se vão realizar; (iii) finalmente, dedicam uma escassa proporção de tempo aos objectivos. (p.54)

Clark e Peterson (citados por Zabalza, 2002, p.54) consideram que “transformar e modificar o currículo para adequar às características particulares de cada situação de ensino” é a função principal da planificação.

Os planos de aula que apresentarei seguiram o modelo utilizado no Jardim-Escola João de Deus, Modelo T de Aprendizagem, proposto pelo Dr. Martiniano Pérez.

O mesmo autor (s.d, p.40) designa este modelo de planificação, de Modelo T “por que tem a forma de T” ou então de Modelo Duplo T “porque consta de um T de meios (conteúdos e métodos / procedimentos) e outro T de objectivos (capacidades – destrezas e valores – atitudes).”

Neste modelo o autor (s.d.) reúne os seguintes elementos:

- **Capacidades - destrezas:** indicam os objetivos fundamentais cognitivos que queremos desenvolver;
- **Valores - atitudes:** mostram os objetivos fundamentais afetivos, que pretendemos desenvolver;
- **Conteúdos (Conhecimentos):** apresentam-se em três ou seis blocos de conteúdos ou blocos temáticos (unidades de aprendizagem) que se pretende ensinar ao longo do ano escolar. Cada unidade de aprendizagem divide-se em três ou seis distintas;
- **Métodos/procedimentos:** apresentam-se entre nove ou doze métodos ou procedimentos gerais, como formas de fazer para serem aprendidas no curso escolar. (p.40)

Segundo o mesmo autor (s.d, p.40) “de uma forma panorâmica e global, numa só folha, integramos todos os elementos do currículo e da cultura social e organizacional para ser aprendida na escola ao longo do curso escolar.”

2.3. Planificações do Pré-Escolar

De seguida estão discriminadas três planificações do ensino Pré-Escolar, referentes ao Bibe Encarnado, onde a maioria das crianças tem 4 anos de idade. Cada planificação corresponde à Área Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, Domínio da Matemática e à Área do Conhecimento do Mundo.

A apresentação de cada planificação será devidamente fundamentada nos aspetos que achei essenciais.

Quadro 14 – Planificação da Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática

Jardim Escola João de Deus - Olivais

Plano de Aula

Educadora: Maria Louzeiro

Bibe: Encarnado

Data: 6 de Dezembro 2010

Duração: 30 minutos

Estagiária: Sara Figueiredo

Nº 24

Mestrado: Pré-Escolar e 1º

Ciclo

Área: Iniciação à Matemática

Conteúdos	Procedimentos – Métodos
<ul style="list-style-type: none"> Reconhecimento de algarismos e associação do número à quantidade. 	<ul style="list-style-type: none"> Dispor as crianças nas mesas, nos seus lugares habituais; Definir regras para um bom funcionamento da aula com o material; Apresentar uma personagem que irá acompanhar a aula. Distribuir por cada criança material para trabalhar durante a aula; Colocar questões dirigidas, simples ou com situações problemáticas, onde as crianças terão de representar com o material.
Competências	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> <u>Raciocínio Lógico:</u> Relacionar; Aplicar. <u>Classificação:</u> Identificar; Distinguir. 	<ul style="list-style-type: none"> <u>Respeito:</u> Saber ouvir; Saber estar. <u>Convivência:</u> Participar; Cooperar.
Material: Algarismos móveis, imagens, bases de papel.	

Baseado no modelo T de Unidade de Aprendizagem

(Este plano pode estar sujeito a alterações)

Inferências / Fundamentação teórica

- **Dispor as crianças nas mesas, nos seus lugares habituais**

Para lecionar esta aula decidi manter as crianças nos seus lugares habituais, visto ser uma aula de Matemática onde cada criança teve o seu próprio material. Com esta disponibilidade das mesas, as crianças têm o seu próprio espaço para trabalhar e realizar a atividade por mim pedida.

A criança desenvolve capacidades em relação à atenção, observação e até responsabilidade com o material por ela manuseado.

- **Definir regras para um bom funcionamento da aula com o material**

Em todas as aulas é importante definir regras, estas, como menciona Arends (1995, p.191) “são afirmações que especificam as coisas que se espera que os alunos façam e não façam.” Sem elas o professor pode perder completamente a aula e os objetivos desta não serem atingidos, pois o mesmo autor (1995, p.191) relata que “uma larga percentagem de problemas potenciais e de perturbações pode ser prevenida através da planificação antecipada de regras e de procedimentos.”

Quando se trata de uma aula onde o manuseamento de materiais é uma constante, é essencial definir regras para trabalhar com o mesmo, pois é uma aula que foge da rotina, da folha e do lápis e na qual as crianças desfrutam do manuseamento, da manipulação, mas tendo sempre em mente o conteúdo a desenvolver.

- **Apresentar uma personagem que irá acompanhar a aula**

No início da aula apresentei à turma uma personagem, a Carlota, que os acompanhou em todo o decorrer da aula, levando-os assim ao mundo imaginário. A missão de cada uma das crianças era ajudar a Carlota nas suas dificuldades, sentindo assim cada criança um papel importante a desempenhar.

Todas as crianças de idades infantis gostam do mundo imaginário, do irreal, este facto ajuda à sua concentração e à sua entrega na atividade proposta, tendo o educador que ajudar também na interpretação da personagem.

- **Distribuir por cada criança material para trabalhar durante a aula**

Para realizar a atividade, necessitei de material manipulável, por isso distribui por cada criança, uma caixa com algarismos móveis e umas casas em papel plastificado de diferentes cores. De acordo com Reys (citado por Caldeira, 2009, p.23), “objectos ou coisas que o aluno é capaz de sentir, tocar, manipular e movimentar. Podem ser

objectos reais que têm aplicação no dia-a-dia ou podem ser objectos que são usados para representar uma ideia.” Distribuí o material por cada criança, importante que cada aluno tenha o seu material, o possa manipular e fazer as suas representações sozinho.

Matos et al. (citado por Caldeira, 2009, p.24) “admitem a importância dos materiais manipuláveis para estabelecer um ambiente um ambiente pedagógico mais dinâmico.”

- **Colocar questões dirigidas, simples ou com situações problemáticas, onde as crianças terão de representar com o material**

Cada criança, nesta atividade, teve de interpretar as situações problemáticas que lhes propôs e representá-las com o material não estruturado que cada uma tinha, casas de várias cores e algarismos móveis.

Decidi fazer situações problemáticas, pois um dos seus objetivos como é mencionado nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2002, p.78) é “estimular as razões da solução, de forma a fomentar o desenvolvimento do raciocínio e do espírito crítico.” Para iniciarem a atividade tiveram de colocar as casas pela ordem correta, com a ajuda das minhas indicações, desenvolvendo assim o seu raciocínio, devido ao facto de eu nunca ter indicado ao certo o local onde cada casa ficava, dando apenas e nunca a resposta, orientações espaço temporais para assim as crianças chegarem à resposta.

Barros e Palhares (1997, p.120) referem também que “quando a criança se encontra face a um problema, o adulto deve encorajar, encaminhar por meio de boas perguntas, perguntas estas que apelem ao raciocínio.”

Quadro 15 – Planificação da Área do Conhecimento do Mundo.

Jardim Escola João de Deus - Olivais

Plano de Aula

Educadora: Maria Louzeiro

Bíbe: Encarnado

Data: 6 de Dezembro 2010

Duração: 30 minutos

Estagiária: Sara Figueiredo

Nº 24

Mestrado: Pré-Escolar e 1º

Ciclo

Área: Conhecimento do Mundo

Conteúdos	Procedimentos – Métodos
<ul style="list-style-type: none"> Divisões da casa. 	<ul style="list-style-type: none"> Sentar as crianças no chão, em meia lua virados para os bancos; Dialogar com as crianças sobre as suas casas; Visualização de um placard com algumas divisões, identificá-las e pedir às crianças que ajudem a personagem a completar a casa; Preencher o placard com imagens soltas, pedindo individualmente à criança que retire uma imagem, a identifique e a coloque na divisão correcta.
Competências	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> <u>Orientação Espacial:</u> Localizar; Situar. <u>Compreender:</u> Identificar; Conhecer. 	<ul style="list-style-type: none"> <u>Respeito:</u> Saber ouvir; Saber estar. <u>Rigor:</u> Interesse; Curiosidade.
Material: Placard, imagens e maquete.	

Baseado no modelo T de Unidade de Aprendizagem

(Este plano pode estar sujeito a alterações)

Inferências / Fundamentação teórica

- **Sentar as crianças no chão, em meia lua virados para os bancos**

Devido ao facto da aula ter sido lecionada no salão, considerei importante posicionar as crianças em meia lua, de costas para a passagem de pessoas, para assim obterem uma maior concentração na aula, pois como afirma Cury (2004, p.124), esta é a maneira que melhor permite “desenvolver a segurança, promover a educação participativa, melhorar a concentração, diminuir conflitos em sala de aula e diminuir conversas paralelas.”

Deste modo, as crianças tinham uma visualização bastante razoável para todo o espaço utilizado por mim. Arends (1995, p.94) afirma que as crianças “devem sentar-se em semicírculo em vez de se sentarem ao acaso num tapete.”

- **Dialogar com as crianças sobre as suas casas**

Para iniciar a aula decidi dialogar com as crianças e perceber, através da linguagem oral, o que cada uma sabia ou queria saber sobre o assunto, porque como referem Sim-Sim et al. (2008, p.27) as crianças “precisam de oportunidades para conversar, o que requer tempo e espaço por parte do adulto para a ouvir e para falar com ela.”. Fi-lo porque dou muita importância ao dialogo e ás questões que as crianças têm para colocar, pois como menciona Arends (1995, p.416) “a linguagem oral proporciona os meios para os alunos falarem sobre o que já conhecem e para darem sentido aos novos conhecimentos que são adquiridos.”

O mesmo autor (1995, p.416) afirma ainda que o diálogo “é uma via para os alunos praticarem os seus processos de pensamento e as suas competências de raciocínio.”, por isso, quando planeio uma aula, o diálogo com as crianças, as suas vivências, as suas dúvidas é aquilo em que mais me foco, pois a aula é para eles, são eles que têm que intervir e dizer tudo o que acham e sentem sobre o tema abordado em sala de aula, para assim, como o autor diz desenvolverem determinadas competências, em particular a linguagem oral. Pois, de acordo com as Orientações Curriculares para a Educação do Pré-Escolar, citado por Sim-Sim et al. (2008, p.35) “ escutar as crianças, conversar com elas, criar espaços para o diálogo, estimular a expressão oral e o desejo de comunicar favorecem o desenvolvimento da competência comunicativa, em geral, e o desenvolvimento da linguagem oral, em particular.”

- **Visualização de um placard com algumas divisões, identificá-las e pedir às crianças que ajudem a personagem a completar a casa**

Para esta parte da aula elaborei um placard com quatro divisões de uma casa, quarto, cozinha, sala e casa de banho. Solicitei a participação de várias crianças, utilizei diversas estratégias de modo a não tornar monótona a aula. Tinha imagens soltas (fogão, cama, sofá, etc..) e o objetivo da atividade era identificar as imagens e colocá-las nas divisões corretas. Por vezes, questionei a criança para a identificação da imagem, outras vezes pedi para a criança identificar nas imagens soltas, por exemplo, o frigorífico. Tentei diversificar as estratégias durante a aula.

- **Preencher o placard com imagens soltas, pedindo individualmente à criança que retire uma imagem, a identifique e a coloque na divisão correta**

Em separado tinha imagens de várias ações praticadas nas diversas divisões da casa e as crianças tinham de as colocar na divisão a que pertenciam. Todas as imagens eram grandes e bastante visíveis, como Spodek e Saracho (1998, p.335) defendem, estas “devem ser grandes o suficiente para poderem ser vistas por um grupo de crianças, e não devem conter um excesso de detalhes, para que elas se possam concentrar no que é importante”.

Cada imagem representava uma ação que se realiza em determinada divisão da casa, como por exemplo, “lavar os dentes”. A criança após escolher uma imagem tinha que através da observação visual interpretar a informação q esta lhe transmite p assim identificar a divisão onde esta se insere.

Segundo Spodek e Saracho (1998, p.335), as imagens “estimulam discussões e oferece informação (...)” confirmando o que aconteceu, quando a criança escolheu uma imagem e os colegas quiseram participar e dizer algo sobre aquela ação ou a divisão a que ela pertencia, dando e trocando informação sobre o tema trabalhado na aula.

Quadro 16 – Planificação da Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Jardim Escola João de Deus - Olivais

Plano de Aula

Educadora: Maria Louzeiro
Bibe: Encarnado
Duração: 25 minutos
Data: 6 de Dezembro de 2010

Estagiária: Sara Figueiredo
Nº 24
Mestrado: Pré-Escolar e 1º
 Ciclo

Área: Estimulação à leitura

Conteúdos	Procedimentos – Métodos
<ul style="list-style-type: none"> Poema: "A minha casinha" 	<ul style="list-style-type: none"> Levar as crianças para a biblioteca e sentá-las em meia lua; Questioná-las se alguma vez ouviram alguém a ler um poema; Pedir a algumas crianças que com a minha ajuda contem o poema aos colegas; Montar o poema num placard com ajuda de algumas imagens referentes ao mesmo; Ler o poema e construir uma casinha de chocolate.
Competências	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> Expressão Oral: Dialogar; Vocabulário. Compreender: Identificar; Conhecer. 	<ul style="list-style-type: none"> Respeito: Saber ouvir; Saber estar. Convivência: Imaginação; Originalidade.
Material: Placard com o poema.	

Baseado no modelo T de Unidade de Aprendizagem

(Este plano pode estar sujeito a alterações)

Inferências / Fundamentação teórica

- **Levar as crianças para a biblioteca e sentá-las em meia lua**

Optei por levar as crianças para a biblioteca, porque, por um lado é um local onde não vão todos os dias e, por outro, porque eu ia ler e trabalhar um poema com eles, algo que eu própria nunca tinha feito. Decidi arriscar num ambiente diferente para uma aula diferente.

- **Questioná-las se alguma vez ouviram alguém a ler um poema**

Tal como referi num plano de aula anterior, para mim o ponto mais importante numa aula é dar voz às crianças, deixá-las exprimir tudo aquilo que viveram ou ainda não, para assim os conteúdos que quero abordar sejam familiares, estimulantes e do agrado de todas elas. E acima de tudo, que consigam dialogar sobre um determinado tema, desenvolvendo o seu vocabulário e a sua forma de expressão.

No decorrer da aula, questionei as crianças se já tinham ouvido alguém ler um poema ou não, e no caso das respostas positivas, cada criança teve oportunidade de se expressar e assim partilhar com os colegas algumas das suas vivências.

- **Pedir a algumas crianças que com a minha ajuda contem o poema aos colegas**

Podendo alterar o plano de aula na altura, decidi ler primeiramente o poema para a turma. Fi-lo de maneira a que percebessem todas as palavras, ara a atividade seguinte ser bem conseguida. Deixei a leitura coletiva para o final da aula.

- **Montar o poema num placard com ajuda de algumas imagens referentes ao mesmo**

Nesta atividade, o objetivo era as crianças montarem o poema comigo. O placard estava em branco e numa mesa à parte tinha várias imagens soltas, para substituírem palavras. À medida que eu ia dizendo o poema, ia escrevendo-o no placard e quando era a parte de colocar uma imagem, a criança que eu chamava tinha de a identificar dizendo aos colegas qual a ação que a imagem representava, para todos conseguirem ler o poema. Com a minha ajuda colocava a imagem no placard, no local correto do poema, ficando este visualmente atrativo.

Por vezes a criança, ao ouvir uma história, uma canção, ou neste caso um poema, não consegue interpretar da melhor maneira, pois não relaciona a palavra com o objeto, por isso ter adotado a estratégia de ter substituído algumas palavras por

imagens, pois assim a criança mais facilmente consegue identificar. Por vezes, as imagens são essenciais na compreensão da criança, como afirma Arends (1995, p. 309) quando refere que “uma figura vale mais do que mil palavras.”.

- **Ler o poema e construir uma casinha de chocolate**

Depois de o poema estar montado, li-o de novo para a turma em voz alta, tal como Spodek e Saracho (1998, p.253) mencionam, estes “devem ser lidos em voz alta”, fi-lo ainda com a ajuda de gestos com os dedos. Estes ajudam a que a nossa leitura seja mais cativante para as crianças e possam elas também interagir, os mesmos autores (1998, p.253) referem que é usual a leitura de poemas juntamente com gestos com os dedos. Agüera (2008, p.35) menciona também essa mesma importância, ao referir que as crianças “memorizam pequenos poemas e quadras, e gostam de recitá-los com movimentos e gestos.”

A leitura nestas idades é importante para a descodificação grafofonémica, tal como refere Rigolet (1997, p.25) “o acto de leitura constitui um processo complicado que tem origem na simples descodificação grafofonémica.”.

De seguida, todas as crianças fizeram comigo o mesmo processo. Leram e interpretaram o poema, visualizavam bastante bem o placard e ouviram com muita atenção a minha leitura inicial. Spodek e Saracho (1998, p.254) focam a importância que os poemas têm para as crianças e como eles devem ser apresentados, referindo que “a qualidade repetitiva de muitas poesias infantis ajuda as crianças a aprenderem os poemas. Estes devem ser seleccionados cuidadosamente e apresentados de modo atraente para elas.”

Para finalizar a aula, realizei com a turma uma casinha de chocolate. Fui chamando uma criança de cada vez, para cada uma ter oportunidade de participar. À medida que a íamos construindo íamos referindo o poema, achei que a estratégia correu muito bem, pois depois de lido o poema fomos todos construir a “nossa” casinha de chocolate e à medida que a íamos construindo íamos referindo o poema.

2.4. Planificações do 1.º Ciclo

De seguida estão discriminadas três planificações do ensino do 1.º Ciclo, referentes ao 1.º Ano (Bibe Castanho), onde a maioria das crianças tem 6 anos de idade. Cada planificação corresponde à Área de Língua Portuguesa, Área de Matemática e à Área de Estudo do Meio. A apresentação de cada planificação será devidamente fundamentada nos aspetos que achei essenciais.

Quadro 17 – Planificação da Área de Língua Portuguesa.

Jardim Escola João de Deus - Olivais	
Plano de Aula	
Professora: Ana Cruz Bibe: Castanho Data: 24 de junho 2011 Duração: 60 minutos	Estagiária: Sara Figueiredo N.º 24 Mestrado: Pré-Escolar e 1.º Ciclo
Área: Língua Portuguesa	
Conteúdos	Procedimentos – Métodos
Ditado	<ul style="list-style-type: none">• Distribuir por cada criança imagens e sílabas;• Pedir a algumas crianças que tirem do saco, imagens variadas;• Realizar frases com as palavras que correspondem às imagens retiradas do saco. (aumentando o número de imagens e o grau de dificuldade)•• Ouvir algumas das frases realizadas pelas crianças;• Solicitar uma delas para ir ao quadro escrever, corrigindo-a;• Utilizar os gestos para que todas as crianças escrevam uma frase do que observaram.
Competências	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
<u>Orientação Espacial:</u> Localizar; Situar. <u>Compreender:</u> Identificar; Conhecer.	<u>Respeito:</u> Saber ouvir; Saber estar. <u>Rigor:</u> Interesse; Curiosidade.
Material: sílabas móveis; imagens, proposta de trabalho.	
Baseado no modelo T de Unidade de Aprendizagem (Este plano pode estar sujeito a alterações)	

Inferências / Fundamentação teórica

- **Distribuir por cada criança imagens e sílabas**

Distribui o material por cada criança, para assim cada um puder trabalhar individualmente e a atividade realizada ser guardada no dossier correspondente. Cada criança teve como material de trabalho, uma folha A₄ (que continha a proposta de trabalho a realizar), imagens e sílabas.

- **Pedir a algumas crianças que tirem de um saco, imagens variadas**

Solicitei a participação de várias crianças, de modo a mantê-las interessadas na aula e assim adquirirem os conteúdos lecionados. De uma primeira vez pedi a uma criança para tirar apenas uma imagem, da segunda vez pedi a duas crianças que tirassem cada um, uma imagem, e da terceira vez pedi a três crianças que tirassem, cada uma, uma imagem.

O objetivo da proposta de trabalho foi formar frases a partir das imagens que tinham retirado do saco. Escreveram três frases, a primeira em relação à primeira imagem tirada, a segunda em relação às duas imagens tiradas do saco e a terceira frase em relação às três imagens por fim retiradas.

- **Realizar frases com as palavras que correspondem às imagens retiradas do saco (aumentando o número de imagens e o grau de dificuldade)**

A criança ao tirar uma imagem do saco, teve de a identificar perante os seus colegas. A primeira criança retirou do saco uma imagem e com ela todas as crianças fizeram uma frase onde essa mesma palavra entrou. De seguida, outra criança retirou duas imagens e com elas formaram também uma frase e depois com três imagens. À medida que a atividade se ia desenvolvendo ia também aumentando o seu grau de dificuldade. Postic (1992, p.23) relata que “a criança deve poder alimentar o seu imaginário e exprimi-lo.” Cada criança imaginou uma frase com aquela/s imagem/ns e escreveu-a.

- **Ouvir algumas das frases realizadas pelas crianças**

Depois de escreverem as suas frases, pedi a algumas crianças que as lessem em voz alta.

Entre todas, escolhi uma de cada, e ditei para que todas as crianças escrevessem o ditado da frase na sua folha.

O ditado, tal como afirma Gipe (citado por Condemarin & Chadwick, 1987):

favorece o aprendizado do vocabulário, proporciona uma prática ativa e estruturada na escrita de palavras num contexto e, além disso, a pesquisa confirma que o método contextual constitui a forma mais efetiva de aprender vocabulário; o ditado desenvolve a capacidade para escutar de forma concentrada e incrementa a qualidade de atenção da criança (...). Por outro lado, permite exercitar a memorização de palavras, orações e frases e proporciona treinamento em registrar com precisão os termos exatos; por último o ditado é uma prática importante, não só para os alunos com dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita, como também para crianças que tendem a utilizar formas dialetais de comunicação. (p.184)

Os exercícios ortográficos, ou ditados, são estratégias aplicadas para trabalhar a ortografia.

- **Solicitar uma delas para ir ao quadro escrever, corrigindo-a**

Após terem lido as suas frases, escolhi uma para ser ditada e assim todos os colegas escreverem na sua folha. De seguida, solicitei a essa mesma criança para ir ao quadro escrever a sua frase. Ao mesmo tempo que a criança escrevia, eu corrigia-a no necessário para assim, também todas as restantes crianças, corrigirem os seus eventuais erros. Oliveira, Carneira, Oliveira e Oliveira (2010, p.1) escreve que para “a criança escrever convencionalmente, ela precisa confrontar-se com os seus próprios erros”. Durante a aula, ao deparar-me com o erro que a criança deu ao escrever a sua frase, tive de agir com naturalidade e levá-la a perceber o seu erro e a modificá-lo. Em relação aos erros, o mesmo autor diz que o professor deve “considerá-los com naturalidade, aproveitando o que o aluno já domina e o que ele precisa aprender, preparando situações de aprendizagem”.

Ainda neste seguimento, Nierenberg (1997, p.28) refere que “as crianças (...) aprendem com os seus erros.” e que estas “precisam de aprender quando ainda são pequenas, quando os seus erros acarretam repercussões menos graves.” O mesmo autor defende que uma das características do comportamento inteligente é a capacidade de aprender com o erro.

- **Utilizar os gestos para que todas as crianças escrevam uma frase do que observaram**

Para utilizar uma estratégia diferente, resolvi pedir às crianças que observassem o que eu ia passar a fazer e depois transpor para uma frase a minha ação.

Inácio e Clasen (2010) afirmam que:

os gestos, as expressões corporais, são de suma importância para o desenvolvimento pleno do indivíduo, sendo, portanto, formas «diferenciadas» de comunicação, de expressão de pensamentos, sentimentos, de relacionar-se com o outro, estimulando a criatividade, o movimento, a atenção, configurando-se como uma linguagem dinâmica, flexível e essencial para todos os seres humanos.

Nesta atividade, apesar de todos verem a mesma ação, as crianças elaboraram frases diferentes.

Quadro 18 – Planificação da Área de Estudo do Meio.

Jardim Escola João de Deus - Olivais Plano de Aula	
Professora: Ana Cruz Bibe: Castanho Data: 24 de junho 2011 Duração: 60 minutos	Estagiária: Sara Figueiredo N.º 24 Mestrado: Pré-Escolar e 1.º Ciclo
Area: Estudo do Meio	
Conteúdos	Procedimentos – Métodos
Experiência <ul style="list-style-type: none"> Mais, menos ou a mesma água? 	<ul style="list-style-type: none"> Entregar a cada criança um protocolo; Realizar a sua leitura para assim todas perceberem o objetivo da experiência; Preencher o protocolo consoante as suas ideias; Pedir a algumas crianças que participem na experiência, colocando questões a outras; Registar as informações corretas após a visualização da experiência.
Competências	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
<p><u>Raciocínio Lógico:</u> Observar; Aplicar.</p> <p><u>Classificação:</u> Identificar; Relacionar.</p>	<p><u>Respeito:</u> Saber ouvir; Saber estar.</p> <p><u>Rigor:</u> Interesse; Curiosidade.</p>
Material: protocolo, recipientes, medidores.	
<div style="display: flex; justify-content: space-between; font-size: small;"> Baseado no modelo T de Unidade de Aprendizagem (Este plano pode estar sujeito a alterações) </div>	

Inferências / Fundamentação teórica

- **Entregar a cada criança um protocolo**

Distribuí por todas as crianças um protocolo, de modo a que todas, individualmente, pudessem registrar as suas ideias.

- **Realizar a sua leitura para assim todas perceberem o objetivo da experiência**

Inicialmente expliquei que iríamos fazer uma experiência e que iríamos ler o protocolo para entender o que se ia passar. Solicitei a participação de algumas crianças para a leitura do mesmo.

Cabe ao professor, ter a iniciativa para que as crianças possam observar experiências com as quais lidam no seu dia a dia. Com é mencionado em Martins et al. (2009, p.17) “os adultos dos seus contextos mais próximos deverão proporcionar-lhes situações diversificadas de aprendizagem, para exploração de questões e fenómenos que lhes são familiares, aumentando a sua compreensão do real.”

- **Preencher o protocolo consoante as suas ideias**

Como referem Martins et al. (2009, p.19) o professor deve procurar “formas de registo das ideias prévias das crianças, ilustrando aquilo que elas pensam que vai acontecer numa determinada situação/actividade. Estes registos devem ser feitos em conjunto com as crianças, valorizando o porquê de manifestarem essas ideias.” Os mesmos autores (2009, p.19) afirmam também que “o preenchimento dos registos pode ser feito através de várias estratégias”, por isso, decidi pedir às crianças que desenhassem o que pensavam que ia acontecer.

- **Pedir a algumas crianças que participem na experiência, colocando questões a outras**

Durante toda a experiência solicitei a participação de diferentes crianças de maneira a abranger a turma toda na atividade. Martins et al. (2009, p.21) relata que “a participação activa das crianças em todas as fases do desenvolvimento das actividades favorece o seu entusiasmo, dado que gostam naturalmente de mexer, experimentar e observar as consequências das suas acções.”

Por se tratar de uma experiência e visto ter bastante vocabulário técnico, o professor deve adequar a sua linguagem e discurso à turma que tem à sua frente. Mas, tal com Martins et al. (2009, p.22) referem “o discurso deverá, porém, ser complementado com termos técnicos (...), como forma de aproximar as crianças à

actividade, linguagem e processos científicos.” Ao observarmos que alguns recipientes continham a mesma água, eu, utilizei diferentes discursos, por exemplo: “O recipiente A e o recipiente B têm a mesma quantidade de água.” e “O recipiente A e o recipiente B levam a mesma capacidade de água.”

- **Registrar as informações corretas após a visualização da experiência**

Após termos realizado a experiência, inferi para o preenchimento do protocolo no que toca às ideias finais. Martins et al. (2009, p.23) mencionam que “a análise de dados recolhidos deve ser feita através da interpretação dos registos efectuados, devendo-se proporcionar um período de confronto de ideias por comparação e discussão com o seu registo inicial.” No fim da atividade dialoguei um pouco com as crianças sobre se os seus registos iniciais concordaram com o observado no final da experiência.

Quadro 19 – Planificação da Área de Matemática

Jardim Escola João de Deus - Olivais Plano de Aula	
Professora: Ana Cruz Bibe: Castanho Data: 24 de junho 2011 Duração: 60 minutos	Estagiária: Sara Figueiredo N.º 24 Mestrado: Pré-Escolar e 1.º Ciclo
Area: Matemática	
Conteúdos	Procedimentos – Métodos
Leitura de números	<ul style="list-style-type: none"> Contextualizar a aula numa história, para assim envolver as crianças na mesma; Fazer a leitura de números com um número numa placa, utilizando algarismos móveis; Realizar operações de somar e subtrair, trabalhando a leitura de números no resultado, utilizando algarismos móveis.
Competências	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
<u>Domínio Cognitivo:</u> Selecionar; Contar. <u>Compreender:</u> Identificar; Conhecer.	<u>Respeito:</u> Saber ouvir; Saber estar. <u>Rigor:</u> Interesse; Curiosidade.
Material: Calculadores multibásicos, algarismos móveis.	
<i>Baseado no modelo T de Unidade de Aprendizagem</i>	
<i>(Este plano pode estar sujeito a alterações)</i>	

Inferências / Fundamentação teórica

- **Contextualizar a aula numa história, para assim envolver as crianças na mesma**

Ao contextualizarmos a aula numa história, a aprendizagem torna-se muito mais motivadora para a criança, pois esta, sente-se envolvida na aula.

- **Fazer a leitura de números com um número numa placa, utilizando algarismos móveis**

Depois de contextualizada a aula, as crianças representaram o número pedido, na placa dos calculadores e por baixo com os algarismos móveis. Caldeira (2009, p.313) realça a importância de se fazer várias vezes este tipo de exercícios com as crianças. Escreve ainda que “a leitura da placa faz-se sempre da esquerda para a direita”. Ao utilizarem os algarismos móveis, a leitura de números torna-se mais fácil de realizar, pois visualizam o número por inteiro.

De acordo com Caldeira (2009, p.204) “os algarismos são os símbolos com os quais se representam os números enquanto que os números são as quantidades representadas pelo algarismo ou conjunto de algarismos, ou por outro qualquer processo.” Grosso e Ruas (1999, p.15) referem a diferença entre algarismo e número, escrevendo que “os algarismos são os símbolos com os quais se representam os números enquanto que os números são as quantidades representadas pelo algarismo ou conjunto de algarismos, ou por outro qualquer processo.”

É importante a criança saiba a distinção entre número e algarismo, para assim conseguir interpretar a sua leitura.

- **Realizar operações de somar e subtrair, trabalhando a leitura de números no resultado, utilizando os algarismos móveis**

Depois de realizadas as operações, questionei as crianças sobre o número que ficou na placa do resultado. Fiz questões do género: “Quantas dezenas tem o número?”, “Qual o algarismo de maior valor absoluto?”, “Qual o algarismo de menor valor relativo?”. Caldeira (2009, p.314) refere que o “valor absoluto é o valor isolado do algarismos independentemente da posição ou ordem que ele ocupa no número. Valor relativo é o valor (relativo) que o algarismo assume, dependendo da ordem que ele ocupa no numeral escrito.”

As Normas (citado por Caldeira, 2009, p.313) relembram que “para perceberem as diferentes formas de utilização dos números no mundo real, as crianças precisam

compreender os números...Além disso, a compreensão do valor de posição é crucial para o trabalho posterior com os números e o cálculo.”

Para isso, é muito importante trabalhar com as crianças muitas vezes estes exercícios, estas questões, para que consiga de facto distinguir, algarismo de número e as ordens e classes dos números.

Capítulo 3 – Dispositivos de avaliação

3.1. Descrição do capítulo

Este capítulo está dividido em duas partes distintas.

A primeira contém a fundamentação teórica sobre o que é a avaliação, baseado em diferentes autores.

A segunda parte deste capítulo abrange os dispositivos de avaliação que realizei no Pré-Escolar e no 1.º Ciclo. No que refere ao pré-escolar apresento dois dispositivos de avaliação, pertencentes à Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e no Domínio da Matemática. Exponho ainda dois dispositivos de avaliação referentes ao 1.º Ciclo, relativos à Área de Língua Portuguesa e à Área de Estudo do Meio.

3.2. Fundamentação teórica

Para Ribeiro e Ribeiro (1990, p.337), “a função de avaliar corresponde a uma análise cuidada das aprendizagens conseguidas face as aprendizagens planeadas, o que se vai traduzir numa descrição que informa professores e alunos sobre os objectivos atingidos e aqueles onde se levantaram dificuldades.” Os mesmos autores (1990) referem ainda algumas vantagens do acto avaliar, são elas:

- i) motiva os alunos, ao informá-los dos novos conhecimentos e aptidões que adquiriram, isto é, do sucesso que obtiveram relativamente a certas aprendizagens; ii) fornece, também aos alunos, do mesmo passo, informação que lhes permite orientar os seus esforços, com o apoio do professor, no sentido de ultrapassar dificuldades relativas as aprendizagens não conseguidas; iii) permite ao professor identificar pontos onde o plano delineado não resultou, conceber estratégias alternativas de remediação, reorganizar a planificação feita à luz dos resultados reais obtidos; iv) proporciona, por fim, em sistemas escolares onde são atribuídas notas aos alunos...uma base indispensável à classificação de resultados. (p.337)

De acordo com Despacho Normativo 338/93, (citado por Pais & Monteiro, 1996, p.43), relata que “a avaliação dos alunos é um elemento integrante da prática educativa que permite a recolha sistemática de informação e a formulação de juízos para a tomada de decisões adequadas às necessidades dos alunos e dos sistema educativo.” Os mesmos autores (1990, p.43) mencionam que a avaliação deve ser praticada de forma integrada, continua e numa perspetiva de regulação do ensino-aprendizagem.”

Para Ribeiro e Ribeiro (1990, p.337), avaliar é ainda “uma operação que prepara, acompanha e remata o processo de ensino-aprendizagem e que é motor do seu

constante aperfeiçoamento, pretendendo, em última análise, conduzir todos os alunos a um sucesso pleno no programa de estudos que seguem.”

Segundo Arends (1995, p.228), “a avaliação é uma função desempenhada pelo professor com o objetivo de recolher a informação necessária para tomar decisões corretas.” Este autor (1995, p.229) refere ainda que o termo avaliação abrange um “largo leque de informação recolhida e sintetizada pelos professores acerca dos seus alunos e das suas salas de aula.”

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2002, p.27), “a avaliação realizada com as crianças é uma actividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador. A sua reflexão, a partir dos efeitos que vai observando, possibilita-lhe estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança. Neste sentido, a avaliação é suporte do planeamento.”

A avaliação em educação é um elemento integrante e regulador da prática educativa estando esta dividida em três tipos: a avaliação diagnóstica, a avaliação formativa e a avaliação sumativa.

A avaliação diagnóstica, segundo Ribeiro e Ribeiro (1990, p.342), “tem como objectivo fundamental proceder a uma análise de conhecimentos e aptidões que o aluno deve possuir num dado momento para poder iniciar novas aprendizagens.” O mesmo autor refere que este tipo de avaliação “verifica se os alunos estão de posse de pré-requisitos necessários; utiliza-se antes de iniciar unidades de ensino; os testes incidem sobre os pré-requisitos e, eventualmente, alguns objectivos iniciais da unidade e têm uma estrutura de malha fina, avaliando em profundidade.”

Em relação à avaliação formativa, de acordo com Arends (1995, p.229), deve ser feita “antes ou durante a instrução” e pretende “informar os professores acerca dos conhecimentos e das competências anteriores dos alunos para ajudar na planificação.” Segundo Pais e Monteiro (1996, p.44), “a avaliação formativa assegura que os processos se vão adequando as características dos alunos, permitindo a adaptação do ensino às diferenças individuais.” Como referem Ribeiro e Ribeiro (1990, p.373), este tipo de avaliação, avalia “a consecução de pequenos núcleos de objectivos, ao longo de uma unidade; com a frequência necessária e possível; a estrutura é semelhante à dos testes diagnósticos.”

Por fim, a avaliação sumativa segundo os mesmos autores (1990, p.373) “procede ao balanço final de resultados, aferindo os que foram obtidos pela avaliação formativa; utiliza-se no final de segmentos já longos do programa; a estrutura dos testes é de malha larga, com objectivos dispersos ao longo do segmento, avaliando em extensão e não com profundidade.” Bloom (citado por Ribeiro & Ribeiro, 1990, p.360) menciona que esta avaliação “visa uma apreciação muito mais genérica (do que a formativa) do

grau de consecução de resultados maiores de um curso inteiro ou de uma parte substancial do mesmo.” Ribeiro (citado por Pais & Monteiro, 1996 p.49) relata que “a avaliação sumativa pretende ajuizar do progresso realizado pelo aluno no final de uma unidade de aprendizagem, no sentido de aferir resultado já recolhidos por avaliações do tipo formativo e obter indicadores que permitam aperfeiçoar o processo de ensino.”

De acordo com a circular n.º4/DGIDC/DSDC/2011, do Ministério da Educação, a avaliação na Educação Pré-Escolar tem como finalidade:

i) contribuir para a adequação das práticas, tendo por base uma recolha sistemática de informação que permita ao educador regular a actividade educativa, tomar decisões, planejar a acção; ii) reflectir sobre os efeitos da acção educativa, a partir da observação de cada criança e do grupo de modo a estabelecer a progressão das aprendizagens; iii) recolher dados para monitorizar a eficácia das medidas educativas definidas no Programa Educativo Individual (PEI); iv) promover e acompanhar processos de aprendizagem, tendo em conta a realidade do grupo e de cada criança, favorecendo o desenvolvimento das suas competências e desempenhos, de modo a contribuir para o desenvolvimento de todas e de cada uma; v) envolver a criança num processo de análise e de construção conjunta, que lhe permita, enquanto protagonista da sua aprendizagem, tomar consciência dos progressos e das dificuldades que vai tendo e como as vai ultrapassando; vi) conhecer a criança e o seu contexto, numa perspectiva holística, o que implica desenvolver processos de reflexão, partilha de informação e aferição entre os vários intervenientes – pais, equipa e outros profissionais – tendo em vista a adequação do processo educativo.

Segundo o Despacho Normativo n.º1/2005, do Ministério da Educação, a avaliação na Educação do 1.º Ciclo do Ensino Básico visa:

i) Apoiar o processo educativo, de modo a sustentar o sucesso de todos os alunos, permitindo o reajustamento dos projectos curriculares de escola e de turma, nomeadamente quanto à selecção de metodologias e recursos, em função das necessidades educativas dos alunos; ii) Certificar as diversas aprendizagens e competências adquiridas pelo aluno, no final de cada ciclo e à saída do ensino básico, através da avaliação sumativa interna e externa; iii) Contribuir para melhorar a qualidade do sistema educativo, possibilitando a tomada de decisões para o seu aperfeiçoamento e promovendo uma maior confiança social no seu funcionamento.

De acordo com a circular n.º4/DGIDC/DSDC/2011, a avaliação na Educação Pré-Escolar assenta nos seguintes princípios:

i) carácter holístico e contextualizado do processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança; ii) coerência entre os processos de avaliação e os princípios subjacentes à organização e gestão do currículo definidos nas OCEPE1; iii) utilização de técnicas e instrumentos de observação e registo diversificados; iv) carácter formativo; v) valorização dos progressos da criança; vi) promoção da igualdade de oportunidades e equidade.

Segundo o Despacho Normativo n.º1/2005, a avaliação das aprendizagens e competências no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico assenta nos seguintes princípios:

- i) Consistência entre os processos de avaliação e as aprendizagens e competências pretendidas, de acordo com os contextos em que ocorrem; ii) Utilização de técnicas e instrumentos de avaliação diversificados; iii) Primazia da avaliação formativa com valorização dos processos de auto-avaliação regulada e sua articulação com os momentos de avaliação sumativa; iv) Valorização da evolução do aluno; v) Transparência e rigor do processo de avaliação, nomeadamente através da clarificação e da explicitação dos critérios adoptados; vi) Diversificação dos intervenientes no processo de avaliação.

Para as avaliações que efetuei construí grelhas de avaliação com vários parâmetros e critérios. Sendo assim, utilizei uma adaptação da escala de Likert. A escala de avaliação utilizada vai de 0 a 10 valores referentes ao ensino do Pré-Escolar e 1.º Ciclo com os seguintes critérios:

Quadro 20 – *Escala de avaliação utilizada nos dispositivos de avaliação*

- Fraco (0 a 2,9 valores)
- Insuficiente (3 a 4,9 valores)
- Suficiente (5 a 6,9 valores)
- Bom (7 a 8,9 valores)
- Muito bom (9 a 10 valores)

3.3. Dispositivo de avaliação da Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Matemática

De seguida, exponho o primeiro dispositivo de avaliação que utilizei. Este pertence à Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Matemática e foi realizado numa turma do Bibe Azul A, no dia 24 de janeiro de 2011. Nesta atividade a criança teve acesso a uma folha A₅ que continha dois exercícios, o primeiro para completar uma sequência e o segundo para calcular mentalmente o resultado **(Anexo 1)**.

A turma onde realizei esta avaliação é composta por vinte e oito alunos, sendo que abaixo, aparecem discriminadas todas as avaliações.

3.3.1. Descrição dos parâmetros e critérios

1.1. Identificação de números pares e números ímpares

Pretende-se que a criança seja capaz de identificar os números pares e os números ímpares. Neste parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Completou a sequência corretamente.
- Não completou a sequência corretamente.

1.2. Pintar os bolos que têm números pares

Pretende-se que a criança consiga pintar apenas os bolos que contêm números pares. Neste parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Pintou os bolos que continham números pares.
- Não pintou os bolos que continha números pares.
- Não respondeu.

2. Aplicação do cálculo mental

Pretende-se que a criança, através do cálculo mental, consiga obter o resultado das operações e que consiga também identificar números ímpares. Neste parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Pintou corretamente os bolos.
- Não pintou corretamente os bolos.
- Não respondeu.

3. Apresentação

Pretende-se que a criança tenha uma atitude assídua com a sua proposta de trabalho. Neste parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Muito cuidada.
- Cuidada.
- Pouco cuidada.

De seguida, no quadro 21, encontra-se uma tabela onde são atribuídas as cotações para cada critério.

Quadro 21 – Cotação atribuída ao dispositivo de avaliação da Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Matemática.

Parâmetros	Critérios		Cotações
1.1 – Identificação de números pares e números ímpares.	Completo a sequência corretamente.	3	3
	Não completou a sequência corretamente.	1,5	
1.2 - Pintar os bolos que têm números pares.	Pintou os bolos que continham números pares.	3	3
	Não pintou os bolos que continham os números pares.	1,5	
	Não respondeu.	0	
2 – Aplicação do cálculo mental	Pintou corretamente os bolos.	3	3
	Não pintou corretamente os bolos.	1,5	
	Não respondeu.	0	
3 – Apresentação.	Muito cuidada.	1	1
	Cuidada.	0,5	
	Pouco cuidada.	0,2	
Total			10

Seguidamente, no quadro 22, apresento a tabela/grelha referente ao Domínio da Matemática, onde aparecem referidas as cotações atribuídas a cada criança em cada exercício e de acordo com, os parâmetros estabelecidos, bem como a sua representação total em cotação numérica.

Quadro 22 – Grelha de avaliação do dispositivo de avaliação da Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Matemática.

Parâmetros	Identificação de números pares e números ímpares e pintar os bolos que têm números pares.						Aplicação do cálculo mental			Apresentação			Cotação
Critérios	Completou a sequência corretamente	Não completou a sequência corretamente.	Pintou os bolos que continham números pares.	Não pintou os bolos que continham os números pares.	Não respondeu	Pintou corretamente os bolos.	Não pintou corretamente os bolos.	Não respondeu	Muito cuidada	Cuidada	Pouco cuidada	0 a 10	
	Alunos												
1	3	1,5	3	1,5	0	3	1,5	0	1	0,5	0,2	9,2	
2	3		3			3			1			10	
3	3		3				1,5		1			8,5	
4	3		3			3			1			10	
5	3			1,5		3			1			8,5	
6	3			1,5			1,5		1			7	
7	3		3				1,5		1			8,5	
8	3		3			3			1			10	
9	3		3			3			1			10	
10	3		3			3				0,5		9,5	
11	3		3			3			1			10	
12	3		3			3			1			10	
13	3		3			3				0,5		9,5	
14	3		3	1,5		3			1			8,5	
15	3		3			3			1			8,5	
16	3		3			3					0,2	9,2	
17	3		3	1,5		3			1			8,5	
18	3		3				1,5		1			8,5	
19	3		3				1,5		1			8,5	
20	3		3			3				0,5		9,5	
21	3		3			3			1			10	
22	3		3			3			1			10	
23	3		3			3			1			10	
24	3		3						1			10	
25	3			1,5		3			1			8,5	
26	3			1,5		3				0,5		8	
27	3			1,5		3			1			8,5	
28	3		3			3			1			10	

De seguida, apresento os resultados obtidos em gráfico, para melhor visualização dos resultados obtidos (Figura 18)

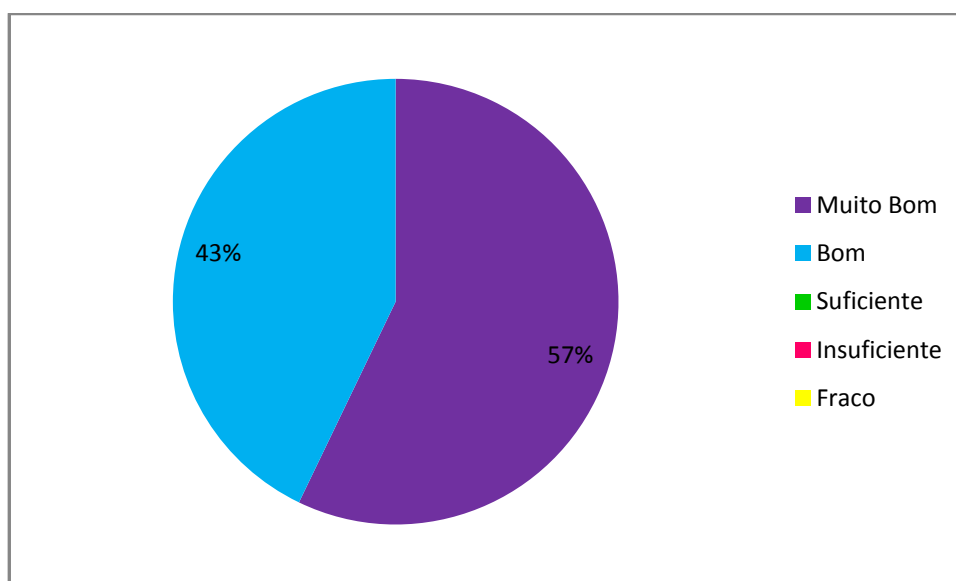


Figura 18 – Gráfico com os resultados obtidos na avaliação do dispositivo de avaliação da Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Matemática

3.3.2. Descrição/análise dos resultados obtidos na avaliação da Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Matemática

Ao analisar os resultados do dispositivo de avaliação da Área de Matemática, concluo que a maioria dos alunos obteve a máxima cotação em todos os parâmetros definidos. Sendo que todas as crianças executaram o primeiro parâmetro corretamente. No parâmetro seguinte, a maioria das crianças realizou corretamente o exercício. Tendo em conta o total, apenas sete crianças não conseguiram fazê-lo bem. No terceiro parâmetro vinte e quatro crianças fizeram bem o exercício e cinco não efetuaram assim tão bem, tendo mais uma vez a maioria atingido melhor os objetivos. Por fim, no quarto e último parâmetro, da apresentação, verifiquei que apenas seis crianças não tiveram uma apresentação muito cuidada, tendo quatro crianças uma apresentação cuidada e duas crianças uma apresentação menos cuidada.

Apesar de algumas crianças não terem atingido as cotações máximas em todos os parâmetros, considero a avaliação positiva pois, visualizando o gráfico 57% da turma atingiu um nível muito bom e 43% um nível bom.

3.4. Dispositivo de avaliação da Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

De seguida exponho o segundo dispositivo de avaliação que utilizei. Este pertence à Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e foi realizado numa turma do Bibe Azul A, no dia 24 de janeiro de 2011. Nesta atividade a criança teve acesso a uma folha A₅, na qual teve de copiar uma frase, substituindo o desenho presente pela palavra correspondente. A criança teve ainda de ilustrar a frase, fazendo um desenho relativamente à informação que a frase transmitia **(Anexo 2)**.

A turma onde realizei esta avaliação é composta por vinte e oito alunos, sendo que abaixo, aparecem discriminadas todas as avaliações.

3.4.1. Descrição dos parâmetros e critérios

1. Aplicação da leitura e da escrita

Pretende-se que a criança consiga copiar a frase corretamente. Neste parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Copiou a frase corretamente.
- Não copiou a frase corretamente.
- Não respondeu.
- Por cada erro ortográfico descontar - 0,1.

2. Desenvolvimento da motricidade

Pretende-se que a criança seja capaz de interpretar a frase e realizar um desenho correspondente. Neste parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Fez um desenho correspondente à frase.
- Não fez um desenho correspondente à frase.
- Não respondeu.

3. Apresentação

Pretende-se que a criança tenha uma atitude assídua com a sua proposta de trabalho. Neste parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Muito cuidada.

- Cuidada.
- Pouco cuidada.

De seguida, no quadro 23, encontra-se uma tabela onde são atribuídas as cotações para cada critério.

Quadro 23 – Cotação atribuída ao dispositivo de avaliação da Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Parâmetros	Critérios		Cotações
1 – Aplicação da leitura e da escrita.	Copiou a frase corretamente.	6	6
	Não copiou a frase corretamente.	3	
	Não respondeu.	0	
	Por cada erro ortográfico descontar	0,1	
2 – Desenvolvimento da motricidade.	Fez um desenho correspondente à frase.	3	3
	Não fez um desenho correspondente à frase.	1,5	
	Não respondeu.	0	
3 – Apresentação.	Muito cuidada.	1	1
	Cuidada.	0,5	
	Pouco cuidada.	0,2	
Total			10

Seguidamente, no quadro 24 apresento a tabela/grelha referente à área de Expressão e Comunicação no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, onde aparecem referidas as cotações atribuídas a cada criança em cada exercício e de acordo com, os parâmetros estabelecidos, bem como a sua representação total em cotação numérica.

Quadro 24 – Grelha de avaliação do dispositivo de avaliação da Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Parâmetros	Aplicação da leitura e da escrita				Desenvolvimento da motricidade			Apresentação			Cotações
Critérios	Copiou a frase corretamente	Não copiou a frase corretamente	Não respondeu	Por cada erro ortográfico descontar - 0,1	Fez um desenho correspondente à frase	Não fez um desenho correspondente à frase	Não respondeu	Muito cuidada	Cuidada	Pouco cuidada	0 a 10
Alunos											
1	6	3	0	- 0,1	3	1,5	0	1	0,5	0,2	9,5
2	6				3			1			10
3	6				3			1			10
4	6				3			1			10
5	6				3			1			10
6	6				3			1			10
7	6				3			1			10
8		3		- 0,1	3			1			6,9
9		3			3			1			7
10	6				3				0,5		9,5
11	6				3			1			10
12	6				3			1			10
13	6				3			1			10
14	6				3			1			10
15	6				3			1			10
16	6				3			1			10
17	6				3				0,5		9,5
18	6				3			1			10
19	6				3			1			10
20	6				3			1			10
21	6				3			1			10
22	6				3			1			10
23	6				3			1			10
24	6				3				0,5		9,5
25	6				3				0,5		9,5
26	6				3			1			10
27	6				3			1			10
28	6				3			1			10

De seguida, apresento os resultados obtidos em gráfico, para uma melhor visualização dos resultados obtidos (Figura 19).

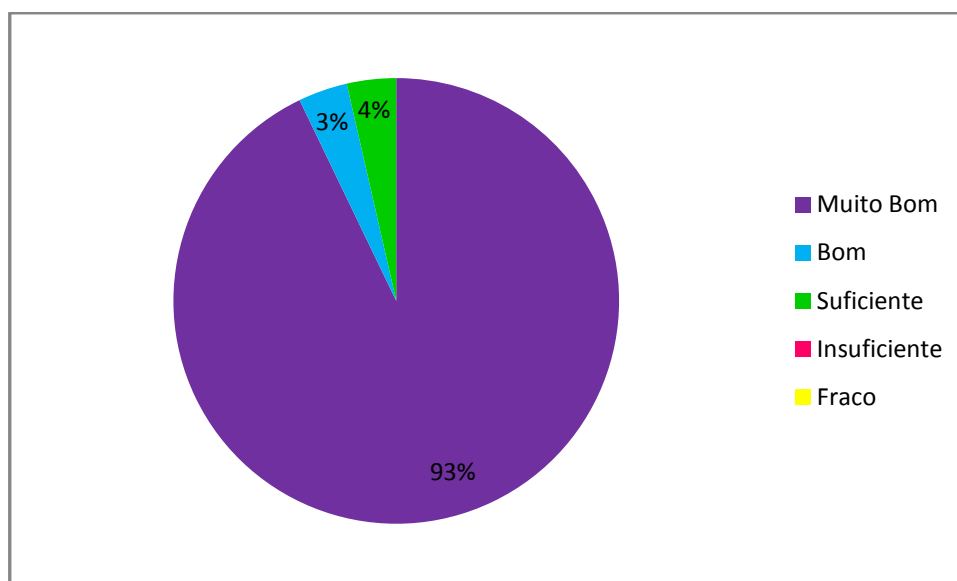


Figura 19 – Gráfico com os resultados obtidos na avaliação do dispositivo de avaliação da Área do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

3.4.2. Descrição/análise dos resultados obtidos na avaliação da Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Na análise do dispositivo de avaliação da Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, verifiquei que no primeiro parâmetro desta avaliação vinte e seis crianças copiaram corretamente a frase, conseguindo assim a cotação máxima e apenas duas crianças não o conseguiram fazer. Ainda no primeiro parâmetro aferi que apenas uma criança teve um desconto de 0,1 devido a um erro ortográfico. No segundo parâmetro a quantidade de crianças a atingirem a cotação máxima foi total, pois todas as crianças neste parâmetro atingiu o objetivo. No terceiro e último parâmetro vinte e três crianças primaram pela apresentação muito cuidada e cinco por uma apresentação cuidada.

Ao analisar esta avaliação, considero que a maioria das crianças atingiu o objetivo da mesma, pois 93% da turma obteve um nível muito bom, 3% um nível bom e apenas 4 crianças m nível suficiente.

3.5. Dispositivos de avaliação da Área de Língua Portuguesa

De seguida, exponho o terceiro dispositivo de avaliação que utilizei. Este pertence à área da Língua Portuguesa e foi realizado numa turma do 2.º Ano do Ensino Básico no dia 9 de maio de 2011. Nesta atividade a criança teve acesso a uma folha A₄ e um envelope que continha palavras soltas. A criança teve de organizar as palavras de modo a formar uma frase com sentido, depois seguia-se a colagem da frase na folha A₄ e de seguida assinalar os elementos constituintes da frase (**Anexo 3**).

A turma onde realizei esta avaliação é composta por vinte e oito alunos, em baixo aparecem descritas vinte e sete avaliações, pois uma criança faltou neste mesmo dia, não sendo assim possível expor a sua avaliação.

3.5.1. Descrição dos parâmetros e critérios

1. Compreensão e aplicação da estrutura da frase

Pretende-se que a criança consiga formar uma frase com sentido. Neste parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Ordenou todas as palavras de forma correta.
- Ordenou algumas palavras de forma correta.
- Não ordenou nenhuma palavra de forma correta.
- Não respondeu.

2. Identificação do sujeito e do predicado da frase

Pretende-se que a criança seja capaz de identificar os elementos constituintes da frase. Neste parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Identificou o sujeito e o predicado da frase.
- Identificou só o sujeito da frase.
- Identificou só o predicado da frase.
- Não identificou nenhum dos elementos constituintes da frase.
- Por cada erro ortográfico descontar - 0,1.

3. Apresentação.

Pretende-se que a criança tenha uma atitude assídua com as suas propostas de trabalho. Neste parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Muito cuidada.
- Cuidada.
- Pouco cuidada.

De seguida, no quadro 25, encontra-se uma tabela onde são atribuídas as cotações para cada critério.

Quadro 25 – *Cotação atribuída ao dispositivo de avaliação da Área de Língua Portuguesa.*

Parâmetros	Critérios		Cotações
1 – Compreensão e aplicação da estrutura da frase	Ordenou todas as palavras de forma correta.	3	3
	Ordenou algumas palavras de forma correta.	1,5	
	Não ordenou nenhuma palavra de forma correta.	0	
	Não respondeu.	0	
2 – Identificação do sujeito e do predicado da frase.	Identificou o sujeito e o predicado da frase.	6	6
	Identificou só o sujeito da frase.	3	
	Identificou só o predicado da frase.	3	
	Não identificou nenhum dos elementos constituintes das frase.	0	
	Por cada erro ortográfico descontar	0,1	
3 – Apresentação.	Muito cuidada.	1	1
	Cuidada.	0,5	
	Pouco cuidada.	0,2	
Total			10

Seguidamente, no quadro 26, apresento a tabela/grelha referente à área de Língua Portuguesa, onde aparecem referidas as cotações atribuídas a cada criança em cada exercício e de acordo com, os parâmetros estabelecidos, bem como a sua representação total em cotação numérica.

Quadro 26 – Grelha de avaliação do dispositivo de avaliação da área de Língua Portuguesa.

Parâmetros	Compreensão e aplicação da estrutura da frase				Identificação do sujeito e do predicado da frase					Apresentação			Cotação
	Ordenou todas as palavras corretamente	Ordenou algumas palavras corretamente	Não ordenou nenhuma palavra corretamente	Não respondeu	Identificou o sujeito e o predicado da frase	Identificou só o sujeito da frase	Identificou só o predicado da frase	Não identificou nenhum elemento constituinte da frase	Erros ortográficos	Muito cuidada	Cuidada	Pouco cuidada	
Alunos													
1	3	1,5	0	0	6	3	3	0	-0,1	1	0,5	0,2	9,5
2	3				6					1			10
3	3				6						0,5		9,5
4	3				6						0,5		9,5
5	3				6					1			9,5
6	3				6						0,5		10
7	3				6						0,5		9,5
8	3				6						0,5		9,5
9	3				6						0,5		9,5
10	3				6						0,5		9,5
11	3				6						0,5		9,5
12	3				6						0,5		9,5
13	3				6						0,5		9,4
14	3				6				-0,1				9,9
15	3				6				-0,1	1	0,5		9,5
16	3				6								10
17	3				6					1			9,5
18	3				6						0,5		9,5
19	3				6						0,5		10
20	3				6					1			9,5
21	3				6						0,5		9,5
22	3				6						0,5		9,5
23	3				6						0,5	0,2	9,2
24	3				6						0,5		9,5
25	3				6				-0,1		0,5		9,5
26	3				6				-0,1		0,5		9,4
27	3				6				-0,1		0,5		9,4
28	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

De seguida, apresento os resultados obtidos em gráfico, para uma melhor visualização dos resultados obtidos (Figura 20).

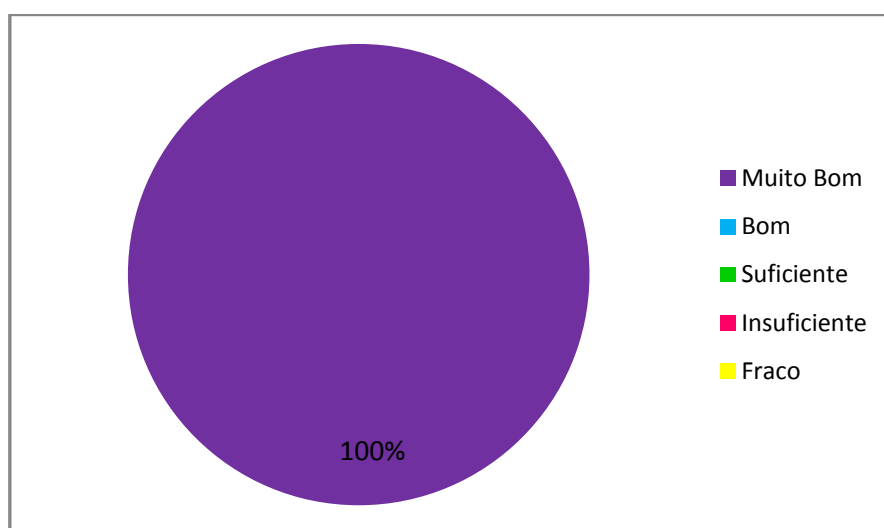


Figura 20 – Gráfico com os resultados obtidos na avaliação do dispositivo de avaliação da Área de Língua Portuguesa

3.5.2. Descrição /análise dos resultados obtidos na avaliação da Área de Língua Portuguesa

Na análise do dispositivo de avaliação da Área de Língua Portuguesa verifiquei que todos os alunos atingiram as máximas cotações nos primeiros dois parâmetros, tendo quatro alunos dado alguns erros ortográficos e por isso ter-lhes sido descontado 0,1 no segundo parâmetro.

Especificamente analisando, no parâmetro da Apresentação, cinco, dos vinte e seis alunos mostraram ter muita assiduidade no seu trabalho, mais de metade dos alunos mostrou também ter algum cuidado, apresentando o seu trabalho com alguma assiduidade, com pouca assiduidade registo um único aluno que não mostrou empenho na apresentação do seu trabalho.

Apesar do parâmetro da apresentação, no que toca ao objetivo essencial desta avaliação, as crianças atingiram todos os objetivos, não ficando nenhuma criança com uma avaliação abaixo do muito bom, conforme se visualiza no gráfico, no qual 100% da turma obteve um nível muito bom na avaliação.

3.6. Dispositivo de avaliação da Área de Estudo do Meio

De seguida, exponho o meu quarto dispositivo de avaliação que utilizei. Pertence à Área de Estudo do Meio e foi realizada numa turma do 4.º Ano do ensino Básico no dia 24 de outubro de 2011. Nesta atividade cada criança teve acesso a uma folha A₄, na qual tinham de responder a três questões sobre o tema abordado em sala de aula **(Anexo 4)**.

Na primeira questão, cada criança tinha de responder a uma definição, na segunda era uma questão tinha de ordenar cinco algarismos de modo a tornar o exercício correto e por fim o ultimo exercício era escrever quatro dos objetos que deve conter uma mala de primeiros socorros.

A turma onde realizei esta avaliação é composta por dezanove alunos.

3.6.1. Descrição dos parâmetros e critérios

1. Conhecimento e compreensão da definição de primeiros socorros

Pretende-se que a criança consiga definir “primeiros socorros”. Neste parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Definiu de forma clara “primeiros socorros”, sem erros ortográficos.
- Definiu de forma clara “primeiros socorros”, com um erro ortográfico.
- Definiu de forma clara “primeiros socorros”, com dois ou mais erros ortográficos.
- Definiu de forma pouco clara “primeiros socorros”, sem erros ortográficos.
- Definiu de forma pouco clara “primeiros socorros”, com um erro ortográfico.
- Definiu de forma pouco clara “primeiros socorros”, com dois ou mais erros ortográficos.
- Resposta incompleta.
- Não respondeu.

2. Compreensão de regras dos primeiros socorros

Pretende-se que a criança consiga ordenar todos os algarismos de maneira a obter a resposta correta. Neste parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Colocou todos os algarismos corretamente.
- Colocou quatro algarismos corretamente.
- Colocou três algarismos corretamente.

- Colocou dois algarismos corretamente.
- Colocou um algarismo corretamente.
- Não colocou nenhum algarismo corretamente.

3. Identificação dos materiais duma mala de primeiros socorros

Pretende-se que a criança consiga referir quatro objetos que uma mala de primeiros socorros deve conter. Neste parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Referiu todos os objetos corretamente.
- Referiu três objetos corretamente.
- Referiu dois objetos corretamente.
- Referiu um objeto corretamente.
- Não referiu nenhum objeto corretamente.
- Por cada erro ortográfico descontar – 0,1.

De seguida, no quadro 27, encontra-se uma tabela onde são atribuídas as cotações para cada critério.

Quadro 27 – Cotação atribuída ao dispositivo de avaliação da Área de Estudo do Meio.

Parâmetros	Critérios		Cotações
1 - Conhecimento e compreensão da definição de primeiros socorros	Definiu de forma clara “primeiros socorros”, sem erros ortográficos.	4	4
	Definiu de forma clara “primeiros socorros”, com um erro ortográfico.	3,5	
	Definiu de forma clara “primeiros socorros”, com dois ou mais erros ortográficos.	3	
	Definiu de forma pouco clara “primeiros socorros”, sem erros ortográficos.	2	
	Definiu de forma pouco clara “primeiros socorros”, com um erro ortográfico.	1,5	
	Definiu de forma pouco clara “primeiros socorros”, com dois ou mais erros ortográficos.	1	
	Resposta incompleta.	0	
	Não respondeu.	0	
2 - Compreensão de regras dos primeiros socorros.	Colocou todos os algarismos corretamente.	3	3
	Colocou quatro algarismos corretamente.	2,5	
	Colocou três algarismos corretamente.	2	
	Colocou dois algarismos corretamente.	1,5	
	Colocou um algarismo corretamente.	1	
	Não colocou nenhum algarismo corretamente.	0	
3 - Identificação dos materiais duma mala de primeiros socorros	Referiu todos os objetos corretamente.	3	3
	Referiu três objetos corretamente.	2,5	
	Referiu dois objetos corretamente.	2	
	Referiu um objeto corretamente.	1	
	Não referiu nenhum objeto corretamente.	0	
	Por cada erro ortográfico descontar.	- 0,1	
Total		10	

Seguidamente, nos quadros 28, 29 e 30, apresento a tabela/grelha referente à área de Estudo do Meio, onde aparecem referidas as cotações atribuídas a cada criança em cada exercício e de acordo com, os parâmetros estabelecidos, bem como a sua representação total em cotação numérica.

Quadro 28 – Grelha de avaliação do dispositivo de avaliação da Área de Estudo do Meio

Parâmetros	Identificação dos materiais numa mala de primeiros socorros						Cotação
	Critérios	Referiu todos os objetos corretamente.	Referiu três objetos corretamente.	Referiu dois objetos corretamente.	Referiu um objeto corretamente.	Não referiu nenhum objeto corretamente.	Por cada erro ortográfico descontar.
Alunos		3	2,5	2	1	0	- 0,1
1		3					3
2			2,5				2,5
3		3					2,9
4		3					2,9
5		3					2,9
6		3					3
7			2,5				2,5
8		3					2,8
9		3					2,9
10			2,5				2,5
11		3					3
12			2,5				2,5
13			2,5				2,5
14		3					3
15		3					2,9
16		3					3
17		3					3
18		3					2,8
19		3					2,7

Quadro 29 – Grelha de avaliação do dispositivo de avaliação da Área de Estudo do Meio

Parâmetros	Compreensão de regras dos primeiros socorros						Cotação
	Colocou todos os algarismos corretamente.	Colocou quatro algarismos corretamente.	Colocou três algarismos corretamente.	Colocou dois algarismos corretamente.	Colocou um algarismo corretamente.	Não colocou nenhum algarismo corretamente.	
Alunos							0 a 3
1	3	2,5	2	1,5	1	0	1,5
2				1,5			1,5
3			2	1,5			2
4			2				2
5			2				2
6	3						3
7					1		1
8			2				2
9			2				2
10					1		1
11	3						3
12	3						3
13				1,5			1,5
14				1,5			1,5
15				1,5			1,5
16					1		1
17				1,5			1,5
18						0	0
19						0	0

Quadro 30 – Grelha de avaliação do dispositivo de avaliação da Área de Estudo do Meio

Parâmetros	Conhecimento e compreensão da definição de primeiros socorros								Cotação
	Definiu de forma clara "primeiros socorros", sem erros ortográficos.	Definiu de forma clara "primeiros socorros", com um erro ortográfico.	Definiu de forma clara "primeiros socorros", com dois ou mais erros ortográficos.	Definiu de forma pouco clara "primeiros socorros", sem erros ortográficos.	Definiu de forma pouco clara "primeiros socorros", com um erro ortográfico.	Definiu de forma pouco clara "primeiros socorros", com dois ou mais erros ortográficos.	Resposta incompleta.	Não respondeu.	
Alunos	4	3,5	3	2	1,5	1	0		0 a 4.
1	4								4
2	4								4
3	4								4
4	4								4
5		3,5							4
6				2					3,5
7	4								2
8			3						4
9									3
10				2		1			1
11	4								2
12				2					4
13	4								2
14	4								4
15		3,5							4
16	4								3,5
17	4								4
18						1			4
19	4								1
									4

Visto ter dividido as grelhas por exercícios, no fim realizei uma tabela (Quadro 31), que sintetiza todos os valores, de modo, a que a cotação total fosse mais fácil de observar.

Quadro 31 - *Grelha de avaliação final do dispositivo de avaliação da Área de Estudo do Meio*

Parâmetros Alunos	1	2	3	Cotação total
1	4	1,5	3	8,5
2	4	1,5	2,5	8
3	4	2	2,9	8,9
4	4	2	2,9	8,9
5	3,5	2	2,9	8,4
6	2	3	3	8
7	4	1	2,5	7,5
8	3	2	2,8	7,8
9	1	2	2,9	5,9
10	2	1	2,5	5,5
11	4	3	3	10
12	2	3	2,5	7,5
13	4	1,5	2,5	8
14	4	1,5	3	8,5
15	3,5	1,5	2,9	7,9
16	4	1	3	8
17	4	1,5	3	8,5
18	1	0	2,8	3,8
19	4	0	2,9	6,9

De seguida, apresento os resultados obtidos em gráfico, para uma melhor visualização dos resultados obtidos (Figura 21).

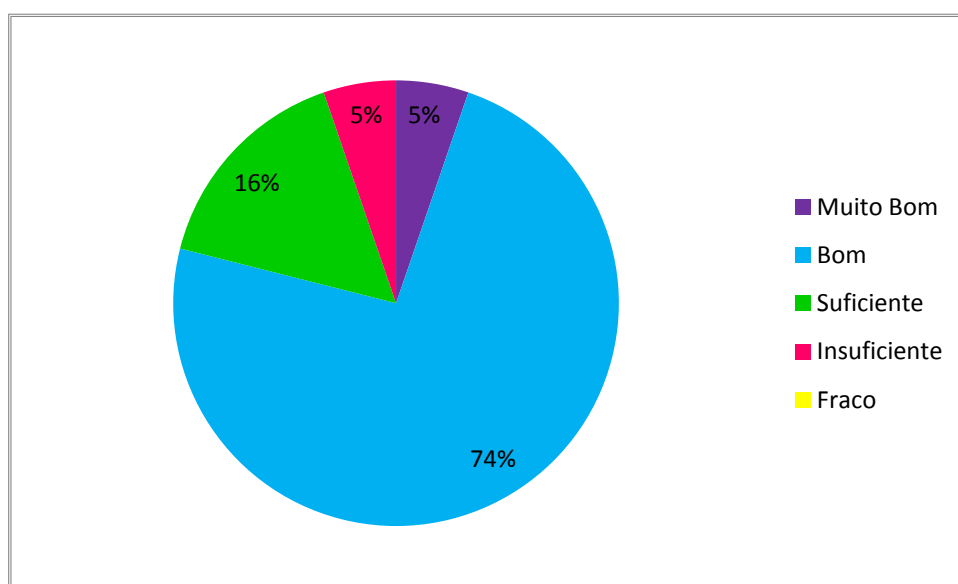


Figura 21 – Gráfico com os resultados obtidos na avaliação final do dispositivo de avaliação da Área de Estudo do Meio

3.6.2. Descrição /análise dos resultados obtidos na avaliação da Área de Estudo do Meio

Na análise do dispositivo de avaliação da Área de Estudo do Meio, aferi que mais de metade dos alunos da turma onde efetuei a avaliação atingiram boas cotações dos parâmetros estipulados.

No primeiro parâmetro mais de metade da turma atingiu as máximas cotações nos critérios definidos. No segundo parâmetro apenas três alunos obtiveram metade da cotação máxima definida, mostrando alguma dificuldade ou mesmo falta de atenção, neste exercício. Para finalizar esta análise, o terceiro e último parâmetro foi também realizado com sucesso, registando-se mais de metade da turma com boas cotações.

O gráfico mostra que apenas 5% da turma atingiu um nível muito bom, 74% da conseguiu um nível bom na avaliação, 16% da turma alcançou suficiente e 5% da turma conquistou um nível insuficiente na avaliação. Posto isto, numa próxima aula sobre este tema, terei de aplicar outro tipo de questões ou mesmo outro tipo de estratégia na transmissão da informação.

Reflexão Final

1. Considerações Finais

A realização deste Relatório de Estágio Profissional esteve em concordância com o decorrer do Estágio Profissional I, II e III (relativo à unidade curricular Prática Pedagógica I, II e III) que teve início no dia 11 de outubro de 2010 e o seu término no dia 27 de janeiro de 2012. Na Escola Superior de Educação João de Deus, a Prática Pedagógica é muito valorizada, pois está presente desde o 1.º Ano da Licenciatura, na qual participávamos, apenas, enquanto observadores. Desde esse momento, esta Unidade Curricular permitiu-me enquanto estagiária ter uma preparação, de modo progressivo, de competências práticas que me serão úteis no futuro profissional.

De acordo com Galveias (2008, p.10), a prática pedagógica deve considerar alguns princípios, entre os quais “orientar-se quer para o desenvolvimento da *competência técnica* quer para o desenvolvimento das *competências científicas, éticas, sociais e pessoais*” bem como “privilegiar espaços que favoreçam a construção de um saber pedagógico como resultado da interação entre os saberes já adquiridos e o questionamento, provocado pela vivência dos problemas profissionais contextualizados.” Na perspetiva de Guimarães e Lopes (2007, p.3661), “o estágio supõe uma relação pedagógica entre alguém que já é um profissional reconhecido em um ambiente institucional de trabalho e um aluno estagiário (...) é o momento de efetivar um processo de ensino/aprendizagem que, tornar-se-á concreto e autónomo quando da profissionalização deste estagiário.”

Ao longo destes anos de Licenciatura e Mestrado, através de diálogos com professoras cooperantes, vim-me aperceber que será com a experiência profissional que me tornarei mais apta em diversas situações, bem como na diversidade de estratégias a utilizar em sala de aula. Segundo Perrenoud, Paquay Altet e Charlier (2001, p.32), os professores e formadores adquirem o seu saber profissional “com a experiência e a prática em sala de aula.”

A elaboração do Relatório de Estágio Profissional veio intensificar a ideia de que a expressão “*laissez faire, laissez passer*” não pode estar presente na minha vida, pois em tudo há que haver uma reflexão, uma opinião, só assim poderemos evoluir e tornarmo-nos melhores pessoas e melhores profissionais.

A pesquisa que efetuei durante todo este percurso de realização do Relatório, bem como a Prática Pedagógica ajudaram-me a dar ainda mais valor às relações pedagógicas (pois uma boa relação pedagógica é meio caminho andado para uma boa aprendizagem) e que a participação das crianças/alunos na sala de aula também

é essencial para uma aprendizagem dinâmica e para uma aprendizagem mais motivadora. Segundo Sanches (2001, p.45), “exigir o envolvimento dos alunos é provavelmente o aspeto mais importante das estratégias de aprendizagem.”

Não posso deixar de referir o quanto foi importante a realização do segundo e terceiro capítulo. O facto de ter estado em contacto com diferentes faixas etárias fez com que eu tivesse de planificar, avaliar atividades para crianças com idades muito distintas (dos 3 aos 9 anos).

Ao planificar, o educador/professor fá-lo de acordo com o que sabe sobre o grupo e sobre cada criança. Conforme nos referem as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2002, p.26), “planear implica que o educador reflita sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando os recursos humanos e materiais necessários à sua realização.” A planificação tem a possibilidade de sofrer alterações, por situações que se verifiquem em sala de aula e não seja plausível realizá-la na sua totalidade. Estando o educador preparado para mais tarde lecionar em sala de aula o mesmo conteúdo/atividade.

Ao avaliar, o educador/professor segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2002, p.27) deve “tomar consciência da acção para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução.” Na mesma fonte (2002, p.27) é ainda referido que a “avaliação é suporte do planeamento.”

Para finalizar as minhas considerações finais, é, para mim, muito importante refletir sobre o facto de ter tirado o Mestrado em duas valências, Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Ao iniciar esta minha formação tinha em mente a vontade de ser educadora, de partilhar a minha vida junto dos mais pequenos contribuindo para o seu desenvolvimento e aprendizagem, mas como já referi, a Prática Pedagógica está presente desde o início da Licenciatura, por esta razão a minha vontade foi também sido abrangida para o Ensino do 1.º Ciclo devido aos vários estágios que realizei nesta valência.

Terminado o Mestrado, considero que posso afirmar que a minha preferência vai para a Educação Pré-Escolar porque me sinto muito realizada junto dos mais pequenos. O lado afetivo, o lado imaginário tem proporções maiores nestas faixas etárias e é para mim importante sentir que posso um dia contribuir, junto da minha turma, na aquisição de novas posturas, novas aprendizagens.

Sinto-me uma privilegiada por ter passado cinco anos da minha vida rodeada de pessoas (professores, professoras cooperantes, as próprias crianças e amigos) que me ajudaram a crescer, enquanto pessoa, enquanto estagiária e enquanto futura docente, mostrando-me o caminho correto a percorrer.

2. Limitações

Durante a realização do Relatório de Estágio Profissional fui-me deparando com algumas limitações.

No que respeita à pesquisa de informações, por saber que a atualidade científica das mesmas é bastante importante, senti-me limitada na escolha de livros mais atuais sobre determinados assuntos. O facto da Escola Superior de Educação João de Deus não ter um horário noturno alargado também fez com que muitas vezes tivesse de continuar o trabalho em casa, mas sem as informações que possuía da biblioteca, visto não termos autorização de requisitar mais do que um determinado número de livros.

Apesar de todas as restrições, a vontade de ver finalizado este trabalho, faz com que guarde na memória todos os momentos de dificuldade, trabalho, horas de sono e empenho que dediquei a este relatório de uma forma muito verdadeira.

Não posso deixar de refletir sobre todas as limitações/sacrifícios que fui superando desde o início da Licenciatura até agora e o quanto me fizeram crescer pessoalmente. Segundo Marujo Neto e Perloiro (1999, p.114), “as adversidades são um ingrediente central da nossa vida, e têm seguramente um papel no nosso desenvolvimento e crescimento pessoais.”

Acredito que a persistência, a determinação e acima de tudo a vontade que sempre tive de realizar este “caminho”, fizeram com que todos os sacrifícios valessem a pena.

Sinto-me feliz por ter escolhido ser educadora/professora.

3. Novas Pesquisas

Ao escolher esta profissão, mais do que qualquer outra, tenho de ter consideração para o facto da sociedade em que vivemos estar em constante mudança. Por essa razão e por querer estar, sempre, informada e atualizada vou querer estar recetiva a novas aprendizagens bem como pesquisas.

No futuro espero vir a frequentar uma Pós-Graduação em Necessidades Educativas Especiais, especializada em Linguagem Gestual, visto puder ter em sala de aula alunos com essa necessidade e por considerar ser uma mais valia na minha profissão.

Tal como já referi, a nossa sociedade está em imutável evolução e as Tecnologias de Informação e Comunicação são um exemplo disso. De acordo com Silveira–Botelho (2009, p.114), “não dominar as novas tecnologias de informação, equivale na prática a um novo tipo de analfabetismo.” Deste modo dispensarei, no futuro, tempo para me sentir mais apta e eficaz a este nível.

Termino com uma citação de Tiba (2005, p.127), que caracteriza a minha vontade de estar em constante aprendizagem, “aprender é alimentar a alma de saber.”

Referências Bibliográficas

- Abreu, M. D. (2005). *Currículo e diferenciação. Um contributo para a organização das aprendizagens na língua estrangeira*. Lisboa: Texto Editores.
- Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação. Um guia prático e crítico*. Porto: ASA Editores, S.A.
- Agüera, I. (2008). *Brincar e prender na primeira infância – actividades, rimas e brincadeiras para a educação de infância*. Lisboa: Papa – Letras.
- Aharoni, R. (2008). *Aritmética para pais*. Lisboa: SPM. Gradiva.
- Alarcão, I. (1996). *Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão*. Porto: Porto editora.
- Alarcão, I. & Roldão, M. (2008). *Supervisão: um contexto de desenvolvimento profissional dos professores*. Mangualde: Pedago.
- Alliende, F. & Condemarin, M. (1987) *Leitura teoria, avaliação e desenvolvimento*. Porto Alegre.
- Almeida, A. (1998). *Visitas de estudo – concepções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros horizonte.
- Alsina, A. (2004). *Desenvolvimento de competências matemáticas com recursos lúdico-manipulativos: para crianças dos 6 aos 12 anos*. Porto: Porto Editora.
- Amor, E. (2066). *Didáctica do português – fundamentos e metodologia*. Lisboa: Texto Editores.
- Antão, J. (1997). *Elogio da leitura*. Tipos e técnicas de leitura. Porto: Edições ASA.
- Antunes, C. (2007). *Professores e professauros*. Reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas. Brasil: São Paulo. Editora Vozes.
- Aranão, I. V. D. (1996). *A matemática através de brincadeira e jogos*. Campinas: Papirus.
- Arends, R. I. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw – Hill de Portugal L.da.
- Arribas, T. L. (2004). *Educação Infantil – Desenvolvimento, currículo e organização escolar*. Porto Alegre: Artmed.

- Azevedo, F. (2000). *Ensina e aprender a escrever – através e para além do erro*. Porto: Porto Editora.
- Azevedo, M. (2000). *Teses, relatórios e trabalhos escolares – sugestões para a estruturação da escrita*. Lisboa: Universidade Católica.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. São Paulo. Livraria Martins Fontes.
- Barros, M. G. & Palhares. P. (1997). *Emergência da matemática no jardim-de-infância*. Porto: Porto Editora.
- Braga, F. (2001). *Formação de professores e identidade profissional*. Coimbra: Quarteto.
- Braga, F., Vilas-Boas, F. M., Alves, M. E. M., Freitas, M. J. & Leite, C. (2004). *Planificações – novos papéis, novos modelos*. Porto: Edições ASA.
- Brasil. (1999). *Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF. Secretaria de Educação Fundamental.
- Brickman, N. A., Taylor, L. S. (1991). *Aprendizagem activa*. Lisboa: fundação Calouste Gulbenkian.
- Caldeira, M. F. (2009). *Aprender matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Calp, Casa do professor, Amorim, M. C. & Virgo. (2002). *Competências, currículo e planificação no 1.º ciclo*. Braga: Nova Edições, Lda.
- Canavarro, J. M. P., Pereira, A. I. F. & Pascoal, P. (2001). *Diferenciação pedagógica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Cardona, M. J. (coord.), Marques, R. (coord.), Fonseca, A., Silva, A., Guimarães, A. M., Novo, C., Rocha, D. & Pagarete, M. J. (2008). *Aprender e Ensinar no Jardim de Infância e na Escola*. Chamusca, Portugal: Edições Cosmos.
- Carmo, H. & Ferreira, M. M. (1998). *Metodologia da investigação: guia para autoaprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Castro, J. P. & Rodrigues, M. (2008). *Sentido do número e organização de dados: textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Ministério da Educação.

- Catita, E. M. (2007). *Estratégias metodológicas para o ensino do meio físico e social: do pré-escolar ao 1.º ciclo – um guia para educadores, professores e pais*. Porto: Areal.
- Château, J. (1975). *A criança e o jogo*. Lisboa: Atlântida Editora.
- Colomer, T., & Camps, A. (2002). *Ensinar a ler, ensinar a compreender*. Porto Alegre: Artmed.
- Coll, C. & Edwards, D. (1998). *Ensino, aprendizagem e discurso em sala de aula*. Porto Alegre: Brasil. Artmed.
- Condemarin, M. & Chadwick, M. (1987). *A escrita criativa e formal*. Porto Alegre, Brasil: Artes Médicas Sul Lda.
- Cordeiro, M. (2008). *O livro da criança: do 1 aos 5 anos* (3.ª ed). Lisboa: A Esfera dos Livros.
- Cortesão, L. (1993). *A Avaliação Formativa – que desafios?* Cadernos Pedagógicos: Edições ASA.
- Cunha, A. C. (2008). *Ser professor – bases de uma sistematização teórica*. Braga: Casa do Professor.
- Curto, P. M. (1998). *A escola e a indisciplina*. Porto: Porto Editora.
- Cury, A. (2004). *Pais brilhantes, professores fascinantes – como fazer jovens felizes e inteligentes*. (1ª ed.) Cascais: Pergaminho.
- Damas, E., Oliveira, V., Nunes, R. & Silva, L. (2010). *Alicerces da matemática – guia para professores e educadores*. Porto: Areal Editores.
- Deshaies, B. (1997). *Metodologia da investigação em ciências humanas*. Lisboa: Instituto Piaget (trabalho original em francês publicado em 1992).
- Deus, M. L (1997). *Guia prático da cartilha maternal*. Lisboa: Associação de jardins-escolas João de Deus.
- Duarte, J. A. (2009). *O jogo e a criança*. Relatório apresentado à Escola Superior de Educação João de Deus com vista à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação na especialidade de Supervisão Pedagógica.
- Fernandes, D. (2005). *Avaliação das aprendizagens: desafios às teorias, práticas e políticas*. Lisboa: texto editores

- Ferreira, C. A. (2007). *A avaliação no quotidiano da sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- Ferreira, M. S. & Santos, M. R. (1994). *Aprender a ensinar, ensinar a aprender*. Porto: edições Afrontamento.
- Figueiredo, M. A. (s.d). *Estímulos à leitura e à escrita*. Cova da Piedade: Bola de neve – Materiais pedagógicos.
- Flores, M. A. & Simão, A. M. V. (2009). *Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: contextos e perspetivas*. Coleção educação e formação. Mangualde: Edição Pedagogo, Lda.
- Fourez, G., Maingain, A. & Dufour, B. (2002). *Abordagens didáticas da interdisciplinaridade*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Freitas, L. V. & Freitas, C. V. (2002). *Aprendizagem cooperativa*. Lisboa: Edições ASA.
- Galvão, C., Reis, P., Freira, A. & Oliveira, T. (2006). *Avaliação de competências em ciências*. Porto: Edições ASA.
- Giasson, J. A. (1993). *A compreensão na leitura*. Porto: ASA.
- Gomes, J. A. (2000). *Da nascente à voz – Contributos para uma pedagogia da leitura*. Lisboa: Caminho.
- Gomez, M. T, Mir, V. & Serrats, M. G. (1993). *Como criar uma boa relação pedagógica*. Porto: Edições ASA.
- Grosso, C. & Ruas, M. B. (1999). *Números e Operações Aritméticas*. Volume I. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Guillaud, M. (2006). *Relaxar as crianças no jardim-de-infância*. Porto: Porto editora.
- Hohmann, M., Banet, B. & Weikart, D. (1992). *A criança em acção* (3.^a ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hohmann, M., Weikart, D. & Marujo, H., Neto, L. (2004). *Educar a criança* (3.^a ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (trabalho original em inglês publicado em 1995).
- Jean, G. (1999). *Leitura em voz alta*. Editora: Horizontes Pedagógicos.
- Jensen, E. (2002). *O cérebro, a bioquímica e as aprendizagens: um guia para pais e educadores*. Porto: Edições Asa.

- Jesus, S. N. (1996). *Influência do professor sobre os alunos*. Porto: Edições ASA.
- Kenski, V. M. (2003). *Tecnologias e ensino presencial e a distância*. São Paulo: Papirus.
- Lafortune, L & Saint-Pierre, L. (1996). *A afectividade e a metacognição na sala de aula*. Coleção Horizontes Pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lahora, C. (2008). *Atividades matemáticas na pré-escolar para crianças dos 0 aos 6 anos*. Lisboa: Papa-Letras. (trabalho original espanhol publicado em 2005).
- Lemos, M. S. & Carvalho, T. R. (2002). *O aluno na sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- Lomas, C. (2003). *O valor das palavras (I) – falar, ler e escrever nas aulas*. ASA Editoras.
- Lopes, J. A, Velasquez, M. G, Fernandes, P. P. & Bartolo, V. N. (2004). *Aprendizagem, ensino e dificuldade da leitura*. Coimbra: Quarteto.
- Lopes, J. L. (Ed.). (2006). *Desenvolvimento de competências linguísticas em jardim de infância. Manual de atividades*. Lisboa: Coleção Práticas.
- Loureiro, M. J. (2000). *Discurso e compreensão na sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- Marques, R.; Davies, D & Silva, P. (1993). *Os professores e as famílias – A colaboração Possível*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Marques, R. (2001). *Educar com os pais*. Lisboa: Editorial Presença.
- Martins, I. P., Veiga, M., Teixeira, F., Tenreiro-Vieira, C., Vieira, R., Rodrigues, A., Couceiro, F. & Pereira, S. (2009). *Despertar para a Ciência – Actividades dos 3 aos 6*. Editora: Ministério da Educação, Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Marujo, H. A., Neto, L. M. & Perloiro, M. F (2004). *Optimismo e esperança na educação*. Lisboa: Editorial Presença.
- Marujo, H. A., Neto, L. M. & Perloiro, M. F. (2002). *A família e o sucesso escolar*. Lisboa: Editorial Presença.
- Mata L. (2008). *À descoberta da escrita*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Matos, J. M. & Serrazina, M. L. (1996). *Didáctica da matemática*. Lisboa: Universidade Aberta.

- Mendes, F. M. & Delgado, C. C. (2008). *Geometria – Textos de apoio ao educador de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação – Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Ministério da Educação (2001). *Currículo nacional do ensino básico – competências essenciais*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- Ministério da Educação (2002). *Orientações curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2004). *Organização curricular e programas do ensino básico – 1.º ciclo*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- Ministério da Educação (s.d.). *Perspetivas de educação em jardins de infância*. Lisboa: Direção Geral do Ensino Básico.
- Moreira, P. (2003). *Ser professor: competências básicas...3. – Emoções positivas e regulação emocional, competências sociais e assertividade..* Porto: Porto Editora.
- Moreira, P. (2008). *Ser professor: competências básicas...1. – Comunicação, consciência corporal, disciplina, autocontrolo, auto-estima e promoção da saúde*. Porto: Porto Editora.
- Morgado, J. (1999). *A relação pedagógica: diferenciação e inclusão*. Lisboa: Editorial Presença.
- Morgado, J. (2004). *Qualidade na Educação – Um desafio para os professores*. Lisboa: Editorial Presença.
- Nierenberg, G. I. (1997). *Não errar é humano: um guia sobre a forma de aprender com os seus erros, enganos e confusões*. Lisboa: Livros Brasil.
- Niza, S. (1998). *Criar o gosto pela escrita – formação de professores*. Mem Martins, Portugal: Ministério da Educação.
- Pais, A. & Monteiro, M. (1996). *Avaliação – uma prática diária*. Lisboa: Editorial Presença.
- Palhares, E. & Gomes, A. (coord.) (2006). *Mat1c desafios para um novo rumo*. Braga: Universidade do Minho.
- Papalia, D., Olds, S. & Feldman, R. (2001). *O mundo da criança*. (8.^a ed) Editora: McGraw Hill.

- Pato, M. H. (1995). *Trabalho de grupo no ensino básico – Guia prático para professores*. Lisboa: Texto Editora.
- Pereira, A. (2002). *Educação para a ciência*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Pereira, J., Lopes, M. (2007). *Fantoches e outras formas animadas no contexto educativo* (1.ª ed). Amarante, Portugal: Editora Intervenção.
- Pérez, M. R. (s.d). *Desenho curricular de aula como modelo de aprendizagem – ensino*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Perrenoud, P., Paquay, L. Altet, M. & Charlier, E. (2001). *Formando professores profissionais*. Porto: Porto Editora.
- Peterson, P. D. (2003). *Professor do ensino básico – Perfil e formação*. Lisboa: Piaget.
- Pombo, O. Guimarães, H. M. & Levy, T. (1994). *A interdisciplinaridade – reflexão e experiência*. Lisboa: Texto Editora.
- Ponte, J. P. (2002). *A formação para a integração das TIC na educação pré-escolar e no 1.º ciclo do ensino básico*. Porto: Porto Editora.
- Ponte, J. P. & Serrazina, M. L. (1998). *As novas tecnologias na formação inicial de professores*. Lisboa: Editorial Ministério da Educação.
- Ponte, J. P. & Serrazina, M. L. (2000). *Didáctica da matemática do 1.º ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Postic, M. (1992). *O imaginário na relação pedagógica*. (1.ª ed.) Rio Tinto, Portugal: Edições Asa.
- Proença, M. C. (1990). *Ensinar/aprender história*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Quivy, R. & Campenhoud, L. V. (2003) *Manual de investigação em ciências sociais*. (3.ª ed.) Lisboa: Gradiva. (trabalho original em Francês publicado em 1995).
- Rebelo, J. A. S. (1993). *Dificuldades da leitura e da escrita em alunos do Ensino Básico*. Rio Tinto, Portugal: Edições ASA.
- Rebelo, D. & Atalaia, L. (2000). *Para o ensino e aprendizagem da língua materna*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Reis, C. e Adragão, J. V. (1992). *Didáctica do português*. Lisboa: Universidade Aberta.

- Reis, M. P. P. (2008). *A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Dissertação de Doutoramento Inédita. Universidad de Málaga. Facultad de Ciencias da la Educación.
- Ribeiro, A. C. & Ribeiro, L. C. (1990). *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Rigolet, S. A. N. (1997). *Leitura do Mundo – Leitura de Livros: da estimulação precoce da linguagem escrita*. Porto: Porto Editora.
- Ruivo, I. M. S. (2009). *Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus*. Dissertação de Doutoramento. Universidad de Málaga: Facultad de Ciencias de la Educación.
- Salvador, C. S. (1997). *Aprendizagem escolar e construção do conhecimento*. Lisboa.
- Sanches, I. R. (2001). *Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- Sanchis, S. (2007). *Actividades de expressão motora na pré-escola*. Lisboa: Papalettras. (trabalho original em francês publicado em 2003).
- Santiago, A. & Dias, A. P. (2011). *Novo dicionário terminológico*. Lisboa: Texto Editora.
- Santos, A. M. R. & Balancho, M. J. S. (1987). *A criatividade no ensino do português*. Lisboa: Texto Editora.
- Severino, M.A.F. (2007). *Supervisão em educação de infância: supervisores e estilos de supervisão* (1.^a ed). Penafiel, Portugal: Editorial Novembro.
- Silveira – Botelho, A. T. I. F. C. P. (2009). *As técnicas de informação e comunicação na formação inicial de professores em Portugal*. Dissertação de Doutoramento Inédita. Universidad de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.
- Sim-Sim, I., Silva, A. & Nunes, C. (2008) *Linguagem e comunicação no jardim de infância*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- Simões, M. I. S. (2006). *Relação pais, filhos, professores e trabalhos de casa*. Editorial A casa encantada.
- Sousa, A. (2003). *Educação pela arte e arte na educação – 3.º volume, Música e Artes Plásticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Sousa, A. B. (2009). *Investigação em educação*. Lisboa: Livros Horizonte.

- Spodek, B. & Saracho, O. (1998). *Ensinando crianças de três a oito anos*. Porto Alegre: Editora Artmed.
- Teberosky, A. & Colomer, T. (2003). *Aprender a ler e a escrever – uma proposta construtiva*. Porto Alegre: Editora Artmed.
- Telmo, I. C. (2000). *O património e a escola – do passado ao futuro*. Lisboa: Texto Editora.
- Tiba, I. (2005). *Disciplina, limite na medida certa*. Cascais: Editora Pergaminho.
- Traça, M. E. (1992). *O fio da memória – do conoto popular ao conto para crianças* (2.^a ed). Porto: Porto Editora.
- Trindade, R. (2002). *Experiências educativas e situações de aprendizagem*. Lisboa: Edições ASA.
- Vieira, F. (1993). *Supervisão – uma prática reflexiva de formação de professores*. Rio Tinto, Portugal: Edições ASA.
- Vieria, H. (2000). *A comunicação na sala de aula*. Lisboa: Editorial Presença.
- Zabalza, M. (1998). *Qualidade em educação infantil*. Porto Alegre: Artmed.
- Zabalza, M. (2001). *Didática em educação infantil*. (3.^a ed). Rio Tinto, Portugal: Edições ASA.
- Zabalza, M. A. (2002). *Planificações e desenvolvimento curricular na escola*. Porto: Edições ASA.
- Zeichner, K. (1993). *A formação reflexiva de professores: ideias e práticas*. Lisboa: Educa.
- Witerttsema, H. (1991). *100 jogos de movimento*. Rio Tinto, Portugal: Edições ASA.

Webgrafia

- Alegria, M. F., Loureiro, M., Marques, M. A. F. & Martinho, A. (2001). *A prática pedagógica na formação inicial de professores*. Recuperado em 2009, outubro 14, de <http://docs.google.com/gview?a=v&q=cache:2cBC6qubCmcJ:www.meioclique.com/CRUP/Documentos%2520PDF/praticapedagformainicialprofs.pdf+importancia+da+pratica+pedagogica&hl=pt-PT&gl=pt&sig=AFQjCNH3mjJT0ZFRJs-Dpl3WKdReDZ0uAg>.

- Almiro, J. (2004). Materiais manipuláveis e tecnologia na aula de matemática. Recuperado em 2011, novembro de 25, de <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/sd/textos/GTI-Joao-Almiro.pdf>
- Carvalho, R. (2011). *Calcular de cabeça ou com a cabeça?*. Recuperado em 2011, dezembro 21, de http://www.apm.pt/files/_Conf01_4e7132d6a08f8.pdf.
- Cruz, R. (s.d) *A Importância das Adivinhas Na Educação Infantil*. Recuperado em 2012 março 7 de, <http://rosacruzpt.org/auditorio/index.php?view=article&catid=71%3Asistemas-educativos&id=146%3Aa-importancia-das-adivinhas-na-educacao-infantil&format=pdf&lang=pt>
- Galveias, M. F. C. (2008). *Prática pedagógica: cenário de formação profissional*. Recuperado em 2012, fevereiro 20, de <http://nonio.eses.pt/interaccoes/artigos/H1%281%29.pdf>
- Guimarães, C. M. & Lopes, C. C. G. P. (2007). As práticas educativas-formativas na formação inicial do profissional de educação infantil. Recuperado em 2011, junho 15, de <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/CI-451-04.pdf>
- Inacio, G. H. & Clasen, M. F. (2010). *Jogo, interação e linguagem - Brincando de mímica*. Recuperado em 2011, Setembro 4, de <http://jogointeracaoelinguagem.blogspot.pt/2010/05/brincando-de-mimica.html>
- Jean, G. (s.d.) *Como apoiar a imaginação e a criatividade das crianças*. Recuperado em 2011, outubro 15, de http://familia.sapo.pt/crianca/emocoes/mae_ideal/1189808.html
- Leitão, M. (2009). *A importância do sono*. Recuperado em 2011, fevereiro 8, de <http://www.lux.iol.pt/criancas/crianca-sono-mafalda-leitao-psicologia-infantil-perturbacao-do-sono-insonias/1087710-5009.html>.
- Ministério da Educação (s.d.). *Orientações Orientações para Actividades de Leitura Programa, 1.º Ciclo. – Está na Hora da Leitura*. Recuperado em 2012, fevereiro 20, de http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/escolas/uploads/formacao/brochura_completa_1ciclo.pdf

- Ministério da Educação. (s.d.). *Programa de Matemática do Ensino Básico*. Recuperado em 2011, outubro 20, de <http://sitio.dgisd.min-edu.pt/matematica/Documents/ProgramaMatematica.pdf>
- Ministério da Educação (2005). *Despacho Normativo n.º1/2005*. Recuperado em 2011, maio de 9, de <http://dre.pt/pdf1s/2005/01/003B00/00710076.pdf>.
- Ministério da Educação (2009). *Programa de Português do Ensino Básico*. Recuperado em 2011, novembro 14, de http://sitio.dgisd.min-edu.pt/linguaportuguesa/Documents/lingua_Portuguesa/programa_portugues_homologado.pdf
- Ministério da Educação (2011). *Circular n.º4/DGIDC/DSDC/2011*. Avaliação em Educação Pré-Escolar. Recuperado em 2011, maio 9, de <http://www.dgisd.min-edu.pt/index.php?s=directorio&pid=215>
- Ministério da educação (2012). *Provas de Aferição de Língua Portuguesa e matemática*. Recuperado em 2012, janeiro 28, de: http://www.gave.minedu.pt/np3content/?newsId=447&fileName=PAF_InfConj_Jan2012_LP_Mat.pdf
- Oliveira, A. B., Carneiro, F. C., Oliveira, M. E. B. & Oliveira, S. B. (2010). *O erro como processo de aprendizagem da escrita*. Revista electrónica de Psicologia Política Año 8 N.º 22. Recuperado em 2011, setembro 4, de http://www.psicopol.unsl.edu.ar/abril2010_Nota6.pdf
- Ruivo, I. (2006). *João de Deus: Método de leitura com sentido*. Recuperado em 2012, fevereiro 20, de http://www.casadaleitura.org/portalfbeta/bo/documento/ot_metodo_leitura_joao_deus_b.pdf.

Anexos

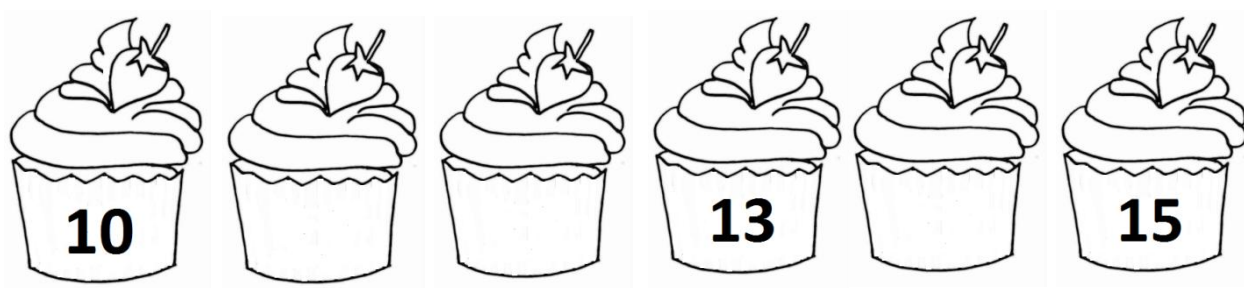
– Anexo 1

**Proposta de trabalho Bibe Azul
(Área de Expressão e Comunicação no
Domínio da Matemática)**

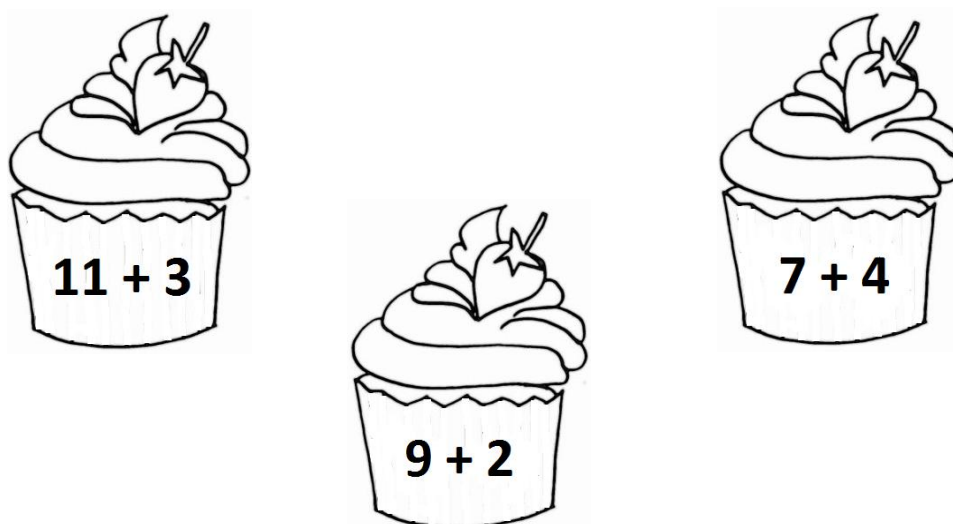
Jardim Escola João de Deus – Olivais

Iniciação à Matemática

1 - Completa a sequência e pinta os bolos que têm números pares.



2 – Pinta os bolos cujas somas dão resultado ímpar.



Nome: _____

Data: _____


– Anexo 2

**Proposta de trabalho Bibe Azul (Área de
Expressão e Comunicação no Domínio da
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita)**

Jardim Escola João de Deus – Olivais

Dinamização da Cartilha

1 - Copia a frase, substituindo o desenho pela palavra correta.

A tia papou o  .

bola

bolo

2 - Faz o desenho correspondente à frase.



Nome: _____ Data: _____

Proposta de trabalho elaborada pela estagiária Sara Figueiredo, Nº 24 MP1C

– Anexo 3

**Proposta de trabalho do 2.º Ano (Área de
Língua Portuguesa)**

Jardim Escola João de Deus – Olivais

Língua Portuguesa

1- Ordena as palavras de modo a formares uma frase.

1.1- Cola-a.

1.2- Assinala o sujeito e o predicado da frase.

Nome: _____ Data: _____

– Anexo 4

**Proposta de trabalho do 4.º Ano (Área do
Estudo do Meio)**

Jardim-Escola João de Deus - Olivais

Estudo do Meio – 4º Ano

Nome: _____ Data: _____

Primeiros socorros

1 – Define primeiros socorros?

2 - Coloca, nos quadrados, os algarismos de 1 a 5, de modo a obteres a ordem correta para o curativo de uma ferida causada por abrasão.

- ☐ Limpar a pele à volta da ferida com água e sabão, protegendo a ferida com uma compressa.
- ☐ O socorrista deve lavar as mãos.
- ☐ Desinfetar com betadine.
- ☐ Lavar, do centro para os bordos da ferida com água e sabão, utilizando uma compressa e não um algodão.
- ☐ Secar a ferida com uma compressa em pequenos toques.

3 – Refere quatro objetos que a mala de primeiros socorros deve conter, preenchendo os espaços em branco.

